

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
Centro de Ciências Exatas, Ambientais e de Tecnologias

Esther Aparecida Cervini de Melo

**UM LUGAR SULFUROSO:
paisagem e subjetividade em Poços de Caldas**

Campinas
2020

Esther Aparecida Cervini de Melo

**UM LUGAR SULFUROSO:
paisagem e subjetividade em Poços de Caldas**

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Urbanismo do Centro de Ciências Exatas, Ambientais e de Tecnologias da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, como exigência para obtenção do Título de Doutora em Urbanismo.

Orientadora: Prof. Dra. Jane Victal

Campinas

2020

Ficha catalográfica elaborada por Fabiana Rizziolli Pires CRB 8/6920
Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI - PUC-Campinas

712.098151 Melo, Esther Aparecida Cervini de
V642L

Um lugar sulfuroso: paisagem e subjetividade em Poços de Caldas / Esther
Aparecida Cervini de Melo. - Campinas: PUC-Campinas, 2020.

322 f.: il.

Orientador: Jane Victal.

Tese (Doutorado em Urbanismo) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e
Urbanismo, Centro de Ciências Exatas, Ambientais e de Tecnologias, Pontifícia
Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2020.

Inclui bibliografia.

1. Arquitetura paisagística - Poços de Caldas (MG). 2. Patrimônio histórico. 3.
Balneários - Poços de Caldas (MG). I. Victal, Jane. II. Pontifícia Universidade Católica
de Campinas. Centro de Ciências Exatas, Ambientais e de Tecnologias. Programa de
Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. III. Título.

CDD - 22. ed. 712.098151

ESTHER APARECIDA CERVINI DE MELO

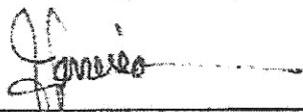
“UM LUGAR SULFUROSO: PAISAGEM E SUBJETIVIDADE EM POÇOS DE CALDAS”

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Urbanismo do Centro de Ciências Exatas, Ambientais e de Tecnologias da Pontifícia Universidade Católica de Campinas como requisito para obtenção do título de Doutora em Urbanismo.

Área de Concentração: Urbanismo.

Orientadora: Profa. Dra. Jane Victal Ferreira

Tese defendida e aprovada em 17 de Junho de 2020 pela Comissão Examinadora constituída dos seguintes professores:



Profa. Dra. Jane Victal Ferreira

Orientadora da Tese e Presidente da Comissão Examinadora
Pontifícia Universidade Católica de Campinas



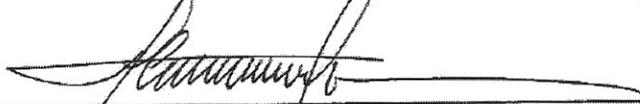
Profa. Dra. Ana Paula Farah

Pontifícia Universidade Católica de Campinas



Profa. Dra. Profa. Ana Maria Vieira Fernandes

Pontifícia Universidade Católica de Campinas



Prof. Dr. Flávio de Lemos Carsalade

Universidade Federal de Minas Gerais



Profa. Dra. Rosana Soares Bertocco Parisi

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Aos meus queridos pais, Cláudio e Wilma,
pela generosidade e ternura ao me apresentarem a vida.
(*in memoriam*)

AGRADECIMENTOS

Minha gratidão profunda à Profa. Dra. Jane Victal por ter confiado em meus sonhos e ter me incentivado atentamente em todas as etapas de vivência e escrita deste trabalho.

Agradeço a contribuição de meus alunos no Curso de Arquitetura e Urbanismo que proporcionaram um aprendizado sobre a cidade de Poços de Caldas, com suas indagações e análises em nossas disciplinas. Dedico especial atenção aos alunos Laura Lis, Felipe Florentino, Iara Martins, Ana Katharina Hashizume de Paiva, e Maurício Matias Pereira pela elaboração gráfica dos mapas aqui utilizados.

Pelo trabalho minucioso de leitura e revisão, agradeço à Cristina Oreilly e à Hadassa Generoso Pereira de Paula.

Várias são as pessoas queridas que souberam me dar apoio nesta trajetória de crescimento pessoal, por suas palavras precisas nas horas necessárias. Agradeço à Dra. Elizabeth Fonseca (*in memoriam*), ao Dr. Sérgio de Almeida Prado, à Dra. Érika Foresti Pinto.

Pela amizade e interlocução em nossos projetos para a cidade, agradeço à Rosana Soares Bertocco Parisi.

Agradeço à amiga Katia Pacheco Saraiva a possibilidade de termos construído nossas casas da alma ao mesmo tempo.

À amiga querida Maribel Nogueira, agradeço a companhia nas incursões da arquitetura e subjetividade desde longa data.

À artista e amiga Dalmoni Lydijusse pela oportunidade de experienciar na arte aquilo que do palimpsesto pessoal se tornava visível.

Em especial gostaria de agradecer à Natália Mariano de Almeida Siqueira, pelos anos de parceria em nosso escritório *Atelier de Arquitetura*, por ter me acompanhado na prática profissional e na sensibilidade de compartilhar olhares desejantes em nossos projetos.

Agradeço à Reitoria da PUC –Campinas por ter me concedido a Bolsa de Estudos para realizar esta pesquisa.

E, finalmente, ao meu marido Abidaias e a minha querida Rafaelly, pelo amor, carinho e compreensão, meu imenso agradecimento, pois, sempre presentes como porto seguro, me mostraram o caminho para agradecer a Deus por esta realização.



Palimpsesto. Esther Cervini de Melo

“Desenhar obra a ser escutada ao mesmo tempo em que aprende a ver.”

Pièrre Fedida, 1991.

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo uma investigação da paisagem cultural em Poços de Caldas-MG, procurando trazer a contribuição da subjetividade na constituição do sentido de identidade e incorporação urbana necessárias à constituição dos lugares. Partiu-se de uma análise de várias correntes teóricas que tratam do tema de paisagem cultural, e quais seriam as novas abordagens que incluem a subjetividade humana. Depois, foi realizado um aprofundamento de questões históricas constituintes da formação local e todos os simbolismos associados à formação urbana da estância balneária. Algumas hipóteses foram levantadas, transcritas na forma de paradigmas para a cidade, a saber: o da cura, o do ócio e o do bem-estar. Em cada um deles verificaram-se as implicações subjetivas, pela contribuição da psicologia e psicanálise, que moveriam desejos e afetos na memória e construção do espaço urbano de Poços de Caldas, procurando trazer um paralelo nos dias atuais. Realizou-se um breve inventário da paisagem cultural em seu sentido para além do significado das águas, incluindo aspectos como turismo, mineração, industrialização, habitação social e cultura popular. Encerrou-se este estudo com a apresentação de um enfoque poético para se pensar a transformação da paisagem, indagações sobre como gerir a paisagem termal, além de uma contribuição ao lugar “sulfuroso” como forma de atuação possível ao arquiteto que se dedica à cidade humanizada, neste momento atual de embate entre as forças do lugar e o espírito desterritorializante do tempo.

Termos de indexação: Paisagem cultural, subjetividade, Poços de Caldas, patrimônio histórico, urbanismo, paisagem termal, identidade, lugar.

ABSTRACT

The present research aims at an investigation of the cultural landscape in Poços de Caldas-MG seeking to bring the contribution of subjectivity in the constitution of the sense of identity and urban incorporation necessary to the constitution of places. It started from an analysis of several theoretical currents that deal with the theme of the cultural landscape, and what would be the new approaches that include human subjectivity. Then, a deepening of historical issues related to the composition of the city and all the symbolisms related to its constitution was carried out. Some hypotheses were raised, transcribed in the form of paradigms for the city, namely: that of healing, that of leisure, and that of well-being. In each of them, the subjective implications were verified, due to the contribution of psychology and psychoanalysis, which would move desires and affections in the memory and construction of the urban space of Poços de Caldas, seeking to bring a parallel in the present day. A brief inventory of the cultural landscape was carried out, in addition to the meaning of water, including aspects such as tourism, mining, industrialization, social housing, and popular culture. This study ends with the presentation of a poetic approach to thinking about the transformation of the landscape, questions on how to manage the thermal landscape, as well as a contribution to the “sulfurous” place as a possible form of action for the architect who is dedicated to the city humanized, in this current moment of conflict between the forces of the place and the deterritorializing spirit of the time.

Index terms: Cultural landscape, subjectivity, Poços de Caldas, historical heritage, urbanism, thermal landscape, identity, place.

LISTA DE FIGURAS

Abertura

Palimpsesto, Esther Cervini de Melo (acrílico e nanquim sobre tela).....	006
--	-----

Capítulo 2

Figura 001: Mapa da Comarca do Rio das Mortes, pertencente a Capitania das Minas Gerais. Autor: José Joaquim da Rocha, 1777	074
Figura 002: Na base do Mapa de 1776 de Francisco Tosi Colombina	074
Figura 003: Província de Minas Gerais 1873.....	077
Figura 004: Vista do Largo, 1919.....	080
Figura 005: Primeiro mapa da localidade datada de 05 de março de 1826	081
Figura 006: Análise dos lugares. A primeira planta do local de Poços é datada de março de 1826.....	082
Figura 007: Vista do largo para o Balneário, 1900.....	082
Figura 008: Largo com Hotel da Empreza, Bangalô com o consultório do Dr. Pedro Sanches e Passadiço para o Balneário, 1906.....	086
Figura 009: Interior do salão de refeições do Hotel da Empreza	087
Figura 010: Colina de São Benedito, com festa e procissão para o santo em maio. Década de 1940.....	087
Figura 011: Cópia do Levantamento e Planta topográfica pelo Engº Martiniano da Fonseca reis Brandão, 1865.....	089
Figura 012: Análise do mapa de 1865-Cópia do Levantamento e Planta topográfica pelo Engº Martiniano da Fonseca Reis Brandão	090
Figura 013: Original da planta de arruamentos para a zona sul da cidade por Maywald.....	092
Figura 014: Vista da vila em primeiro plano os trilhos da Mogyana, década de 1900.....	093
Figura 015: Proposta do arquiteto Piffer, pela Cia Melhoramentos de Poços de Caldas, 1912	094
Figura 016: Vista geral da cidade tirada do Morro de São Benedito, 1908.....	095
Figura 017: Vista geral das Thermas já com o início da construção do Grande Hotel na década de 1920	095
Figura 018: Proposta para o novo parque em Poços de Caldas, autoria de Dierberger.....	096
Figura 019: Palace Hotel e Parque José Affonso Junqueira, 1930	097

Figura 020: Palace Hotel e Praça Pedro Sanches durante a década de 1930.....	097
Figura 021: Palace Cassino visto do Parque José Affonso Junqueira, década de 1930.....	098
Figura 022: Planta do Projeto para a Thermas Antonio Carlos e imagem interior de uma sala de banho, década de 1930	99
Figura 023: Vista Parcial de Poços de caldas, 1950	99
Figura 024: Interior dos jardim do Parque José Affonso Junqueira e Ribeirão da Serra canalizado, 1950.....	100
Figura 025: Imagem atual capturada por drone, 2017.....	100
Figura 026: Vista parcial da área central de Poços de Caldas, década de 1950.....	101
Figura 027: Vista parcial da área central de Poços de Caldas, 2017	101
Figura 028: Mapa de localização do estado de Minas Gerais no Brasil.....	102
Figura 029: Mapa de localização de Poços de Caldas no Estado de Minas Gerais.....	102
Figura 030: Acima a imagem do relevo, hidrologia e acessos principais das regiões aonde estão localizadas as cidades de Poços de Caldas e abaixo as cidades de Lambari, Caxambu e São Lourenço.....	103
Figura 031: Mancha urbana da cidade de Poços de Caldas, acompanhando a borda da Serra de São Domingos	104
Figura 032: Mapa hidrológico com sobreposição dos aquíferos, fraturas e malha urbana atual.....	105
Figura 033: Vichy século XV. Autor desconhecido.....	111
Figura 034: Vichy e seus arredores. Autor desconhecido, 1863. Guide Joanne.....	112
Figura 035: Vichy, 1899. Gravado por John Bartholomew & Co.....	113
Figura 036: Mapa atual de Vichy.....	114
Figura 037: Baden. Matthäus Merian, 1643.....	115
Figura 038: Baden. 2ª metade siglo XIX, Meyers Konversations-Lexikon.....	115
Figura 039: Baden. Mapa atual.....	116
Figura 040: Baden. Rio Oos atravessando o parque.....	116
Figura 041: Thermas de Frierichsbad, Baden, Alemanha.....	117
Figura 042: Área central de Baden atual, Alemanha.....	117
Figura 043: Esquema de sistema de verdes y promenades, segundo o plano de Vichy incluído no guia Joanne “Vichy et ses environs” 1863.....	118
Figura 044: Esquema de sistema de áreas verdes e <i>promenades</i> . Segundo o plano 1875 Baden-Baden.	118
Figura 45: Imagens da cidade de Lambari, com seus elementos referências da paisagem, a Serra das Águas, o Lago do Guanabara e o Parque das águas.....	120

Figura 046: Imagem da mancha urbana e sua relação com a paisagem envoltória de morros. Localização do Morro do Caxambú, Balneário e Hotel.....	121
Figura 047: Imagem localização da mancha urbana de São Lourenço na paisagem da Mantiqueira	122
Figura 048: Parque José Affonso Junqueira, Praça Pedro Sanches e praça Getúlio Vargas.	124
Figura 049: Vista aérea da área atual do Parque José Affonso Junqueira. Poços de Caldas/MG.....	124
Figura 050: Thermas Antônio Carlos em Poços de Caldas	125
Figura 051: Parque de Allier na atualidade – Vichy, França.....	125
Figura 052: Parque José Affonso Junqueira na atualidade, Poços de Caldas/MG.....	126
Figura 053: Parque em Baden Baden na atualidade, Alemanha.....	126
Figura 054: Parque José Affonso Junqueira, Poços de Caldas, MG.....	127
Figura 055: Vista parcial da área central com Serra de São Domingos ao fundo, 2017. Poços de Caldas/MG.....	128
Figura 056: Análise de elementos da paisagem de Poços de Caldas.....	129

Capítulo 3

Figura 057: Condephact/junho 2016 Propostas de alteração no macrozoneamento na área central	133
Figura 058: Cartão postal mostrando a evolução da paisagem do largo central de 1903	134
Figura 059: Cartão Postal mostrando a evolução da paisagem do largo central da década de 1910.....	135
Figura 060 Vista geral de Poços de Caldas, 1910. Vista do largo com Balneário, década de 1920.....	135
Figura 061: Vista do largo com o Balneário, década de 1920.....	135
Figura 062 e 063: Cascata das Antas, Poços de Caldas, década de 1910. Fonte dos Amores, Poços de Caldas, 1910.....	136
Figura 064: Vista Geral de Poços de Caldas, na década de 1920.....	139
Figura 065: Quadro com os paradigmas e suas sombras.....	140
Figura 066: Cascata das Antas, Poços de Caldas. Década de 1920.....	143
Figura 067: Cartão Postal com a vista da Praça Pedro Sanches em 1910	144
Figura 068: Local onde se encontra hoje a Praça Getúlio Vargas tendo abaixo o Ribeirão da Serra e a Avenida Francisco Salles	147

Figura 069: Eixo transversal do parque José Affonso Junqueira, no centro fonte luminosa, década de 1930.....	147
Figura 070: Praça de Columbia, ou Praça dos Macacos, com o Ribeirão de Caldas retificado, vendo-se ao fundo a ponte.....	148
Figura 071: Palace Hotel, Poços de Caldas, 1934.....	148
Figura 072: Palace Cassino, Poços de Caldas, 1934.....	149
Figura 073: Fonte dos Amores, Poços de Caldas/ MG.....	152
Figura 074: Lago do Hotel Quisisana, década de 1940	153
Figura 075: Lago do Country Club, década de 1940.....	154
Figura 076: Atual Rua Junqueiras cortada pelo córrego Vai e Volta em cruzamento com a Rua Paraná, atual Rua Assis Figueiredo.....	158
Figura 077: Rua Rio Grande do Sul, mostrando em primeiro plano a ponte de concreto armado construída com o auxílio do Estado de Minas na gestão do Dr. Daniel de Carvalho como Secretário de Agricultura, de 1922 a 1926.....	159
Figura 078: Antigo Parc Hotel, atual Rex Hotel, na esquina da Praça Pedro Sanches com a Avenida Francisco Salles.....	159
Figura 079: Figura: Antiga Rua Paraná na década de 20 do século XX.....	160
Figura 080: Chalé Cristiano Osório de Oliveira, na década de 1910, onde hoje se instalou a Casa da Cultura. Ao lado direito a casa Republicana que foi demolida na década de 1990. Foto de Arthur Silva.....	161
Figura 081: Chalé Azul (Cristiano Osório de Oliveira) e Chalé Rosa (Luiza de Oliveira). Arquiteto Carlos Maywald.....	162
Figura 082: Chalé Frayha – Antigo chalé do Barão de Itacurussá. A autoria de Giovanni Battista Pansini, 1886. Detalhe da fachada (2020)	162
Figura 083: Chalé Frayha do Barão de Itacurussá na Rua Amazonas x Rua Pernambuco, 2020.....	162
Figura 084: Anteprojeto de Expansão de Saturnino de Brito para a cidade em 1928. Retificações do Ribeirão da Serra, das Caldas, e dos Poços	163
Figura 085: Folhetos publicitários de venda de lotes no Jardim dos Estados, 1950.....	163
Figura 086: Folheto de venda dos terrenos no bairro Jardim dos Estados, 1947.....	164
Figura 087: Vista parcial de Poços de Caldas, tendo ao lado direito da imagem o loteamento do Jardim dos Estados. Década de 1950.....	164
Figura 088: Praça Pedro Sanches na década de 1920.....	165
Figura 089: Interior da Livraria Vida Social na atual Rua Prefeito Chagas. Década de 1910.....	165
Figura 090: Praça Pedro Sanches na década de 1910, com o Corso de Carnaval.....	166

Figura 091: As primitivas Termas e a telefônica em 1920 no largo Senador Godoy.....	172
Figura 092: Avenida Francisco Salles, tendo em vista o Mercado Municipal, década de 1910. Poços de Caldas/ MG.....	173
Figura 093: Avenida Francisco Salles, tendo em vista a Prefeitura Municipal e o Grande Hotel, década de 1910. Poços de Caldas/ MG	174
Figura 094: Cine Teatro Polytheama, 1911, obra proporcionada pelo Prefeito Francisco Escobar. E Cassino “Antigo”	175
Figura 095: Cassino Gibimba e Hotel D’Oeste existentes nos dias de hoje com algumas alterações de uso. E Cassino “Ao Ponto” na década de 1920.....	175
Figura 096: Exemplo de orquestras e grupos musicais que se apresentavam nos cassinos. Década de 1940.....	176
Figura 097: Carro integrante do “corso” carnavalesco em 1920.....	176
Figura 098 e 099: Interior do Salão Nobre do Palace Cassino, em 1930 e na década de 1970 com os bailes de carnaval	177
Figura 100: Registro da década de 40 mostra glamour dos Bailes do Palace Casino.....	177
Figura 101: Baile de Máscaras realizado durante o Carnaval de 2020 resgatando antiga tradição das festas realizadas no Palace Cassino.....	178
Figura 102: Palace Hotel na década de 1930, em Poços de Caldas/MG	179
Figura 103: Palace Hotel, interior do Salão de Refeições, na década de 1930, em Poços de Caldas/MG	179
Figura 104 e 105: Palace Hotel, interior do átrium e piscina de água sulfurosa, na década de 2000, em Poços de Caldas/MG	180
Figura 106: Cartão Postal antigo, da década de 1940, fotografado em painéis da Fonte dos Amores.....	180
Figura 107: Cartão postal da década de 1950 com a vista parcial de Poços de Caldas.....	181
Figura 108 e 109: Imagens do Concurso Poços Centro-Vivo, 1993, proposta pela equipe vencedora Loci Arquitetos Associados para paisagismo da Rua São Paulo emoldurando o eixo visual com a arborização.....	182
Figura 110, 111 e 112: Imagens do Concurso Poços Centro-Vivo, proposta pela equipe vencedora Loci Arquitetos Associados para paisagismo da Praça Pedro Sanches, Rua Assis Figueiredo. Padronização do mobiliário urbano.....	182
Figura 113: Casamento utilizando o Parque José Affonso Junqueira, tendo ao fundo o Palace Hotel, 2017.....	183
Figura 114: Salão Nobre do Palace Casino decorado para evento em 2019.....	183
Figura 115: Cartão Postal da Praça Pedro Sanches, década de 1970.....	186

Figura 116: Idosos frequentando a Praça Pedro Sanches nas tardes durante os dias de semana.....	187
Figura 117: Baile ao redor do coreto nos finais de semana na Praça Pedro Sanches.....	187
Figura 118: Apresentação da Banda Pão e Circo no Coreto da Praça Pedro Sanches, 2018.....	188
Figura 119 e 120: Parc Hotel na década de 1910. Edifício atual depois do restauro, sendo utilizado para centro comercial.....	188
Figura 121: Hotel Gambrinus na década de 1940.....	189
Figura 122 e 123: Figura: Hotel Gambrinus restaurado e convertido seu uso para lojas comerciais, para o Café Sá Rosa e a Estalagem do Café, na década de 2010.....	189
Figura 124: Café Concerto no interior do Parque José Affonso Junqueira, instalado após o restauro do parque em 2000.....	190
Figura 125: Outro caso de preservação, Casarão na Praça Pedro Sanches, reformado para acolher um bar e choperia. Nota-se também a utilização das mesas na calçada, atraindo frequentadores.....	191
Figura 126: Modelo (degraus) para a pessoa aproveitar as possibilidades importantes de sua vida.	193
Figura 127: Qualidade de vida: componentes e subcomponentes essenciais	194
Figura 128: Aula de hidroginástica social realizada na nova piscina de águas termais nas Thermas Antônio Carlos, 2017.....	195
Figura 129: Show do Grupo Revoada no Parque Municipal em Poços de Caldas, 2017.....	196
Figura 130: Rampa de Voo Livre, na Serra de São Domingos, face Norte.....	196
Figura 131: Trilha do Cristo, na Serra de São Domingos, face Sul.....	197
Figura 132: A fonte dos amores. Memória do lugar originário e de mistério. As imagens estão sequenciadas por décadas: a) 1908, b) 1929, c)1930, d)1940, e) 1950. Aparece no início do século passado uma visão da cascata com a escultura ao longe, envolvendo todo o conjunto e a natureza.	203
Figura 133: A fonte dos amores. Memória do lugar originário e de mistério. As imagens estão sequenciadas por décadas: f) 1960, g) 1970, h)1990, i)2010. Conforme avançamos nas décadas o foco da Fonte dos Amores passa a ser a figura dos amantes, conforme conta a lenda, num olhar que busca extrair o amor sensual.....	204

Capítulo 4

Figura 134: Sobreposição do primeiro registro da povoação, 1826	207
--	-----

Figura 135: Sobreposição da planta do engenheiro Martiniano da Fonseca dos Reis Brandão, 1865.....	207
Figura 136: Sobreposição ao mapa redesenhado de 1872.....	208
Figura 137: Sobreposição do projeto de Carlos Alberto Maywald para o traçado em 1880.....	208
Figura 138 e 139: Cartões Postais de 1903 e 1910	209
Figura 140: Sobreposição da Planta da Companhia Melhoramentos de Poços de Caldas em 1912 de autoria do arquiteto José João Piffer.....	209
Figura 141 e 142: Vistas gerais da área central década de 1910.....	209
Figura 143: Sobreposição do destaque ampliado da cidade de Poços de Caldas em 1927..	210
Figura 144 e 145: Vista geral da antiga Termas e vista geral da cidade em cartões postais antigos.....	210
Figura 146: Sobreposição da Planta da cidade de 1930. Cartões postais antigos com a vista da cidade nesta época, com a construção das grandes obras.....	211
Figura 147 e 148: Cartões postais antigos com a vista da cidade nos anos 1930, com a construção das grandes obras.....	211
Figura 149: Sequência evolutiva A da paisagem no largo original de Poços de Caldas, retratada pelos cartões postais de Poços de Caldas, com as datas aproximadas indicadas.....	212
Figura 150: Sequência evolutiva B da paisagem no largo original de Poços de Caldas, retratada pelos cartões postais de Poços de Caldas, com as datas aproximadas indicadas.....	213
Figura 151: Sequência evolutiva C da paisagem no largo original de Poços de Caldas, retratada pelos cartões postais de Poços de Caldas, com as datas aproximadas indicadas.....	214
Figura 152: Sequência evolutiva D da paisagem no largo original de Poços de Caldas, retratada pelos cartões postais de Poços de Caldas, com as datas aproximadas indicadas.....	215
Figura 153: Sequência evolutiva E da paisagem no largo original de Poços de Caldas, retratada pelos cartões postais de Poços de Caldas, com as datas aproximadas indicadas.....	216
Figura 154: Mapa com a área central, 2019.....	216
Figura 155: Imagem do Complexo Hidrotermal e Hoteleiro, 2019.....	217
Figura 156: Vista geral da Praça Pedro Sanches e Parque José Affonso Junqueira, 2020.....	217
Figura 157: Quadra da Prefeitura e Casa Carneiro na Avenida Francisco Salles, 2019.....	218

Figura 158: Vista da Avenida Francisco Salles. Supermercado no local do Grande Hotel e teatro Polytheama. Casa Carneiro no local do Antigo Mercado Municipal, 2020.....	218
Figura 159: Quadra em que localiza o Edifício Esther e o Edifício Hércules, ambos exemplares da arquitetura Moderna em Poços de Caldas.....	219
Figura 160: Edifício Hercules e Edifício Esther e a tradicional Paris Modas, 2020.....	219
Figura 161: Quadra do Supermercado Bretas, sobre o córrego Vai-e-Volta, 2019.....	220
Figura 162: Galeria comercial e Supermercado Bretas e mistura de escalas dos comércios locais tradicionais, com algumas edificações verticalizadas anteriores a limitação de gabarito de altura da região central.....	220
Figura 163: Quadras do alto da Rua Assis Figueiredo e Rua Capitão Affonso Junqueira, 2019.....	221
Figura 164: Rua Assis Figueiredo e Rua Capitão Affonso Junqueira, 2017.....	221
Figura 165: Localização dos principais ribeirões estruturadores da urbanização, 2019.....	222
Figura 166: Mapa dos núcleos históricos a partir dos patrimônios inventariados, 2016.....	223
Figura 167: Vistas antigas da Rua Marechal Deodoro, 1945 e da Vila Nova - Procissão para Padroeira Nossa Senhora Aparecida, 1957.....	223
Figura 168: Localização da Rua Marechal Deodoro e Avenida Francisco Salles, beirando o Ribeirão da Serra que neste trecho encontra-se encoberto.....	224
Figura 169: Localização da Vila Nova e Vila Aparecida, bairros que se desenvolveram nas encostas, 2019.....	224
Figura 170: Vista da Rua Marechal Deodoro e bairro Vila Aparecida.....	225
Figura 171: Vila Cruz na década de 1940 e Colégio Marista em 1930, hoje na Avenida Champagnat.....	225
Figura 172: Mapa com localização do núcleo Vila Cruz.....	226
Figura 173: Imagem da Igreja de São Sebastião, 2018. Avenida Champagnat, 2018.....	226
Figura 174: Cartão Postal da Cascatinha, 1920 e Igreja de São Benedito, 1930.....	227
Figura 175: Localização do bairro e vistas parciais.....	227
Figura 176: Vistas parciais da Cascatinha. No centro ensaio da Escola de Samba Vivaldinos da Vivaldi na Cascatinha, 2013. Parque de diversões na Festa de São Benedito, 2018 e procissão de São Benedito com os caiapós e congada em 2019.....	228
Figura 177: Ribeirão de Poços de Caldas, 1940 e casas da Família Miglioranzi e matadouro inundado as margens do Ribeirão, na época das enchentes, 1926.....	229
Figura 178: Localização da Avenida João Pinheiro.	229

Figura 179: Vista da Avenida João Pinheiro, 2017. E remanescente da Chácara Vittti, 2018. Parque Municipal e Cristaleria Cá DÓro, 2019.....	230
Figura 180: Rua Barão do Campo Místico, 1910 e vista da colina onde hoje se encontra o bairro Santa Angela, 1950.....	230
Figura 181: Localização do Córrego Vai-e-Volta até a avenida Irradiação, 2019.....	231
Figura 182: Vista da Rua Barão do Campo Místico, 2018. Vista do Córrego Vai e Volta dentro de uma quadra e Intervenção do coletivo A Cidade que engole rios, 2017.....	231
Figura 183: Congada, 2016 e Folia de Reis, 2014.....	232
Figura 184: Mapa com divisões de regiões em Poços de Caldas e bens inventariados e tombados.....	232
Figura 185: Figura: Mapa com Macrozoneamento/ Lei Complementar nº 74.....	233
Figura 186: Mancha urbana na década de 1940.....	234
Figura 187: Cartão Postal com vista da mancha urbana, 1940.....	234
Figura 188: Mancha urbana na década de 1950.....	235
Figura 189: Cartão postal com vista geral na década de 1950. Percebe-se ainda grandes áreas verdes no interior das quadras.....	235
Figura 190: Mancha urbana na década de 1960.....	236
Figura 191: Cartão Postal da cidade na década de 1960.....	236
Figura 192: Mancha urbana na década de 1970.....	237
Figura 193: Cartão Postal da cidade na década de 1970.....	237
Figura 194: Mancha urbana na década de 1980.	238
Figura 195: Cartão Postal da cidade na década de 1980.....	238
Figura 196: Mancha urbana na década de 1990.	239
Figura 197: Cartão Postal da cidade na década de 1990.....	240
Figura 198: Mancha urbana na década de 2000.	240
Figura 199: Vista da cidade de Poços de caldas, década de 2000.....	241
Figura 200: Mancha urbana na década de 2010.....	241
Figura 201: Imagem de divulgação da Prefeitura em 2017.....	242
Figura 202 Cartão postal da década de 192 com a Serra de São Domingos.....	242
Figura 203: Localização da Serra de São Domingos.....	243
Figura 204: Cartão postal com a caixa d'água, 1920. Casa de Chá, 2014	243
Figura 205: Estátua do Cristo Redentor e a vista para o lado sul, descortinando a paisagem urbana.....	244
Figura 206: Rampa de Voo Livre, 2020.....	244
Figura 207: Vemos as três estruturas da região: Em amarelo a Avenida Wenceslau Braz, em vermelho Rua Coronel Virgílio Silva e em azul o Ribeirão da Serra. Ao norte está a Serra de	

São Domingos, dentro da qual, neste trecho localiza-se o CEPA, Parque Ambiental da ALCOA para educação Ambiental, 2019.....	245
Figura 208: Vista geral da Rua Marechal, vista parcial com um imóvel inventariado e terminal de ônibus interurbano.....	246
Figura 209: Rua Coronel Virgílio Silva, Igreja dos Santos Reis e capelinha, 2018. Paisagem urbana Bem Bastos, 2018. Parquinho da Vila Nova, 2020 e população local em Reisado, 2017. Idosos jogando na Praça da Vila Nova, 2020.....	247
Figura 210: Colégio Dom Bosco na Avenida Wenceslau Braz, 2017. Vista geral da avenida e conjunto habitacional próximo Jardim Itamaraty, 2020	248
Figura 211: Vista da Unidade de Pronto Atendimento e ao fundo a Vila São João e Vila Regina, 2019.....	248
Figura 212: Marco Divisório entre São Paulo e Minas Gerais, Obelisco em meio ao pasto. Igreja de Nossa Senhora Aparecida e Fazenda Chiqueirão, 1918.....	249
Figura 213: Em vermelho temos a Av. João Pinheiro, em amarelo a Av. Mansur Frahy e em azul o Ribeirão das Antas, onde se localizam o Véu das Noivas e a Cascata das Antas, 2019	250
Figura 214: Cartões postais do Véu das Noivas e Cascata das Antas na década de 1970.....	251
Figura 215: Estádio Dr. Ronaldo Junqueira e bairro Vila Olímpica com seus galpões industriais, 2019.....	251
Figura 216: Estádio Dr. Ronaldo Junqueira, “Ronaldão” e jogo da Caldense, time de paixão da cidade.....	252
Figura 217: Áreas industriais e Mineração Curimbaba, 2019.....	252
Figura 218: Localização da Represa Bortolan, 2019.....	253
Figura 219: Cartão Postal da Represa Bortolan em 1956. Bar Capiau, ponto turístico local e imagens de lazer náutico	253
Figura 220: Instalações de Hotéis e produtos típicos mineiros.	254
Figura 221: Condomínio Campo da Cachoeira às margens da Represa Bortolan. 2019.....	254
Figura 222: Vista aérea do Condomínio Campo da Cachoeira e imóvel de alto padrão, 2019.....	255
Figura 223: Mapa com as instalações da mineração da Companhia Brasileira de Alumínio (CBA), 2019.....	255
Figura 224: Pilhas de minério bauxita na CBA, 2018. Paisagem férrea com estação Bauxita, na CBA, 2011.....	256

Figura 225: Ponte e estação Ferroviária original de Poços de Caldas, 1886. Túnel férreo na linha Poços de Caldas – Águas da Prata e atual Estação Ferroviária de Poços de Caldas, 2019.....	257
Figura 226: Enchente de 1926, na Rua Marquês de Paraná, atual Assis Figueiredo. Ao centro, imagens das obras sanitárias no Ribeirão de Caldas e rio que passava embaixo da antiga rua Bahia, hoje, Prefeito Chagas.....	258
Figura 227: Imagens da enchente de 2016 na área central de Poços de Caldas, invadindo inclusive um supermercado.....	258
Figura 228: Região da Represa Saturnino de Brito, com a indicação da Via do contorno em vermelho e Rodovia Edmundo Cardillo em amarelo.....	259
Figura 229: Construção da Represa Saturnino de Brito em 1933. Imagem atual do parque da represa.....	259
Figura 230: Área da Zona Sul com as instalações Complexo da ALCOA e proximidades dos bairros Jardim Kennedy, Parque das Nações e Conjunto Habitacional Pedro Affonso Junqueira, 2019.....	260
Figura 231: Figuras: Instalações do Complexo ALCOA e vista da barragem de contenção de resíduos.....	261
Figura 232: Implantação do Conjunto Habitacional Pedro Affonso Junqueira e detalhe das moradias, década de 1980.....	261
Figura 233: Vista atual do Conjunto Habitacional, 2019. Pista de Skate da Zona Sul, na qual se realizam vários campeonatos e vistas internas de algumas residências demonstrando a personalização dos ambientes.....	262
Figura 234: Parque das Nações e Residencial Jardim dos Pássaros, enchente no Jardim Kennedy e Parque Esperança, 2019. Cartão Postal do aeroporto Embaixador Walter Salles, 1950 e antigo Golf Club transformado em Parque Ecológico da Zona Sul, 2019.....	263
Figura 235: E imagens da Fonte do Leãozinho e da Fonte da Praça dos Macacos e balneário Mário Mourão.....	265
Figura 236: Mapa com a Localização das Fontes Termiais Sulfurosas e raio de 200m de proteção ambiental.....	265
Figura 237: Vê-se também a Seresta e a FEARPO se realizando nos finais de semana.....	266
Figura 238: Fontes no início da estrada do Cristo e na Avenida David Ottoni.	266
Figura 239: Bicas e fontes de Poços de Caldas, 2019.....	267

Figura 240: Thermas com Edifício Bauxita. Primeiro edifício com 13 andares da cidade, 1946	272
Figura 241: Empreendimentos na Rua Expedicionários e na Rua Rio Grande do Sul, 2019.	273
Figura 242: Imagem publicitária do empreendimento Acqua, localizado na Travessa de Santa Cruz, 2020.	274
Figura 243: Vista Rua Assis Figueiredo, em 1930. Poços de Caldas.	275
Figura 244: Vista parcial da Rua Assis Figueiredo, 2018.	275
Figura 245: Verticalização pelo Programa Minha Casa Minha Vida nas áreas limítrofes ao perímetro do centro histórico em Poços de Caldas, 2018.	276
Figura 246: Verticalização na área central, Rua Rio Grande do Norte. Verticalização da Rua Capitão José Affonso Junqueira, 2018.	276
Figura 247: Macrozoneamento da área central, 2018.	277
Figura 248: Bens Inventariados na área central e graus de proteção do patrimônio.	278
Figura 249: Rua Prefeito Chagas em Poços de Caldas com os comércios tradicionais, 2018.	279
Figura 250: Praça dos Macacos. Fontanário de água termal sulfurosa, 2018.	280
Figura 251: Vistas noturna e diurna da Avenida Champagnat, Poços de Caldas, 2019.	284
Figura 252: Vistas da cascata e de hotéis na Avenida Santo Antônio, Cascatinha, Poços de Caldas, 2018.	284
Figura 253: Rua Viva – Dia Mundial sem Carro. Evento da Trama – Ação Urbana em parceria com a Prefeitura Municipal, 2018.	285
Figura 254: Trilha Passeio Ciclístico Poços de Caldas – Santa Rita de Caldas, 2018.	285
Figura 255: Entorno da Praça Pedro Sanches, 2018. Qualidade de espaços para caminhar.	286
Figura 256: Palace Hotel e Parque José Affonso Junqueira no espetáculo Sinfonia das Águas, 2016	289
Figura 257: A Charanga dos Artistas, Carnaval de 2020.	290
Figura 258: Encontro do Carro Antigo, 2014.	290
Figura 259: Instalação do coletivo Trama Ação Urbana na Praça Pedro Sanches, 2016.	291
Figura 260: Um uso cotidiano do Parque José Affonso Junqueira.	291

LISTA DE ABREVIATURAS

CBA – Companhia Brasileira de Alumínio

CODEMGE – Companhia de Desenvolvimento de Minas Gerais

CODEMIG – Companhia de Desenvolvimento Econômico de Minas Gerais

COMIG – Companhia Mineradora de Minas Gerais

CONDEPHACT – PC – Conselho de Defesa do patrimônio Histórico, Artístico, Cultural e Turístico de Poços de Caldas

FEARPO – Feira de Artesanato de Poços de Caldas

IEPHA – Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

OMS – Organização Mundial da Saúde

PUC Camp – Pontifícia Universidade Católica de Campinas

PUC Minas – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

SUS – Sistema Único de Saúde do Ministério da Saúde

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	024
CAPÍTULO 1: MEMÓRIA, IDENTIDADE E PAISAGEM.....	035
1.1 Paisagem e Processo Cultural.....	035
1.2 Pontos de Inflexão da Paisagem.....	042
1.3 A iconografia e os eixos históricos como estruturadores da paisagem.....	044
1.4 Os lugares e as narrativas.....	048
1.5 Aspectos fenomenológicos da construção do lugar.....	056
1.6 A paisagem interior.....	060
CAPÍTULO 2: A CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM TERMAL.....	070
2.1 Perfil Histórico da paisagem do Campo das Caldas.....	072
2.2 Aspectos geográficos da paisagem.....	102
2.3 Construção do termalismo científico e a figura do médico Pedro Sanches.....	105
2.4 As referências das cidades termais europeias na constituição da cidade balneária de Poços de Caldas.....	107
2.4.1 <i>Ideário e modelos apropriados do termalismo europeu</i>	109
2.4.2 <i>Posição e desenvolvimento da cidade balneária no território: Vichy e Baden-Baden</i>	110
2.5 Tipologias termais e diálogos com as cidades balneárias no sul de Minas Gerais	119
2.6 Memória e imaginário na cidade das águas virtuosas.....	123
CAPÍTULO 3: TRÊS PARADIGMAS PARA A CIDADE DE POÇOS DE CALDAS.....	131
3.1 Paisagem e subjetividade	131
3.2 O paradigma da Cura – visão do <i>pathos</i>	141
3.2.1 <i>Pureza e purificação</i>	146
3.2.2 <i>Fenomenologia do feminino na imagem das águas</i>	152
3.2.3 <i>A paisagem interior e a cidade</i>	155
3.3 O paradigma do Ócio	166
3.3.1 <i>O hábito da Vilegiatura</i>	166
3.3.2 <i>Ócio e Utopia</i>	168
3.3.3 <i>O resgate da cidade das virtudes e dos vícios</i>	171
3.3.4 <i>Os hotéis e cassinos</i>	174
3.3.5 <i>A produção de espaços socioafetivos: Por um urbanismo incorporado</i>	184
3.4.O paradigma do Bem-Estar	191
3.4.1 <i>Civilização e felicidade</i>	191
3.4.2 <i>Bem-estar, memória e ambiente – serenidade</i>	197
3.4.3 <i>Herança e identidade</i>	199

3.4.4 A continência do feminino e o lugar da arquitetura	200
4. CAPÍTULO 4: UMA PAISAGEM PARA ALÉM DAS ÁGUAS.....	206
4.1 Área Central – perímetro histórico.....	207
4.1.1 <i>Morfologia Urbana</i>	207
4.1.2 <i>Paisagem Atual da Área Central</i>	216
4.1.2.1 Parque José Affonso Junqueira	217
4.1.2.2 Avenida Francisco Salles	218
4.1.2.3 Rua Assis Figueiredo	218
4.1.2.4 Verticalização na área central	219
4.2 Eixos Históricos de Expansão Urbana	222
4.2.1 <i>Eixos históricos a partir de Saturnino de Brito</i>	222
4.2.2 <i>Núcleos Históricos</i>	223
4.2.2.1 Rua Marechal Deodoro e Vila Nova	223
4.2.2.2 Vila Cruz e Avenida Champagnat	225
4.2.2.3 Cascatinha e São Benedito	227
4.2.2.4 Avenida João Pinheiro	228
4.2.2.5 Córrego Vai-e-Volta	230
4.3 Desenvolvimento da Mancha Urbana.....	232
4.3.1 <i>Divisões em Regiões</i>	232
4.3.2 <i>Zoneamento atual – Plano Diretor de 2006</i>	233
4.3.3 <i>Evolução Urbana comparada</i>	233
4.4 Zona Norte.....	242
4.4.1 <i>Serra de São Domingos</i>	242
4.4.2 <i>Recanto Japonês</i>	243
4.4.3 <i>Vista Sul, para a cidade - Cristo</i>	244
4.4.4 <i>Vista Norte, para a área rural – Rampa de Voo Livre</i>	244
4.5 Zona Leste.....	245
4.5.1 <i>Rua Marechal Deodoro</i>	245
4.5.2 <i>Avenida Coronel Virgílio Silva e Avenida Wenceslau Braz</i>	246
4.5.3 <i>Bairros nos morros – lugares das texturas urbanas</i>	248
4.6 Zona Oeste	248
4.6.1 <i>Entrada vinda de São Paulo - Marco Divisório</i>	246
4.6.2 <i>O Caminho das cascatas Véu das Noivas e Cascata das Antas</i>	250
4.6.3 <i>Paisagem industrial</i>	251
4.6.4 <i>A Represa Bortolan</i>	252
4.6.5 <i>Paisagem mineira I – CBA</i>	255
4.6.6 <i>Paisagem ferroviária</i>	256
4.7 Zona Sul	257
4.7.1 <i>Represa Saturnino de Brito</i>	257
4.7.2 <i>Paisagem mineira II – ALCOA</i>	260
4.7.3 <i>Os conjuntos habitacionais</i>	261
4.8 Levantamento das Fontes d’água.....	264
4.8.1 <i>Fontes Termas históricas</i>	264
4.8.2 <i>Fontes e Bicas d’água na cidade</i>	266
CAPÍTULO 5: A BUSCA DE UM LUGAR SULFUROSO	268
5.1. A desconstrução da polaridade Genius loci e Zeitgeist.....	268
5.2 Verticalização e paisagem cultural.....	271
5.3 A cidade à escala dos olhos. Um <i>holding</i> urbano.....	281

5.4 Cidade-evento / Lugar-evento.....	286
CONCLUSÃO	292
REFERÊNCIAS	300

INTRODUÇÃO

Poços de Caldas contém uma paisagem muito singular. Sendo uma cidade balneária de águas termais sulfurosas, localizada na Serra da Mantiqueira, ao longo de sua história soube constituir um modo de ser específico decorrente da aproximação de seus viajantes que vinham em busca das propriedades curativas das águas minerais e também da apreciação da natureza em suas serras locais. Nos relatos iniciais encontramos a descrição de uma paisagem aprazível pela presença da natureza exuberante, mas que ao mesmo tempo inspirava medo naqueles que se estabeleceram ali no povoado, pelo fato do enxofre impregnar o ambiente de águas quentes e borbulhantes, paisagem que era comparável às visões dantescas na configuração geográfica de formação vulcânica.

O fato é que ali se construiu um povoado. Timidamente de início, surgiu um largo, vieram as primeiras ocupações que se consolidaram no século XVIII e no século XIX. Uma mudança fundamental afetou a vida desse lugarejo, quando médicos da área da crenologia vieram do Rio de Janeiro, no período imperial, e iniciaram suas pesquisas científicas com as águas, na forma de tratamentos mais criteriosos. Durante todo esse período, acreditou-se no valor terapêutico e também simbólico de cura, e por seus poderes terapêuticos, as águas chamaram a atenção das autoridades das Províncias de São Paulo e de Minas Gerais, por se tratar de uma região fronteira. Assim, no século XX, o Governo de Minas Gerais perpetrou um grande investimento público na cidade, culminando em significativas obras de infraestrutura e instalações de hotéis, termas e cassinos, principalmente durante as décadas de 1920 e 1930.

A construção dessa paisagem termal é a maior herança a ser transmitida para as futuras gerações, e ela não está representada apenas por suas edificações, mas, também, pela qualidade urbana dada pelas obras notáveis e pela escala humana que era coadjuvante no tratamento pelas águas, modelando, assim, a subjetividade daqueles que vinham em função dos tratamentos, assim como constituiu uma personalidade hospitaleira e agregadora por parte dos moradores da cidade, proporcionando um *modo de ser* característico local. O crescimento econômico, a partir da década de 1970, acabou gerando um processo de adensamento e verticalização da cidade, mais especificamente na área central e regiões limítrofes, levando os valores urbanísticos históricos a um ponto de tensão com a paisagem termal. Entendemos que esse conflito ameaçou a qualidade de vida dos habitantes

quanto à constituição da identidade local e modos de apropriação da paisagem pertencentes à memória urbana da cidade.

Mas, Poços de Caldas tem ainda uma grande vitalidade urbana e consegue agregar uma escala urbana que guarda essas características de paisagem termal pela existência de medidas protetivas do patrimônio, pela generosidade dos espaços públicos e pelas tipologias das construções do início do século XX na sua área central.

Três hipóteses são definidas para a pesquisa:

1. Demonstrar que a paisagem cultural da cidade de Poços de Caldas está relacionada a uma singularidade simbólica, ou seja, que existe uma relação profunda da criação dos espaços urbanos com o modo de apropriação local de seus recursos naturais, principalmente as águas termais e o modo de ser tanto dos habitantes como dos visitantes constituídos ao longo dos séculos XIX e XX, e que se manifesta na imagem e fenômeno do habitar uma cratera vulcânica que possui águas sulfurosas no seu interior;
2. Demonstrar que a subjetividade é parte integrante da paisagem cultural, uma vez que aspectos da psicologia e psicanálise podem ser utilizados para explorar os significados inconscientes e metafóricos inerentes à formação da identidade coletiva dos cidadãos, relacionada à presença das águas termais no local, sendo traduzidos por três paradigmas de estudo: o da cura, o do ócio e o do bem-estar;
3. Demonstrar que os valores de socialidade urbana dependem tanto de uma visão do patrimônio arquitetônico como lugar de memória, quanto dos espaços decorrentes de paisagens cotidianas e anônimas que tecem a urbanidade da cidade e que inspiram o fazer do arquiteto-urbanista como cuidador da paisagem cultural.

O caminho escolhido para investigar essas hipóteses traz para primeiro plano o conceito de humanização do espaço, tendo como cenário a cidade de Poços de Caldas. Não se trata especificamente de um estudo de caso, que teria como fundo uma descrição historiográfica e sociológica do lugar, mas do estudo de um fenômeno urbano, tal como ele foi se demonstrando ao longo da pesquisa, como processo contínuo de construção da paisagem cultural, sendo, para isso, necessária a abordagem fenomenológica. Fruto das discussões e debates contemporâneos na área de paisagem cultural, tentaremos apresentar algumas relações possíveis entre a

construção da cidade e suas mobilizações subjetivas, com os valores, narrativas e imagens de cada época.

Atualmente, vemos, em várias áreas do conhecimento, o termo humanizar sendo retomado: na saúde, na educação, na arquitetura. Mas, também no urbanismo, o conceito humanizar vem aparecendo voltado à busca da escala humana como referência para projetos e para a construção da cidade. Humanizar pode significar tornar-se humano; darmos ou adquirirmos a condição humana; humanar-se; tornar-se benévolo, ameno, tolerável; humanar-se (*a cidade se humanizou com a criação de novas paisagens*); tornar-se mais sociável, mais tratável. Humanizar também tem o sentido de socializar-se dentro de uma visão do processo civilizatório, civilizar-se. (HOUAISS, 2001).

A humanização na arquitetura é matizada pelos aspectos do humanismo clássico, com uma preocupação com a natureza e com a estética, bem como a emoção e o entusiasmo pela melhoria do homem, suas relações entre si, e a sua relação com o ambiente físico e os objetos que o cercam. Às vezes, observamos que a definição do termo humanização, por causa dos afetos nela envolvida, vem acompanhada da preocupação com a desumanização quando é presente a agressividade e a destruição das subjetividades. E esse processo parece atingir grande parte das cidades contemporâneas, em virtude do planejamento moderno. Entre alguns autores, como Jane Jacobs (2000), encontramos uma das primeiras vozes de resistência e participação cidadã ante os excessos de um urbanismo desumanizado, e em seu livro “Morte e vida das grandes cidades” ela resgata as ricas preexistências da cidade funcional, compacta e densa onde a rua, o bairro e a comunidade são vitais.

Mais recentemente, e considerando esses valores da humanização da cidade como lugar de encontro, destacamos o arquiteto Jan Gehl (2013), que propõe novamente a dimensão humana como tópico da reorganização das cidades atingidas pelo processo de verticalização, pelo aumento de tráfego de automóveis e pela baixa prioridade ao espaço público. “A boa qualidade ao nível dos olhos deve ser considerada como direito humano básico sempre que as pessoas estejam nas cidades”. (GEHL, 2013, p. 118).

Humanização, aqui, relacionamos também aos valores subjetivos que a cidade é capaz de evocar, ligados à memória dos lugares e, muitas vezes, no presente, a um determinado espaço que está carregado de historicidade, como um substrato

inconsciente existente que nos permite sonhar, alimentando a vida psíquica de seus moradores.

Nesse contexto, a pesquisa traz um estudo da paisagem cultural de Poços de Caldas, composta por uma área central em que se encontra o Complexo Hidrotermal e Hoteleiro representante da história termal da cidade e preservados de maneira significativa e simbólica para a população local constituindo seu *genius loci*. E para além das águas termais, a partir da década de 1950, outras paisagens vêm coabitar o território, rompendo e expandindo os limites da área central em seu significado, estruturadas nas direções espaciais da ocupação histórica dos eixos urbanos, representados pelos principais ribeirões da cidade, assim como resultado das políticas locais que valorizaram as suas alternativas econômicas de sobrevivência na contemporaneidade, voltados à industrialização e mineração.

Fizemos um estudo mais detalhado na área central que, desde a sua origem, está ligada à presença das águas termais e tem como metáfora o microcosmo da sociedade burguesa que, desde os finais do século XIX, buscava refúgios de cura e de prazer (MARRICHI, 2015, p.75). Existe uma textura social viva e latente que nos faz pensar no local como uma área de transição entre o físico e o social, onde a subjetividade do indivíduo pode emergir, dando sentido à sua própria existência, a cidade e seu simbolismo de centralidade como um lastro de permanência, num conjunto amplo de mudanças.

A capacidade da paisagem se constituir como uma transicionalidade entre a subjetividade do homem e o espaço externo, fortalece a identidade do conjunto e proporciona a existência de um espaço potencial. O espaço potencial é aquele que permite a criação e a estruturação de modos de ser das pessoas e, posteriormente, as suas expressões pelas novas linguagens. Nas últimas décadas, esse lugar central parece recriar-se, não com mudanças em seu desenho, mas na sua relação com a cidade: as preocupações higienistas do início do século XX deram lugar à diversidade de paisagens, à cidade-cenário, à cidade-viva, simbolizando o lugar físico dos encontros e das manifestações que agora se fazem agenciadas pela mídia e novas tecnologias.

Em decorrência do grande efeito agregador, gerado pelos significados da sua centralidade, Poços de Caldas guarda espaços urbanos que representam um ponto de integração para a própria identidade coletiva e individual de cada ser humano. A escala humana presente nestes espaços integradores estaria voltada à qualidade de

vida, se dá no local, sendo “bons para caminhar, bons para permanecer, bons para encontrar pessoas, bons para auto expressão e atividades físicas, com ótima escala, de bom clima ao nível dos olhos, belos e que proporcionem boas experiências” (GEHL, 2013, p.117-182), enfim espaços de vida.

Esses elementos presentes na cidade de Poços de Caldas, poderiam servir de referência ao projeto e urbanização de outras cidades que perderam o equilíbrio entre a vida pública e a criação de lugares que expressem as verdadeiras necessidades de seus habitantes e suas subjetividades.

A paisagem se constitui pelo olhar do sujeito, ou seja aquilo que vincula paisagem e subjetividade, versa mais pelo olhar que pelo local ou pela imagem. Nesse sentido, trazemos a ideia de que “somos nós mesmos a nossa paisagem” (ANDREOTTI, 2013, p.6). Adotamos o caminho da fenomenologia da paisagem, entendida como manifestação de um fenômeno e, à medida em que ele foi se desdobrando, procuramos também desenvolver a escrita deste trabalho, assim, elaborada de maneira processual.

Para estudarmos um lugar, devemos ter em conta uma metodologia que resgate a estratificação da paisagem, fazendo-se uma arqueologia do território, no sentido de uma escavação que vai do tempo presente, dos achados que hoje encontramos, para um tempo passado que tem sua origem nos primórdios de como o homem aproveitou-se dos recursos relacionados à apropriação da morfologia de uma situação geográfica.

Primeiramente, apresentamos a metodologia adotada por Joaquín Sabaté Bel (2015), da escola de Barcelona, para mapear a paisagem, e nos incentivar a entendê-la como artefato humano que é depositária de ações de várias gerações, esforço do engenho e trabalho ao longo da história. Consideramos, assim, a paisagem cultural dentro de uma visão de arqueologia do lugar, com vários signos, seus vestígios e camadas de significação.

Essa metodologia traz uma visão fenomenológica da paisagem e, nesse cenário, inclui os trabalhos do homem como sua vivência integral num lugar.

Em analogia, a abordagem fenomenológica proposta por Carl Sauer (1925, p. 60) nos levou aos seguintes modos:

- a) Categorização das formas definindo um sistema de paisagens;
- b) A ordenação de paisagens culturais através da leitura da geografia regional;

- c) A reconstrução de paisagens culturais passadas a fim de demarcar as mudanças pelas quais as paisagens se transformaram;
- d) Estudo das formas de exploração dos recursos naturais e as facilidades para distribuição nas áreas.

A relação que pudemos estabelecer entre esses modos e sua aplicação na pesquisa determinou:

- a) O estudo da paisagem natural como unidade geográfica da Serra da Mantiqueira na porção Sul do Estado de Minas Gerais e, particularmente, a Caldeira Vulcânica na qual está instalada a cidade de Poços de Caldas. A formação da sua base geológica, seu clima, sua vegetação, sua drenagem como elementos primários na constituição de uma cidade específica dotada do potencial das águas termais e minerais.
- b) A partir dessa percepção da paisagem da Serra da Mantiqueira, estabelecemos as unidades comparativas entre algumas cidades, sua morfologia e criação de relações entre seus elementos culturais de constituição e transformação das paisagens;
- c) A geografia histórica da cidade, que seria a reconstrução de paisagens culturais passadas, através das sobreposições de cartografias, as imagens e elementos construídos deixados como marcas nas paisagens e, por último;
- d) O estabelecimento das formas de produção de lugares e identidades específicas, a partir do uso e exploração das águas, constituindo uma fenomenologia da paisagem e para além dela.
- e) Além dos mapas, por meio de um grande acervo de fotos antigas do Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas e da coleção de Cartões Postais antigos, do arquiteto Antônio Carlos Rodrigues Lorette, foi possível constatar a face arquitetônica, urbanística e cultural desses vários momentos durante as décadas do século XX, em que fazemos um paralelo com a ocupação atual.
- f) Realizamos um levantamento fotográfico complementar da paisagem da área central, das regiões norte, sul, leste e oeste e de algumas áreas de mineração para dar conta de um panorama das escalas mais aproximadas, da textura, tipologias das ocupações recentes para além do significado das águas.

- g) A partir do estudo evolutivo da malha urbana, reconhecemos os modos de ocupação da cidade.
- h) Inicialmente, o limite da área central coincidia com o da planície, em que hoje se encontra o Parque José Affonso Junqueira, na confluência dos ribeirões de Caldas e da Serra. Depois, vieram as expansões históricas, margeando o percurso dos rios centrais como a Cascatinha, o bairro Santa Ângela ao longo do Córrego Vai-e-Volta, a Av. Marechal Deodoro e Rua Mário de Paiva, margeando o Ribeirão da Serra, a Av. João Pinheiro e a Av. Champagnat margeando o Ribeirão de Poços de Caldas.
- i) O reconhecimento das ocupações nas encostas próximas, já começam definindo os grupos sociais, as localizações dos bairros de cultura negra, os assentamentos dos imigrantes.

No que se refere aos elementos imateriais e imagéticos, procuramos relacioná-los e organizá-los em quatro etapas, sendo: a primeira consiste em um levantamento documental e cartográfico sobre as origens das Sesmarias e da instalação da Freguesia de Nossa Senhora da Saúde das Águas de *Caldas*.

A segunda etapa consiste no levantamento iconográfico sobre a cidade, no que se refere à descoberta e uso das águas termais.

Já a terceira etapa corresponde ao mapeamento histórico e levantamento fotográfico atual dos eixos históricos estruturadores da paisagem urbana e a quarta etapa consiste na inter-relação entre paisagem e os aspectos fenomenológicos decorrentes da percepção do espaço, com a participação nas formas culturais (literatura, fotografia, arquitetura, artes, psicologia etc.).

Observamos que essa paisagem cultural, devido ao seu aspecto de “perpetuação histórica” de uso e preservação dos seus principais espaços de representação (alguns naturais, outros construídos historicamente), foram mantidos, apropriados, (re)significados, constituindo um repertório de identificação do patrimônio para a população.

Simultaneamente à preocupação da sociedade atual, de corte histórico e ambiental, observamos um interesse em multiplicarem-se as perspectivas de abordagem da paisagem¹. Assim, agregamos outras perspectivas que conferem maior importância às atitudes dos sujeitos em relação às paisagens, ou de compreender a

¹ Cabe aqui ressaltar a contribuição de Perla Zusman ao descrever aspectos da construção social da paisagem tal qual encontramos em Joan Nogué (2007).

produção das suas representações, sobretudo expressão das relações sociais e subjetivas com o lugar. A partir do século XX, o caminho apresentado pela fenomenologia, sobretudo com o papel da filosofia heideggeriana, nos permitiu ver que as experiências cotidianas dos sujeitos estão em constante processo de construção.

Finalizamos com aspectos da paisagem na sua escala íntima, em que a geografia humana adentra, relacionando a subjetividade de seus habitantes com aquilo que a fenomenologia do lugar pode fazer despertar no indivíduo. Essa talvez seja a nossa perspectiva pretendida, em que a paisagem cultural abrace as paisagens interiores e pessoais, uma vez que a própria edificação dos sujeitos envolvidos, graças às suas obras e desejos, vá fazendo parte e mostre a sua colocação na cultura.

Três autores nortearam a leitura da paisagem do ponto de vista da subjetividade. Primeiramente Sigmund Freud, que nos permite pensar uma escavação da paisagem, com seus signos e vestígios inconscientes e que se manifestam sempre na atualidade, ou seja, relacionando paisagem cultural àquela produzida pelas subjetividades de várias gerações dentro de uma perspectiva de palimpsesto, tal como a define Bernardo Secchi. Depois trazemos Donald Winnicott com a noção de que o ambiente é fundamental para o desenvolvimento da maturidade emocional das pessoas, e isso se vincula às experiências primordiais com as áreas transicionais entre mãe-bebê e estão presentes no modo de ocupação e nos valores ambientais que a sociedade cultiva. Nosso intuito seria o de pensar que, quando vemos uma paisagem, ela inconscientemente traz metáforas e experiências desses estágios muito primordiais do ser humano, por seu caráter de continência e envoltório. E, por último Jacques Lacan, do qual emprestamos para nossa análise a ideia dos três registros que definiriam a subjetividade da paisagem, a saber: o real, o simbólico e o imaginário, ou seja, quando se intervém numa determinada paisagem, se opera nessas três instâncias ao mesmo tempo.

No Capítulo 1, fizemos uma breve análise de várias correntes teóricas que tratam do tema de paisagem cultural, e quais seriam as novas abordagens da geografia humanística que incluem a subjetividade humana. Na perspectiva dessa linha de pesquisa, voltada à aplicação no urbanismo, destacamos a Escola de Barcelona, difundida pelo arquiteto Joaquín Sabaté Bel que, ao realizar projetos em áreas patrimoniais voltadas à preservação de paisagens, consegue estabelecer uma fina costura entre desenho, memória, subjetividade e o reconhecimento da produção

cultural de várias gerações. Destacamos o papel da fenomenologia como elo entre a percepção do lugar e a manifestação de vivências fundamentais na escrita deste trabalho. A partir dessas percepções chegamos a encadeamentos profundos, trazidos à luz da psicanálise.

No Capítulo 2, fizemos a entrada à paisagem cultural de Poços de Caldas pelo seu estrato mais antigo, por sua historiografia acompanhada do registro cartográfico, em que veremos a constituição do local e todos os simbolismos associados à formação urbana da estância balneária. De fundamental importância à essa etapa, estão os acessos a acervos históricos como do Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas e da Biblioteca das Thermas Antonio Carlos, nos quais encontramos originais e publicações do Dr. Pedro Sanches, ilustre médico e termalista, pioneiro em Poços de Caldas. Outros médicos o sucederam, como Dr. Benedito Homero Ottoni, Dr. Benedictus Mario Mourão, acabando por formular diretrizes para a estância, sempre impregnada pelo espírito de manutenção da saúde.

Algumas aproximações foram feitas para justificar o imaginário europeu associado à paisagem termal, como Vichy e Baden-Baden. No caso do Sul de Minas, estudamos as cidades de Caxambú, Lambari e São Lourenço por suas tipologias urbanísticas, relacionadas à presença de águas minerais.

Nesse processo, foi de fundamental importância acessar a coleção particular de cartões postais da cidade de Poços de Caldas, pertencentes ao acervo do professor e arquiteto Antônio Carlos Rodrigues Lorette. Pelo fato de estar catalogada pela evolução cronológica, nos apresentou um panorama de imagens possibilitando a construção de narrativas para este local. Observamos que um mesmo edifício ou recanto da cidade foi sendo fotografado por olhares e tempos diversos e isso alterava a paisagem, o que nos fazia pensar nas várias formas como a cidade gostaria de ser vista, revelando tanto o espírito do lugar como o espírito do tempo.

No Capítulo 3, algumas hipóteses foram levantadas, transcritas na forma de paradigmas para a cidade, a saber: o da cura, o do ócio e o do bem-estar. O paradigma da cura procura resgatar o aspecto mítico relacionado às águas termais e, do mito passamos à análise dos seus significados imaginários. Associamos à água o imaginário da figura materna, a origem de todos os ambientes e como os significados das águas quentes e untuosas foram aparecendo em relatos e escritos dos viajantes e mais tarde dos frequentadores da estância. Observando essas narrativas do início do século XX, vemos a importância que os vários tratamentos termais aplicados aos

curistas, na verdade, restabeleciam a saúde num tempo em que havia uma conjunção entre cura espiritual e científica. Estudamos a construção do desenho da cidade, neste período, e a importância do engenheiro Saturnino de Brito como idealizador da urbanização de caráter sanitaria. Depois, no paradigma do ócio apresentamos o lado complementar ao do *pathos* representado pelo paradigma da cura. Evidenciamos uma natureza feminina, metaforizada pela cidade sedutora, pelo tempo dos prazeres corporais ligados às águas, pelo *glamour* da era do jogo, que se reflete em espaços urbanos desenhados com grande beleza, abertos ao passeio, à *flânerie* de observação das lojas, vitrines e cafés. E, por último, fizemos um retorno à figura da mulher como paisagem-terra, da provisão ambiental. No paradigma do bem-estar evocamos novas naturezas no uso das águas, tranquilizantes, convertidas em agentes terapêuticos relacionadas às enfermidades do estresse diário, sendo os próprios balneários das Termas Antônio Carlos e o da Praça dos Macacos convertidos para o conceito de *spa*. Esse paradigma corresponde ao tempo em que, hoje, discutem-se noções como a cidade sustentável, bem-estar, a agregação de valor da qualidade ambiental e patrimonial nos circuitos do turismo.

Ao lado desses paradigmas, abordamos também as zonas de sombra, ou seja, dos conflitos decorrentes das urbanizações, que não levam em consideração esse universo aquífero. Surge a cidade do negócio (negação do ócio) e da industrialização como fontes de desenvolvimento principalmente após a década de 1970.

Essas imagens foram compiladas no Capítulo 4, constituindo uma paisagem para além das águas. A especulação imobiliária, a verticalização da área central, as atividades industriais e de mineração na cidade vão sendo paisagens que muitas vezes comprometem o valor originário e simbólico da paisagem termal. Realizamos um breve inventário da paisagem cultural, incluindo aspectos como turismo, mineração, industrialização, habitação social e cultura popular. Efeitos nocivos quanto à qualidade ambiental do solo, uso inapropriado da topografia com modelos de assentamento invasivos, a poluição, o assoreamento e impermeabilização dos cursos d'água se fazem cada vez mais presentes.

Verificamos que nas paisagem existem desejos e afetos inconscientes que movem a memória e a construção do espaço urbano de Poços de Caldas.

Encerra-se este estudo com a apresentação de um enfoque poético, no Capítulo 5 para se pensar a transformação da paisagem, indagações em como se gerir a paisagem termal, além de uma contribuição ao lugar "sulfuroso", pois, ao tratar

da cidade e cuidar de suas águas quentes, estaremos preservando simbolicamente os aspectos inconscientes da subjetividade de seus cidadãos, ou seja, uma qualidade de Poços de Caldas como cidade-receptáculo, de forma que a atuação possível do arquiteto-urbanista se faça no sentido de uma cidade humanizada, neste momento atual de embate entre as forças do lugar e o espírito desterritorializante do tempo.

A paisagem cultural de Poços de Caldas consiste num legado de enorme beleza, seja por suas construções exemplares na área central, origem das águas, mas também pelo repertório imaterial, que são as pessoas a construir suas histórias, festas e rituais.

1 MEMÓRIA, IDENTIDADE E PAISAGEM

1.1 A Paisagem e o Processo Cultural - uma reflexão conceitual

Nos últimos anos, estudos e debates sobre o tema de “paisagem cultural” vêm sendo bastante frequentes, em virtude de uma abordagem que mescla aspectos históricos e as novas vertentes da Geografia, sobretudo a humanística ou histórica.

A cidade aqui estudada, Poços de Caldas-MG, apresenta uma riqueza muito grande de elementos de paisagem desde uma configuração peculiar natural, tanto por estar situada nas bordas de uma caldeira vulcânica na Serra da Mantiqueira, como pela presença das águas termais na localidade, que fez surgir um povoado dedicado, principalmente, aos aspectos terapêuticos, cujo ápice consolidou-se num conjunto urbanístico e arquitetônico planejado nos finais do século XIX e início do século XX. Esse conjunto encontra-se tombado pelo *Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais* (IEPHA-MG) desde 1989, quando da promulgação da Constituição do Estado de Minas Gerais, do mesmo ano, conforme o Artigo 84 do seu Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, juntamente com a Serra de São Domingos, declarada como monumento natural.

Mas, o estudo de paisagem cultural não pode ficar restrito a esta temporalidade, uma vez que a cidade vem sofrendo o impacto de novas atividades urbanas que merecem a atenção, sobretudo, as transformações das configurações dos principais eixos históricos de ocupação da cidade. Gostaríamos que houvesse um destaque dessa temática do termalismo vinculado ao modo como o patrimônio vem sendo tratado pelos órgãos internacionais e nacionais, para que se possa proporcionar uma disseminação de estudos. Cabe aqui lembrarmos da recente titulação que o Rio de Janeiro recebeu, em 2012, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), sendo incluída na “Lista de Patrimônios da Humanidade”, ou seja, na categoria de paisagem cultural. Mas, ainda se faz presente um viés das paisagens pelo olhar do turismo, sendo, entretanto, deixado para segundo plano aquele olhar apropriado pela população. Enveredadas por esse caminho, a chancela de paisagem cultural vem sendo aplicada pelo principal órgão de preservação cultural nacional, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) que, em 2009, pela Portaria nº 127 acabou criando também uma legislação própria sobre paisagem cultural.

Antecedendo a criação dessa definição, é importante lembrarmos que um longo percurso foi percorrido: a criação de uma nova categoria de preservação do patrimônio cultural pela UNESCO, em 1992, depois a criação do Conselho da Europa, com a Recomendação R (95) 9 e a Convenção Europeia da Paisagem em 2000. Ou seja, a paisagem cultural se estabelece como categoria que associa a paisagem à preservação da memória do lugar.

Tendo seu início vinculado a uma preocupação das Artes, a noção de paisagem tornou-se objeto de estudo de diversas áreas do conhecimento, tais como a Biologia, o Urbanismo, a História, a Arqueologia, o Paisagismo, e tem recebido destaque pela Geografia, que se dedicou amplamente ao seu estudo, elaborando-a conceitualmente e metodologicamente ou utilizando-a como categoria de análise espacial desde o século XIX. Encontramos em Yi-Fu Tuan as formas como a paisagem se relacionou aos valores simbólicos e seus espaços em *Topofilia* (1980) ao longo dos tempos, e pudemos entender que, a partir da Geografia Humanística, a paisagem cultural pode ser construída ou ser capaz de ativar a subjetividade de seus habitantes, pelas capacidades estéticas dessa paisagem e, também, pelas marcas da memória das várias gerações que as constituíram.

Neste capítulo, faremos um breve apanhado das diversas abordagens conceituais que se desenvolveram desde o século passado, no caminho que conduz à possibilidade de visão da paisagem como algo natural para a construção da paisagem como algo humanizado.

Alexander von Humboldt foi uma das figuras iniciais de estudos sobre paisagem e, por meio de suas viagens e descrições pormenorizadas, destacou os aspectos físicos da paisagem cultural como uma categoria de amplos significados relacionada à ação humana, trazendo relações e processos sempre com uma subjetividade artística. Considerando a influência do pensamento de Goethe, no sentido da natureza colocada como processos de formação-transformação, suas descrições denotam um caráter idealista, ligado à valorização do olhar, sendo que o sujeito representa um fator ativo na construção da cena contemplada, sobretudo pelo valor central da arte. Por outro lado, fruto das aspirações positivistas dos intelectuais da época, seus estudos indicam um caminho realista, a colocação de um dado do mundo a ser reconhecido

em sua particularidade, na disposição geográfica e na configuração que não é só estética, mas que abrange a experiência²:

A paisagem apresenta a cena, dispõe o que importa então para Humboldt, a tomada no instante de uma totalidade pela medida do particular. Ao tempo que coloca as características de uma determinada região, a paisagem recobra a extensão que não pode ser captada, ela evoca a continuidade; ela, ao tempo que exprime a comunhão universal na forma, lança a perspectiva do que ali não se apresenta. (SILVEIRA, R. W. D. da; VITTE, A. C., s/d, p.04).

A compreensão das relações entre grupos sociais e a forma como o meio ambiente natural ou construído foi sendo apropriado vai se revelar na Geografia como um tema antigo e que, pelo desenvolvimento histórico da disciplina, com aprofundamentos do conceito, passou por diversas abordagens.

No entanto, o aspecto humanístico vinculado à paisagem cultural, ligado ao sentido de patrimônio e memória, tornou-se comum a partir de 1992, pelos trabalhos desenvolvidos pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, UNESCO, quando esta organização criou essa categoria. No Brasil, com o IPHAN, na tentativa de acompanhar a inovação conceitual da UNESCO, também criou, mas somente em 2009, uma normatização, estabelecendo a chancela da paisagem cultural.

Entendemos a importância para os arquitetos-urbanistas do conhecimento da paisagem e, desta maneira, no trabalho proposto, buscamos, então, começar pelo olhar inicial da Geografia, percebendo em que medida se relacionam as noções de espaço e lugar como modos específicos de observação de algumas das relações observadas, que nortearão o resgate de princípios de estudo sobre paisagem e que levariam a uma “visão integradora entre o homem e o meio ambiente natural” (IPHAN, 2009, p. 17). Notamos que a definição explicitada na Portaria da Chancela da Paisagem Cultural não diverge da concepção da paisagem aplicada pela Geografia, principalmente a corrente apresentada por Carl Sauer (1925) e nem pelas atuais visões da paisagem desenvolvidas nos estudos regionais e locais proporcionados pela escola de Joaquin Sabaté Bel na Catalunha-Espanha.

Sendo assim, a tese que desenvolvemos aqui é de que a paisagem cultural deve ter a dimensão do mundo como fenômeno, como espaço vivido dos seus

² SILVEIRA, R. W. D. da; VITTE, A. C. **A paisagem em Humboldt: da instrumentalização do olhar e a percepção do Cosmos.** Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Teoriaymetodo/Pensamientogeografico/27.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2020.

moradores e visitantes, capazes de expressar na própria construção da cidade os valores de localidade. Exploramos, na metodologia, uma visão integradora, cuja concepção relacionamos ao próprio “significado etimológico da palavra da qual é originada – *pay* – que revela duplicidade (objetividade e subjetividade) ou correlação: um espaço produzido materialmente (suas atividades produtivas e criadoras)” (LUCENA, 2015, p.15), e que se torna também uma representação de seus valores, memórias, necessidades, crenças e subjetividade.

O trabalho insere à discussão o elemento da subjetividade, pois estamos nos referindo principalmente aos aspectos simbólicos associados à paisagem que, na verdade, espelham os desejos e memórias de seus habitantes, tanto para o lado criativo quanto para o patológico.

Encontramos na Carta Conpadre, 2010, em proposta coordenada por André Argollo Ferrão e Joaquín Sabaté Bel, as premissas do conceito de paisagem cultural como resultado do processo de trabalho do homem sobre o território³, o que significa que essas vinculações sobrepesam a noção de patrimônio no sentido conservacionista, mas trazem a contribuição para pensá-lo como legado do esforço de uma comunidade, como lugar da memória e herança. Assim, paisagem cultural traduz a marca do trabalho humano sobre o território com seus valores estéticos e históricos. Eles apresentam formas de como utilizar os recursos culturais para a construção do desenvolvimento local, proporcionando um nível melhor da educação e qualidade de vida. A manutenção dos recursos patrimoniais tangíveis e intangíveis são fundamentais para as pessoas que habitam um território. Para a sustentabilidade ambiental, econômica e social de uma paisagem cultural, exige-se uma delicada abordagem que contempla a criação de uma estrutura narrativa dos lugares, portanto, necessitamos de novos métodos, instrumentos e esforço criativo e pedagógico para realização de planos urbanísticos renovados. As paisagens culturais podem, nesse sentido, assumir papel relevante porque são expressão da memória, da identidade de um território e estão preparadas para enriquecerem-se sucessivamente.

Observamos o entrelaçamento entre geografia e história na concepção de metodologias para se trabalhar com paisagem cultural. O próprio Sauer (1925, p.23)

³ FERRÃO, A. M. de A.; SABATÉ BEL, J. **Carta Conpadre n.01/2010**: Campinas e Jaguariúna [Brasil]. Labor & Engenho, Campinas [Brasil], v.4, n.1, p.1-9, 2010. Disponível em: www.conpadre.org e www.labore.fec.unicamp.br. Acesso em: 23 dez 2017.

abordou a complexidade dessa relação quando define que “os fatos de geografia são fatos de lugar, sua associação origina o conceito de paisagem, enquanto que fatos de história são fatos de tempo”. O termo paisagem cultural é designado para uma forma estritamente geográfica de se pensar a cultura, a saber, “a marca da ação do homem sobre a área” (SAUER, 1998 [1925] p.192), a expressão cultural, como um “texto” que se pode escrever e interpretar, entendendo o território como construção humana.

A interação da paisagem natural com a ação humana vai transformando a superfície terrestre num imenso “depósito de signos” (SECCHI, 2006, p. 15), construindo o território como um palimpsesto. Cujo significado original, na Idade Média, era atribuído a um papiro ou pergaminho cujo texto primitivo foi raspado ou apagado para dar lugar a outro, permitindo, assim, a reutilização do material e a posterior sobreposição de um novo escrito. De modo figurado, o palimpsesto traz a ideia de um texto que existe sob outro texto e, se pensamos assim a cidade de hoje, ela faria aflorar também outras cidades anteriores, na mesma paisagem, desenhada por gerações que tem escrito, corrigido, apagado e acrescentado.

Ao mesmo tempo em que a paisagem vai ganhando novos contornos físicos, outro nível mais abstrato é acessado, que corresponde ao estrato cultural da ocupação humana, sendo revelado pelas narrativas escritas e visuais de seus habitantes. Essas narrativas contêm paisagens idealizadas, concretas e, por vezes, doloridas, ou seja, num mesmo lugar é possível ouvirmos várias vozes que em camadas tecem, no espaço, a chamada paisagem cultural.

De modo geral, é comum à postura do arquiteto-urbanista ser aquele que se define pelo *orthos*. Mas, numa cidade também há as posturas do historiador e a do estrangeiro. O historiador é acostumado a narrar o lugar de forma linear e contínua do tempo, e o estrangeiro o faz a partir das experiências que vêm de longe e de fora⁴.

Entendemos que essas várias narrativas acontecem simultaneamente ao lidarmos com a paisagem cultural de Poços de Caldas. Muito se estudou sobre os aspectos urbanísticos das propostas sanitaristas, nos séculos XIX e XX, para esta cidade, mas as sobreposições das camadas mais primitivas da paisagem, o aspecto natural e potencial das águas, e como ela ainda está presente nos dias de hoje, apesar do intenso processo civilizatório pelo qual a cidade passou, demonstram a força do lugar e a constituição de sua identidade.

⁴ Levamos em conta aqui as abordagens de Manoel Tosta Berlinck sobre a Psicopatologia Fundamental e de Piérre Fedida, cuja experiência demonstra a narrativa a partir do sítio do estrangeiro.

Outro aspecto interessante do estudo da paisagem é a ideia de que a experiência do homem é o que estabelece as bases primárias do conhecimento, acessível e perceptível ingenuamente por qualquer pessoa ou grupo (SAUER, 1925)⁵.

Uma forma da Terra na qual o processo de modelagem não é de modo algum imaginado como simplesmente físico. Ela pode ser, portanto, definida como uma área composta por uma associação distinta de formas, ao mesmo tempo físicas e culturais. (SAUER, 1998 [1925], p.187).

Para Lucena (2015), paisagem é, etimologicamente, uma palavra proveniente do francês – *paysage* – que, por sua vez, deriva do radical *pays*, século XIV, e significa “espaço de território que se abrange num lance de vista” (FIGUEIREDO *apud* LUCENA, 2015, p. 24). O conceito de território seria derivado de terra e, assim, tanto paisagem, quanto território teriam surgido no século XV. (CUNHA, 2000, p. 632).

Haveria, assim, o termo paisagem para o equivalente inglês (*landscape*) do termo que os geógrafos alemães utilizavam *landschaft* que muito influenciaram a obra de Carl Sauer:

O mesmo termo, em alemão – *landschaft* – sugere algo semelhante à *paysage*: tem-se a conjugação entre o substantivo *land* (que significa vila, vilarejo, único, singular) e o sufixo *schaft* (significa um legado coletivo, um pertencimento ao todo), ou seja, que permeia entre o individual e o coletivo, a vila e a coletividade (LUCENA, 2015, p. 24).

Chama nossa atenção o aspecto de que paisagem se refere ao olhar. E, nesse sentido, num caminho externo está o olhar do ser humano ou do observador em direção ao espaço exterior. Porém, culturalmente a paisagem pode engendrar modos de ser dos humanos, ou seja, pode constituir um modo de ver. É sobre isso que pretendemos nos debruçar no capítulo 5 desta tese.

A paisagem possui características e a identidade determinada pela visibilidade da forma, pode ser escolhida porque a experiência do homem mostrou sua importância enquanto fenômenos morfológicos. Assim, a geografia seria antropocêntrica no sentido do valor ou do uso da terra para o homem.

Nós estamos interessados naquela parte da paisagem que nos diz respeito como seres humanos porque nós somos parte dela, vivemos com ela, somos limitados por ela e a modificamos. (...) As qualidades físicas da paisagem são aquelas que têm valor de habitat, presente ou potencial. (SAUER, 1925, p. 29).

⁵ Encontra-se na obra de GONZALEZ e SABATÉ BEL (2009) a apresentação e utilização do termo paisagem cultural, com suas escolas e seu desenvolvimento.

Mas a paisagem cultural tem seu ápice no que se pode chamar de civilização. Então, é sujeita à mudança pelo desenvolvimento da cultura ou pelas substituições de culturas. “A cultura é o agente de transformação, a área natural é o meio, e a paisagem cultural o resultado” (SAUER, 1925, p. 59).

Quando pensamos em uma determinada região, a introdução de uma cultura diferente, ou quando se processam novos textos num determinado lugar, a princípio entendido como uma cultura estranha, podemos dizer que se estabelece como um rejuvenescimento da paisagem cultural. Ou seja, uma nova paisagem se sobrepõe ao que sobrou da antiga, elementos remanescentes de paisagens antigas que podem ser “lidas”. A força que modela, entretanto, está na própria cultura.

Desse modo, a introdução de uma cultura diferente consiste na criação de novos paradigmas que modificam as suas paisagens. No caso da investigação desta pesquisa, formas distintas de exploração e uso das águas termais sulfurosas vão gerando paisagens distintas, numa sobreposição de estratos espaço-temporais que podem ser estudados de modo sincrônico ou diacrônico numa estrutura.

A cidade e o território pertencem inevitavelmente à experiência cotidiana de cada um. Porém, algo une os viajantes e exploradores em pequenos grupos ou em sua totalidade. Na tentativa de elaborar uma descrição, procurar uma explicação do que observam e prefigurar possíveis mudanças, como observa Secchi (2006), recorre-se, geralmente, a estilos de análise e estruturas discursivas semelhantes, orientados por suas figuras principais, como a retórica da realidade (prática) e a retórica da precisão irrefutável (teoria). A abordagem fenomenológica não trata de um discurso, mas sim da possibilidade da constituição das narrativas das experiências como emancipação individual e coletiva.

No caso de Poços de Caldas, pretende-se atribuir às águas termais o valor de paisagem e o esforço que a cultura da região teve em forjar esse território numa “paisagem termal”. A essa paisagem somam-se outras; inicialmente a agricultura e a pecuária, depois o acontecimento das águas modelando o povoado, na modernidade a exploração do turismo e dos seus recursos minerais e, na atualidade, os territórios imagéticos e a especulação imobiliária. Mas, também agregamos a este trabalho as paisagens decorrentes da cultura popular e dos cenários vinculados a um patrimônio imaterial como uma pincelada sobre as festas centenárias e os eventos contemporâneos.

1.2 Os pontos de inflexão da paisagem

Acreditamos que o estudo da paisagem cultural pode trazer uma visão mais integradora dos elementos componentes e participantes do meio ambiente – o homem em suas relações imaginárias, simbólicas e materiais. Nesse sentido, o entrecruzamento das paisagens que foram surgindo em Poços de Caldas, pois, via de regra, o elemento geográfico muitas vezes se mantém o mesmo, contudo, a maneira de abarcar esses horizontes, vão se transformando. A linha do tempo proposta, marcando os pontos de inflexão, referem-se mais às mudanças de olhares, fundamentais para a configuração dos paradigmas propostos no capítulo 3, que aos aspectos historiográficos.

O levantamento desses espaços e suas relações podem, pelo viés simbólico desta pesquisa, complementar o sentido dos tombamentos e registros, pois a paisagem cultural enriquecida de seu aspecto de subjetividade e também como ferramenta de preservação, propõe uma metodologia de análise que vai das configurações físicas da paisagem aos significados que ela é capaz de produzir como fenômeno para a comunidade. Acreditamos ser necessário despertar na sociedade local e nos órgãos de preservação as implicações para a saúde psíquica dos habitantes desses lugares de memória e de repositório de imaginação, para que se possa usufruir culturalmente a cidade e entendê-la nos seus eixos históricos estruturadores.

Cabe ressaltar que a participação da população seria o complemento amadurecido dessas ideias para as tomadas de decisão em termos de preservação, pois, no enfoque do trabalho, foram tratadas de maneira teórica a partir das narrativas encontradas na literatura e nas coleções de cartões postais sobre a cidade.

O fato de, no capítulo 5, demonstrarmos a natureza de um olhar específico para esse local, buscando na constituição de uma personalidade urbana poços-caldense, procuramos trazer com a pesquisa uma contribuição à noção de paisagem cultural, atrelada aos sentidos de preservação e de transformação de modos de subjetivação particulares, que constroem o espaço urbano.

Poços de Caldas, por se tratar de uma paisagem com um sentido de cura muito explícito, conduziu os estudos para alguns questionamentos sobre a urbanidade contemporânea desta cidade, mas que podem ser aplicados a outros contextos relacionados a patologias do urbano como, por exemplo, a verticalização da paisagem

em situações preservadas, a fragmentação do tecido urbano e escolha de modelos de assentamentos inapropriados à conformação topográfica, o descaso das novas urbanizações relacionado às qualidades das águas termais, entre outros.

Durante o período em que participamos do Laboratório de Psicopatologia Fundamental, a ver que é necessário reconhecer a existência de múltiplas “posições corporais-discursivas” na cidade (BERLINCK, 2000, p. 23) e que, os que ocupam outras posições na *polis* reconheçam as especificidades de sua posição. Assim, o caminho trilhado por Pierre Fedida nas décadas de 80 e 90 do século XX, ao criar esse abrangente oceano da Psicopatologia Fundamental, possibilitou-nos conhecer e estudar outras posições, para além da arquitetura e urbanismo, e considerar o cidadão como um sonhador de projetos e desenhos para a cidade, mesmo em sua pequena casa ou negócio. O aprendizado de que vários sujeitos são capazes de produzir a cidade e a paisagem, nos preparou como pesquisadora e profissional de arquitetura e urbanismo para uma disposição em escutar o sujeito-cidade que porta uma voz, e fala do *pathos*⁶ que vem de longe e de fora, sempre ligado ao discurso que narra o sofrimento, as paixões, a passividade e, por isso, é capaz de transformar, com ela, essa narrativa numa experiência de seus visitantes e moradores.

Poços de Caldas conhece, ao longo de sua história, a saga de pessoas e fatos que fizeram de sua paisagem a construção de uma cidade. O elo de ligação dos diversos momentos está na natureza das águas e para além delas que, de início, era descrita como uma paisagem “infernai” dos poços quentes e untuosos, às águas erguidas do subsolo para as banheiras elegantes, depois o esquecimento das propriedades termais e agora o reencontro terapêutico das águas nas modalidades contemporâneas de *spas*.

Em *Catástrofe e representação: Notas para uma teoria geral da Psicopatologia Fundamental* (BERLINCK, 2000, p. 30), encontramos uma perspectiva inédita para pensar a construção de cidades, uma vez que elas são produto da subjetividade humana. Na verdade, esse texto foi importante para a compreensão de que há uma dimensão em nossa alma que possui aspectos inacessíveis pelos nossos recursos racionais: o que caracteriza o homem como sujeito seria o fato dele ser constituído por seu sofrimento e adoecimento, ou seja, por uma psicopatologia. Esse cenário é

⁶*Pathos* – palavra grega (*πάθος*) que significa "sofrimento, paixão, passividade, afeto".

propício para resgatar o espírito da cidade de Poços de Caldas, em sua vocação de lugar de cura.

Berlinck recria, nesse texto, a descoberta de Freud, no final do século XIX e início do século XX, do inconsciente, e vai narrando como se daria a transmissão filogenética, através da qual esse inconsciente humano herdaria geneticamente as memórias da própria constituição psíquica da espécie humana. Observamos, assim, a subjetividade como paisagem interior que vai sendo modelada ao longo dos tempos.

Seria possível pensarmos que para cada psicopatologia haveria um desenho e uma paisagem cultural correspondente? As maneiras pelas quais o homem veio tratando seu corpo, as pessoas e objetos que o cercam, certamente é de grande interesse para a arquitetura de cidades e para a constituição de novas paisagens. Acreditamos ser valioso associarmos os vários momentos de invenção da humanidade do ser humano nessa teoria do inconsciente desenvolvida por Freud, após o que seria a catástrofe da era Glacial, ou seja, a saída do homem de seu “estado nirvânico”⁷. O percurso psicopatológico da espécie humana seria:

1. Angústia, dor e medo (a mais precoce);
2. Histeria de conversão, Perversão e Hipocondria (na pré-puberdade);
3. Obsessão (na puberdade);
4. Esquizofrenia, Paranoia e Melancolia (doenças da maturidade).

Sendo assim, a maneira de trabalhar a memória e as camadas estratificadas dos estágios históricos de uma cidade compõe uma paisagem cultural singular, sendo os infindáveis signos e arquiteturas as marcas pessoais que constituem a entrada de cada indivíduo na cultura. Mais adiante retornaremos a essas questões sobre a contribuição da subjetividade na edificação da paisagem.

1.3 Iconografia e a memória dos eixos históricos como estruturadores da paisagem

No quadro em que as cidades e as paisagens encontram-se hoje, percebemos um processo de transformação acelerado e a globalização dos seus símbolos. A

⁷ BERLINCK, M. T. **Catástrofe e representação**. Notas para uma teoria geral da Psicopatologia Fundamental. In: *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*. V. 2, n.1, São Paulo: Escuta, 1998. p.11. “Na visão freudiana, o estado nirvânico, que corresponderia a uma normalidade edênica que se encontra descrita no livro do Gênesis, foi perdido graças a uma catástrofe ecológica denominada “era glacial” em que a crosta da terra se congelou e o hominídeo sofreu consequências tão avassaladoras que foi obrigado a se transformar em humano.”

busca por uma dimensão mais subjetiva e de como a identidade dos lugares podem participar dos processos de constituição da subjetividade de seus habitantes tornam-se vitais.

A transformação da paisagem se deu associada tradicionalmente ao tempo longo da coletividade. A paisagem foi apreciada como elemento permanente do entorno na construção do sentido coletivo. Na Europa, ainda existem paisagens da Idade Média, que conservam a morfologia e também as técnicas de produção e utilização. A exemplo disso, temos a cidade de Manresa, estudada por Sabaté, na Espanha, que cresceu longe do rio e, em função das necessidades de água para consumo e vida, teve a permissão do rei para retirar água do rio Llobregat construindo uma grande obra hidráulica simples que ainda hoje está em pleno funcionamento. As intervenções sobre este local foram sutis, mas resguardaram passeios aos visitantes como se os fizesse adentrar uma obra de *land-art*, resignificando essa paisagem. Poderíamos dizer, assim, que um mesmo lugar, ao longo de sua existência, porta diversas paisagens.

Se um lugar perde seu potencial como elemento de identificação para seus habitantes, há uma generalização do sentimento de que se perdeu algo do ponto de vista pessoal. Desse modo, a transformação da paisagem não representa só razões da psicologia individual, mas outros de importância social, como destaca Sabaté Bel:

- a) o valor da paisagem como patrimônio cultural e histórico;
- b) o valor da paisagem como indicador de qualidade ambiental e;
- c) o valor da paisagem como recurso econômico.

Devemos evitar que, ao longo dos processos de transformação da paisagem, ela seja despojada de seus valores patrimoniais, simbólicos e de sua identidade. Sem o reconhecimento e a defesa dos valores da paisagem, não é possível a gestão do território em benefício da comunidade.

A paisagem, para Sabaté Bel (2015) como realidade continuamente evolutiva e dinâmica, não como mero suporte, constitui-se o valor básico de qualquer transformação. As paisagens culturais, a identidade e o patrimônio, na ordenação territorial podem ter papel relevante, pois constituem a expressão da memória e da identidade de uma região.

Para se estudar a paisagem cultural em Poços de Caldas, recorreremos a outras paisagens, como as demais cidades Balneárias do Sul de Minas Gerais (Lambari, Caxambú e São Lourenço), não pelo aspecto de trocas ou comunicação entre elas,

mas no sentido de estrutura da paisagem de águas e como em suas histórias haviam compartilhado a medicina ligada ao meio ambiente. No caso de Poços de Caldas, com a chegada do médico Dr. Pedro Sanches (1903), trazendo os conhecimentos científicos de sua formação no Rio de Janeiro, constituiu sua atuação nesse pequeno lugarejo e acabou operando a junção da vida sertanista existente com o saber erudito da época. A paisagem rural e a paisagem das águas começaram a se mesclar. Surge um modo de vida característico: as montanhas, as fontes, os gazebos, os edifícios termais, os balneários, os parques, as pontes, os jardins, os lagos que vão se repetir, como estrutura da paisagem, em grande parte nas cidades balneárias do sul de Minas.

Ainda que desfrute de um reconhecimento oficial, hoje, paisagem cultural constitui um termo pouco comum para um conceito relativamente opaco. A definição complexa da UNESCO (1992) a define como um novo instrumento de reconhecimento e proteção do patrimônio cultural de valor universal. E o fato de considerarmos a cidade desse ponto de vista, nos possibilitou um panorama amplo da evolução urbana, na sua produção ao longo do tempo e das tendências futuras. Exploramos o movimento, as continuidades, os valores de paisagem termal para Poços de Caldas, pois a junção dos aspectos ambientais com as economias e a memória dos lugares lhe atribuem uma singularidade que merece ser estudada.

Para Sabaté Bel (2017, p. 252), o conceito mais belo de “paisagem cultural é marca deixada pelo trabalho do homem sobre o território”, a exemplo do seu estudo sobre o patrimônio industrial e suas paisagens na região da Catalunha, na Espanha. É comum também adotar o termo paisagem cultural em um âmbito geográfico ou evento relacionado a uma atividade ou personagem histórico, com valores estéticos e culturais.

É o caso dos parques patrimoniais como estratégia de desenvolvimento econômico territorial das paisagens industriais de Lowell, Blackstone, Lackawanna e as arqueologias industriais na Inglaterra, França e Alemanha protegidas a partir de 1972. O processo comum nesses casos é o inventário dos recursos, a hierarquização e interpretação em função de determinada história e, finalmente, a construção de uma estrutura suporte mediante um trajeto que vincule centros de interesses a museus e serviços.

Quando desaparecem os vestígios de outros tempos, a memória coletiva enfraquece e, quando o patrimônio é compartilhado, as tradições culturais (formas locais de construção, costumes e festas, modos de produção, etc.), que cortam uma

determinada comunidade são, às vezes, mais importantes que seus monumentos. No caso dos itinerários propostos para o projeto do Rio Llobregat, no norte da Espanha, desenvolvido durante 20 anos por coordenação de Sabaté Bel, foi possível destacar três tipos de bens patrimoniais:

- **Elementos** ilhados, que são o testemunho de uma atividade;
- **Conjuntos** que conservam todos os componentes materiais e funcionais;
- **Paisagens**, onde se conservam todos os componentes essenciais dos processos de produção de uma ou várias atividades.

Notamos que os afetos individuais e afetos coletivos são decorrentes das experiências afetivas coletivas a partir das qualidades paisagísticas de um lugar. Muitas vezes, a história narrada tem como principais beneficiários os próprios residentes, estabelecendo um fino elo entre subjetividade e patrimônio. Assim, “Aqueles que dormiram sobre um potencial de recursos descobrem atônitos o valor de suas recordações. Cabe demarcar que as recordações são recursos culturais básicos.” (SABATÉ BEL, 2009, p.29).

Diante de um processo acelerado de transformação das cidades pelas tecnologias, e os consequentes impactos sobre a memória de seus habitantes, acreditamos ser fundamental contar as histórias dos lugares. Em alguns países, como a China, essa interface tecnológica na vida das pessoas levou-as também a consolidar o antigo, como no caso do programa histórico e turístico da Rota da Seda.

Para analisarmos, como termo de comparação, algumas cidades balneárias do Sul de Minas, consideramos como os elementos, os edifícios termais, as fontes, os hotéis históricos, elementos arquitetônicos e os modos como as águas minerais e termais foram sendo apropriadas e utilizadas, tanto pela medicina, como para a produção de lugares. Os conjuntos seriam os parques patrimoniais dos complexos hidrotermais e hoteleiros e as relações entre eles. A morfologia urbana das cidades balneárias, com suas sucessivas construções de paisagens culturais, até a atualidade, modela as formas de organização do lugar e também da presença de configurações do território nos seus aspectos geográficos e humanos. As paisagens sucessivas dos lugares descrevem a narrativa da memória das águas.

Não se deve apenas preservar a herança cultural. Devemos oferecer oportunidades de desenvolvimento aos quais se mesclam valores históricos e novos valores territoriais. Sabaté Bel propõe uma noção de preservação através da transformação, e observamos, através desse trabalho, o sentido que as paisagens

termais podem ter para os dias de hoje e futuros. No caso de Poços de Caldas, as transformações devem encontrar um termo que respeite o espírito do lugar relacionado ao terceiro paradigma que abordaremos dentro de uma visão de conquista do bem-estar.

1.4 Os lugares e as narrativas

Foi com o viajante Jean-Baptiste Debret, em relação às paisagens brasileiras entre os anos de 1816 e 1831, que se realizou um dos primeiros registros por ilustrações descritivas minuciosas sobre a fauna, a flora e a vida cotidiana do campo e da cidade, e das várias parcelas da população como as figuras dos negros, dos índios e dos brancos. A ele, seguiram-se outros viajantes, a maioria estrangeiros, que puderam ver e valorizar paisagens muitas vezes despercebidas aos olhos locais. Agregavam aos desenhos dos contornos naturais da geografia, os modos de ser das pessoas. Puderam também criar imagens e narrativas.

Faremos a seguir um esboço das escolas de Geografia que trabalharam com as imagens de paisagens em sua abordagem fenomenológica. Luchiari (2001) faz uma reflexão sobre a paisagem e as formas de representação apresentadas ao longo da história e das práticas sociais:

As paisagens construídas e valorizadas da sociedade revelam sua estrutura social e conformam lugares, regiões e territórios. A paisagem é a materialidade, mas é ela que permite à sociedade a concretude de suas representações simbólicas. Por conseguinte, as mudanças morfológicas na paisagem não são inócuas e não podem ser analisadas em aparto às práticas sociais. A produção de um novo contexto material altera a forma/paisagem e introduz novos objetos, funções, valores e intencionalidades. (LUCHIARI, 2001, p. 13-14).

Através das representações simbólicas, a paisagem vai ganhando concretude, tornando-se produto das práticas sociais e de seus valores socioculturais, mas também resultante do imaginário construído pela população do local. Dessa forma, a paisagem também se torna inspiração para novos valores simbólicos e novas práticas sociais.

A partir do desenvolvimento da Geografia no final do século XIX, e elencando o objeto de estudo – a paisagem – surge uma nova forma do olhar:

(...) para que exista a paisagem é necessário um ponto de vista e um espectador e é preciso um relato que dê sentido ao que se vê e ao que se

sente para melhor compreensão do mundo e das relações humanas nele inseridos. (CAPEL *apud* LUCENA, 2015, p. 25).

Vemos nisso o posicionamento do homem não apenas como observador, mas como parte integrante da paisagem que observa e estuda. (LUCENA, 2015, p. 25).

A natureza dual da palavra, oscilando ora para a objetividade do mundo externo (com sua materialidade, construção, vista e toque), ora para subjetividade (valores espirituais e simbólicos imbuídos nas construções e cuidado da terra) são complementares, como ressalta Luchiari (2001).

Como apresentamos anteriormente, com Carl Sauer, em 1925, a publicação do seu trabalho "*The morphology of Landscape*" deu origem à subárea autônoma da Geografia, a Geografia Cultural. Essa obra representou uma nova proposta de visão frente ao determinismo ambiental e geográfico. Sauer propôs "a paisagem como conceito central da geografia, conceito esse que, segundo ele, seria capaz de romper com as dualidades da disciplina (físico/humana e geral/regional) [...]" (RIBEIRO, 2007, p. 19) e teve como referências Schlüter e S. Passarge (1922), adotando os conceitos de paisagem natural e paisagem cultural. Percebemos que, ao utilizar a teoria da paisagem proposta por Passarge, Sauer recuperou o significado de compreensão dos espaços e suas disposições como ocorrem na fusão de elementos da paisagem. A expressão "morfologia da paisagem" seria o que nos permite chegar a uma tipologia de paisagem e à construção de modelos complexos. (CLAVAL *apud* LUCENA, 2015, p. 27).

Vivendo numa época influenciada pelo positivismo, Sauer, embora percebendo a dualidade do termo paisagem, limitou-se a estudar os aspectos visíveis, pois os demais aspectos, subjetivos e não-materiais, não foram estudados, provavelmente por falta de ferramentas teóricas capazes de mensurá-las. Para o autor, a Geografia Cultural desenvolveu-se a partir da necessidade de registro do comportamento e da interação do homem sobre a terra, pois, "o último agente que modifica a terra é o homem. O homem deve ser considerado um agente geomorfológico, já que vem alterando cada vez mais as condições de desnudação e de colmatação da superfície da terra, [...]" (SAUER, 1996 [1931], p. 3).

Baseado nas ideias dos alemães que há muito tempo defendem a transformação da paisagem natural em paisagem cultural, Sauer acreditava na necessidade de se desenvolver um método de trabalho no qual os conjuntos de formas culturais (as quais são influenciadas também pelos aspectos econômicos, haja

vista a necessidade dos recursos naturais para o desenvolvimento social), devem ser igualmente evidenciados tanto quanto as formas físicas.

Para Ribeiro (2007), esse posicionamento representava a visão positivista da ciência predominante ainda naquela época. O desenvolvimento da Geografia Cultural procede necessariamente da reconstrução das sucessivas culturas de uma área, começando pela cultura original e continuando até o presente” (SAUER, 1996 [1931], p. 5). A Geografia Cultural, desde sua origem, ocupou-se do estudo da paisagem e sua diversidade proveniente não só dos aspectos físico-ambientais, mas também dos aspectos materiais das culturas, vestuários, utensílios e técnicas agrícolas que as moldavam. Por isso, na concepção de Claval (1999b), a Geografia Cultural entra em crise entre os anos de 1950 e 1970, em função de três fatores:

1. Aceleração do progresso tecnológico, que homogeneizou os tipos de utensílios e equipamentos de trabalho; tornando os métodos de estudo da Geografia ineficazes, já que um dos aspectos estudados eram os tipos de utensílios criados;
2. A diversidade das atividades sociais, sobretudo nas cidades, de modo que se torna inviável fazer estudo de gêneros de vida;
3. A cultura ganha tal dimensão de estudo que não se pode mais negar seus aspectos imateriais, suas representações e simbolismos.

Percebemos que as transformações que acontecem na sociedade mundial, em escalas e ritmos diferenciados, acompanharam a evolução da ciência, sendo possível uma crítica ao positivismo, descobrindo-se que homens (grupos e sociedades) e lugares variam com o tempo, constituindo novas realidades. A diversidade das culturas apresenta-se cada vez menos fundamentada sobre seu conteúdo material. Ela está ligada à diversidade dos sistemas de representação e de valores que permitem às pessoas se afirmarem, se reconhecerem e constituírem coletividades (CLAVAL, 1999, p. 62).

Foi nos anos 60 que uma proposta mais subjetiva e sensível às transformações culturais pelas quais o mundo ocidental passava, representada por um grupo de geógrafos opostos às abordagens radicais da Geografia Quantitativa e da Geografia Crítica, iniciou um processo de recuperação do humanismo, ou seja, um pensamento mais antigo que o positivismo. Nos Estados Unidos, com os trabalhos de Lowenthal (1985 [1961]), Tuan (1975 [1971]), Buttner (1974) e, em seguida, de Relph (1976), deu-se origem, em 1976, a um movimento que ficou conhecido por Geografia

Humanística ou Humanista. Levando em conta o florescimento da fenomenologia no campo cultural, o humanismo se assentou na subjetividade, na capacidade de os sentimentos evocarem os lugares da memória profunda e, pelas experiências vividas e pelo simbolismo, serem capazes de manifestar nas linguagens e narrativas do indivíduo ou do grupo. Por permitirem a compreensão do comportamento das pessoas em relação aos seus lugares foi que se encontrou também presente nos estudos da Psicologia Ambiental neste período.

Temas como o ambiente, os ambientes restauradores, o apego ao lugar, as relações entre espaço e lugar, a identidade de lugar, a identidade social urbana, as perspectivas temporais são todos relacionados à percepção da díade pessoa-ambiente e ganham contornos da paisagem-ambiente como veremos em Augustin Berque, quando a fenomenologia se debruça sobre uma realidade que é perceptível aos sentidos, e propõe estudar os atos da consciência sobre o mundo vivido, em que o mundo exterior não é algo propriamente que está fora do pesquisador, mas resultado do que pode chamar, no campo psicanalítico, de introjeções e projeções da pessoa, conformando um olhar. Esses mecanismos do aparelho psíquico são extremamente elaborados, mas haveria, de modo inicial, a ideia de uma área transitória na qual a paisagem se manifesta, como nos escreve COLLOT em *Poética e filosofia da paisagem*:

A paisagem é um “espaço transicional”, no sentido em que o entende Winnicott, que encontra seu protótipo na área de jogo em que a criança aprende a trocar os dados de seu mundo interior com o mundo exterior. Sabe-se que esse espaço e essa troca são, para o psicanalista, as condições de surgimento da criatividade. (COLLOT, 2013, p. 28).

O geógrafo João Baptista Ferreira de Mello definiu a Geografia Humanística ou Humanista, como alguns geógrafos preferem, como sendo uma tendência que “procura interpretar a multiplicidade dos acontecimentos do mundo vivido e cotidiano, explorando os valores e sentimentos humanos”. Nessa linha, temos projetos em São Paulo (Mapa dos Afetos), Rio de Janeiro (Manifestos Urbanos), Fortaleza (Rastros Urbanos) de pesquisas no campo da cidade dos afetos ou afetos urbanos mapeados numa cartografia sentimental das cidades. Desse modo, os estudos sobre vizinhança, o medo (topofobia), a agradabilidade (topofilia), o pertencimento aos espaços e lugares, enfim, as experiências quotidianas vão adquirir um destaque na produção geográfica sobre o espaço vivido (MELLO, 2011, p. 11).

Vemos em Certeau (2012):

A cidade é, no sentido forte, “poetizada” pelo sujeito: este a re-fabricou para seu uso próprio desmontando as correntes do aparelho urbano; ele impõe à ordem externa da cidade a sua lei de consumo do espaço. Nestas condições se acham reunidos fortalecimento do exercício do conhecimento dos lugares, trajetos cotidianos, relações de vizinhança (política), relação com os comerciantes (economia), sentimentos difusos de estar no próprio território (etologia), tudo isso como indícios. Então, o espaço urbano, como uma paisagem se torna não somente um objeto de um conhecimento, mas o lugar de um reconhecimento. (CERTEAU *apud* KAMMSETSER e PALOMBINI, 2017, p. 284).

Segundo Mello (1990), foi com Yi-fu Tuan que a palavra humanística apareceu pela primeira vez na Geografia, em 1967, trazendo como suporte a fenomenologia, por vezes existencial, e com um enfoque bastante particular da paisagem – a partir dos valores, das crenças, do gosto e das preferências, da visão de mundo, termos que substituem o conceito de cultura. Para o humanismo “a paisagem é introjetada no sistema de valores humanos, definindo relacionamentos complexos entre as atitudes e a percepção sobre o meio” (RIBEIRO *apud* LUCENA, 2015, p. 31).

Mais tarde, nos Estados Unidos (anos 80 e 90), essa proposta de análise também foi estudada por um grupo que denominou tal objeto de estudo de “paisagens pós-modernas”. Encontramos com a obra de ZUKIN (1996) uma reorganização da paisagem como vemos: consumo visual do tempo e do espaço, que está na mesma lógica abstraída da produção industrial, obrigando a uma dissolução das identidades espaciais tradicionais em outras bases. Assim, a partir da década de 1980, um grupo de geógrafos bastante influenciados pela Geografia Humanista, buscam fazer uma releitura da Escola de Berkeley, resgatando e renovando o trabalho de Sauer e acabam desenvolvendo a “Nova Geografia Cultural”, dedicada ao estudo da simbologia da paisagem.

Fazendo uma crítica precursora à escola proposta por Sauer, Duncan (2004) torna-se um dos integrantes dessa nova corrente e, em 1990, publicou sua obra “*The City as a Text*”, na qual defendia a ideia de que a paisagem é subjetiva e que cada grupo a interpreta de uma forma diferente segundo seus próprios conjuntos de símbolos. É o fim da ideia de cidade como um projeto, propondo que ler o espaço podia significar um percurso, um esquema ou um mapa. Podem ser reconhecidos esses novos olhares em busca de lugares, pessoas e lembranças. O autor explica que “para compreender a natureza relacional do mundo precisamos ‘completá-lo’ com muito do que é invisível para ler os subtextos que estão por baixo do texto visível”, abrindo para a noção de intertextualidade. O significado desses textos e subtextos

muda com o tempo e com a mudança de perspectiva do intérprete (DUNCAN, 2004, p. 100).

Quando Duncan escreve sobre a paisagem, destaca que os sentidos atribuídos à paisagem são passíveis de serem vivenciados de formas diferentes pelos grupos sociais. O método proposto utiliza-se de entrevistas, explicações do senso comum, observações e anotações, formando um sistema de signos, os quais podem ser lidos por aqueles que vivenciam o lugar. Essas leituras são dotadas de crenças, valores e a síntese delas permite compreender como se produz e com que interesses são constituídas as paisagens. (DUNCAN, 2004).

Em Claval encontramos a proposta de uma paisagem cultural que conversa com o sentido de contatos por círculos de intersubjetividade, sendo que a comunicação deve ter uma base física e uma simbólica ou mesmo valores encadeados, portanto compartilhados num espaço psicológico. Seria necessário olhar a paisagem não com o olhar do geógrafo, mas com o olhar dos olhares dos outros (NABOSNY, 2011, p.33). À luz das sensibilidades tofólicas e tofóbicas, a experiência, a percepção e a interpretação ambiental vão criar paisagens vividas e paisagens simbólicas.

Denis Cosgrove é outro geógrafo que também participa da linha da Geografia Cultural, de abordagem marxista, cujos trabalhos ganharam destaque internacional. Para LUCENA (2015, p.33), diferentemente de Duncan, ele propõe o estudo da simbologia da paisagem mediante abordagem do materialismo histórico-dialético, definindo dois tipos estruturadores de paisagem geográfica: a primeira, denominada de “paisagem da cultura dominante”, paisagem esta relacionada ao poder que uma cultura tem sobre o espaço e controle dos meios de vida que podem ser a própria terra, ou o capital, as matérias primas e a força de trabalho, produzindo uma imagem que é “aceita como reflexo verdadeiro da realidade de todos” (COSGROVE, 1998b [1989], p. 111). O segundo tipo é denominado “paisagens alternativas”, subdivididas ainda em paisagens residuais, emergentes e excluídas, menos visíveis que as paisagens dominantes. Paisagem do consumo, paisagem como “modo de ver” são termos criados por Cosgrove, relacionados aos significados para este objeto que está em toda a parte, dos quais somos atores.

Ao mesmo tempo, Cosgrove era um herdeiro dos conhecimentos da escola de Warburg, e tinha nas imagens, enquanto representações iconográficas, cartográficas, por meio de pinturas, fotografias e imagens de satélite, a consideração de hipertextos,

fazendo da paisagem cultural, verdadeira e rica fonte de pesquisa e reflexão. Esse interesse manifestou-se com os estudos sobre a Inglaterra, efetivou-se com os estudos sobre Veneza renascentista e ampliou-se na Califórnia. Acreditamos ser interessante destacar que as imagens são para Cosgrove textos a serem decodificados e não formas que transmitem mensagens direta e imediatamente apreensíveis, e muito fez para desconstruir os mapas, ampliando seu sentido, para incluir tudo aquilo que é lembrado, imaginado e contemplado, seja material ou imaterial, real ou desejado, vivenciado ou projetado. Ampliou o escopo da geografia cultural ao construir “mapas de significados”. Assim, as imagens são construídas pelo geógrafo que, a partir de sua visão de mundo, para a qual a imaginação desempenha papel crucial, constrói representações sobre um dado aspecto da realidade.

Dentre outros geógrafos contemporâneos que trabalham com os temas paisagem e cultura associados, encontra-se Giuliana Andreotti. Em um de seus trabalhos, a pesquisadora parte da compreensão de Nietzsche, um dos seus referenciais teóricos, no qual analisa a existência de uma relação exterior e interior. A paisagem não poderia ser, assim, separada do homem, do seu espírito, da sua imaginação e percepção. O homem inventou-a para falar de si mesmo através da imagem. “Somos nós mesmos na nossa paisagem”:

E isso porque nós modificamos o ambiente com todos os seus elementos naturais através das nossas atividades materiais, das necessidades políticas, das instâncias econômicas, dos ordenamentos jurídicos, mas sobretudo depositamos a nossa cultura e a nossa concepção de mundo (Weltanschauung), o nosso modo de pensar e viver, as nossas crenças religiosas, a nossa pulsão espiritual, os nossos símbolos e valores. Todos esses elementos constituem uma ética que, com o filtro do tempo, se torna uma estética⁸.

Assim, Andreotti (1996) demonstra uma grande sensibilidade estética para revelar os valores da paisagem impregnada do espírito que as culturas atribuíram aos lugares, e utiliza diferentes leituras para apreender os inúmeros aspectos da paisagem, como a leitura físico-naturalista, funcional, arqueológica, heterotópica, estética, ética e tecnocientífica. O texto geográfico ganha sentido e potencial expressivo por meio do testemunho poético, literário, filosófico, artístico e figurativo. A autora desenvolve um conceito diferenciado de paisagem, que ela denomina de “paisagem espiritual” e compara-a a uma obra de arte: a paisagem é alma, é psique, é uma construção humana que provem de longa data, da integração de almas para

⁸ANDREOTTI, G. **O Senso Ético e Estético da Paisagem**. RA'E GA 24 (2012), p. 06
www.geografia.ufpr.br/raega/ Curitiba, Departamento de Geografia – UFPR

almas; é um diálogo entre o passado e o presente e entre a natureza e o espírito: “A paisagem cultural, espiritual, é, portanto, tudo que está dentro de nós: é uma emoção, um estado de espírito”, a paisagem é “a encenação da alma”. (ANDREOTTI *apud* FURLANETTO e KOZEL, 2014, p. 228).

Fruto do percurso teórico desenvolvido pela autora e da influência e contribuição de Herbert Lehmann, a obra “Paisagens Culturais” (2013), aponta que os pesquisadores alemães, geógrafos e filósofos, começando por Humboldt, já haviam percebido que a Psicologia era o meio para compreensão da observação e da descrição que o homem faz em suas mais variadas atividades, propondo relações as quais ele denomina de “aparência visual integrada”. (LEHMANN, 1996 *apud* ANDREOTTI, 2013, p. 21).

É importante ressaltar também os trabalhos do geógrafo francês Augustin Berque, pois, de acordo com Holzer (2004), este pesquisador oferece grande contribuição para o entendimento da simbologia da paisagem.

Numa de suas obras iniciais, *Du geste à la cité: formes urbaines et lien social au Japon* (1993), Berque nos fala da estruturação das cidades na cultura japonesa a partir do gesto de cada pessoa poder tocar a água. Não se projeta cidades com finalidades econômicas, mas se organiza a paisagem a partir de algo espontâneo e que faz parte da identidade local. Para o autor, haveria cinco níveis de relação do homem com o meio:

1. Nível cosmológico: Correspondente à estruturação geral do universo e onde a ordem humana é submetida a uma ordem mais geral.
2. Nível filogenético: A partir de dados biológicos e etológicos.
3. Nível das sinestésias inconscientes: se refere ao inconsciente individual e o coletivo, ao imaginário e percepção cotidiana;
4. Nível da representação consciente: remete à questão do sentido do meio;
5. Nível de interpretação racional: que se refere às mudanças de paradigmas a partir da verificação experimental.

O estudo da paisagem não é uma “morfologia do ambiente” ou uma “psicologia da percepção”. A paisagem reside na interação e mediação entre objeto e sujeito, assim, é ao mesmo tempo matriz e marco: Paisagem Matriz, na medida em que são as estruturas e formas de concepção e ação da paisagem, contribuindo para o sentido de permanência de usos e significações entre as gerações; Paisagem Marco, na medida em que cada grupo grava em seu espaço os sinais e símbolos de sua

atividade, que exprimem uma civilização (BERQUE, 1984 *apud* HOLZER, 2004). Para Berque, a paisagem é um terceiro termo mediador entre o homem e o meio, e ela se constitui como aspecto do produto fundamental que institui o sujeito enquanto tal, em seu meio enquanto tal. (BERQUE, 1985, p.100).

Por fim, na abordagem da Geografia Humanista, fenomenológica, a percepção torna-se o modo principal para compreender a paisagem. Os aspectos subjetivos e objetivos são elementos da paisagem; o percebido e vivido pelo observador, cujas análises percorrem paisagens sonoras, dos odores, paisagens do medo, espirituais, sendo consideradas estas interpretações como forma de compreensão do próprio homem. Cabe assim definir que o estudo da paisagem discutido pela Geografia e por diversas áreas como Arqueologia, História, Artes, Direito, teria fundamental importância para o Urbanismo, uma vez que vem sendo associado a diversos assuntos e áreas (ecologia da paisagem, paisagismo, pinturas paisagísticas, legislação de direito à paisagem, etc.). No caso específico desta pesquisa, propõe-se destacar também alguns estudos que foram realizados sobre a paisagem relacionada ao tema patrimônio cultural.

1.5 Aspectos Fenomenológicos da construção do lugar

Depois de realizarmos um panorama sobre as abordagens que a noção de paisagem cultural apresentou ao longo do século XX, queremos iniciar aqui, uma reflexão acerca da noção de lugar na fenomenologia e o modo como este estudo foi aplicado no contexto da paisagem em Poços de Caldas. Fomos percebendo que a noção de lugar é fundamental para reconhecermos os vínculos afetivos construídos com a cidade, e que, de certo modo, nos abre ao entendimento da participação da subjetividade, através da contribuição da psicologia e da psicanálise, na constituição do que chamaremos um modo de ser “sulfuroso” dos seus habitantes, tecendo assim, uma “paisagem interior” em que a cidade aparece como elemento transicional, ao mesmo tempo objetivo e subjetivo, alimentando a vida psíquica das pessoas.

A partir da reflexão de Luiz Augusto dos Reis-Alves (2007), sobre o pensamento de Norberg-Schulz (1926-2000), podemos afirmar que o lugar é mais do que uma localização geográfica, ou seja, mais do que um simples espaço. “O lugar é a concreta manifestação do habitar humano” (REIS-ALVES, 2007, s/p). Assim o mundo, como lugar, é constituído por elementos que transmitem e perpassam

significados para os indivíduos e acrescentamos aqui, também para as suas gerações. Diante da incompletude de uma definição sobre o que é o lugar, Schulz o busca novamente na filosofia, mais precisamente no filósofo Martin Heidegger. Entendemos que o homem, para ser capaz de habitar sobre a terra deve tomar consciência que habita entre dois mundos dicotômicos, o céu e a terra, “sobre a terra já significa sob o céu”, diz Heidegger. Por isso, cabe ao homem não somente compreendê-los separadamente, mas, sobretudo, entender a relação existente entre eles. O “entre” é a condição de existência que tece os caminhos entre objetividade e a metafísica.

Por esse viés, na experiência da constituição de um lugar, caso perguntemos à cidade de Poços de Caldas, com o fenômeno originário das águas e sua geografia, esta traz o habitar que está subjacente na fenomenologia das águas, do poder de cura. Com o passar dos anos e advento de invenções médicas, hoje os tratamentos não se fazem mais pelas águas. Mas a simbologia de lugar de cura ainda persiste no meio, na memória, e no inconsciente deste lugar menos tangível.

Terra é o detentor servente, florido e frutífero, dispersando-se em rocha e água, erguendo-se em planta e animal [...]. O céu é o caminho abobadado do Sol, o curso das mudanças lunares, o brilho das estrelas, as estações sazonais, a luz e o crepúsculo do dia, a escuridão e o brilho da noite, a bonança e a não-bonança do clima, as nuvens flutuantes e o azul profundo do éter⁹.

A terra e o céu também são outro modo de dizer da relação do habitante entre os mortais e o divino. O homem, ao habitar entre esses dois mundos completamente opostos, o primeiro tangível e acessível, o segundo não-tangível e inacessível, vai construindo uma paisagem interior, com a qual se identifica. Mas, para Norberg-Schulz, o habitar significa muito mais do que o abrigo, habitar é sinônimo do que ele chama de suporte existencial. O suporte existencial (que segundo o autor seria o objetivo da arquitetura) é conferido ao homem através da relação entre este e o seu meio através da percepção e do simbolismo conforme abordado na obra *Genius Loci: Sobre a Fenomenologia da Arquitetura*.

Assim, fazendo a leitura de Norberg-Schulz, introduzimos neste trabalho o conceito de espaço existencial, que “não é um termo lógico-matemático, mas compreende as relações básicas entre o homem e o seu meio” (REIS-ALVES, 2007, s/p.). Ele resgata o conceito de *Genius Loci* que seria dividido em dois elementos

⁹ NORBERG-SCHULZ, C. **Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture**. New York: Rizzoli, 1991, p.6.

complementares: o espaço (ou seja, a terra) e o caráter (ou seja, o céu), relacionando, respectivamente, com a orientação e a identificação. Somente através desses dois elementos é que o homem terá o seu “suporte existencial”. O Caos se transforma em Cosmos quando o seu lugar sobre a terra é construído. Assim, adotando as palavras de Norberg-Schulz *apud* Reis-Alves, (2007, s/p.) “O modo no qual você está e eu estou, o modo no qual nós humanos estamos sobre a terra, é habitar”.

Há uma paisagem subjetiva que a palavra ‘habitar’ indica, e tece a relação total homem-meio. Quando o homem habita, e constrói sua morada, ele está simultaneamente locado no espaço e exposto a um certo caráter ambiental. As duas funções psicológicas envolvidas podem ser chamadas “orientação” e “identificação”. “Para ganhar o suporte existencial o homem tem que ser capaz de orientar-se; ele tem que saber onde ele está. Mas também este homem tem que identificar-se com o meio, isto é, ele está num certo lugar” (NORBERG-SCHULZ *apud* REIS-ALVES, 2007, s/p.).

É nesse contexto que entendemos, neste trabalho, a paisagem como horizonte em que céu e terra se encontram, e desse contato surge a capacidade poética do homem organizar-se em seu habitar. O habitar se expressa pela pergunta fenomenológica que se faz ao meio.

Desse modo, a questão fenomenológica subjacente à pesquisa é expressa nos termos: **Por que as pessoas escolhem ou decidem viver num lugar que é uma cratera com água quente dentro?**

O espaço (terra), nessa estruturação, é o elemento mais estável, embora algumas de suas propriedades sejam suscetíveis às mudanças no decorrer do ano. O caráter (céu), o mais instável, é uma função do tempo, mudando com as estações sazonais, com o curso temporal diário e do clima. Todos esses modos são analisados segundo a percepção e o simbolismo.

Na análise do elemento espaço (terra), Norberg-Schulz *apud* Reis-Alves (2007, s/p.), o observa através de suas características morfológicas, tais como: elementos constituintes (descrição e caracterização); relação interior x exterior (relação entre o lugar e o seu entorno); extensão (topografia); limites (fechamentos horizontais e os verticais, forma e volume do espaço); escala/proporção (macro, média, micro); direções (orientação solar, sentidos horizontal e vertical) e ritmo (tempo, caminhos, centro e domínio).

Do ponto de vista objetivo o elemento caráter (céu) é analisado basicamente pelo autor por dois aspectos: (a) constituição qualitativa (qualidade da luz, da cor e

classificação) e (b) constituição quantitativa (quantidade da luz) (REIS-ALVES, 2007, s/p).

Essas descrições são observáveis nas imagens dos cartões postais de Poços de Caldas, nos relatos dos viajantes e dos curistas que vivenciaram a cidade em outras épocas.

Porém, em seu discurso acerca do elemento caráter (céu), é possível identificar características pertencentes não somente ao céu, propriamente dito, mas também à caracterização climática do ambiente. O clima frio da estância balneária estudada e presença da neblina são elementos que a faziam comparável às cidades alpinas europeias, sendo chamada nos anos 1920 e 1930 de “A suíça brasileira”. Ao comparar a descrição de dois ambientes distintos com o propósito de apontar diferenças quanto ao *genius loci* de cada um, é possível destacar alguns fatores e elementos climáticos que compõem o lugar.

No caso específico desta pesquisa, pretendemos desenvolver aqui a relação vertical entre o campo das águas e rochas existentes na paisagem do local, com as características atmosféricas da cidade, metaforicamente simbolizando o eixo vertical, no qual se encontravam os aspectos concretos do cuidado, refletidos no ambiente urbano de Poços de Caldas, como lugar de cura, representando a ligação céu e terra.

As imagens que analisaremos ao longo deste texto, produzidas pelas narrativas dos cartões postais como fonte primária de pesquisa, tornam-se a cidade-linguagem que as pessoas *habitam*, trocam, enviam para outras pessoas, colecionam, como se um pequeno pedaço de papel pudesse condensar aquilo que Heidegger designa como “habitar poeticamente”. Nestas imagens, a cidade se deixa ver, como desvendamento, e, portanto, são lugares que devem ser preservados. A palavra alemã para memória¹⁰, *Gedächtnis* significa “o que foi pensado”, que assinala o sentido grego na noção da relação entre memória e poesia. Seguindo a mitologia, Norberg-Schulz em *O pensamento de Heidegger sobre arquitetura* (1983) comenta:

Para eles [os gregos] a deusa da memória, Mnemosine, ela mesma, era mãe das Musas e Zeus o pai. Zeus precisou da memória para gerar a arte: Mnemosine, ela mesma, era filha da terra e do céu, o que sugere que as lembranças que dão origem à arte representam nosso modo de entender as relações entre terra e céu. Nem a terra nem o céu produzem sozinhos uma obra de arte. Sendo uma deusa, Mnemosine é simultaneamente humana e divina, e suas filhas são frutos de um mundo completo: terra, céu, seres humanos e seres divinos. Portanto, a imagem poética é verdadeiramente

¹⁰ Considerações a partir do texto **O pensamento de Heidegger sobre arquitetura**, de Christian Norberg-Schulz de 1983.

integral, e radicalmente diferente das categorias analíticas da lógica e da ciência (NORBERG-SCHULZ, 2006, p. 463).

Entendemos que a paisagem cultural é uma espécie de obra de arte. Heidegger afirma que: “as construções colocam a terra, ou seja, a paisagem habitada, perto do homem e ao mesmo tempo colocam sob a vastidão do céu a dimensão de vizinhança.”¹¹

A paisagem habitada é uma paisagem conhecida. Mas o que é uma paisagem? Norberg-Schulz escreve que uma paisagem é um espaço onde tem lugar a vida humana. Por isso, não é um espaço isomorfo, matemático, mas um “espaço vivido” entre terra e céu. Um espaço vivido costuma ser chamado de *lugar* e a arquitetura pode ser definida como *produção de lugares*.

1.6 A paisagem interior

Em todo caso, é elusivo, fugidio: isto porque, especificamente, a paisagem não pode ser separada do homem, do seu espírito, da sua imaginação e percepção. O homem inventou-a para falar de si mesmo através da imagem. Somos nós mesmos na nossa paisagem (ANDREOTTI, 2012, p.6).

Para iniciar, a identificação do sujeito com a paisagem é explicitada pela relação cognitiva, na qual a construção da memória do lugar é representada pelas atividades cotidianas em que se produz formas de espaço culturalmente construídas. Cada indivíduo apreende o entorno, utilizando diversos registros de atividade cognitiva, construindo uma relação paisagem-memória que se manifesta em recortes territoriais. Nesse momento, o espaço torna-se lugar, é recortado afetivamente. Essa seria uma maneira de ver do exterior para o interior. Ou seja, aspectos do ambiente que são introjetados pelo indivíduo. No último capítulo desta tese, apresentaremos um estudo da constituição de uma especificidade poços-caldense, que é uma paisagem interior do habitante, ao que denominamos de “lugar sulfuroso”.

Para Bourdin *apud* Costa (2008, p 152), “o sentido de pertença é resultado do conjunto de recortes que especificam a posição de um ator social e a inserção de seu grupo de pertença a um lugar”. Tecer a paisagem cultural de Poços de Caldas significa trazer à tona as várias camadas de significação subjacentes nos lugares. Portanto, uma confluência da história na geografia da cidade intrincada pela subjetividade de

¹¹ HEIDEGGER, M. **Construir, Habitar, Pensar**. [Bauen, Wohnen, Denken] (1951) conferência pronunciada por ocasião da "Segunda Reunião de Darmstadt", publicada em *Vorträge und Aufsätze*, G. Neske, Pfullingen, 1954.

seus habitantes. Assim, a identidade que o indivíduo mantém com o lugar é articulada por uma relação de proximidade imediata e aí ele se define, construindo-se através dos conhecimentos de seu entorno imediato. Portanto, essa experiência cognitiva do indivíduo nos é apresentada pelo autor a partir de três ideias:

- a) o entorno imediato, que é ao mesmo tempo material e social, dando ao indivíduo o sentido de pertença;
- b) o conhecimento que dele temos se exprime e se organiza na representação do território;
- c) a definição do indivíduo através da apreensão do entorno imediato. Quando invocamos a questão do patrimônio, associamos imediatamente à memória. (BOURDIN, 2001).

O que está subjacente a esse lugar, na verdade, é a teia simbólica, cuja materialidade traz também o imaterial na relação entre o indivíduo e a paisagem, mostrando-se visível, algo do invisível, um gesto que significa um valor. O símbolo presente na paisagem pode também ser definido como um elemento mediador entre os diferentes registros da experiência e a comunicação humana.

Enquanto marca espacial, a paisagem estabelece uma conexão entre o mundo conhecido e o imaginado, e a atividade humana se converte em um complexo de significados, manifestos em uma realidade geográfica que é representada através de suas categorias paisagem e lugar: suportes privilegiados do processo de simbolização, da conversão em símbolos dos elementos concretos presentes no cotidiano. Isso significa não somente a memória objetiva da história, mas a busca de uma abordagem afetiva, em que o vínculo social com o lugar é um processo de construção da memória de cada um de nós.

Nestas palavras de Andreotti (2012) é possível perceber, a paisagem cultural não é a paisagem genérica que é dada pelos contingentes, é provisória, é ajustada, é cotidiana e objetiva. A paisagem cultural, ao contrário, continua em desenvolvimento e transformação: vem da Antiguidade enriquecendo-se a cada século, integrando-se de espírito em espírito, modelando-se segundo as ideias, os sentidos, as expectativas dos povos que a construíram. A arquitetura, nesse sentido, celebra um *unicum*, o momento sagrado, entendida como encontro e exaltação da ética e da estética, como descendência e como fio condutor de uma civilização inteira. Detém potencial e amostra expressivos que permitem aprofundar-se nos infinitos motivos, nas causas ou nas forças que têm gerado as paisagens (ANDREOTTI, 2012, p. 8).

Numa psicanálise profunda dos estados primordiais da natureza humana, gostaríamos de propor uma leitura da paisagem como uma incorporação do mundo, momento de “encontro” entre a dimensão interna e a externa, fundada na perspectiva do psicanalista Donald Winnicott: um lugar de ser. Essa abordagem vem em consonância com a leitura heideggeriana, presente na percepção da natureza humana pelo autor.

Juhani Pallasmaa, em seu artigo *A geometria do sentimento: um olhar sobre a fenomenologia da arquitetura* (1986) nos fala sobre o *eidós* da arquitetura:

Uma das mais importantes “matérias-primas” da análise fenomenológica da arquitetura é a memória da primeira infância. Estamos habituados a pensar que as lembranças de infância são produtos da consciência ingênua e da capacidade de memorização imprecisa da criança, algo muito interessante, mas de tão pouco valor quanto nossos sonhos. Mas essas duas ideias preconcebidas são erradas.

As experiências dos espaços e lugares da arquitetura e da cidade são de fato lembranças que conservam por toda a vida da pessoa a sua identificabilidade pessoal e vigor emocional. São o suporte existencial do ambiente.

Nesse sentido, a fenomenologia significa examinar um fenômeno da consciência em sua própria dimensão de consciência, ou seja, “um puro olhar” para o fenômeno, sendo uma abordagem puramente teórica. Imaginamos que cada cidade tem sua essência, e Poços de Caldas nos apresenta um contexto particular para a análise fenomenológica, em que procuramos resgatar a expressão de *teoria* no sentido originário de “olhar, contemplar”; olhar e contemplar a arquitetura naquilo que a paisagem da cidade resgata: a consciência da vivência e quem vivencia, buscando a linguagem interna de construção, recriando sua dimensão de sentimento.

Precisamos resgatar, antes de tudo, a valiosa contribuição de Sigmund Freud para a psicanálise, que teria sido a descoberta do inconsciente. Em *Notas introdutórias à psicanálise*, o autor esclarece que a psicanálise como “psicologia profunda” ou “psicologia do inconsciente” é um ramo da psicologia que traduz uma visão científica do mundo como todas as outras ciências, sendo sua formulação da metapsicologia ainda psicológica, mentalista e biológica (LOPARIC, 1999, p. 93).

Para Freud, a existência do inconsciente seria uma tentativa de dar conta das lacunas na consciência, como aparece em seu texto *O inconsciente* (1915), defendendo que os atos dos seres humanos doentes e sadios pressupõem, para sua explicação, outros atos que fogem à manifestação na consciência. Acrescenta mais

tarde, que a psicologia da consciência é incapaz de resolver os problemas do sonho e da hipnose.

Para Freud, em *Novas conferências introdutórias à psicanálise* (1933), a teoria psicanalítica seria, assim, edificada sobre a percepção da resistência que nos oferece a pessoa, quando da tentativa de tornar consciente o inconsciente. Freud, observando os fatos clínicos, atribui a doutrina da resistência e da repressão do inconsciente como fatores relacionados à significação etiológica da vida sexual e da importância das vivências infantis. Para ele, o desfecho é ponto central em torno do qual se organizariam a sexualidade sadia, a subjetividade e as relações sociais, caracterizada pelo complexo de Édipo. “Assim, podemos tratar a psicanálise de Freud como uma psicologia empírica que abrange na sua forma mais desenvolvida, além da teoria das neuroses, um estudo da sexualidade em geral, da constituição do sujeito e da ordem social e cultural” (LOPARIC, 1999, p.97), e este conjunto de fenômenos mentais, conscientes e inconscientes, de uma pessoa ou grupo de indivíduos são produzidos por uma *psique*¹².

Na constituição primitiva do processo de hominização, o mundo material era repleto de desafios a serem vencidos, e o mundo onírico nos períodos de repouso se alternava e integrava. Para G. Jung (2008), as imagens visualizadas durante a vigília se transformavam e reapareciam em seus sonhos, definindo um “*self*”, originando as primeiras representações psicológicas dos indivíduos. As operações mentais individuais, direcionadas pela *anima* e pelo *animus* serão compartilhadas e produzirão representações, definindo o papel que cada indivíduo assumirá nos grupos humanos iniciais. Esses processos de alta complexidade contribuirão, no decorrer do tempo, para o aumento da encefalização, que se associa ao processo de hominização. Para Freud, este tempo também corresponderia ao desenvolvimento do aparelho psíquico.

O jogo de imagens diurnas e oníricas originaram representações individuais e coletivas, que se projetarão nas relações dos homens com seus semelhantes e com o mundo visível que o envolve, produzindo uma interpretação para o mundo não visível¹³.

¹² Aqui apresento o desenvolvimento desta desconstrução da noção de inconsciente, baseada na obra de LOPARIC, Z. **Além do inconsciente:** sobre a desconstrução heideggeriana da psicanálise, 1999, p. 96-101.

¹³ ABREU, A. A. Significados Semânticos da Paisagem: paisagário, paisageria, paisagelogia. São Paulo: **Revista do Departamento de Geografia** - USP, V. 33, 2017, p 144-156.

A partir da teoria freudiana, a arquiteta Lúcia Leitão Santos faz uma investigação sobre os processos inconscientes na arquitetura da cidade em *Movimentos desejantes da cidade* (1998). Se a cultura está no cerne da teoria psicanalítica, uma vez que a constituição psíquica do ser humano se dá a partir da percepção do outro e este *outro* como parte constituinte da cultura, a paisagem cultural edificada seria aquilo que vai se constituindo, justamente, como a transmissão geracional do inconsciente através da memória filogenética da nossa espécie humana. Não é possível pensar a dimensão humana do social sem considerar a natureza inconsciente do ser humano. Freud defendia que a psicanálise se aplicaria a qualquer produto da imaginação criadora, o que não correspondia à prática psicanalítica do encontro nos consultórios.

Vivendo em plena época da Revolução Industrial e das profundas transformações que a cidade passava no início do século XX, Freud estabeleceu a escuta de seus pacientes, que foram apresentando como neuroses as formas como se resolviam individualmente os conflitos internos decorrentes das instituições estabelecidas e, ao mesmo tempo, apresentou como cenário possível de discutir e entender a *crise da cidade* expressa basicamente na perda da escala humana vivenciada na aldeia. Para este estudioso, a pessoa passou a ser inserida numa rede de relações plena de significados e na transformação do sentido de cidade, que até então trazia implicitamente e explicitamente a ideia de refúgio e segurança, tanto física, quanto simbólica e existencial. A lógica industrial impôs profundas rupturas ao indivíduo, sem dar o tempo existencial necessário para que este pudesse entender e refletir sobre os novos modelos de viver. Como aponta a autora, “a cidade e nela a casa, deixava de ser, em pouco mais de duzentos anos, abrigo, lar, referência ao útero, para se transformar num *lugar em que se vai para dormir*. É muito, para tão pouco tempo”! (SANTOS, 1998, p.71).

Essa imagem ancestral da aldeia retoma o período a que Lewis Mumford (1965) refere-se à “era da mulher” no período neolítico como ao período dos recipientes. Em oposição à contribuição masculina dos utensílios paleotíticos destinados a lascar, entalhar e furar, a contribuição feminina seria mais para a criação de tigelas, jarros, tinas. Este é o momento em que aparecem os celeiros, a casa e a aldeia. E a associação com o útero é quase inevitável, e a mulher produz, para si e para os demais que estão aos seus cuidados, objetos que abrigam, que guardam e que tem a função de proteção, assim como faz com o próprio corpo. Mumford escreve ainda que

as palavras mãe e lar que são usadas como sinônimas e identificáveis nas casas e sepulturas aparecem escritas em todas as fases da agricultura neolítica.

Mesmo no período anterior, no paleolítico, Gombrich (2013) já mencionava que a arte rupestre se fazia no interior das cavernas, no interior da terra: uma imagem uterina de proteção e acolhimento. Assim, na teoria psicanalítica, o fenômeno do inconsciente, representado por este lugar continente de imagens e símbolos, tem papel fundamental para a estruturação da psique humana. Freud afirmava que a casa era um *sucedâneo do ventre materno* (FREUD, 1929-30, p. 3034) e também que a figura da mãe, estaria representada por três formas na vida de um homem: a mãe, a esposa e a mãe-terra. E, nessa extensão, Santos relaciona a mãe-vida ao útero, a mãe-lar à casa e a mãe-terra à cidade. O útero como imagem do nascimento e a mãe-terra ao túmulo, para o qual todos retornarão.

Habitar e ser tornam-se inseparáveis, e a casa e a cidade não são somente espaços de abrigo, mas espaços de existência fundamentais. Na psicanálise chama-se a esse processo de *identificação*. Na linha freudiana, Lacan¹⁴ nomeou esse processo de *identificação imaginária*, ou seja quando uma criança reconhece o eu através da sua imagem no espelho, e esse acontecimento será um processo sucessivo de imagens percebidas, constituindo-se num eu-imaginário. Nesse sentido, o mundo externo será fundamentalmente composto de imagens e não de coisas ou seres.

Assim, a paisagem interior será composta de um longo processo de sobreposições de signos e imagens, cuja intimidade se estabelece pelo processo de identificação e cuja riqueza da relação entre o sujeito humano e seu espaço repercutem tanto na constituição do sujeito psíquico quanto na constituição do espaço físico.

A paisagem cultural, desse modo, nada mais é que a ampliação da escala de identificação para o coletivo, cuja produção espacial se dá através dos simbolismos de uma coletividade, na maneira de cuidar da terra e habitar o mundo.

¹⁴ LACAN, J. 1962. Lacan se dedicou neste ano à questão da identificação no seu seminário “A identificação” (Livro IX). Distingue três tipos de identificações, inspiradas em Freud, apesar de sofrerem modificações: identificação por “incorporação” com o Outro; identificação por regressão, a um traço unário, tomando o Outro do desejo considerado como objeto, e a identificação imaginária, histórica, do desejo do Outro, marca de um desejo insatisfeito.

Para Freud (1921)¹⁵, a identificação é um conceito básico na psicanálise. Consiste num processo inconsciente através do qual um sujeito, assimila e incorpora os traços fundamentais de outro sujeito, tornando-os próprios. Essa apropriação permitirá a alguém desejar reconhecer a si mesmo e ao outro – objeto de seu desejo, dentro dos limites impostos pela realidade, como nos aponta Santos. Sendo o processo estabelecido em três níveis, o primeiro será o da identificação mais primitiva, quando o enlace afetivo se dá com o pai, como aquele sujeito que se difere da mãe, interpondo-se entre ela e o bebê. Essa concepção está pautada no processo psíquico fundamental chamado de Complexo de Édipo, quando o indivíduo passa a viver intensamente sentimentos ambivalentes do desejo incestuoso e o medo de punição. Nesse quadro, o indivíduo vai instalar-se na realidade social em que se insere.

O segundo momento, o da identificação regressiva, ocorre depois da escolha do objeto e abandono deste, com a dissolução do complexo de Édipo. Já o terceiro momento chama-se de identificação parcial e se dá a partir de um traço de outro sujeito, sendo aquele que o sujeito passa a incorporar como seu, ou seja a identificação que traz implícita a ideia de apropriação inconsciente, confundindo-se com o objeto com o qual o sujeito se identifica, mas fundamental pelo caráter estruturante a partir do outro, constituindo uma organização mínima do sujeito reconhecido como si mesmo e capaz de assumir seus próprios desejos.

Avançando nesse conceito, Lacan afirmaria que esta relação entre o sujeito e o outro não se estabelece em dois termos bem constituídos, mas acontece, pois, em se dar nome a uma relação em que um dos termos cria o outro, em vez de um indivíduo se transformar em outro, como desejava Freud, em que é o outro que produz o sujeito. É a ideia básica de que o bebê não se reconhece até reconhecer o outro (fase do espelho). Em geral, este outro que cuida do bebê é a mãe ou simbolicamente representa o que ocorre no espaço social e na cultura.

O fundamental dessa concepção é que a noção de objeto passa a ser *a representação psíquica inconsciente do outro*, o que não significa que esse outro seja necessariamente um ser humano, pode ser um outro expresso através do símbolo que uma imagem, um ser, uma figura ou um espaço representa. (SANTOS, 1998, p. 118).

Retomando Giddens (1991, p.124), a descoberta de si é um projeto diretamente envolvido com a reflexibilidade, ou seja, é por meio do outro que nós descobrimos

¹⁵ FREUD, Sigmund (1921) *Psicología de las masas y análisis del yo*. Obras Completas de Sigmund Freud. Buenos Aires, Amorrortu, 4. reimpr., 1992, vol. XVIII, p. 66-136.

singulares e únicos. Essa construção do “eu” como projeto reflexivo, na modernidade, torna-se um problema e um desafio, na medida em que o sujeito encontra sua identidade entre as estratégias fornecidas pelos sistemas abstratos.

O próprio David Harvey (1998) localiza a problemática da questão da identidade na modernidade como uma celebração móvel, ou seja, o sujeito não tem uma identidade fixa, essencial e permanente, assim como são efêmeras e provisórias as cidades contemporâneas.

Essa reflexão indica que as cidades que ainda constituem uma matriz de permanência, ou que cultivam suas identidades locais, tornam-se essenciais como ancoragens psíquicas dos seus habitantes. Transcrevemos aqui um trecho de *Condição Pós-Moderna* (1998, p. 21) em que Harvey nos fala:

Há uma modalidade de experiência vital – experiência do espaço e do tempo, do eu e dos outros, das possibilidades e perigos da vida – que é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo atual. Denominarei esse corpo de experiência de “modernidade”. Ser moderno é encontrar-se num ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, transformação de si e do mundo e, ao mesmo tempo, que ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. Os ambientes e experiências modernas cruzam todas as fronteiras da geografia e da etnicidade, da classe e da nacionalidade, da religião e da ideologia; nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une toda a humanidade. Mas trata-se de uma unidade paradoxal, uma unidade da desumanidade; ela nos arroja num redemoinho de perpétua desintegração e renovação, de luta e contradição de ambiguidade e angústia. Ser moderno é ser parte de um universo que, como disse Marx. “tudo o que é sólido se desmancha no ar”.

Contraponto à teoria freudiana, escrever sobre a paisagem cultural em Poços de Caldas, como casa natal coletiva, nos pareceu um contraponto necessário para compreender uma situação de transitoriedade que as metrópoles enfrentam, e as possibilidades terapêuticas dos pequenos lugares, não só pelos aspectos curativos das águas, que na sua história se constituíram, mas na possibilidade de entendimento de que a cidade pode exercer um papel curativo nos seus habitantes.

O filósofo Zeljko Loparic indica que o aspecto mentalista pode ser utilizado como objeto principal da desconstrução heideggeriana da abordagem de Freud, a partir do questionamento e desdobramento pelo sentido do ser, formulado no quadro da analítica do Dasein, exposta em *Ser e Tempo*. Tal desconstrução refere-se ao conceito de inconsciente, que aparece nos seminários *Zollikon* sobre os fundamentos da medicina e em particular, da psicanálise. (LOPARIC, 2001, p.93).

Ao invés do processo de identificação do ponto de vista da inserção na cultura, as cidades podem mobilizar no indivíduo o seu modo de ser-aí-no-mundo. Torna-se importante, aqui, introduzir o motivo da cidade, acompanhada da transcrição de uma nota de Loparic (1995, p. 79) encontrada em *Ética e finitude*:

O morar heideggeriano é o modo de ser do homem irreduzível à intencionalidade da consciência, tanto representacional como apetitiva. Por conseguinte, o morar enquanto projetar e tomar-chão no mundo-projeto, em *Ser e Tempo*, ou enquanto mundo-quadrindade, segundo Heidegger, não pode mais ser pensado como uma relação do tipo sujeito-objeto. O suporte desse morar não é sujeito (“sub-jacente”) consciente e o mundo habitado não é objeto (“ob-jacente”) de representações ou desejos. Com a morte da subjetividade transcendental kantiana morreu a objetividade. Uma análoga “destruição” das relações objetivas está ocorrendo na teoria das doenças psíquicas. A psicanálise, desde Freud até Lacan, concentrava-se sobre o desejo, interpretado a partir do conceito de pulsão objetiva, e seguia, tanto na teoria como na cura, os destinos dos seus vínculos objetivos. Teorias mais recentes, como a de Winnicott, põe em evidência *modos de existir* humanos em relação à mãe-ambiente (“mãe-jacência”), isto é, modos mais fundamentais remetem as psicopatologias profundas aos problemas iniciais de inserção no ambiente, e não mais a perdas ou conflitos objetivos. Esse paralelismo notável entre desenvolvimentos dominantes na filosofia do século e as alternativas inovadoras na teoria psicopatológica ainda não recebeu, parece-me, a devida atenção nos dois campos.

Antigamente, os lugares eram definidos por marcos, monumentos, elementos físicos de referência e orientação. Os lugares da infância, os quartos, os quintais, os porões e sótãos, os campanários, as torres, os bosques, as praças eram facilmente identificáveis. Hoje a cidade tornou-se um conjunto de artérias viárias e de informação que impede que seus indivíduos se fixem alguns minutos diante de um edifício ou imagem. Também estão muito adensadas e homogêneas.

Mas a cidade como espaço potencial, pode ser capaz de recuperar e oferecer abrigo e lugares de referência, se recuperarmos a capacidade de trabalhar com o urbano como espaço transicional, como paisagem interna, psíquica, e como paisagem externa ao mesmo tempo. Esse campo engendrado na mãe-ambiente, passa para o indivíduo por várias etapas. Primeiramente como a mãe (objeto-subjetivo) e depois como objetos objetivamente percebidos, e ao longo desse processo ele vai se constituindo como pessoa.

Baseando-nos nas contribuições de Winnicott (1999, p.117) referentes aos cuidados suficientemente bons ao infante, nos ajuda a perguntar de outro modo: “um bebê pode existir cuidado por uma imagem materna ou por uma mãe virtual?” Os cuidados primários podem ser realizados por qualquer pessoa que faça esse papel de mãe, mas essa pessoa existe.

Na verdade, o bebê pode desenvolver um sentido de continuidade de existência porque cria uma ilusão de que é real pela experiência de onipotência, ou sucumbirá à angústia impensada experienciada de onde veio. O ser humano que edifica a sua morada ou a cidade precisa de outro ser humano, que deve tratar a cidade não como coisa, mas como parte de sua própria humanidade. Acreditamos que é nesse aspecto que a paisagem pode ser engendrada com os processos de subjetivação.

Para o habitante, seria pensar que a cidade deve ter uma materialidade continente, escala humana, contato entre olhares dos habitantes, que deve sustentar o caminhar, proteger das intempéries, fazer com que esteja preparada para o convívio social, deve poder apresentar e referenciar os objetos circundantes, atentar pela qualidade de vida, proporcionar lugares agradáveis para alimentação confiável, estar limpa e cuidada.

2 A CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM TERMAL

O estudo da paisagem de Poços de Caldas, naquilo que ela se configura como paisagem cultural e busca alcançar caminhos que representem novas possibilidades de leitura e interpretação dos processos de formação e transformação da cidade ao longo dos tempos, representa a crença no urbanismo como um instrumento científico de investigação. Procurou-se ler e entender o vocabulário dos aspectos históricos da realidade e, assim, dar um salto interpretativo, que não parte dos dados encontrados, mas que procura dar um sentido de continuidade na transformação da paisagem naquilo que pode trazer luz aos trabalhos dos arquitetos e urbanistas para pensar a cidade. Para Vigliecca (2018, p. 2) “toda relação humana, quer se trate do conhecer ou do agir, tem sempre um caráter interpretativo.”

Considerando-se a pesquisa como um instrumento científico de invenção de olhares, o tema da paisagem cultural voltada à investigação urbanística aborda em si tanto a metodologia da Escola de Barcelona, proposta por Joaquín Sabaté (2016), como também inclui abordagens complementares da investigação da poética da cidade, numa chave da linguagem urbana acompanhada de aspectos da psicologia ambiental e da fenomenologia, na configuração do que seria a constituição de um *olhar sulfuroso* como marca identitária dos habitantes da cidade de Poços de Caldas.

O estudo da paisagem visa, principalmente, contribuir para a constituição da cultura do urbanismo, que represente uma sistemática de reflexão sobre a ação investigativa. Com isso, podendo reinventar ações e resgatar uma matriz urbana, tida como essencial ao pensamento de propor uma cidade termal, bem como na formação do território em seus aspectos geográficos e temporais.

Acreditamos que a singularidade da paisagem atual de Poços de Caldas não é a consequência apenas de observância às legislações, nem o “espelho” de uma diretriz de diagnóstico de planos diretores existentes e passados, mas contém uma resposta histórica de construção de identidade urbana. O salto interpretativo chega a partir de um questionamento: o quanto a presença do imaginário e da memória contribuíram para a existência de diversas camadas de significado da paisagem. A partir desse questionamento, discutiremos possibilidades de ações e intervenções urbanísticas que levem em conta a paisagem não apenas por seu aspecto narrativo, mas como ferramenta que de fato contribua para as tomadas de decisões de arquitetos quanto ao caráter essencial da vida das cidades, seus habitantes com

valores, crenças e memórias. Esses valores se manifestam para garantir a vitalidade urbana, com a paisagem que se quer preservar e também aquela decorrente dos vínculos construídos entre seus atores que, secundariamente, a materializam na forma urbana e de suas edificações.

Para Bonnemaison e Cambrézy (1996), pertencemos a um território, guardamo-lo, habitamo-lo e impregnamos-no dele. Essa dialética de ser e estar no mundo, conferida pelas territorialidades da existência, revela-se como historicidade concreta da cultura como diversidade de modos de vida e suas respectivas paisagens.

Essas diversas camadas históricas e geográficas possibilitaram ao longo do tempo reinvenções da cidade, proporcionando aos habitantes de Poços de Caldas a apropriação pertinente dos espaços, incorporando o sentido de lugar e a legibilidade urbana, instrumentos insubstituíveis, para fazer cidadãos.

Percebemos que não existe transformação sem destruição de antigas paisagens, ou paisagens novas sem construção, pois em um processo de “escavação” destas diversas camadas coexistentes na cidade em seus vestígios, repousa um processo de restituição da urbanidade, e o sentido da ação de projetos futuros poderá se dar através da interseção ponderada de uma nova estrutura urbana sobre a existente. A estrutura dos espaços públicos forma os territórios da permanência, portanto são os espaços simbólicos, onde a carga da responsabilidade do urbanista deve se concentrar, respeitando e incentivando os valores de identidade, autoestima, segurança que a cidade pode oferecer aos seus habitantes.

Por outro lado, os processos da economia globalizante presentes em cidades de todos os níveis, atuam nas paisagens existentes de forma predatória e, nos últimos anos, foram responsáveis por descaracterizar modos de vida ancestrais e tradicionais mais rápido do que as transformações pudessem ser assimiladas. Algumas cidades chinesas, por exemplo, como apresenta Jan Gehl (2012), em seu filme “A escala humana”, viu mudanças culturais profundas na sociedade, com novos modos de habitar em cidades verticalizadas substituindo os antigos arranjos urbanos de microescala da população local. Conjuntamente a estes novos modelos, associado à cidade voltada para automóveis, com distâncias longínquas, acabaram confinando o ser humano a espaços isolados nos seus apartamentos modernos, sem convívio público.

A urbanidade contemporânea depende de forma muito clara da qualidade dos espaços públicos oferecidos para que a população possa exercer sua vida cotidiana.

Em Poços de Caldas, a amálgama entre paisagem natural e cidade construída transmite a sensação de que seus espaços públicos sempre estiveram lá, sobretudo na área central. As águas sulfurosas, os jardins, a serra de São Domingos, os aquíferos em seus vales, as urbanizações nas encostas, os processos de extrativismo na paisagem são componentes de sua história, sendo também o território sobre o qual se atua, configurando sempre como os vetores do processo de transformação da sociedade, e nunca sua resultante.

Esse aspecto civilizacional aparece de modo peculiar na vida urbana de Poços de Caldas, e apesar da pressão imobiliária, a área central resiste. Por que? As pessoas andam, convivem turistas e a população da cidade que usam as ruas, as praças para seu divertimento. Trata-se de uma herança moderna que moldou o comportamento e as emoções da sociedade numa estação de águas, como defende Marrichi (2004), ou depende da qualidade urbana que vem do desenho que esses espaços apresentam: a escala apropriada; as tipologias da época do termalismo sendo preservadas; as fachadas ativas que possibilitam encontros e olhares; a mistura de certa influência cultural paulista com alma de mineiridade?

Para investigar esses aspectos, neste capítulo faremos uma leitura do perfil histórico desta paisagem, depois uma sequência de reconhecimento do território do ponto de vista da geografia e, por último, o entendimento da construção do imaginário urbano de uma cidade termal como reflexo de outras cidades balneárias europeias que serviram de inspiração para as grandes obras urbanas e edificatórias da cidade.

2.1 Perfil Histórico da paisagem do Campo das Caldas

A história de Poços de Caldas tem sua origem no *Campo das Caldas*, denominação das paragens por suas águas quentes, untuosas e cheirando a enxofre, que desde meados do século XVIII despertaram o interesse de viajantes e forasteiros que adentraram o Planalto da Caldeira Vulcânica e acabaram relatando os poderes milagrosos na cura de algumas doenças que castigavam as pessoas da época. A localidade do sítio de *Águas Virtuosas* encontrava-se às margens das rotas abertas pelo ouro de Minas Gerais e Goiás e, logo de início, despertou o interesse da colônia portuguesa de Vila Rica, mas também da capitania de São Paulo, tornando-se objeto de disputa e contendas geopolíticas entre os governos mineiro e paulista.

De acordo com Lemos (1884, p.7-8) em “*As águas termais de Poços de Caldas*”, encontra-se o relato, parcialmente reproduzido, do governador da Capitania de Minas Gerais em 1786 ao Ministro do Reino em Portugal, sobre o local encontrado por seu comandante do distrito de Sapucaí da Comarca do Rio das Mortes, Campanha do Rio Verde, João de Almeida da Fonseca, fazendo a narrativa sobre as águas termais tão virtuosas, que teria curado o mal da lepra.

Mas, as primeiras imagens a que eram associadas essas paragens pelos seus habitantes eram a de um sítio por onde andava o diabo lançando em seus poços um fogo tão forte e tão enxofrado que chegava a queimar a vegetação de grande porte do envoltório.

O cenário desta paisagem termal compunha “dantescas associações a um mundo infernal subterrâneo”, como nos apresenta o historiador Stelio Marras (2004, p.27). No entanto, a luz do conhecimento sobre acientificidade das propriedades físicas e naturais das águas só ganharam significância a partir do século XIX.

De fato houve um *fogo*¹⁶, do sertanista paulista Inácio Preto de Moraes, estabelecido como sesmeiro, desde 1778, nas redondezas das Itaipavas das Antas. Na época, os *Campos* estavam sob a posse da Capitania de São Paulo e poucas ainda eram as residências nestes sertões. Mas, nas décadas subsequentes, após a expulsão desse sesmeiro, em 1787, por conta da contenda entre São Paulo e Minas Gerais, e por se instalar na região fronteira, área limdeira, acolheu grande afluxo de pessoas das mais simples aos mais doutores a fim de usufruir dos *olhos d'água* descobertos e de suas propriedades curativas.

Os governos das duas capitanias sabiam dos valores das águas e, associava-se a isso, a existência de ouro; também outro sertanista paulista Manoel Velho, em 1765, explorou as cabeceiras do Rio Pardo, daí a nomeação de *Descoberto do Rio Pardo* para a região.

Ao longo do tempo, a atividade mineradora entra em declínio e a região torna-se propícia à fixação da atividade pecuária, sendo que as águas ricas em enxofre também forneciam sal para o gado. O lugar era estratégico: no Planalto da Caldeira Vulcânica, com topografia de campos e localizada à margem do *Caminho de Goiás*.

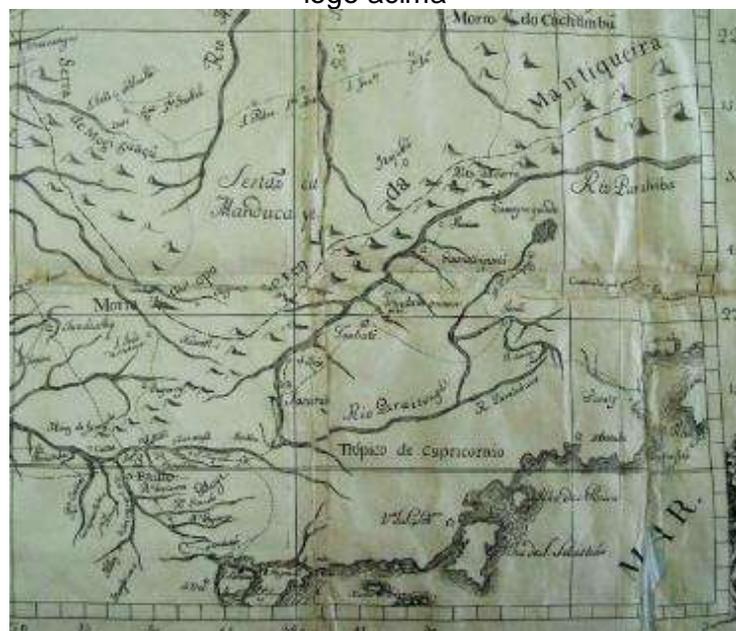
¹⁶ *Fogo*, termo utilizado pelos homens que adentravam o sertão e estabeleciam morada em meio a um ambiente de paisagem natural, modo de marcar a presença da cultura em meio à natureza.

Figura 001. Mapa da Comarca do Rio das Mortes, pertencente a Capitania das Minas Gerais. Autor: José Joaquim da Rocha, 1777.



Fonte: Acervo da Biblioteca Digital Luso-Brasileira.
<https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/123456789/15438>

Figura 002. Na base do Mapa de 1776 de Francisco Tosi Colombina, melhor detalhado temos a indicação da toponímia "Serra da Mantiqueira" divisa constituída pelo Alto da Serra ponto de transposição da Serra em demanda o Rio Verde e o Morro Cachumbu (Caxambu) logo acima



Fonte: <https://sergiopiquetopolis.blogspot.com.br/2012/03/parte-do-mapa-da-capitania-de-minas.html>

O registro, no segundo fascículo do primeiro número da Revista do Arquivo Público Mineiro de 1896, indica que as fontes termais e suas propriedades terapêuticas já eram conhecidas anteriormente a 1786, conforme ofício do comandante João Almeida da Fonseca, de Santa Anna de Sapucahy (Comarca de Rio das Mortes e Campanha do Rio Verde) ao governador da Capitania de Minas Gerais, Luiz da Cunha Menezes, e deste ao ministro Martinho de Melo e Castro.

Da observação da cura de feridas no gado, percebeu-se também que as virtudes curativas desta água se destacavam no tratamento da lepra, doença que atingia uma grande parcela de pessoas naquele período. Mas, para entender esta paisagem, o planalto recebeu a atividade pecuária, devido às características de relevo favorável no interior da caldeira vulcânica, enquanto que nas bordas, em serras, predominava uma vegetação mais exuberante.

Em 1833, o renomado médico português Manoel da Silveira Rodrigues, publicou memória sobre as “águas que vertiam das entranhas da terra” para a cura de seus males, o tifo. Esse médico, formado em Edimburgo, tornou-se uma das figuras mais importantes para as academias de medicina do Rio de Janeiro e da Bahia, e do próprio grupo de médicos da Imperial Câmara de D. Pedro I, em 1823. Coletou notícias sobre o uso das “águas hidro-sulfuradas” que já eram conhecidas, desde 1772, na região de Caldas, mas seu uso ocorria de maneira indiscriminada, para beber e para banhos sem a observância médica ou critério.

Há sessenta anos, salvo erro, que quase pelo mesmo tempo em dois pequenos brejos situados, um à margem esquerda do ribeirão de Caldas já descrito, e outro na direita do seu segundo braço, se observou que se arrebentavam por numerosos pontos sobre as águas que vertiam das entranhas da terra com força e com quantidade não pequena, ao nível do leito destes ribeirões, bolhas de ar, semelhante às que se levantavam da água de sabão agitado, o que unido ao calor, e cheiro d'ovos podres delas exalado fez crer ao povo que eram ferventes e próprias no seu modo de entender para curarem toda a sorte de moléstias. (RODRIGUES *apud* MARRAS, 2004, p. 29)

Em princípio, acreditava-se que o enxofre gasoso fosse venenoso, mas a evolução da medicina mudou este quadro, e o uso terapêutico dessas Caldas mostrou ter propriedades semelhantes às da famosa Caldas da Rainha em Portugal. O médico Silveira Rodrigues começou a implantar critérios médicos e científicos às águas do local, e propôs planos para as casas de banho, arruamento, hospedarias, separação das águas e modificação dos cursos dos ribeirões.

A disputa entre os territórios paulista e mineiro continuou até 1801, quando a Ordem do Príncipe Regente D. João, de 7 de fevereiro, demarca o termo da Vila da Campanha da Princesa, confirmando os limites com a Capitania de São Paulo pela Serra da Mantiqueira, ficando o Campo de Caldas sob a jurisdição de Minas Gerais¹⁷.

Como observa Marrichi (2015, p. 48-49), para os fins do século XIX, permeava ainda um medo aterrorizante dos homens do passado frente aos fenômenos da natureza referentes às águas, pois, estas escondiam mistérios e a lenda das *Águas Santas* se disseminava pelas regiões interiores do Brasil. Os relatos de curas, não mais anônimas, mas reais, eram citados com o aproveitamento das águas virtuosas como de Baependy ou Caxambu.

O que caracterizou uma postura mais científica frente às águas virtuosas, a partir do século XIX, justamente correspondeu ao processo civilizador da época que colocava um distanciamento dos fenômenos da natureza vinculado a uma imagem ameaçadora e ao autocontrole destes, proporcionado pelo contato com a água termal, produzindo os efeitos terapêuticos nos corpos dos indivíduos.

O modo de apropriação das águas em Poços de Caldas deu início e caracterizou, assim, a diversidade de paisagens culturais que se estabeleceram e se sucederam na região, e que, por seu dinamismo, ainda resistem aos novos tempos, em vestígios, em objetos arquitetônicos, em tecidos urbanos e, sobretudo, em valores humanos capazes de preservar sua coexistência.

No Brasil, são os viajantes naturalistas do século XIX os primeiros a chamarem a atenção dos médicos e autoridades para os valores e localizações das fontes termais no território. O zoólogo J. B. Spix e o botânico F. Martius relacionaram as fontes termais de Mato Grosso, Bahia e Santa Catarina, além das fontes termais do Estado de Minas Gerais, como observa Marrichi (2015, p. 50).

Em 1819, em torna-viagem da estrada São Paulo – Goiazes, passou pela região o viajante naturalista Auguste de Saint-Hilaire, e este, juntamente com seu arriero, permaneceram um dia às margens do rio Pardo, para que pudessem caçar alguns papagaios, que eram muito abundantes junto às fontes desse rio, como narrou em sua *Viagem à Província de São Paulo*, no período de 1816 a 1822 e descreve:

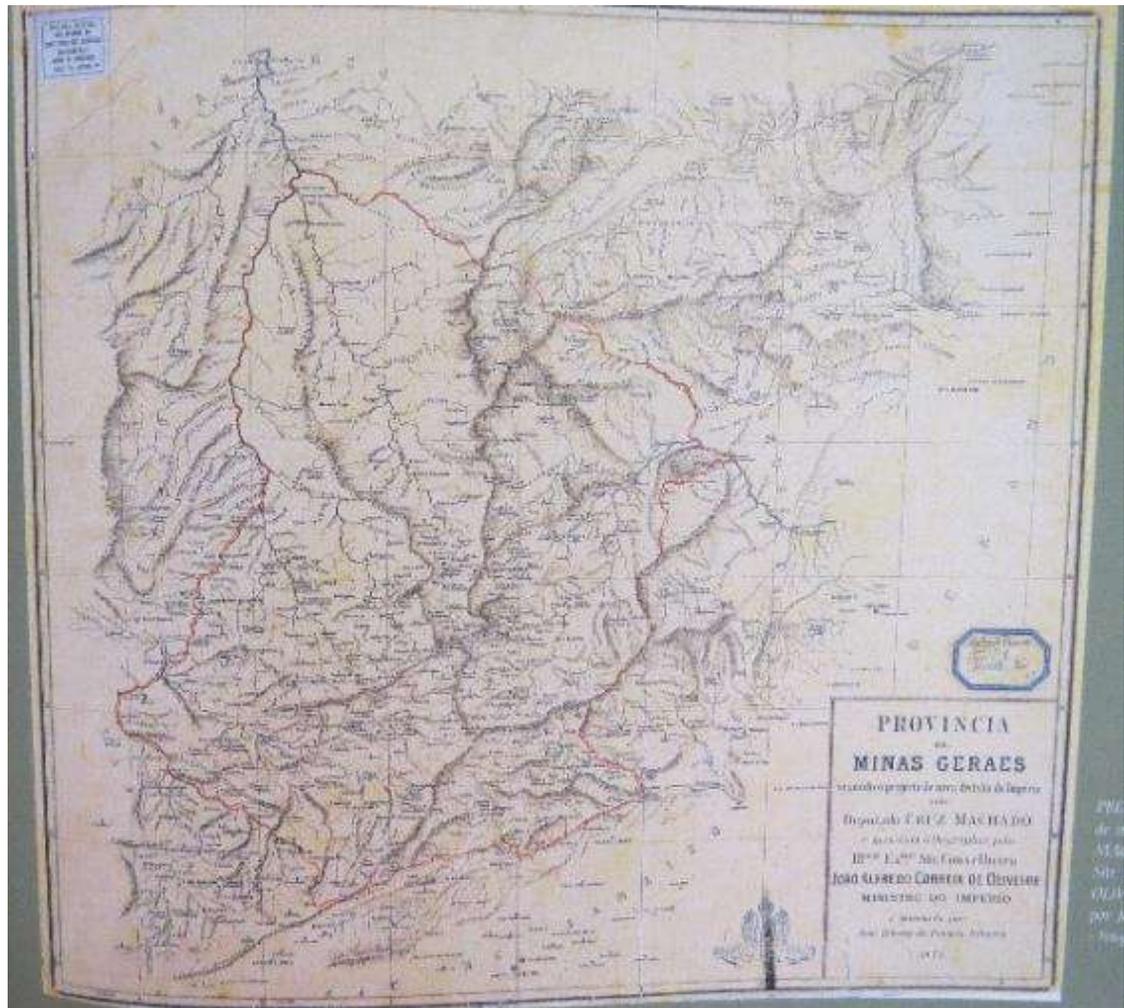
As águas minerais a que já me referi têm sua nascente numa densa mata situada a cerca de uma légua do rio. Lá se veem grandes clareiras, próximas umas das outras, onde não cresce nenhuma árvore e onde existe apenas,

¹⁷ VALADÃO, Alfredo. **Campanha da Princesa**, Vol.I, Rio de Janeiro: Typ. Leu Zinger, 1937.

em meio a alguns tufos de capim, uma lama espessa, revolvida pelas patas dos animais. No meio desse brejo veem-se pequenos poços de águas esverdeadas e lodosas, que não têm escoamento. São essas as águas minerais do rio Pardo. Não são amargas como as de Araxá, mas têm um gosto de ovo podre muito pronunciado. Creio que seu aspecto turvo se deve exclusivamente aos animais, que as pisoteiam sem cessar, pois há outro poço, menos frequentado por eles, em que a água é límpida (SAINT-HILAIRE *apud* MARRAS, p. 31).

Nota-se que o viajante não faz referência a Minas Gerais, pois se acreditava que as fontes estavam sob a jurisdição de São Paulo.

Figura 003. Província de Minas Gerais 1873. Segundo projeto de nova divisão do Império pelo deputado Cruz Machado e mandada lithographar pelo Ilm^o. Exm^o. Sur Conselheiro João Alfredo Correia de Oliveira, Ministro do Império e desenhada por José Ribeiro da Fonseca Silveiras.



Fonte: Antônio Gilberto Costa. Roteiro de Cartografia: da América Portuguesa ao Brasil Império. Belo Horizonte, UFMG, 2007.

Em 1819, foram atendidos os primeiros pedidos de sesmaria encaminhados ao governo mineiro, desde que a região das Caldas se incorporara definitivamente a

Minas Gerais, pois que outros sesmeiros já tinham ocupado a terra, antes sob domínio paulista. Entre os requerentes estavam os filhos do entrante mineiro Joaquim Bernardes da Costa, fazendeiro das pastagens da citada Conceição do Rio Verde.

À parte o povo, o caso é que os poços sulfurosos, cortados por braços do rio Pardo no brejo onde se derramavam, ganharam fama junto aos altos círculos do Brasil. Médicos e homens ligados ao governo passavam a emitir sucessivos pareceres sobre a virtuosidade das águas ou relatavam suas curas.

Logo ao se decretar a Independência, o governo mineiro cuidou de mandar, em 1826, o juiz de fora Agostinho de Souza Loureiro, para serviços de levantamento topográfico, mapeamento e demais planos de engenharia. Souza Loureiro abriu dois poços – daí “poços de caldas” – e construiu duas banheiras protegidas por choupanas de palha, mas que não resistiram às chuvas e ao tráfego de gado. Ficou somente registrado em mapa, a localização do “cemitério antigo”, local onde eram enterrados os distantes que procuravam as águas para as suas enfermidades.

Como aponta Marras (2004, p. 34), a história do local somente teve início quando conjugada com a medicina. Mas não qualquer medicina, e: “[...]sim a percebida como inscrito em certa evolução e certo saber domesticado. Vê-se enfim que já aí, na retrospectiva das origens, a política e medicina, o poder e o saber encontram-se associados.”

Em meados do século XIX muita gente conhecia as águas santas, os poços abertos necessitavam de obras de difícil execução. As instalações eram precárias e havia o medo de infecções. Os donos de terras queriam ver longe de seus domínios, roças ou pastagens essa população flutuante que vinha curar-se nas águas, deixando no rastro umas choças, além de hospedar impurezas simbólicas, sobretudo de doenças de natureza maldita e comumente tratadas com as águas quentes, como a sífilis, a lepra e os reumatismos.

Em 1815, sabia-se que o capitão Joaquim Bernardes da Costa, que já fazia uso terapêutico das águas sulfurosas termais das terras do Planalto, incentivou seus filhos a requererem diversas sesmarias. Um deles, o major Joaquim Bernardes da Costa Junqueira, adquiriu as terras de seus irmãos e formou a Fazenda do Barreiro.

Como aponta Marras (2004, p.34-53), a história do uso das águas de Poços de Caldas atravessou séculos e, conjugada à medicina, fez o saber e o poder estarem intimamente associados, em mútuo benefício. Ao longo dos anos, o governo fez tímidos investimentos para a construção de uma “vila balneária”, mas como as águas continuaram a fazer curas, cresceu a ideia e a urgência por melhorias no local.

Ainda não havia instalação regular para os doentes, somente a presença de choupanas velhas de palha nas quais, por medo de infecções, às vezes, se colocava fogo como modo de purificar as impurezas simbólicas, pois muitas das doenças eram tidas como malditas, como a lepra, a sífilis e o reumatismo. Em 1850, outro médico adoentado, Fortunato Rafael Nogueira Penido, passou pela localidade e ficou três meses em tratamento e, em 1858, publica um capítulo em seu ensaio sobre as águas, intitulado “Águas de Caldas em Minas”, descrevendo a situação de desleixo em que se achavam as fontes sulfurosas. Durante esse tempo, Penido observou e experimentou o uso das águas naquilo que chamou de “hidrosupatia”, tendo objetivo de curas impressionantes. Mas sua voz criou uma dissonância em relação ao saber médico estabelecido na época, justamente pela força política que as faculdades de medicina no Rio de Janeiro e Bahia apresentavam junto ao governo.

As águas chamavam tanto a curiosidade de médicos, como também a de curandeiros e pregadores que, em seu discurso, afastavam-se das visões científicas características de uma mentalidade que tardava a civilizar-se. É possível ver algumas reminiscências desse tempo mágico-religioso nas metáforas românticas e poéticas de Coelho Neto ou de Olavo Bilac.

Do ponto de vista dos médicos que se estabeleceram no povoado, a exemplo do Dr. Eiras, médico de Petrópolis, os banhistas eram desprovidos de preceitos e algumas mortes foram constatadas pela ingestão das águas. Em seu artigo no *Jornal do Comércio*, em 1884, escreve Dr. Eiras *apud* Marras (2004, p. 37):

O processo, o modo por que tomavam os miraculosos banhos são de grande meditação. Imagine-se um caixão de madeira mal coberto, cravado no lamaçal de onde faz erupção a água termal; aí os banhistas ou aquários (termo do lugar) se metiam corpo e alma; não seguindo preceito ou regra alguma.

Depois de algum tempo de imersão, saíam para sobre dura enxerga, repousarem e transpirem em plena natureza.

Lépidos e frescos deixavam confortável e luxurioso banho para fazerem os habituais passeios.

Curas se operavam em grande escala e nenhum acidente tinha lugar!¹⁸

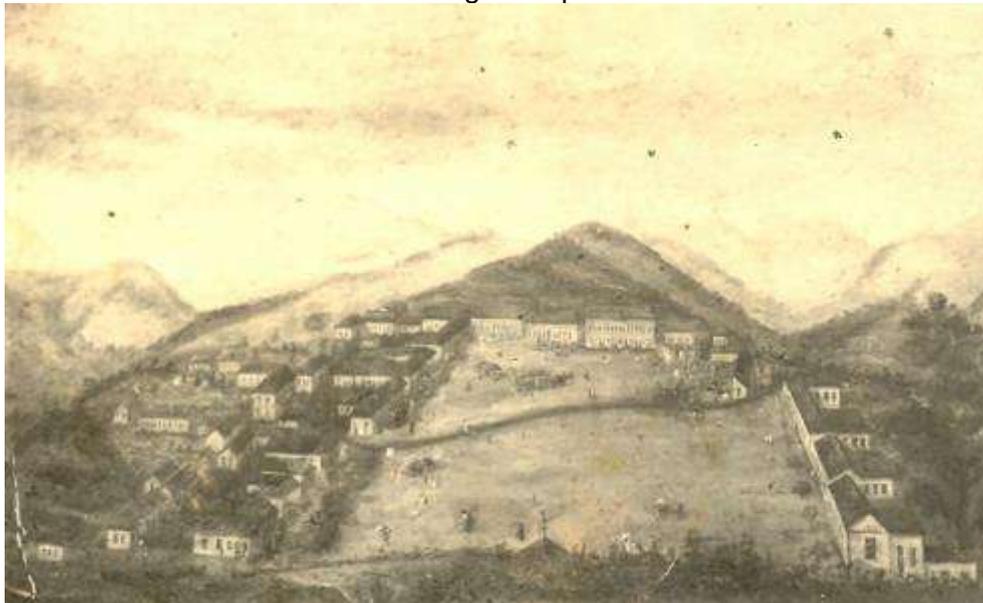
Em 1865, foi designado pelo governo provincial o engenheiro Martiniano da Fonseca Reis Brandão, para que confeccionasse as plantas e orçasse os custos da edificação de um balneário. Ele foi incumbido também de proceder à desapropriação

¹⁸ MARRAS, faz referência à obra de OTTONI, Poços de Caldas, ao relacionar este médico ao provável Carlos Fernandes Eiras que doutorou-se pela tese *Das indicações e contra-indicações da hidroterapia no tratamento de moléstias do sistema nervoso*, no Rio de Janeiro 1877.

das terras que pertenciam a um único sesmeiro Joaquim Bernardes da Costa Junqueira e seus herdeiros. Esses homens se distinguiam por serem estabelecidos numa vida rústica, mas próximos da mentalidade de seus pares de *boa procedência*, que valorizavam suas terras pela presença das águas.

Portanto, foi somente a partir do século XIX que as fontes de águas termais passaram por um processo de enriquecimento científico, trazendo grande quantidade de curistas. A estação de águas costumava ser de 21 a 30 dias, na temporada de março a maio ou de agosto a outubro.

Figura 004. Vista do Largo. Fotografia de quadro a óleo de 1919, de Barbosa Gonçalves, representando Poços de Caldas em 1880, com uma capela e dois ribeirões, vendo-se no centro a Praça senador Godoy (atual Praça Pedro Sanches). Num primeiro plano vê-se a torre e algumas pessoas.

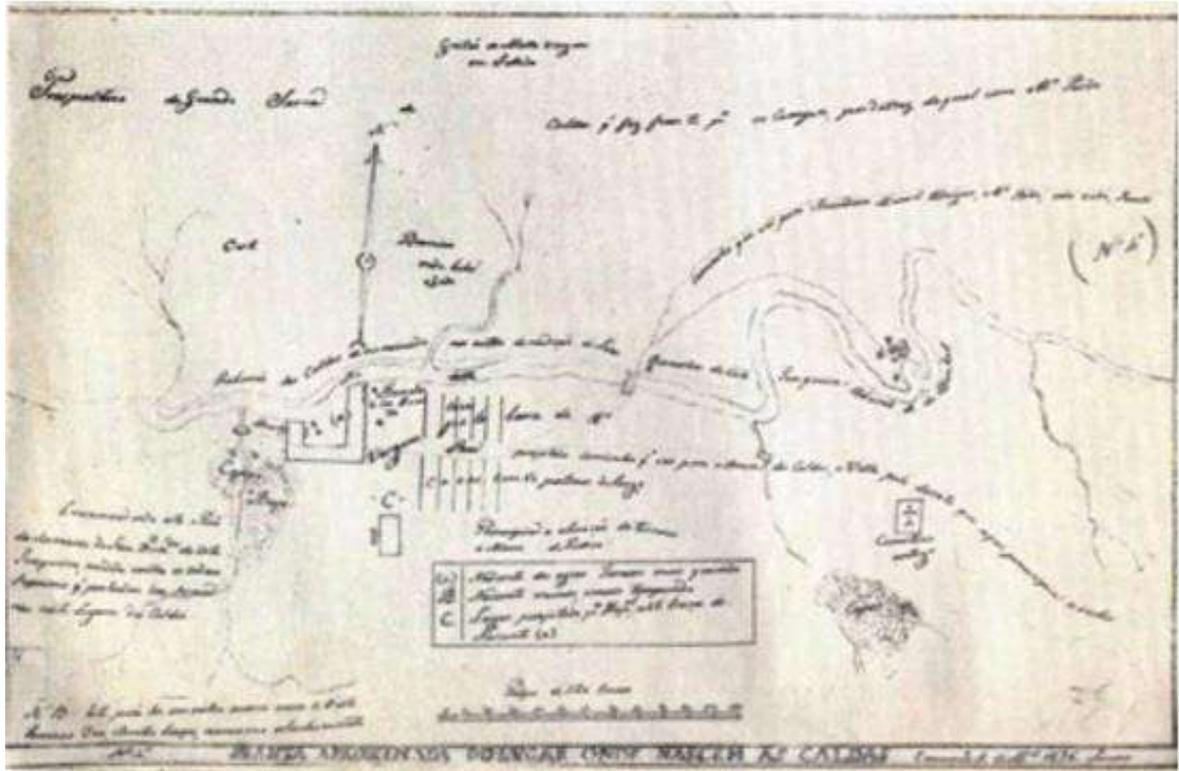


Fonte: Autor desconhecido. Acervo do Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas.

Notamos que um esforço muito grande e engenhosidade couberam ao momento histórico em que foi possível construir-se uma caixa d'água e elevar as águas das fontes, como descreveu detalhadamente Dr. Pedro Sanches em "*As águas thermaes de Poços de Caldas*" (1904), possibilitando que por gravidade elas chegassem às banheiras. Isto foi decisivo, pois, aquelas águas que eram tidas como abundantes e abertas ao público passam a ser controladas pelos balneários, portanto animais e pessoas da cidade não tiveram mais seu acesso gratuito. Somente, em 1886, foi inaugurado o primeiro balneário da cidade, o Pedro Botelho, no qual o Imperador Dom Pedro II e a Imperatriz Dona Tereza Cristina se banharam quando

vieram à cidade para inaugurar o ramal de Caldas da Estrada de Ferro da Mogyana. Em 1896, inaugurou-se o segundo balneário da cidade, o balneário dos Macacos, na Praça Dom Pedro II.

Figura 005. Primeiro mapa da localidade datada de 5 março de 1826.

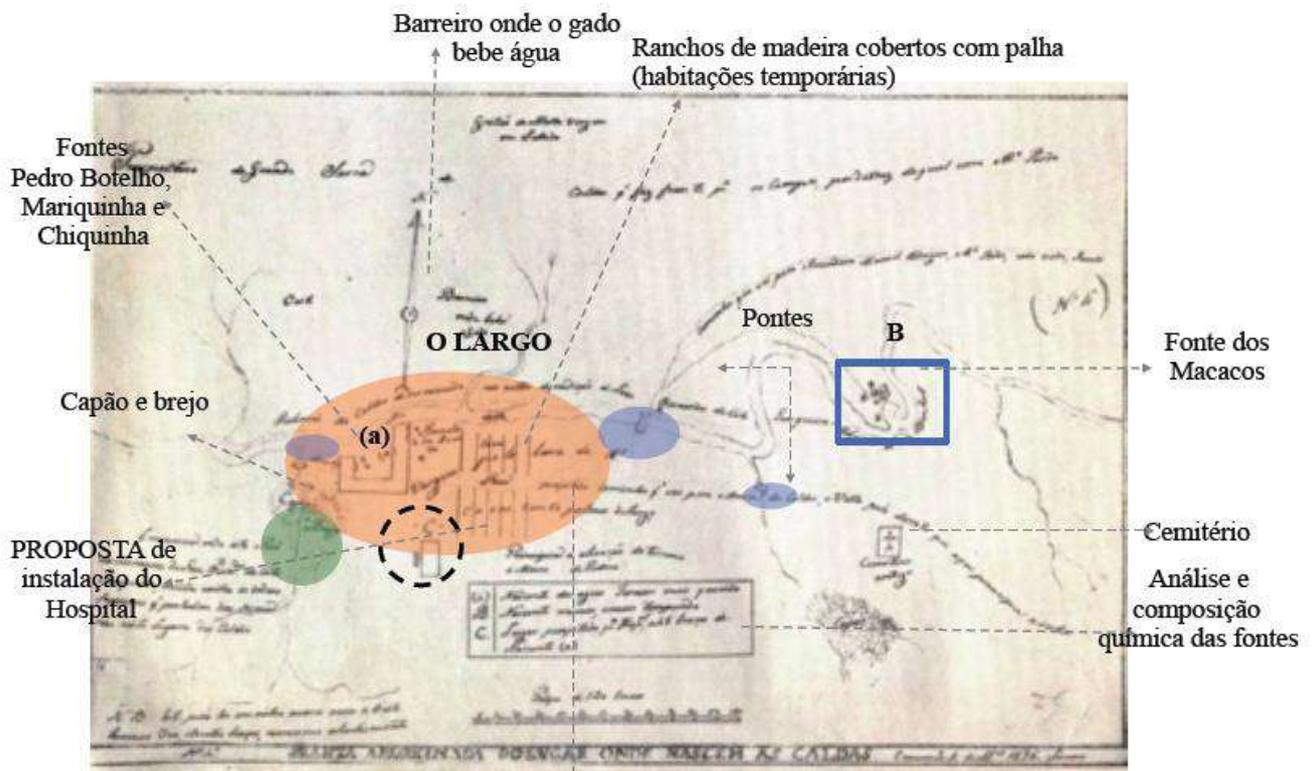


Fonte: In OTTONI. Poços de Caldas, 1960.

Já nas primeiras décadas do século XIX, começou a ser introduzido o café nos vales férteis entre Rio, Minas e São Paulo. Mas tardou que o café chegasse aos altos da Mantiqueira, pois temiam-se as geadas constantes. Entretanto, com a chegada da ferrovia e o apelo mundial pela bebida, os fazendeiros da região animaram-se pelo cultivo da planta. O tempo moderno, com a introdução do café, fazia a aproximação de médicos que tentavam infundir os métodos cientificistas às águas, os donos de terras e os políticos, numa aliança em que encaminhariam as políticas públicas de incentivos na exploração das águas.

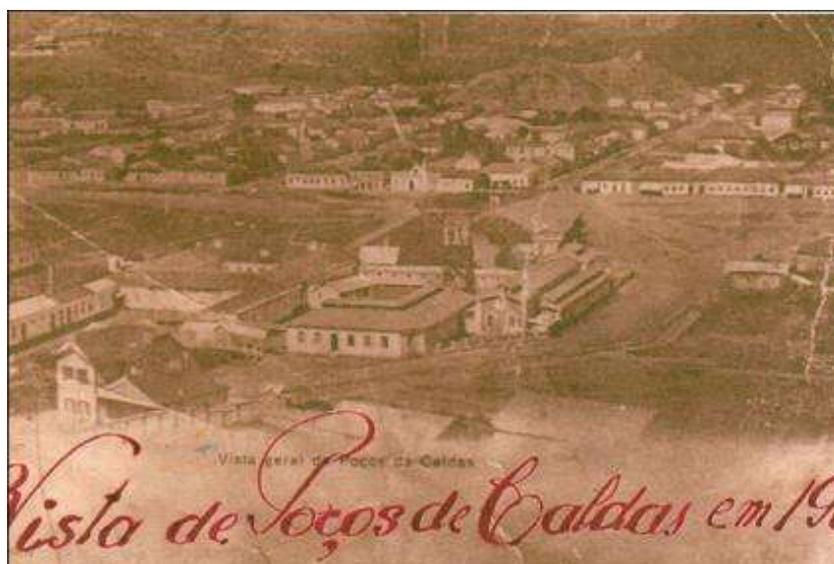
Assim, tem início políticas públicas de incentivos e consórcios privados para a concessão e exploração das águas e investimentos de toda a ordem para planos de engenharia e instalações adequadas à uma estância balneária.

Figura 006. Análise dos lugares. A primeira planta do local de Poços é datada de 5 de março de 1826. In Ottoni, Homero Benedito. Poços de Caldas, 1960.



Fonte: MATTHES, A. *Arquitetura e permanências: o projeto urbano na constituição da esfera pública* Campinas: PUC-Campinas, 2005.

Figura 007. Vista do largo para o Balneário, 1900.



Fonte: Acervo do Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas.

E como a cidade não poderia ficar dependente apenas dos turistas, bem como se procedia a exemplos nas estâncias balneares da Europa, na segunda metade do século XIX, passaram também a oferecer lucrativos serviços de lazer e de jogos, em ambiente sempre festivo para atrair grande quantidade de frequentadores. Assim era o modo de garantir o retorno de investimentos aplicados.

Marras (2004, p.40) aponta como decisiva a figura do presidente mineiro em 1870, Agostinho José Ferreira Bretas, médico conhecedor das virtudes terapêuticas das águas, para alinhar o arranjo entre familismo (por aliança matrimonial com a família Junqueira), política e medicina, alavancando planos para garantir a consolidação da estação de águas. Dois anos depois, o Senador Joaquim Floriano de Godoy, também médico, daria o impulso decisivo para beneficiamento do lugar ao escolher o médico Luiz Pereira Barreto para as Caldas. Obteve a confirmação das terras doadas por Joaquim Bernardes da Costa Junqueira e angariou mais 14 alqueires comemorando o ato de fundação da cidade de Poços de Caldas.

Finalmente, vieram os recursos dos cofres públicos para a construção de balneários e o esquadramento urbano da vila pelo engenheiro Honório Henrique Soares do Couto com as seguintes ordens:

1º - Que apenas receber esta, siga imediatamente para o lugar onde se acham os poços das águas termais de Caldas e ali proceda à medição e demarcação dos terrenos doados à Província pelo Capitão Joaquim Bernardes da Costa Junqueira e sua família, levantando os planos e orçamentos para a construção dos banheiros, de um pequeno chafariz das águas termais de uso interno e dos fechos dos mesmos terrenos (...).

2º - Que logo depois de feita a medição e demarcação proceda ao alinhamento dos referidos terrenos; de modo a deixar largos e praças onde fiquem designados os lugares para a Igreja Matriz, cadeia da câmara e escola pública para ambos os sexos. (OTTONI, 1960, p.110)

E nesta perspectiva histórica, de uma imagem consolidada em que antes reinavam as qualidades mágicas e religiosas das águas que atraíam as romarias e as promessas dos curistas, a paisagem foi transformando-se em novos tempos em que a medicina e os saberes positivistas foram trazendo as condições de florescência da cidade, em uma visão moderna e higiênica, de modo que a cura e o prazer puderam ser compartilhados, fundando ao final do século XIX a cidade balneária de Poços de Caldas.

É interessante o posicionamento de Marras (2004) ao descrever os tempos e soluções históricas entre o antigo e o novo, mesmo que, por vezes, sob regime tenso,

evidenciaram uma possível identidade do lugar ao que aconteceu além dos ditames da família mineira, os Junqueira, como *entrantes* do sertão do Rio Pardo. Com uma estrutura familiar típica da colonização ibérica, a transformação que a cidade teve à moda das cidades balneares europeias e a chegada da ferrovia, inicia-se uma ampla colonização italiana e a prática burguesa da vilegiatura, em escala inédita no Brasil.

A paisagem natural descrita por seus primeiros viajantes foi transformando-se, no século XX, numa amalgama de visão cientificista sobre o meio e sobre o urbano, atingindo seu máximo com as soluções sanitaristas adotadas nos projetos da segunda década na cidade. Privilegiou-se também os arranjos de enlaces da família Junqueira que, sujeita às modernidades, sabia da preciosidade do poder da terra, tratando de desenvolver a endogamia entre os descendentes, com casamentos entre tios e sobrinhas, primos e primas, para que as terras e o sangue permanecessem em comum.

A figura do médico e cientista Pedro Sanches Lemos veio consolidar estas duas tradições e o espírito novo na cidade, pois, doutor pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1870, se interessou pelas águas termais sulfurosas e resolveu estabelecer-se na Freguesia de Nossa Senhora da Saúde das Águas de Caldas. Casou-se, então, com a filha primogênita do coronel Agostinho Junqueira, tornando-se genro e compadre do herdeiro das terras caldenses.

Coube a Pedro Sanches estruturar a vida terapêutica dos curistas, com seus tratamentos, e difundir os valores da ciência e civilidade aos sujeitos locais, muitas vezes percebidos como “atrasados” ou “caipiras”, de acordo com uma nova ordem social do processo civilizatório social que se aproximava.

Mas foram inúmeros os benefícios da junção da política e da medicina científica e somou-se a elas a nova civilização do café, como nos fala Marras (2004, p.44): “[...] que trocavam o produto agrícola por últimos bens de consumo ingleses e franceses, transformando a paisagem cultural vigente num território propício aos ritos das elites em vilegiatura da *Belle Époque*. ”

As quatro primeiras décadas do século XX foram de enorme importância para a consolidação de uma mentalidade civilizatória calcada entre a política e a medicina. Mas, a eficácia simbólica dessas soluções advinha muito mais de uma disposição subjetiva e cultural das pessoas e de suas constituições de ideário de cidade, tanto que ao final de 1940, com a descoberta da penicilina por Fleming, a crença nas águas não foi suficiente para segurar o processo econômico e social seguinte. Houve um

enfraquecimento simbólico e científico da hidrologia e, tendo eficácia no tratamento somente pela disposição subjetiva do curista ao uso terapêutico das águas.

No entanto, Marras levanta uma pequena questão que vai além da documentação abundante da historiografia da cidade e da descrição de homens e feitos banhados em imaginação elitista, mas que a paisagem cultural, advinda de um “povo pouco iluminado”, com valores e modos de vida rústicos, também estão presentes na tradição das águas e, daquele lugar, pode-se escrever uma outra história, com relatos mais esparsos e documentos menos evidentes.

O nosso interesse, ao abordar a paisagem cultural para além das águas, tem o sentido de trazer à luz os espaços e imagens de uma história do outro. Pretende-se evidenciar os espaços urbanos que surgiram à margem da cultura da *Belle Époque*, que hoje alimentam o reservatório da vida imaterial em seus patrimônios históricos não construídos: o que era a cidade em suas nucleações fora do centro, os caminhos e chegadas, seus remanescentes de memórias que ainda persistem ao crescimento da cidade e passagem dos tempos.

Aquilo que se tombou como patrimônio histórico e seu entorno em 1992 pelo IEPHA-MG correspondem às “grandes obras” dos anos de 1920, na gestão do então presidente de Minas Gerais, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, que são: edifícios das *Thermas Antônio Carlos*, do *Palace Hotel* e do *Palace Cassino*, assim como o *Parque José Affonso Junqueira*.

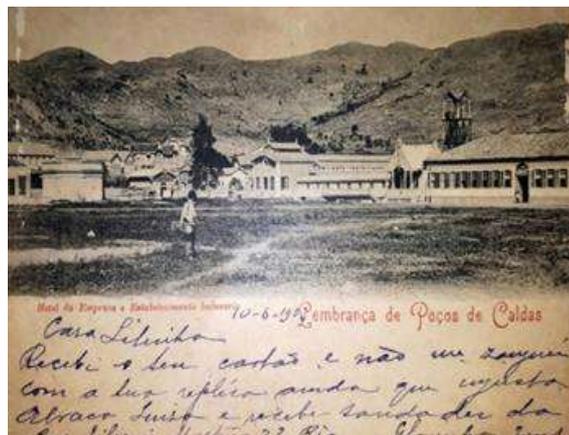
Para atingir esse grau de urbanidade, a associação da vida rural com os novos tempos científicos dependeu da lógica familística concretizando o arranque rumo à modernidade e também possibilitando soluções de impasses nos projetos de instalação da estação com ideias carregadas do positivismo e com certa tradição cultural afrancesada.

As elites, que propunham mudanças em curso no sentido da modernidade, foram se estabelecendo ao longo do século XIX, com seus rituais próprios e fechados. É inegável a influência da corte no Rio de Janeiro a partir da vinda da Família Real, em 1808, tendo alcançado grande expressão cultural, no reinado de D. Pedro II. Os interesses diretos da Corte sobre as águas, talvez, tenham tornado mais acintosos os conflitos do território fronteiro ao sul de Minas com São Paulo. Sabe-se que essa disputa só teve fim em 1936, no governo de Getúlio Vargas, como afirma Francisco Morato, no *Relatório de Limites de S. Paulo e Minas Gerais-1937*:

A linha divisória depois de encontrar o histórico ribeirão Santa Bárbara segue por este até a barra do córrego das Contendas; sobe por este até o alto da serra da Faisqueira, daí continua por esta serra até a confluência dos rios Lambari e Pardo, e o divisor vertente do córrego Tamanduá (Andradas) com o Ribeirão da Prata; sobe pelo Rio Lambari, ribeirão das Antas (Poços de Caldas-MG) e por afluente deste que corre paralelamente à linha da F. F. Mogiana, até alcançar um ponto desta estrada de ferro, situada no espigão que separa as águas do córrego dos Metais, sobe por este até a sua cabeceira e daí pelo espigão divisor entre o ribeirão das Antas e o ribeirão da Prata, até o Pico do Gavião (dividido entre Andradas, Poços de Caldas e Águas da Prata-SP), na serra Caracol (Andradas)¹⁹.

Como quase todos os médicos que vieram a Poços de Caldas eram originários da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e compartilhavam de uma mesma *boa sociedade*, eram também rodeados de caboclos, negros e mestiços, em condições bem modestas, e que eram vistos como aqueles que estavam à deriva da civilização, “recalque de um Brasil carente” (MARRAS, 2004, p.56). As paisagens que essa gente construiu, fora dos aformoseamentos propostos pela engenharia sanitaria, no início do século XX, não tardariam a configurar a cidade com suas ocupações nas encostas de morros, em traçado tortuoso seguindo a topografia ou acompanhando os leitos dos rios e estradas de acesso. Eram estas mesmas as pessoas que serviam nos hotéis, que construíam e limpavam os balneários e faziam toda sorte de trabalhos nas infraestruturas da cidade. A colina onde se encontra a Igreja de São Benedito que abriga uma vez por ano a festa destinada ao santo padroeiro que foi reconhecidamente tombada por valor de patrimônio imaterial desde 1916, representa a cultura da população negra da cidade, com seu Congo e tradição dos Caiapós.

Figura 008. Largo com Hotel da Empreza, Bangalô com consultório do Dr. Pedro Sanches e Passadiço para o Balneário, 1908. Poços de Caldas/MG.



Fonte: Cartão Postal do acervo particular de Antônio Carlos Lorette.

¹⁹OTTONI, Homero Benedito *apud* MARRAS. **Poços de Caldas. São Paulo-SP:** Anhembi, 1960, p.19.

Figura 009. Interior do salão de refeições do Hotel da Empreza. Poços de Caldas /MG. S/d.



Fonte: Arquivo Público Mineiro.

Figura 010. Colina de São Benedito, com a festa e procissão para o santo em maio. Década de 1930. Poços de Caldas/MG



Fonte: Acervo do Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas. Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/15.171/5318>. Acesso em: 20 out. 2019.

As práticas entre a aristocracia rural, a nascente burguesia urbana do século XIX e o convívio com os habitantes simples fizeram a base de ação e entendimento comum que fundou a estação balneária mais frequentada do século XX.

A troca de favores e auto referência entre os papéis do Governo Imperial e depois a República, no sentido de incentivar simbolicamente as águas termais, a associação das imagens do Velho Mundo ao das províncias que demandavam recursos, e os interesses da medicina positivista, transformaram a vila numa local de progresso.

É interessante observar que não apenas Poços de Caldas, mas outras cidades balneárias (não termais) do Sul de Minas, a exemplo de Caxambu, Lambari, São Lourenço e Baependi, tiveram suas inspirações francesas, sobretudo em Vichy. O fato de a princesa Isabel e o Conde d'Éu, em 1868, terem frequentado Caxambu para resolver o problema de infertilidade da princesa, creditada à terapêutica das águas, certamente conferiu uma imagem de credibilidade a respeito das curas.

Fazendo uma retrospectiva sobre as obras realizadas na área dos poços, desde 1852 o governo se empenhou de tal maneira para qualificar o espaço onde nascem as águas virtuosas que consolidou em leis. E é com a Lei nº 606, de 22 de maio de 1852, sancionada pelo presidente, Doutor José Lopes da Silva Viana, que se dá a criação da Repartição de Obras Públicas da Província de Minas Gerais. Com base nessa lei, foi dada a ordem para que se contratasse três engenheiros para atender às obras públicas. Os primeiros foram os engenheiros Júlio Borel du Vernay, Thomaz Martins e João Hitchens, seguidos, em 1854, de Bruno de Sperling e Francisco Eduardo de Paula Aroeira. Em 1856, a província contrata os jovens mineiros Honório Henrique Soares do Couto (que iria implantar o plano de 1872) e Francisco Salles Queiroga, para, em Paris, estudarem as disciplinas necessárias ao curso de engenharia que lá deveriam fazer.

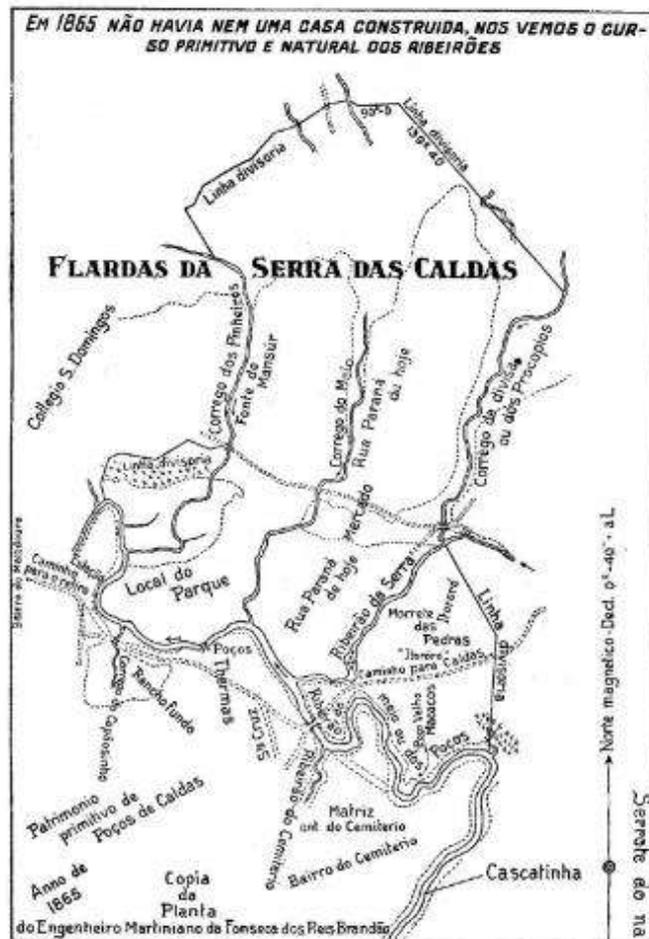
Conforme o levantamento realizado por Matthes (2005), a lei nº 883, de 6 de junho de 1858, dispunha do seguinte texto:

Artigo 1º O Governo da Província fica autorizado a despender a quantia necessária com os melhoramentos das águas medicinais de Baependi, Lambari e as termais de Caldas.

Artigo 2º Estes melhoramentos não poderão ter começo, senão depois de indicados por uma comissão de médicos para esse fim nomeados.

Em 1865, o Engenheiro Martiniano da Fonseca dos Reis Brandão fez o levantamento topográfico, planta e orçamento de uma casa para doentes e casa de hóspedes e obras indispensáveis à melhor utilização dos veios de água sulfurosa.

Figura 011. Cópia do Levantamento e Planta topográfica feita pelo Engenheiro Martiniano da Fonseca Reis Brandão em 1865.



Fonte: MOURÃO, Mário. Poços de Caldas-Síntese Histórico-Social. 2º ed. Ed. Saraiva S/A, São Paulo, 1952, p. 231.

Neste levantamento não havia nenhuma indicação de construção permanente destinada à habitação existente, mas havia a marcação dos poços e uma indicação, talvez feita pelo autor do livro Dr. Mário Mourão, em 1952, escrita “local do parque”, aquele a que temos chamado ao longo do texto de “Largo”.

Como observa Matthes (2005, p. 74):

É marcante a presença de linhas tracejadas ao longo do mapa cruzando os rios e córregos, estabelecendo os caminhos existentes de uma povoação transitória, de passagem. Onde está marcada a Rua Paraná (hoje Rua Assis Figueiredo, a principal rua da cidade) era a estrada de passagem e acesso do gado das Fazendas do outro lado da Serra de São Domingos, como a importante Fazenda do Barreiro de propriedade do Cel. Agostinho da Costa Junqueira, filho do primeiro sesmeiro e principal fundador da cidade. Homem forte e de grande atuação política desde o início da povoação. A família Junqueira ainda é um ramo importante na cidade e de grande atuação no cenário político atual.

Figura 012. Análise do mapa de 1865 – cópia do Levantamento e Planta topográfica feita pelo Engenheiro Martiniano da Fonseca Reis Brandão em 1865



Fonte: MOURÃO, Mário. Poços de Caldas-Síntese Histórico-Social. 2º ed. Ed. Saraiva S/A, São Paulo, 1952, p. 231.

Quando o médico Pedro Sanches chega ao Distrito de Nossa Senhora da Saúde das Águas de Caldas em 1873, interessa-se pelas curas, mas, ainda como novato, investiga, nos seus compêndios franceses, acerca desta tradição crenológica, tornando-se ele próprio um dos mais proeminentes médicos brasileiros nesse ramo científico.

Poder-se-ia descrever o cenário que ele encontra como um lugar com grande quantidade de ribeirões e córregos, com seus meandros, que até hoje permeiam a área central, demandando uma grande reforma urbanística. Tratava-se de desenhar a cidade para a cura, para o convívio social, para os passeios e diversão.

Pedro Sanches realiza, em 1903, uma viagem à Europa a fim de conhecer os balneários mais em voga, Baden-Baden e Vichy, entre outros. Sua visita é técnica, mas também descreve os modos de se portar numa estação de águas, os detalhes dos tratamentos, os custos, tudo no intuito de trazer para Poços de Caldas este imaginário civilizado, na pequena cidade. Assim, ele encaminhou medidas prioritárias,

como proceder à complexa captação das águas para posteriormente construir os estabelecimentos balneares. As referências arquitetônicas e urbanísticas deveriam seguir as cidades balneárias francesas.

A partir de então, a empreitada, que não dependia de grandes investimentos e engenharia especializada, passou a ser gerida ora pelos governos, ora por empreendimentos particulares, numa dança onde médicos e homens de governo se revezariam, mantendo nomeações diferentes, mas sob a mesma composição social.

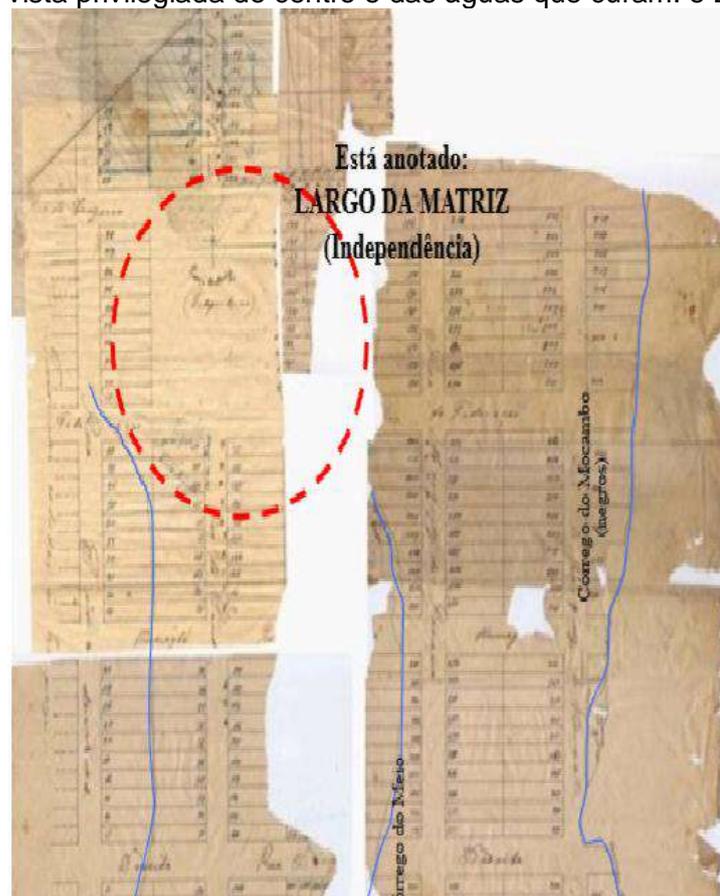
O plano urbanístico de 1872 foi revisado no período de 1872 a 1886, por vários engenheiros, a maioria deles com formação europeia, o que significava que os preceitos sanitaristas da Europa do século XIX estavam sendo discutidos, como afirma Matthes (2004).

No caso de Poços, os terrenos foram divididos em 10m de frente por 50m de profundidade, em quarteirões iguais de 100m x 100m de lado, sendo, então, necessária a correção de rios e aterros das áreas alagadas, estabelecendo uma imagem de civilidade e urbanidade próprias das novas metrópoles europeias. No período entre 1872, data da elaboração do plano da cidade, e o ano de 1886, muito pouco foi feito em termos de sua implantação e das obras de melhoramentos e captação das águas para os banhos das fontes Pedro Botelho, Mariquinha e Chiquinha. No relatório do presidente da Província, Desembargador Francisco de Faria Lemos, datado de 1º de janeiro de 1887 (Ottoni, 1960, p. 116), ao passar a presidência ao Dr. Antonio Teixeira de Souza Magalhães, faz constar o atraso e a morosidade nas obras e ordena que, por orientação e coordenação do engenheiro Modesto de Faria Bello, que encarregue os cidadãos Antonio Teixeira Diniz (Barão do Campo Místico), João Batista Pansini e Carlos Maywald do alinhamento da cidade balneária. Para tanto, as ruas deveriam seguir o traçado reticulado, em xadrez, e a divisão dos lotes de acordo com a Lei de Terras de 1850, balizados pelo plano apresentado de 1872.

Pansini e Maywald são personagens desta atmosfera elitizada que se sucedeu em Poços por se tratarem de profissionais voltados à arte da construção da cidade e da arquitetura. Pansini, italiano que chega a Poços por volta de 1878, em 1900 parte para a Argentina, onde trabalha com seu filho e desenvolve grande carreira. Nesse período de 22 anos, se destaca como o grande empresário da construção civil, tornando-se o predileto do Coronel Agostinho da Costa Junqueira. Construiu a maioria das edificações da família, assim como foi o arquiteto escolhido pela classe mais

abastada. Destacam-se dentre suas obras os Chalés, construções, às vezes, atribuídas também a outro arquiteto, Carlos Alberto Maywald. Alemão nascido em Breslaw, em 1850, Maywald, estudou em Hamburgo, formando-se em engenharia e arquitetura. Saiu da Alemanha em 1886, dirigiu-se inicialmente para o Sul do país e vindo, posteriormente, para São João da Boa Vista, realiza propostas de arruamentos e divisão de lotes para a área central da cidade de Poços de Caldas.

Figura 013. Original da planta de arruamentos para a zona sul da cidade de Maywald. Pode-se notar a divisão e numeração dos lotes e principalmente a organização do novo Largo, para a implantação da Nova Matriz, para o lado Sul da Cidade. Espaço mais alto e nobre com vista privilegiada do centro e das águas que curam: o Largo central.

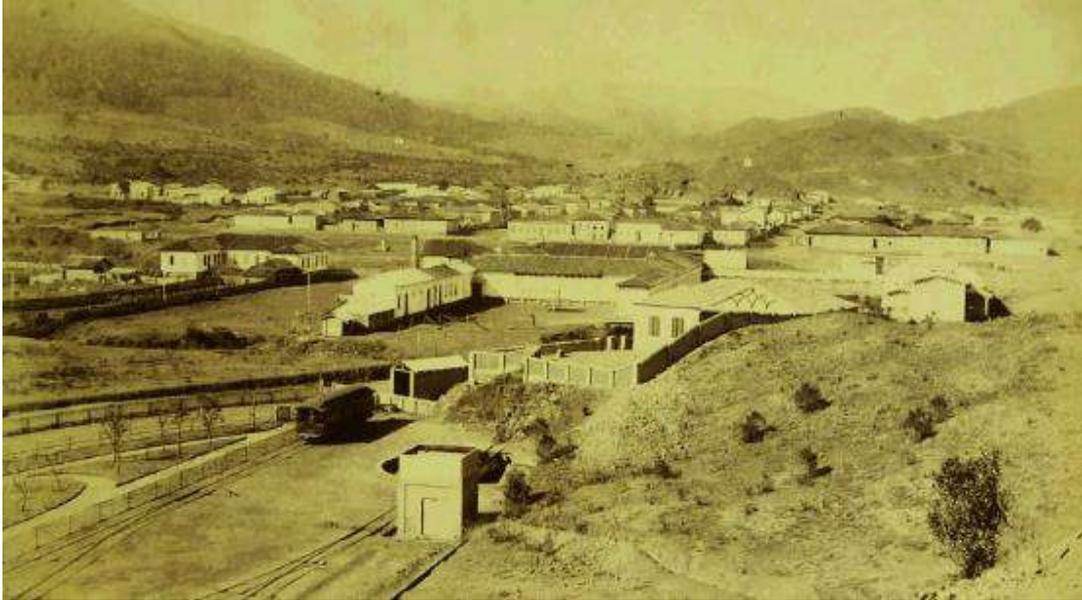


Fonte: MATTHES, A. *Arquitetura e permanências: o projeto urbano na constituição da esfera pública*, Campinas: PUC-Campinas, 2005.

Em 1873, o governo da Província de Minas Gerais vê a necessidade de várias obras e concede à empresa concessionária a construção de um balneário sobre as fontes Pedro Botelho, Mariquinha e Chiquinha. Mas os atrasos nas obras fizeram com que, em 1880, passasse para a “Sociedade Anônima Empresa Balneária” a construção de um balneário, que foi realizada na Praça Senador Godoy (hoje Praça Pedro Sanches), sendo também inaugurado, em 1884, o “Hotel da Empreza”.

Paralelamente às construções do balneário e hotéis, o grande público se dirigia ao núcleo urbano.

Figura 014. Vista da vila tendo em primeiro plano os trilhos da Mogyana, na década de 1900. Poços de Caldas/MG.



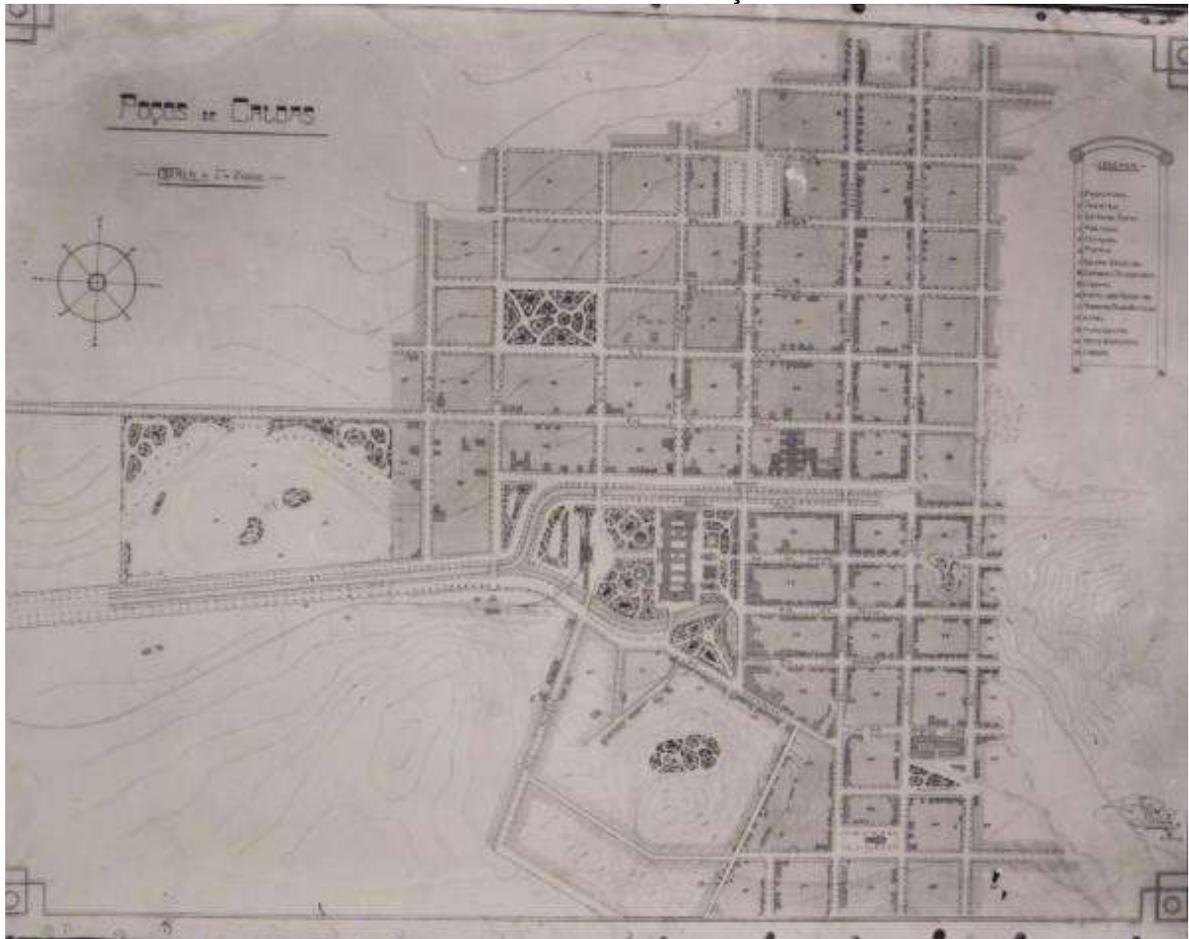
Fonte: Acervo do Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas.

No final do século XIX, o potencial curativo e científico das águas minerais despertou o interesse dos governantes e vários melhoramentos passam a ser executados nas estâncias minerais. Nesse período, a medicina brasileira tinha como referência os conceitos da educação médica europeia, que acreditava no termalismo, disciplina que era ensinada nas escolas médicas, como um instrumento eficaz para o tratamento de algumas doenças específicas, dentre elas o reumatismo e a sífilis. (POZZER, 2001). Associada ao tratamento, está a paisagem agradável cercada de montanhas. O contato com a natureza e o distanciamento das cidades de origem representavam um fabuloso coadjuvante do processo de cura.

A análise de uma prática urbanística na cidade de Poços de Caldas, desde o final do século XIX, período chamado de “milagre urbanístico”, passou por importantes obras, como as do Prefeito Francisco Escobar e do importante Plano de Avenidas de 1905, do Dr. David Benedito Ottoni, chegando até as grandes obras da década de 30. A planta abaixo inaugura a definição da área do parque e das termas que viriam a constituir o coração da cidade e inaugura também a hierarquia urbana que, no traçado proposto por Maywald, praticamente não existia. O espaço público privilegiado e a

paisagem constituída na apropriação urbanística fundem aspectos simbólicos e ambientais da cidade.

Figura 015. Proposta do arquiteto Piffer, pela Cia Melhoramentos para Poços de Caldas, em 1912. A estação ficaria quase no centro do mapa, um pouco abaixo, em frente a um jardim que existe do outro lado do Hotel das Termas. A linha viria do oeste e faria uma curva para o norte na entrada da estação.



Fonte: Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros- USP-Coleção Avulsa Poços de Caldas.

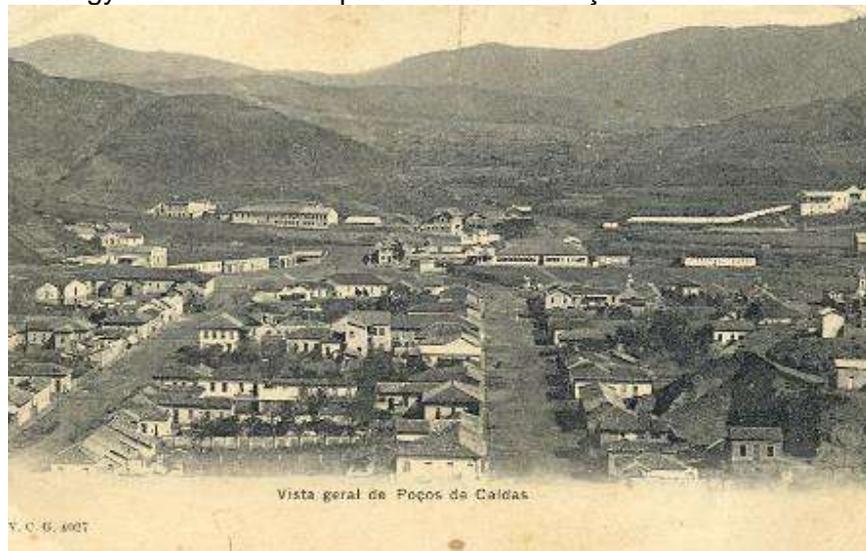
De 1920 a 1922, o Eng^o Lourenço Baeta Neves foi prefeito de Poços de Caldas e administrou a situação financeira do município, dando continuidade às obras iniciadas. Pretendia ainda empreender uma regularização no sistema sanitário municipal.

Nas cidades novas, nenhum problema excede de importância ao do estabelecimento ou regularização do aparelho hygienico do meio urbano, problema cuja solução deve preparar o progresso local e nunca por este esperar, conforme o pensamento elevado da máxima de Saturnino de Brito, o mestre incomparável da engenharia sanitária (NEVES, 1922).

Baeta Neves propôs a obrigatoriedade do uso do sistema municipal de água e esgotos nos prédios servidos pela rede pública, a utilização de aparelhos sanitários,

reformas nas instalações de higiene e a criação de lavanderias públicas. Ele criticava a monotonia da tipologia dos *chalets* e sugeriu a adoção de tipologias com casas ajardinadas como as americanas.

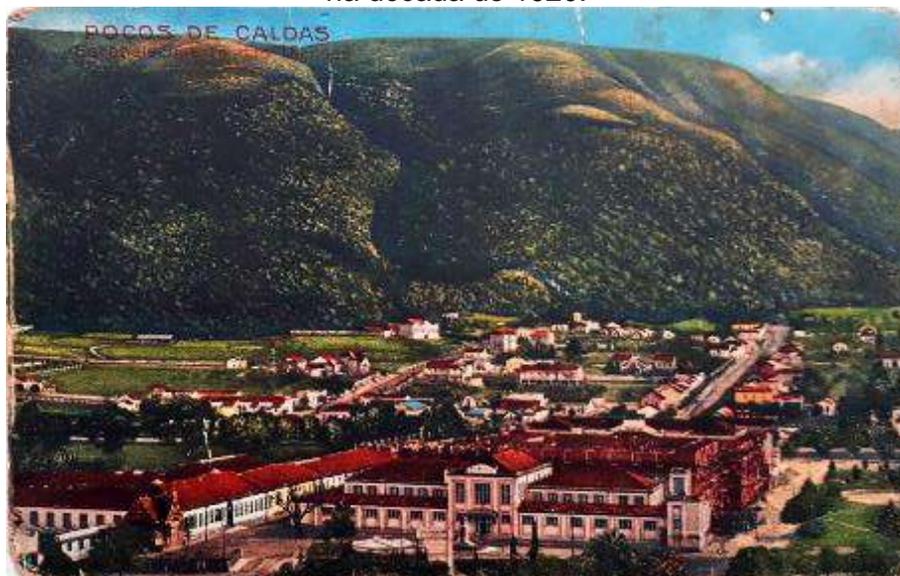
Figura 016. Vista geral da cidade tirada do Morro de São Benedito, vendo-se ao fundo, da esquerda para a direita o Ginásio Pedro Sanches, Casa do Conde Prates, a estação Mogyana e a Vila Junqueira em 1908. Poços de Caldas /MG



Fonte: Cartão Postal. Acervo Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas.

Em 1919, a Companhia Melhoramentos inaugurou o terceiro balneário chamado de Thermas, que mais tarde deu lugar às obras do Palace Hotel, durante a remodelação de todo o complexo hidrotermal.

Figura 017: Vista geral das Thermas já com o início da construção do Grande Hotel na década de 1920.



Fonte: Cartão Postal do acervo particular de Antônio Carlos Rodrigues Lorette.

Foi somente a partir de 1927, que o então governador do estado, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, concedeu à cidade um crédito extraordinário para a remodelação urbana de Poços de Caldas, a fim de transformá-la na primeira cidade balneária do Brasil. Em 1931, inaugura-se, finalmente, a Thermas Antônio Carlos, com toda a infraestrutura necessária para disputar, junto aos curistas, o título de cidade balneária, como as mais celebradas cidades europeias.

Figura 018: Proposta para o novo parque em Poços de Caldas, autoria de Dierberger.



Fonte: Acervo do Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas

Com a implantação de um grande jardim, ou seja, o parque José Affonso Junqueira e o Palace Cassino, Poços de Caldas tornou-se também a primeira cidade balneária da América Latina, que fazia uso das águas termais, contribuindo para uma nova história do município. Vemos também o ordenamento do Parque a partir do eixo visual da Rua São Paulo. Não aparecia neste estudo (figura 018) a localização da futura Thermas Antônio Carlos.

Figura 019. Palace Hotel e Parque José Affonso Junqueira com a fonte luminosa no eixo central, década de 1930. Poços de Caldas /MG.



Fonte: Acervo do Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas.

Figura 020. Palace Hotel e Praça Pedro Sanches durante a década de 1930. Poços de Caldas/ MG.



Fonte: Acervo do Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas.

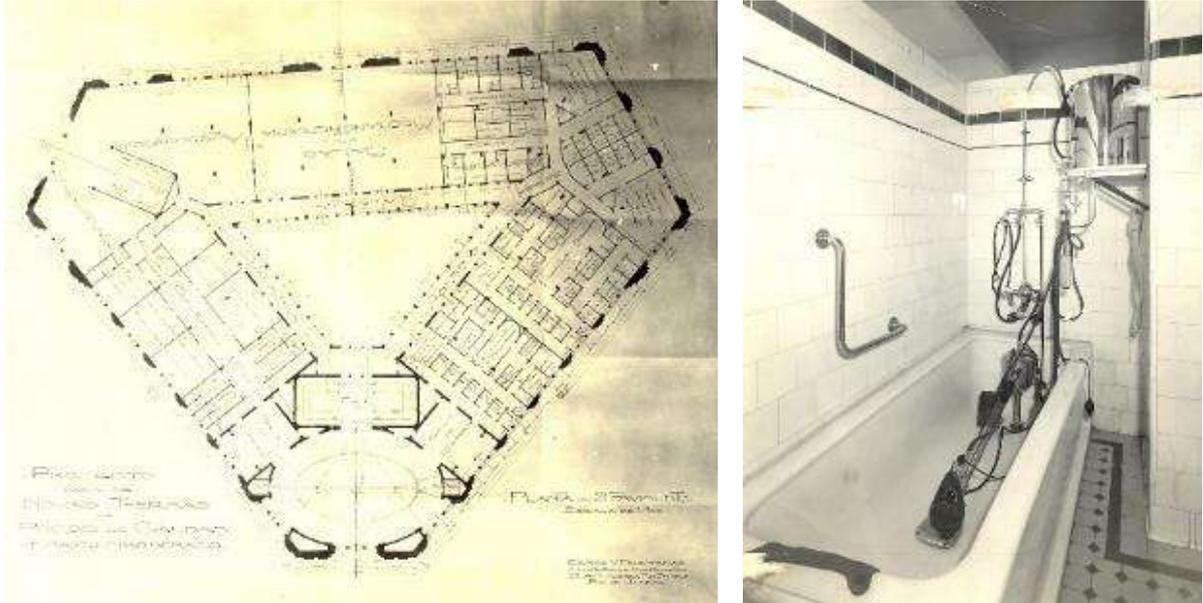
Figura 021. Palace Cassino visto do Parque José Affonso Junqueira, tendo em primeiro plano a fonte luminosa no eixo transversal durante a década 1930.



Fonte: Acervo do Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas.

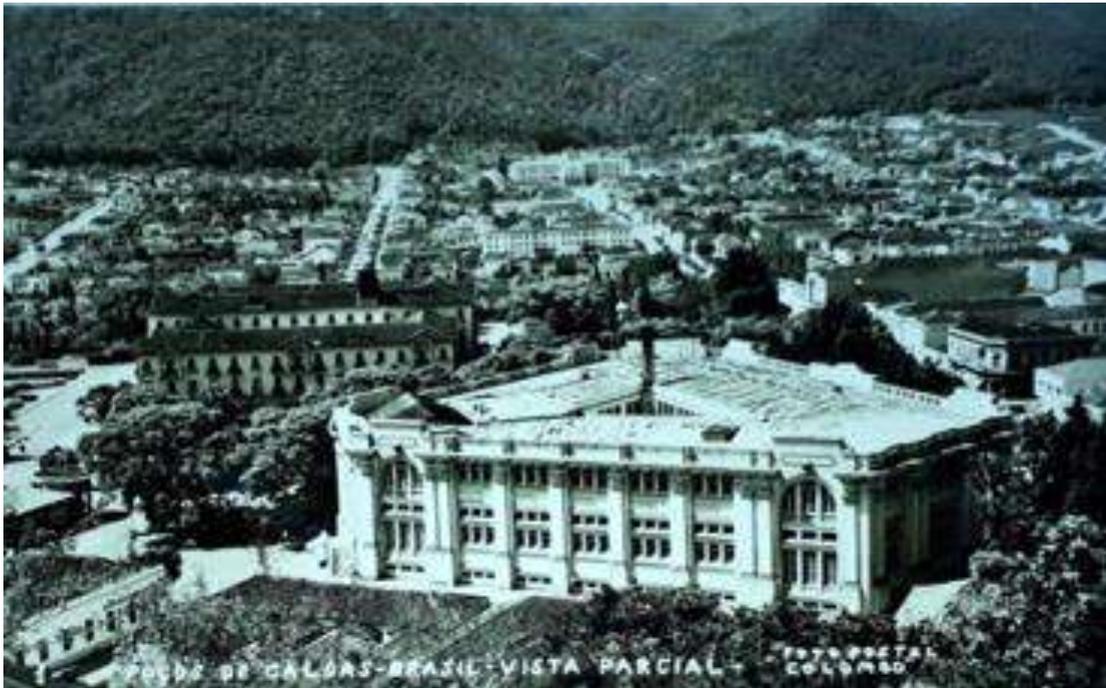
As Thermas Antônio Carlos foram, portanto, o primeiro estabelecimento termal do Brasil sob os signos da modernidade que, a partir de 1931, data de sua inauguração, passou a oferecer uma série de serviços e tratamentos corporais a partir do uso da água termal, até então inexistentes no Brasil. O projeto do arquiteto Eduardo Pederneiras reflete a tendência de época com predominância de estilo neoclássico, de partido hexagonal. Foi projetado em quatro níveis organizados em vestíbulo, hidrologia para banhos (feminino e masculino), duchas (circular, chicote e Vichy), saunas (masculina e feminina), sala de mecanoterapia com aparelhos que vieram da Alemanha na década 20, setor de inalação e pulverização, administração e salas especiais, onde se realizam limpezas de pele, massagens corporais e faciais e escalda-pés. O edifício passou por várias administrações incluindo o contrato de comodato assinado entre a Hidrominas, hoje CODEMIG e a Prefeitura Municipal, mas hoje encontra sob responsabilidade da CODEMGE, contando com vários serviços e terapias.

Figuras 022. Planta do Projeto para a Thermas Antonio Carlos e imagem do interior de uma sala de banho da Thermas Antonio Carlos na década de 1930.



Fonte: Acervo do Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas.

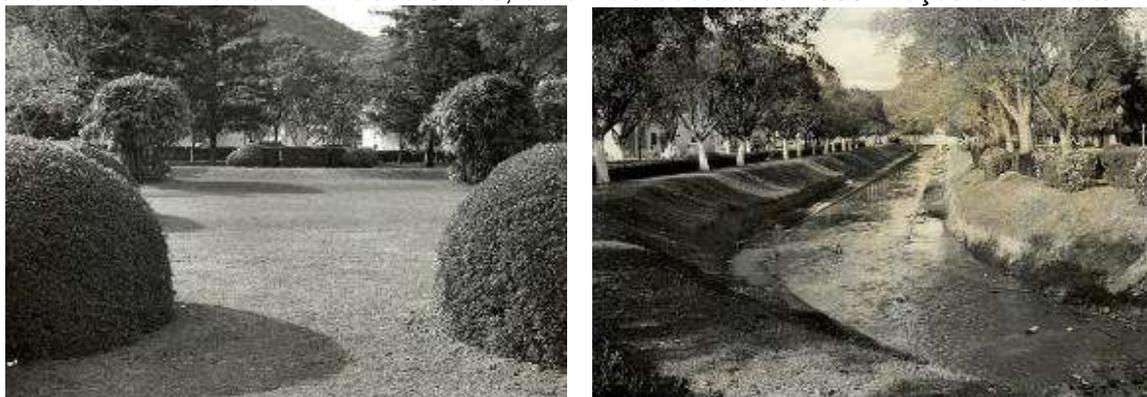
Figura 023: Vista Parcial de Poços de Caldas, tendo em primeiro plano a Thermas Antonio Carlos na década de 1950.



Fonte: Cartão Postal do acervo particular de Antônio Carlos Rodrigues Lorette.

A presença marcante do edifício das Thermas serviu por muito tempo de referência à vida dos habitantes da cidade, juntamente com os jardins de entorno mantendo-se preservados graças aos esforços de tombamento do conjunto.

Figuras 024: Interior dos jardins do Parque José Affonso Junqueira e Ribeirão da Serra canalizado na Avenida Francisco Salles, durante a década de 1950. Poços de Caldas/ MG.



Fonte: Acervo do Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas.

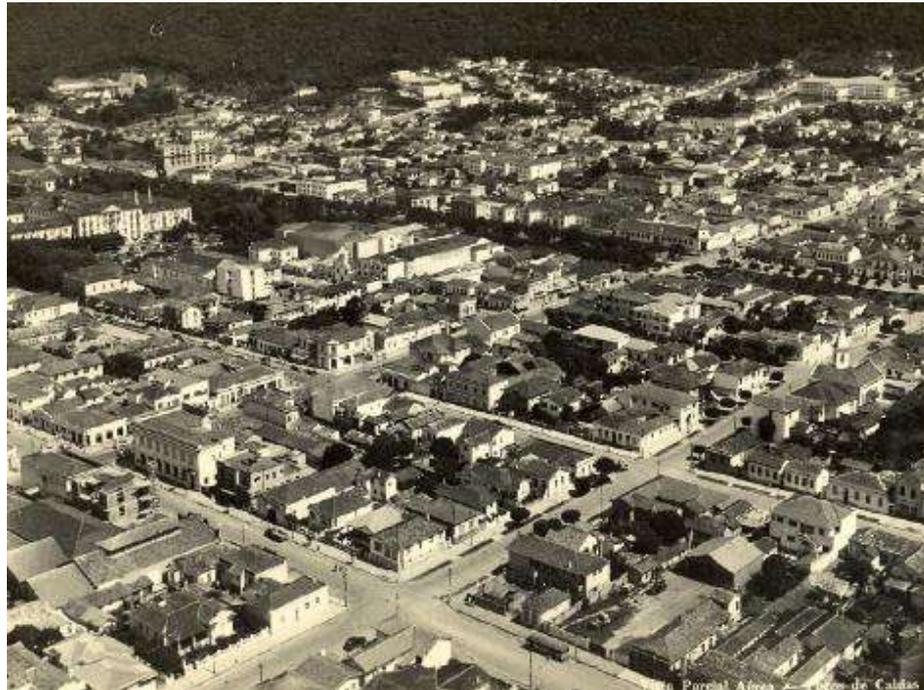
Figura 025: Imagem atual capturada por drone do Parque José Affonso Junqueira, 2017.



Fonte: Acervo Esther Cervini. Autoria: Daniel Matoso Argould.

Como se observa, através das imagens do acervo de cartões postais de Antônio Carlos Rodrigues Lorette, as décadas se sucederam, mas os aspectos gerais da proposta originária do Parque José Affonso Junqueira mantêm-se preservados. Aparece, no entanto, uma significativa mudança no entorno do parque, num processo de verticalização que abordaremos nos capítulos posteriores. Adiantamos, no entanto, que tal processo verificado nas cidades brasileiras em geral, traz de fato um aspecto econômico e ligado à mercantilização do solo e do espaço aéreo das cidades, mas também representa um vetor vertical de símbolo de contemporaneidade e *status* social, associado ao modo de vida globalizado, mesmo em pequenas cidades.

Figura 026. Vista parcial da área central de Poços de Caldas na década de 1950.



Fonte: Acervo do Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas.

Figura 027: Vista parcial da área central de Poços de Caldas na década de 2017.



Fonte: Acervo Esther Cervini. Autoria: Daniel Matoso Argould.

Será desenvolvido, no capítulo 3, um panorama das transformações que a paisagem termal testemunhou a caminho do processo civilizatório, a propósito dos paradigmas da Cura, do Ócio e do Bem-Estar e, mais recentemente, focado nas questões ambientais, procurando mostrar que ainda hoje o homem procura a cura para os seus males físicos e espirituais.

2.2 Aspectos geográficos da paisagem: o território da Caldeira Vulcânica de Poços de Caldas

Figura 028. Mapa de localização do Estado de Minas Gerais no Brasil.



Fonte: Google Maps, 2018.

Figura 029. Mapa de localização de Poços de Caldas no Estado de Minas Gerais.

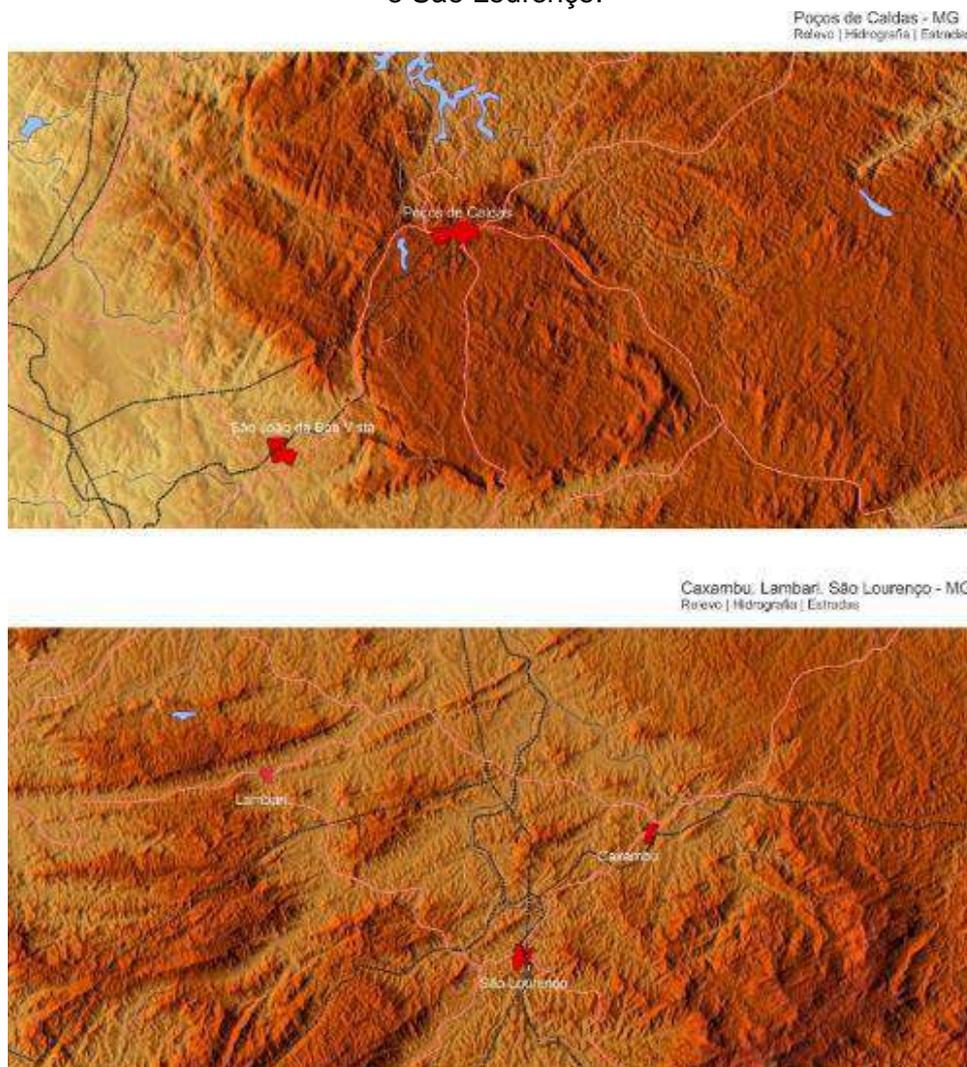


Fonte: Google Maps, 2018.

A Caldeira Vulcânica da microrregião de Poços de Caldas, sul de Minas Gerais, é compartilhada por vários municípios mineiros e alguns paulistas. E, ao longo do tempo, iniciaram a sua ocupação a partir da abertura de estradas e caminhos, tendo sua formação econômica e acesso à terra por meio de posse, sesmarias e títulos de propriedade, depois de 1850.

Percebemos, abaixo, o contorno da Caldeira Vulcânica de Poços de Caldas, seus pontos de passagem e abertura proporcionando o estabelecimento dos caminhos com as outras cidades que fazem divisa com Poços de Caldas.

Figura 030. Acima a imagem do relevo, hidrologia e acessos principais das regiões aonde estão localizadas as cidades de Poços de Caldas e abaixo as cidades de Lambari, Caxambu e São Lourenço.



Fonte: <https://maps-for-free.com> . Acesso em 13 out. 2017.

Como já foi apresentado, por se tratar de região limítrofe entre os Estados de Minas Gerais e São Paulo, as questões das divisas só foram resolvidas em 1936, como pode ser observado por Prado Junior (1965, p.72)²⁰. Outro autor que se refere à ocupação das terras de divisa, onde hoje se localizam Poços de Caldas, Andradas e outros municípios do Sul de Minas Gerais, bem como de Cabo Verde até o município paulista de São João da Boa Vista²¹, é Orville Derby (1920).

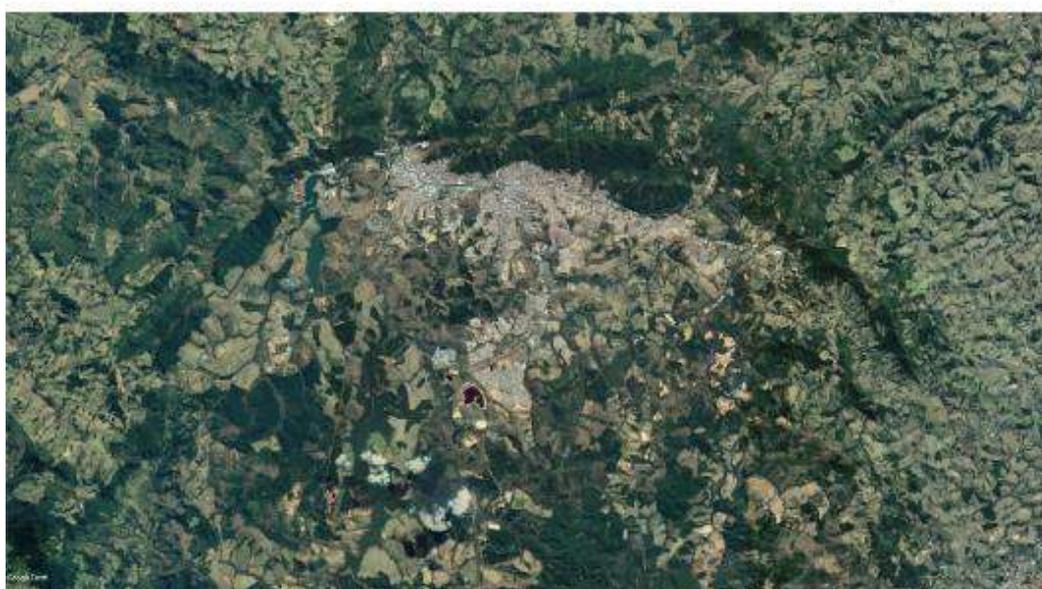
²⁰ JUNIOR, C. P. **Formação do Brasil Contemporâneo**. 8ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1965.

²¹ ROVARON, C. E. **Ocupação da Região Vulcânica de Poços de Caldas – MG (Séc. XVIII-XX)**. Dissertação de Mestrado. Apresentado n Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. São Paulo: USP, 2009. Rovaron descreve o processo de invasão da sesmaria do Alferes paulista de Inácio Preto de Moraes que se estendia até a Serra do Caracol (Andradas) na comarca do Rio das Mortes, e se utiliza de outros dois autores DERBY e PIMENTA.

As fontes termais de Poços de Caldas resultam de um complexo sistema hidrogeológico desenvolvido sobre um conjunto de rochas alcalinas da chaminé vulcânica, que confirma o denominado Planalto de Poços de Caldas. Suas nascentes estão diretamente relacionadas com a circulação e armazenamento das águas subterrâneas num sistema aquífero principal, de natureza fraturada, constituído pelos esforços durante a instalação da estrutura vulcânica, em suas próprias rochas e nas encaixantes. Esse aquífero principal está parcialmente sotoposto a um sistema granular, formado no manto de alteração das rochas vulcânicas e em sedimentos detríticos de uma cobertura pouco espessa e descontínua.

O Planalto de Poços de Caldas é limitado a SE e NE por um conjunto de serras de idade pré-cambriana (Serra da Mantiqueira) que constitui uma parte do cinturão Ribeira, de idade proterozóica, em que as altitudes alcançam 2000m. A oeste, o planalto é limitado pela depressão da Bacia do Paraná, com a ocorrência de uma faixa com padrão N-S formado por gnaisses, migmatitos e granitóides de idade pré-cambriana e altitude intermediária, conhecida como a porção norte cristalina do estado de São Paulo. Morfologicamente, o planalto de Poços de Caldas apresenta-se como unidade individualizada, sendo delimitado por um anel quase completo devido à “ascensão do magma neolítico na periferia do maciço ao longo de fendas circulares.” (MORAES, 2007, p. 47).

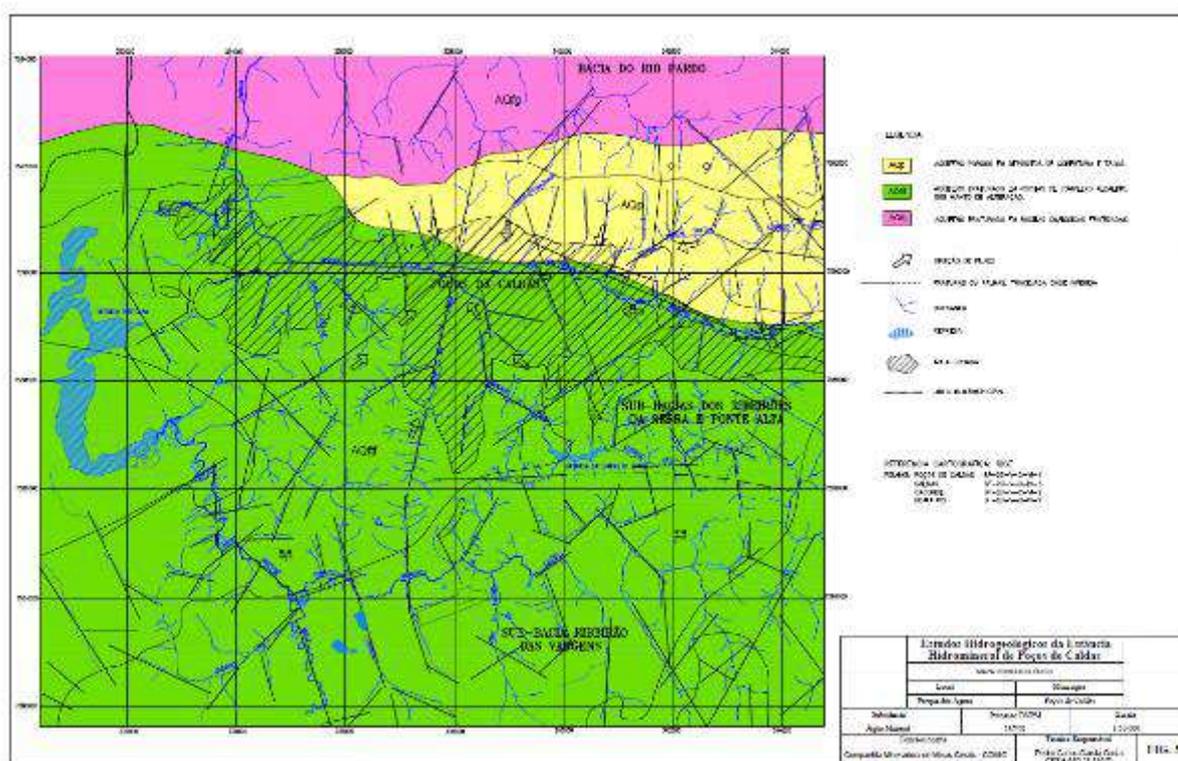
Figura 031. Mancha urbana da cidade de Poços de Caldas, acompanhando a borda da Serra de São Domingos.



Fonte: Google Earth Pro, 2017.

A recarga dos aquíferos desse Planalto se dá por infiltração direta nas fraturas que controlam a rede de drenagem superficial ou “*per decensum*”, através dos sedimentos e manto de alteração das rochas alcalinas. Assim, as principais áreas de recarga estão na serra de São Domingos e nos vales do Ribeirão da Serra e do córrego Vai e Volta, coincidindo com a área mais urbanizada do maciço alcalino, a cidade de Poços de Caldas.

Figura 032. Mapa hidrogeológico com a sobreposição dos aquíferos, fraturas e malha urbana atual.



Fonte: Plano Diretor de Poços de Caldas, 2006.

2.3 A Construção do Termalismo científico e a figura do médico Pedro Sanches de Lemos em Poços de Caldas

Segundo Etienne Chabrol *apud* Marrichi (2015, p.116), o século XIX foi classificado na história do Termalismo, como o período de intensa observação clínica fortemente amparada por análises científicas. Em 1853, foi fundada a Academia de Medicina de Paris, que incentivou pesquisadores de todo o país para o estudo das

águas medicinais francesas, a partir do espírito científico. A academia serviu de referência para outras sociedades balneoterápicas nas principais capitais europeias.

Dois nomes se destacaram nos estudos da medicina termal, alcançando destaque internacional. O médico-inspetor das águas de Mont-Dore que publicou, em 1823, o livro *“Recherches sur les propriétés physiques, chimiques et médicales des eaux du Mont-d’Or”*. O outro estudioso foi o médico-inspetor de Vichy com importantes tratados de Hidrologia, publicados em 1860, *“Dictionnaire general des eaux minérales de la France et de l’hydrologie médicale”* e, em 1885, também sobre o termalismo.

Em 1900, o ensino prático de hidrologia pela Faculdade de Medicina de Paris foi instituído pela *Oeuvre des Voyages d’études aux Eaux Minerales*, sendo, então, organizadas viagens científicas pelos centros hidrológicos da França.

Marrichi (2015), em sua dissertação sobre a cidade termal de Poços de Caldas, MG, destaca a importância das bibliotecas dos médicos Pedro Sanches de Lemos e Benedictus Mário Mourão com obras que versavam sobre a cura pelas águas termais e seu modo de aplicação. Para entender o que significava o tratamento, ou seja, a modelação do indivíduo às estações de águas, havia indicação no *“Manuel Pratique de Médecine Thermale”*, de 1879, pelo doutor Henri Candellé.

Essa modelação do indivíduo frente às práticas balneoterápicas instituiu hábitos no interior das cidades termais. O autocontrole das emoções, fator indispensável para o sucesso do tratamento terapêutico fazia parte dos formulários de águas minerais e de balneoterapia que se propagavam no interior da classe médica. Fazer uma cura dentro de uma estação não era somente submeter-se à ação química das águas empregada sob diversas formas de banhos, à inalação ou à água ingerida. Evidentemente, a influência mais importante, profunda e modificadora das emoções humanas diante de uma fonte mineral, foi a submissão aos fatores higiênicos, sendo os mais indicados: o repouso, o clima, o regime e os exercícios. (MARRICHI, 2015, p.119).

O ilustre médico Dr. Pedro Sanches de Lemos (1846–1915), de Poços de Caldas, nome tutelar de Caldas, uma figura proeminente da vila, foi incumbido de uma viagem de oitenta e oito dias para visitar as cidades balneárias da França, da Alemanha e da Suíça tendo registrado suas impressões no seu *“Notas de Viagem”*, em 1903. Já havia um desejo de transformar Poços de Caldas num empreendimento termal.

A respeito de Vichy, ele escreve:

Como é natural, em Vichy abundam as árvores, as flores e a relva. A cidade tem doces parques, o velho e o novo: este mandado fazer por Napoleão III,

vasto, espaçoso, interminável, admiravelmente bem disposto, encontrando o banhista frescura, repouso e sossego por toda a parte, sendo tudo mantido e conservado pelo sindicato, que explora as fontes termais minerais. (LEMOS, 1903, p.182).

Sobre Baden-Baden, ele anota:

Notável pela profusão das árvores, da verdura e das flores, porque estas cousas estão à mão de qualquer câmara municipal que tenha alguma noção de hygiene e de gosto; mas salienta-se antes de tudo pela disposição estética do seu conjunto, admiravelmente trabalhado para arrebatara alma e encantar a vista, despertando o gosto dos visitantes. E o amor às plantas, essas amigas do silêncio e da paz. O que faz justamente o encanto da celebre estância balnear é que lá, para distrair o banhista e enlevar-lhe o espírito, a civilização, a arte e a natureza deram-se as mãos. (LEMOS, 1903, p. 18).

As observações do Dr. Pedro Sanches apontam para uma visão das qualidades de paisagem das cidades visitadas na Europa e, com isso, entendemos que já antecipava o potencial urbanístico que havia de ser explorado em Poços de Caldas.

2.4 As referências das cidades termais europeias na constituição da cidade balneária de Poços de Caldas.

A partir de documentação sobre as viagens do Dr. Pedro Sanches, um importante fundador do termalismo científico na cidade no início do século XIX, aos centros termais europeus, traçamos um paralelo com o processo de urbanização de Poços de Caldas e outras cidades hidrominerais no Sul de Minas Gerais.

Nos estudos da formação da paisagem, discute-se, sob diversos aspectos, a atenção que merece a região e as áreas limítrofes marcadas por estâncias hidroterápicas, na perspectiva das relações culturais entre a Europa e o Brasil. Observa-se que, entre os problemas teóricos a serem enfrentados, destaca-se o posicionamento focado, sobretudo, no patrimônio cultural de Minas Gerais. Neste caso, existe o predomínio de uma abordagem focada na época da mineração, no período do ouro, na era colonial, obscurecendo os estudos posteriores e suas manifestações diversas, principalmente referentes às demais riquezas do solo e, no caso da região Sul de Minas Gerais, à exploração das águas termais e minerais. Encontram-se já longas histórias de estudos culturais de cidades termais iniciados em fins da década de sessenta, no Brasil, e que tiveram o seu prosseguimento em vários centros europeus.

Após a Independência (1822), com o advento da República, várias expressões artístico-culturais começam a ser desenvolvidos, com ressonâncias internacionais.

Essa perspectiva possibilita uma maior sensibilidade na apreciação da arquitetura, da música e artes plásticas do século XIX, e das primeiras décadas do XX, pré-condição para a valorização do patrimônio de várias cidades. Destaca-se na América Latina, a cidade de Poços de Caldas, em Minas Gerais, como um importante centro do termalismo, alinhado com as descobertas científicas do uso das águas termais, acompanhando o debate médico da época. Várias outras cidades do Sul de Minas Gerais vão se estruturar na exploração e no uso das águas, como Lambari, Caxambú, São Lourenço, Pocinhos do Rio Verde e Cambuquira.

O patrimônio dessas cidades decorrente, sobretudo, da evidência de grandes edifícios representativos como os balneários e hotéis de passado recente, muitos deles fazendo um diálogo com a arquitetura termal europeia, tem sido injustamente tratado pela existência de posicionamentos estéticos e ideológico-culturais modernos, do século XX, desvalorizando as expressões de cunho historicista e eclético. Esses posicionamentos por ideologias acabam sendo, eles próprios, fruto das suas expressões históricas.

No que se refere à apreciação de edificações, já se registram mudanças com uma crescente orientação cultural dos estudos de arquitetura, porém, o mesmo não tem acontecido, com a necessária intensidade, nos estudos do urbanismo e paisagismo. É necessário pensar as cidades balneárias do Sul de Minas numa visão de paisagem termal, como categoria cultural do século XIX e início do século XX.

Os parques e os jardins, a ordenação urbana e a inserção ambiental dessas cidades e seus edifícios representam também paisagens construídas da história cultural, expressões de processos em parte ainda vigentes, e elementos de primeira grandeza sob o aspecto de um patrimônio cultural compreendido nas suas relações com a natureza.

Cabe ressaltar que, na atualidade, vemos um direcionamento privilegiado da atenção ao urbanismo e paisagismo, residente no fato de valorizar, necessariamente, o meio ambiente. De nada adianta conservarmos e valorizarmos edifícios representativos de termas e hotéis se o contexto é descaracterizado e desvalorizado por desmatamentos, arruamentos, assentamentos e construções não planejadas sob uma perspectiva de conjunto. Agrega-se a isso, muitas vezes, um imperceptível comprometimento da qualidade ambiental na preservação do recurso natural.

Em aproximação inicial, buscamos informação em estudos sobre as cidades balneárias, verificando que existem várias publicações sobre temas médicos, sociais

e históricos vinculados ao termalismo. Também existem publicações e teses dos estudos artísticos e arquitetônicos, principalmente referentes a edificações termais. Mas, como apresenta Farré (2016) em publicações científicas, haveria um vazio na relação entre os centros termais e a tipologia de cidades balneárias com seu território e paisagem. Ainda que, em geral, associa-se uma peculiaridade às cidades balneárias em termos urbanísticos, começam a ser investigados os estudos acerca da relação dessas cidades com o território e a paisagem.

Trazendo diálogos com as estâncias termais europeias, a autora faz uma interessante investigação sobre o território. As cidades balneárias estariam posicionadas em determinada localização. Geralmente elas se encontram em conjunção de características específicas, como acidentes geográficos ou fraturas tectônicas com a existência de fontes termais; lugares onde as águas aproveitam as fraturas para brotar na superfície. Assim, então, se observa que as cidades balneárias europeias geralmente são encontradas em locais de acidente geográficos como, por exemplo, nos Pirineus, maciço central da Europa, nos Alpes, nos Cárpatos, enfim, onde há presença de falhas.

Desse modo, pode-se considerar o território termal como um suporte com fraturas geológicas, em que os núcleos de população se localizam nos pontos da presença das águas termais. Com suas diferentes localizações no território, as águas termais têm qualidades diferentes e, com isso, os territórios se organizam em paisagens específicas e diferentes, o que confere a singularidade que distingue cada uma das demais.

2.4.1 Ideário e Modelos apropriados do termalismo europeu

A paisagem termal começou a tornar-se de interesse turístico, na Europa, com o Renascimento e as primeiras viagens de humanistas à Itália e à antiguidade com vistas aos centros termais e à experiência das águas vinculadas aos seus espaços arquitetônicos.

Depois de um período de declínio, no séc. XVII teve início, na Europa, um florescimento do interesse termal no século XVIII e, depois no XIX, associando-se à evolução das técnicas médicas, do discurso higienista e melhora da acessibilidade territorial.

No século XVIII, a frequência aos balneários indicava aos jovens aristocratas por alguns anos certa distinção social, principalmente na realização do *Grand Tour*. Para os ingleses, os balneários converteram-se em lugares de prestígio, e aí sua relação com o turismo.

Os séculos XVIII e XIX se caracterizaram por um grande desenvolvimento arquitetônico e urbanístico das cidades termais europeias, com grande afluência de visitantes. Diferentemente dos outros lugares turísticos, foram construídas instalações de hotéis e passeios distrativos como os teatros e cassinos. As cidades foram se convertendo em lugares de encontro e identidade cosmopolita, com suas personalidades distintas umas das outras chegando, no século XIX, a florescer certo “marketing” urbano. Como lugar de ócio com o desfrute das águas, a proposta era a de oferecer uma experiência diferente da vida cotidiana.

2.4.2 Posição e desenvolvimento da cidade balneária no território. Vichy e Baden-Baden

Como as mais desenvolvidas cidades balneárias da Europa, nos séculos XVIII e XIX se destacam Vichy, na França e Baden-Baden na Alemanha. E, se estes locais serviram de fonte inspiradora para a urbanização de Poços de Caldas, no início do século XX, vemos que hoje esses centros ainda se destacam por suas qualidades turísticas com planos que souberam captar o espírito do lugar e fazer dessas cidades símbolos de sofisticação e bem-estar.

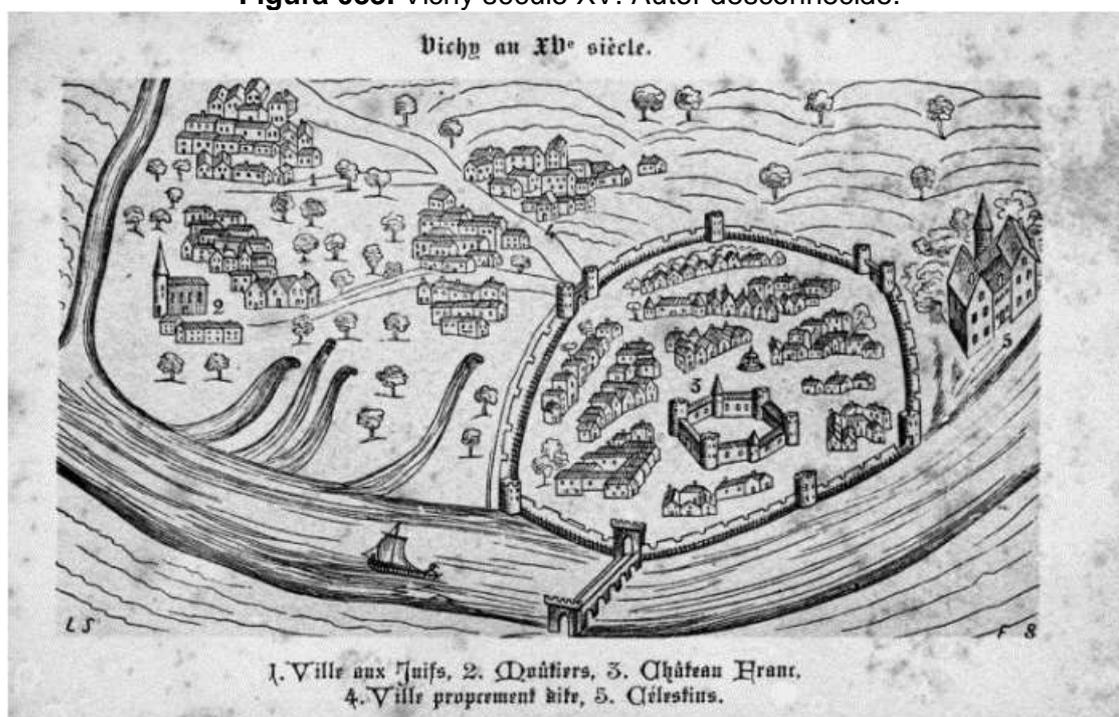
A partir da cartografia apresentada por Farré (2016), nas três cidades permanecem as muralhas até o século XVIII. Nelas existiam os recintos destinados aos banhos, uma vez que nas três apareceram também fontes termais fora do circuito das muralhas. Quando as muralhas foram demolidas para expansão da estrutura urbana, houve um desenvolvimento desses centros urbanos no território. Pode-se observar que em cada uma das cidades, aproveitaram maneiras diferentes de abordar os espaços livres. Enquanto em Vichy, os espaços livres se baseiam em eixos dos percursos e em Baden-Baden, se centra na relação entre o território e a paisagem, pois estão localizadas entre o limite da cidade e o território.

A presença do passeio (*Promenade* ou *walks*), mesmo não sendo exclusivo das cidades balneárias, acompanha o ideário das correntes contemporâneas de cada uma das cidades e planejamentos sociais em grande parte da Europa, ou seja: as

correntes higienistas do século XIX, apoiadas nos *Select Committee Public Walks*, em 1833, na Inglaterra, e nos planos de Haussmann e Napoleão III, em meados do século XIX, para o território francês.

O caso de Vichy – Partindo do século XV, a cidade era amuralhada e as fontes termais estavam vinculadas ao monastério que exercia o controle das águas. O desenvolvimento medieval da localidade insere-se na história da presença dos Beneditinos, nessa parte da França. Como em outros locais afastados, próprios ao retiro, à concentração e a uma vida de oração e trabalho, de cultivo da terra e de suas riquezas, um mosteiro de nome Célestin marcou essa fase medieval das águas e perpetuou-se na denominação de uma de suas fontes.

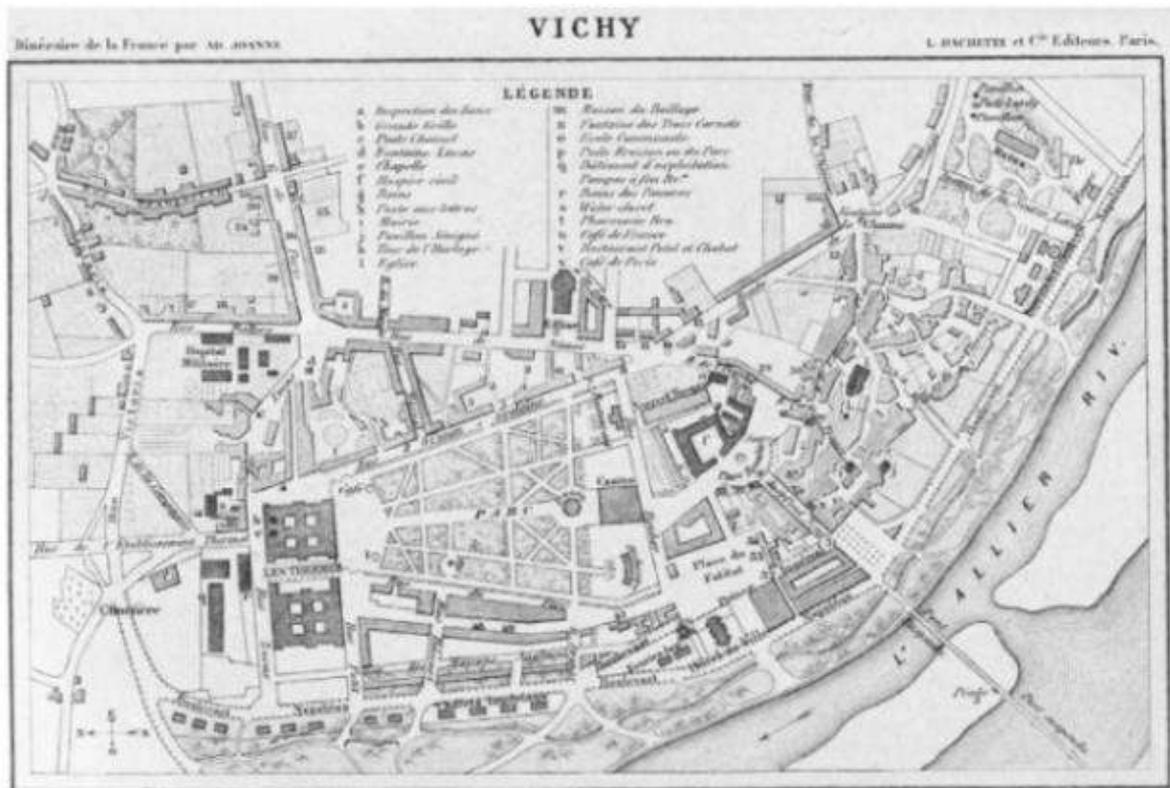
Figura 033. Vichy século XV. Autor desconhecido.



Fonte: Battala Farré.

Sabe-se que no século XVI, o local era procurado pelas suas águas, consideradas como virtuosas ou mesmo miraculosas. Em 1853, se inicia, em Vichy, uma política de reestruturação urbana como a melhoria das instalações para banhos, aparecimento dos hotéis, dos quiosques comerciais e dos cafés, com espaços exteriores para a vida termal. Impulsionado por Napoleão III, em 1870, se tem a maior transformação da cidade para o embelezamento da estação termal, contemplando a ferrovia e adequação dos espaços verdes ao redor do Rio Allier.

Figura 034. Vichy e seus arredores. Autor desconhecido, 1863. Guide Joanne



Fonte: BattalaFarré

As características do modelo de verde urbano que se propõe, consistem na abertura de grandes eixos de comunicação e a sistematização das áreas verdes com a presença de grandes praças centrais e o saneamento das ruas. O higienismo se situa no centro do debate e nas ações que respondem à vontade de fazer a cidade de Vichy mais salubre, de modo que seus habitantes copiassem os modelos de atuação para os espaços privados.

Este último representou um dos principais projetos valorizadores de Vichy, que prendeu a atenção dos visitantes e residentes do balneário na segunda metade do século XIX e início do XX.

Originalmente, com objetivos pragmáticos de barragem de proteção contra as enchentes do rio Allier, a formação de um lago como centro de uma paisagem-parque refletiu ideais de embelezamento da época de Napoleão III, quando o imperador ali esteve pela segunda vez, em 1862.

Figura 035. Vichy, 1899. Grabado por John Bartholomew & Co.



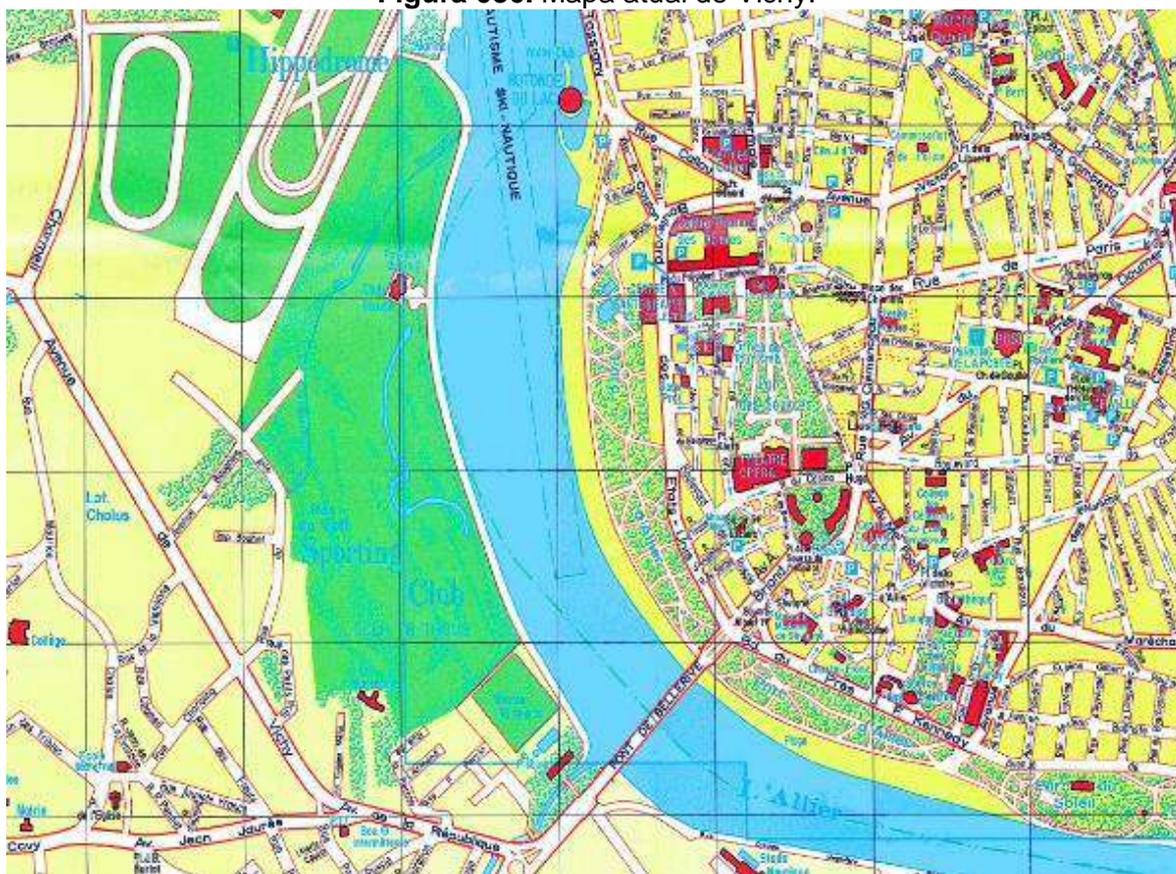
Fonte: Battala Farré.

A principal personalidade a quem é atribuída o prestígio de Vichy, em meios aristocráticos, foi a de Marie de Rabutin-Chantal, Marquesa de Sevigné (1626-1696). Tendo encontrado alívio para dores reumáticas em visitas de tratamento, em 1676 e 1677, tornou-se uma das grandes promotoras das águas termais.

Desde então, o renome de Vichy difundiu-se em círculos aristocráticos, sendo visitado, sobretudo, por damas da nobreza, entre elas duas filhas de Luís XV (1710-1774). Esse prestígio intensificou-se à época de Luís XVI (1754-1793), quando este ordenou, em 1787, que ali se construíssem novas instalações balneárias.

A principal figura feminina que desencadeou o movimento que levou ao florescimento de Vichy, no século XIX, foi Laetitia Bonaparte (1750-1836), a mãe de Napoleão (1769-1821), que ali realizou estação de águas em 1799. Sob a sua influência, Napoleão mandou que ali se instalasse o Parque das Fontes, em 1812, marcando decisivamente a aura imperial bonapartista que passou a caracterizar Vichy. Por isso, a aura de Vichy perpassou continentes e continua a inspirar balneários e estâncias hidrotermais na América, inclusive na região estudada, com seu urbanismo voltado para os passeios desenhados e arquitetura delicada e luxuosa.

Figura 036. Mapa atual de Vichy.



Fonte: Google Maps, 2017.

O Parc des Sources é o destino final do passeio, de modo que se converte em percurso médico para chegar ao pulmão verde da cidade, que é o parque. O parque e o passeio se transformam em “lugares” da cidade, não somente um espaço de natureza recreativa; são os pontos nevrálgicos da vida da cidade, gerando o espaço público. Conjuntamente aos locais de banho e fontes de água, e coadjuvante no tratamento, está o teatro, de onde eram oferecidas as óperas, operetas, peças teatrais e música.

O caso de Baden- Baden – A cidade sofreu um grande incêndio, em 1689, devido à ocupação das tropas francesas, o que a destruiu completamente. Só em 1797 é que o *Rastatter Kongress* restituiu os valores de cidade termal. Em 1765 é construída a Promenade Haus, cuja peça principal se tornou Kurhaus-Kolonnaden, um passeio de comércio tradicional e coberto que conduzia ao estabelecimento balneário no centro da cidade.

Figura 037. Baden. Matthäus Merian. 1643.



Fonte: BattalaFarrè. Disponível em: <http://www.vintage-maps.com>.
Acesso em: 23 out. 2017.

No século XIX, foram propostos planos urbanísticos para a nova zona balneária, o que favoreceu, em 1810, o desenvolvimento do Lichtentaler Allee. Este se constituiu no principal passeio arborizado, em continuação da Promenade Haus, seguindo também o percurso do rio Oos até a cidade.

Figura 038. Baden. 2ª metade siglo XIX, Meyers Konversations-Lexikon

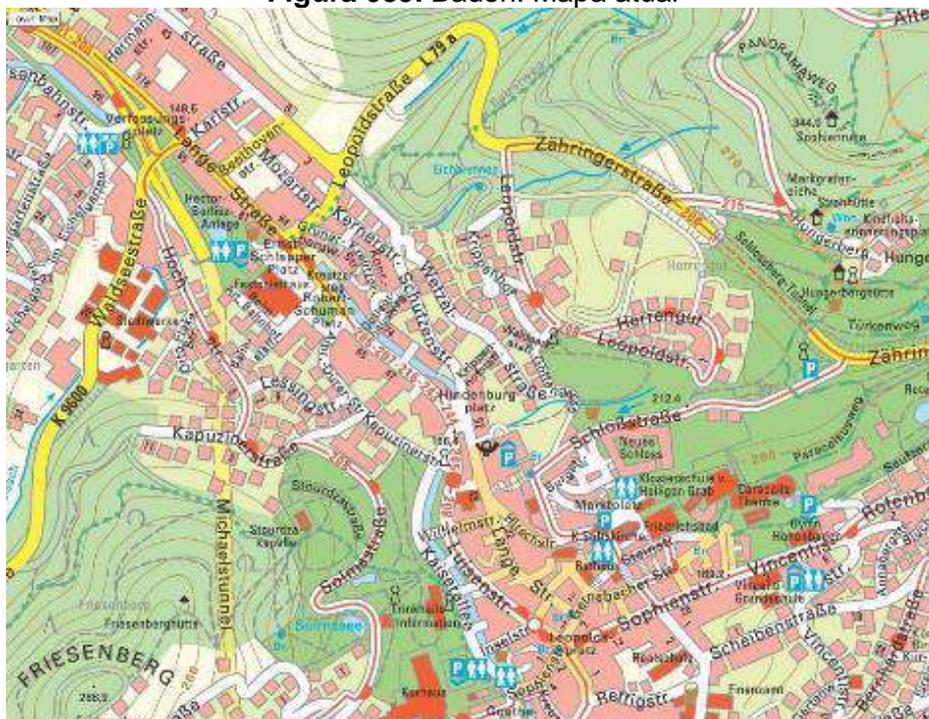


Fonte: Battala Farré

Com a proibição dos jogos de azar em Paris, a cidade ganha sua máxima transformação em meados do século XIX, quando foram planejados diversos

percursos pela cidade, alguns atravessando partes do parque. Como referência para outras cidades balneárias, os passeios com colunatas se estenderam por todas as cidades termais da Bohemia. A relação que se estabelece entre diferentes peças principais na cidade termal – o balneário, os equipamentos vinculados (cassinos, óperas), os passeios e o parque termal – é o que estrutura a cidade balneário.

Figura 039. Baden. Mapa atual



Fonte: Google Maps, 2017.

Figura 040. Baden. Rio Oos atravessando o parque.



Fonte: Disponível em <http://www.albumdeviagens.com/2012/05/baden-baden-rainha-das-estancias.html>. Acesso em: 23 out. 2017.

Figura 041. Thermas de Frierichsbad, Baden, Alemanha.



Fonte: Disponível em: <http://www.panoramio.com/photo/14852338>. Acesso em: 22 out. 2019.

Figura 042. Atual área central de Baden, Alemanha.



Fonte: Disponível em <https://www.alemanhaonline.com.br/guia-de-baden-baden>. Acesso em: 22 fev. 2019.

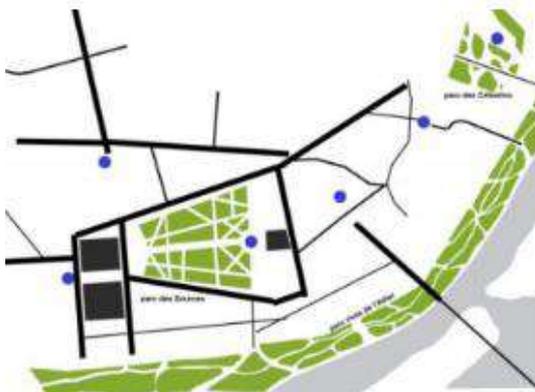
Cabe ressaltar que as cidades termiais também estabelecem relações das águas com estes centros, ou seja, as próprias cidades com o território e sua paisagem. Farré (2016, p. 216) apresenta uma classificação tipológica de diferentes modos de construção da cidade termal na sua relação com seus centros da Europa, mas que também podem ser aplicados às cidades brasileiras:

- a. Balneário isolado – a maioria dos centros isolados se encontra em paisagens singulares, longe dos núcleos urbanos, se comunicando com vias que permitem descortinar essa mesma paisagem.

- b. Balneário periférico – encontram-se próximos às cidades termais, geralmente em continuidade da malha urbana existente. Alguns centros fizeram chamar, também, a ferrovia.
- c. Balneário em núcleo urbano – os centros termais e seus espaços externos se encontram juntos à sua trama urbana histórica e têm uma relação muito mais direta e ativa com a cidade.

Nas três classificações, seus espaços externos, passeios e parques são de grande importância, uma vez que os balneários são coadjuvantes na terapia termal e serão instalados nas áreas verdes urbanas.

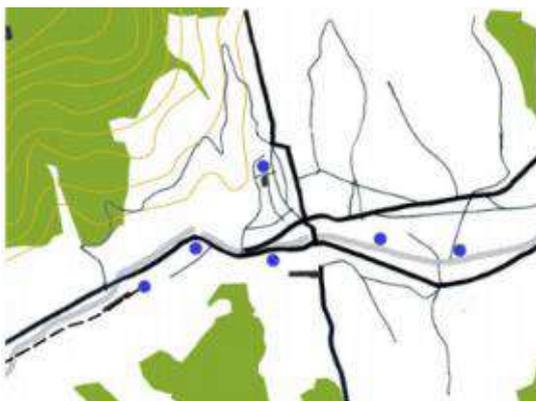
Figura 043. Esquema de sistema de verdes y promenades, segundo o plano de Vichy, incluído no guia Joanne “Vichy et sesenvirons” 1863. Vichy – Percursos lineares. Cidade Balneário que cresce periférica ao centro urbano, gerando nova cidade. O passeio ou promenade é o suporte do desenvolvimento da vida urbana.



Vichy – Percursos lineares. Cidade Balneário que cresce periférica ao centrourbano gerando nova cidade. O passeio ou promenade é o suporte do desenvolvimento da vida urbana.

Fonte: Elaboração de Battala Farré.

Figura 044. Esquema de sistema de áreas verdes e promenades. Segundo o plano 1875 Baden-Baden, de autor desconhecido. Baden – Vinculação territorial. Modelo de cidade balneário em núcleo urbano. Será o percurso sobre o entorno natural da cidade que gerará o contato com a paisagem local própria do lugar.



Baden – Vinculação territorial. Modelo de cidade balneário em núcleo urbano. Será o percurso sobre o entorno natural da cidade que gerará o contato com a paisagem local própria do lugar.

Fonte: Elaboração de Battala Farré.

2.5 Tipologias termais e diálogos com as cidades balneárias no sul de Minas Gerais

Nos estados de Goiás, Minas Gerais e São Paulo surgiram as primeiras pesquisas e relatórios que divulgavam as águas termais do ponto de vista da sua cientificidade, e diziam respeito ao modo de utilização em tratamentos e sua composição química. Conforme a circulação de ideias francesas vai chegando ao Brasil, por meio de títulos de obras que já haviam sido publicados nas estações hidrominerais europeias, na busca da cura pelas águas, os médicos iniciaram um novo discurso a respeito dos locais, onde existiam essas águas minerais.

Ao apreciar o imaginário das cidades de água europeias, lugares de moda, considerados devidamente ricos e civilizados, estrutura-se a sociabilidade urbana nas vizinhanças das fontes. As imagens que elas suscitavam eram de lugares harmoniosos, aposentos cômodos e companhias requintadas, sendo de certo modo, o arquétipo das cidades de Poços de Caldas, Caxambú, Lambari, Araxá, São Lourenço e Águas de São Pedro, entre outras cidades hidrominerais.

Enquanto Poços de Caldas teve sua ocupação vinculada mais a São Paulo, devido a sua proximidade e os turistas e turistas que vinham da capital paulista, as cidades de Lambari, Araxá e São Lourenço têm sua ocupação histórica mais vinculada aos médicos e pessoas vindas do Rio de Janeiro. No caso em particular de Caxambú, ficou famosa por suas ligações com a Família Imperial Brasileira, quando a própria Princesa Isabel e seu esposo Conde d'Eu, em 1868, vieram atraídos pela fama das águas. A princesa buscava a cura de sua infertilidade. Através das águas ferruginosas da fonte, hoje denominada Princesa Isabel e Conde d'Eu, a princesa curou-se de sua anemia e engravidou. Assim, ela mandou erguer, na cidade, a Igreja de Santa Isabel da Hungria, em agradecimento por ter sido curada.

No entanto, o que queremos aqui notar são as recorrências tipológicas e organização espacial da paisagem nas quais sempre aparecem a serra, o lago, o balneário, o parque, o passeio e o hotel principal como elementos estruturantes da paisagem termal, sendo principalmente Vichy o modelo europeu de referência.

Estas cidades receberam melhoramentos para mudar a paisagem, com grandes obras de saneamento ao mesmo tempo em que se tornam lugares de cura com seu ritual; surgiram também como centros de lazer, de compartilhamento de

vários costumes, como, por exemplo, o vestuário adequado a cada programa escolhido pelos turistas.

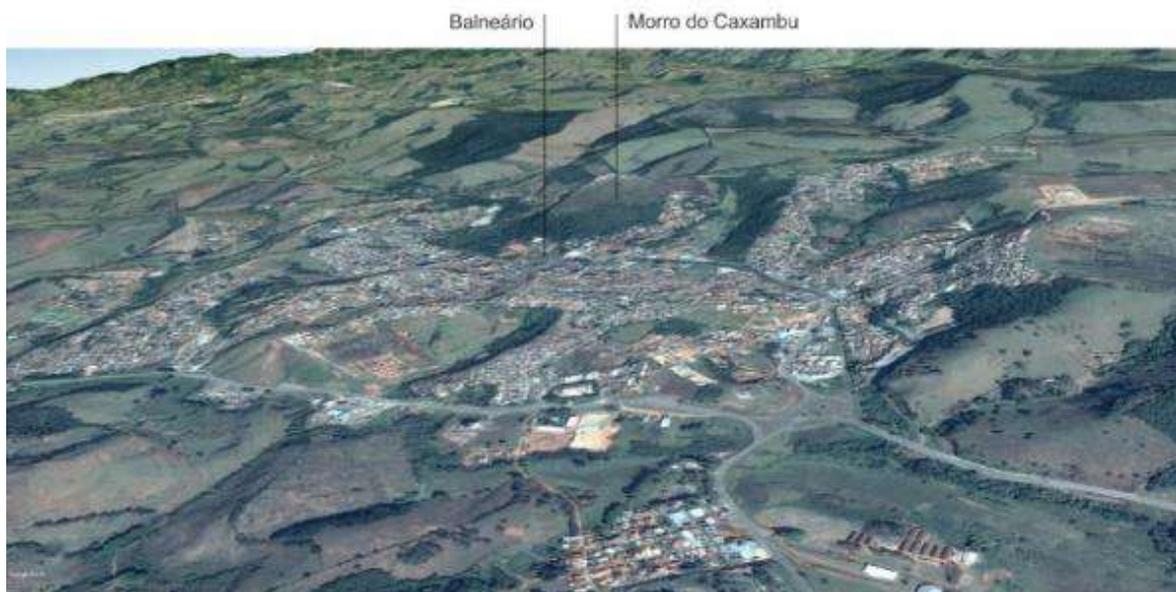
Figuras 045. Imagens da cidade de Lambari, com seus elementos referenciais da paisagem, a Serra das Águas, o Lago do Guanabara e o Parque das Águas.



Fonte: Google Earth Pro adaptado, 2017.

Figuras 046. Imagem da mancha urbana e sua relação com a paisagem envoltória de morros. Localização do Morro do Caxambú, Balneário e Hotel.

Caxambu - MG



Fonte: Google Earth Pro adaptado, 2017.

Figura 047. Imagem localização da mancha urbana de São Lourenço na paisagem da Mantiqueira.



Fonte: Google Earth Pro, 2017.

Para Marrichi (2015, p.136), o processo de contenção e refinamento das emoções acabam formando um sistema de apreciação em que uma nova percepção do olhar e do vivenciar essas cidades configurou-se na leitura de uma paisagem natural modificada e amparada por saberes especializados e técnicas eruditas, principalmente na construção de um novo tipo de espaço urbano, público, onde a água tornou-se processo civilizador.

Pode-se perceber que uma mudança de paradigma se operou a partir do final do século XIX, nas cidades hidrotermais no Brasil, ao mesmo tempo acompanhando o ideário progressista e médico, tomando lugar dos hábitos e imagens imperiais. O termalismo científico coincide com a instalação do regime republicano no país, tornando-se necessário preparar a sociedade para uma vida pública, com novos hábitos comportamentais. Embora a linguagem dos edifícios termais faça alusão às arquiteturas neoclássicas e ecléticas, conforme os modelos das cidades europeias, aqui a paisagem termal se estabeleceu dentro de princípios sanitaristas.

As cidades vão convidar arquitetos e engenheiros para a remodelação. Em Poços de Caldas, foi sugerido o Eng^o Saturnino de Brito para obras de saneamento, embelezamento com o traçado das vias arborizadas, gerenciamento dos recursos

hídricos, revelando aspectos visionários da personalidade dos envolvidos. Realmente era a água que civilizava o homem.

2.6 Memória e imaginário na cidade das águas virtuosas

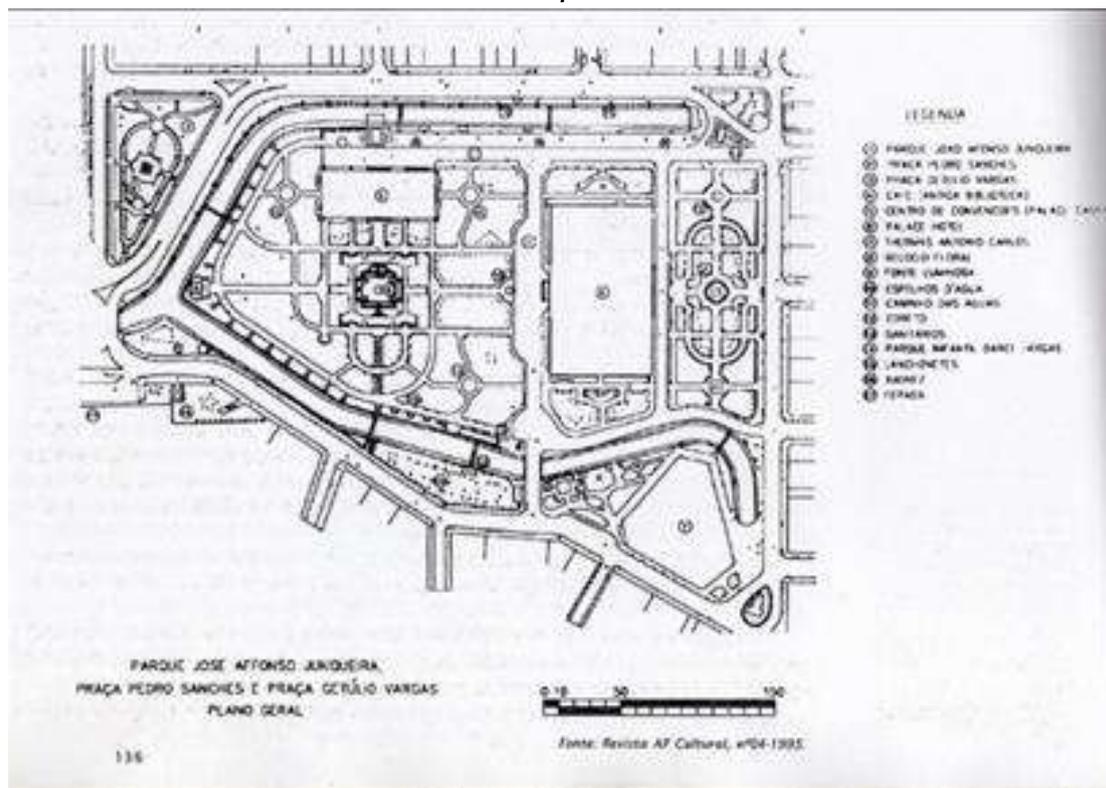
A história de Poços de Caldas está atrelada às águas quentes e untuosas, “que cheirando a enxofre borbulhava a céu aberto no antigo e vasto alagadiço dos Campos das Caldas.” (MARRAS, 2004, p. 25). Alguns relatos podem ser observados a respeito de forasteiros e visitantes sem esperança, que vinham em busca de cura pelas águas quentes, as caldas.

Se, por um lado, há os relatos de viajantes do século XIX, que inspiraram os memorialistas da cidade, construindo um imaginário paradisíaco da região, ainda nos primórdios de sua ocupação, por outro, encontra-se nos historiadores mais recentes da cidade, uma outra imagem: a descrição de um lugar permeado de medos, da ameaça de doenças, de certo sofrimento que moldou o caráter dos turistas nos séculos XIX e XX, pela descrição de tratamentos de doenças cutâneas, reumáticas e venéreas.

A paisagem urbana que se formou a partir do século XX, veio trazer alívio e transparecer o cuidado do humano na forma de espaços de graça e arquitetura que puderam amenizar o sofrimento dos turistas, e constituir aos habitantes da cidade uma identidade única.

As águas termais de Poços de Caldas são conhecidas desde o final do século XVIII. Em 1786, Luís da Cunha Menezes já anunciava as virtudes curativas dessa água, que era usada no tratamento da lepra, doença que atingia uma grande parcela de pessoas naquele período. Por sua formação vulcânica, pairava a lenda da caldeira de Pedro Botelho que associava as nossas águas à caldeira mais quente do inferno. Entretanto, foi somente a partir do século XIX, que as fontes de águas termais passaram por um processo de enriquecimento científico, trazendo grande quantidade de curistas. Dois pontos seriam fundamentais para essa nova concepção seriam a instituição da higiene íntima, ligadas as práticas higiênicas como fator de progresso, e também o controle das emoções humanas em relação ao meio natural (MARRICH, 2015, p.39).

Figura 048. Parque José Afonso Junqueira. Praça Pedro Sanches e Praça Getúlio Vargas.



Fonte: Revista Ap Cultural nº 04, 1995.

Figura 049. Vista aérea da área atual do Parque José Afonso Junqueira. Poços de Caldas/MG.



Fonte: <http://www.memoriadepocos.com.br/2014/02/os-jardins-de-dierberger.html>.

Acesso em: 10 set. 2017.

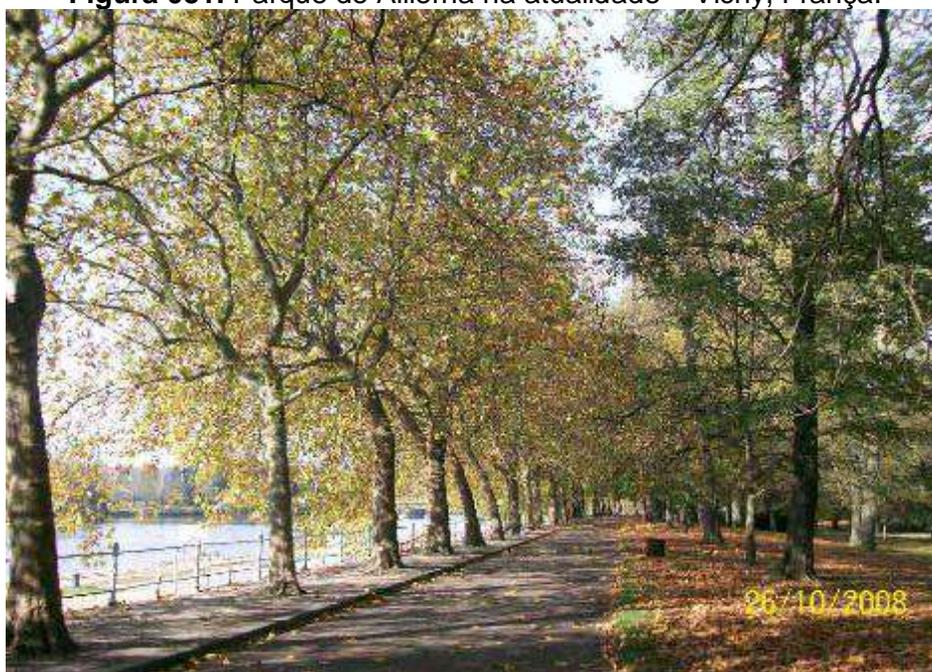
Figura 050. Thermas Antônio Carlos em Poços de Caldas.



Fonte: IEPHA. <http://iepha.mg.gov.br/> . Acesso em: 20 fev. 2018.

O ideário vigente do termalismo no século XIX e no século XX, com certeza, representou ressonâncias entre as cidades termais europeias e as brasileiras. Mas as especificidades de ambiente físico e social em muito se diferiam daqueles dos quais herdamos. Abaixo veremos algumas aproximações de ambientes nas cidades termais europeias e o coração da cidade de Poços de Caldas, o Parque José Affonso Junqueira. As alamedas do parque, as pequenas pontes, certo “ar bucólico”, trazem a ambientação necessária ao tratamento pelas águas, mas hoje significam a garantia de um bem-estar às pessoas, onde a vida contemporânea parece escapar por alguns segundos.

Figura 051. Parque de Allierna na atualidade – Vichy, França.



Fonte: <http://www.mrm.mendes.nom.br/vichy%20-%20paris-04.jpg> .
Acesso em: 15 out. 2019.

Figura 052. Parque José Affonso Junqueira na atualidade – Poços de Caldas, MG.



Fonte: Acervo Esther C. Melo.

Figura 053. Parque em Baden-Baden na atualidade, Alemanha.



Fonte: <http://gerhard.ledwina.de.w012f379.kasserver.com/wp-content/uploads/2008/11/baden-baden-allee-an-der-oos.jpg>.

Acesso em: 15 out. 2019.

Figura 054: Parque José Affonso Junqueira, Poços de Caldas, MG.



Fonte: Nilton Junqueira

A descontinuidade espacial e temporal proporcionada pela vivência desses ambientes se constitui, hoje, um valor imensurável e que não pode ser adquirido. Faz parte da experiência cotidiana e da rotina de muitos habitantes, que incluem na vida diária momentos de cuidados corporais, relaxamento, espaços para caminhada e lazer, fazendo desses rituais o combate contra o stress, a ansiedade e estimulando sua autoestima.

Entendemos que a necessidade de preservação do patrimônio não afeta somente a salvaguarda de edifícios exemplares ou notáveis, mas as necessidades ambientais e de humanização dos espaços. Um exemplo disso consiste no coreto da Praça Pedro Sanches, que resiste como um “bibelô” na vitrine urbana por sua graça e proporção, mas que se torna o símbolo da dança que acontece todos os finais de semana ao seu redor. Este uso peculiar da praça para os casais de todas as idades é um evento que surgiu desde a década de 1970.

Quanto à estrutura da paisagem em Poços de Caldas, a paisagem termal, também irá conjugar a Serra de São Domingos, o Parque, o Balneário, o Palace Hotel, o Cassino e alguns ribeirões e avenidas ajardinadas. Como observamos nas figuras abaixo, a análise da paisagem se dá por repetir os elementos vistos também nas outras cidades termais do sul de Minas. Não verificamos a presença do lago, mas no imaginário das águas, as represas que foram construídas nas entradas da cidade (Represa Bortolan e Represa Saturnino de Brito) ganham esse sentido.

Figura 055. Vista parcial da área central com Serra de São Domingos ao fundo, 2017.
Poços de Caldas/MG.



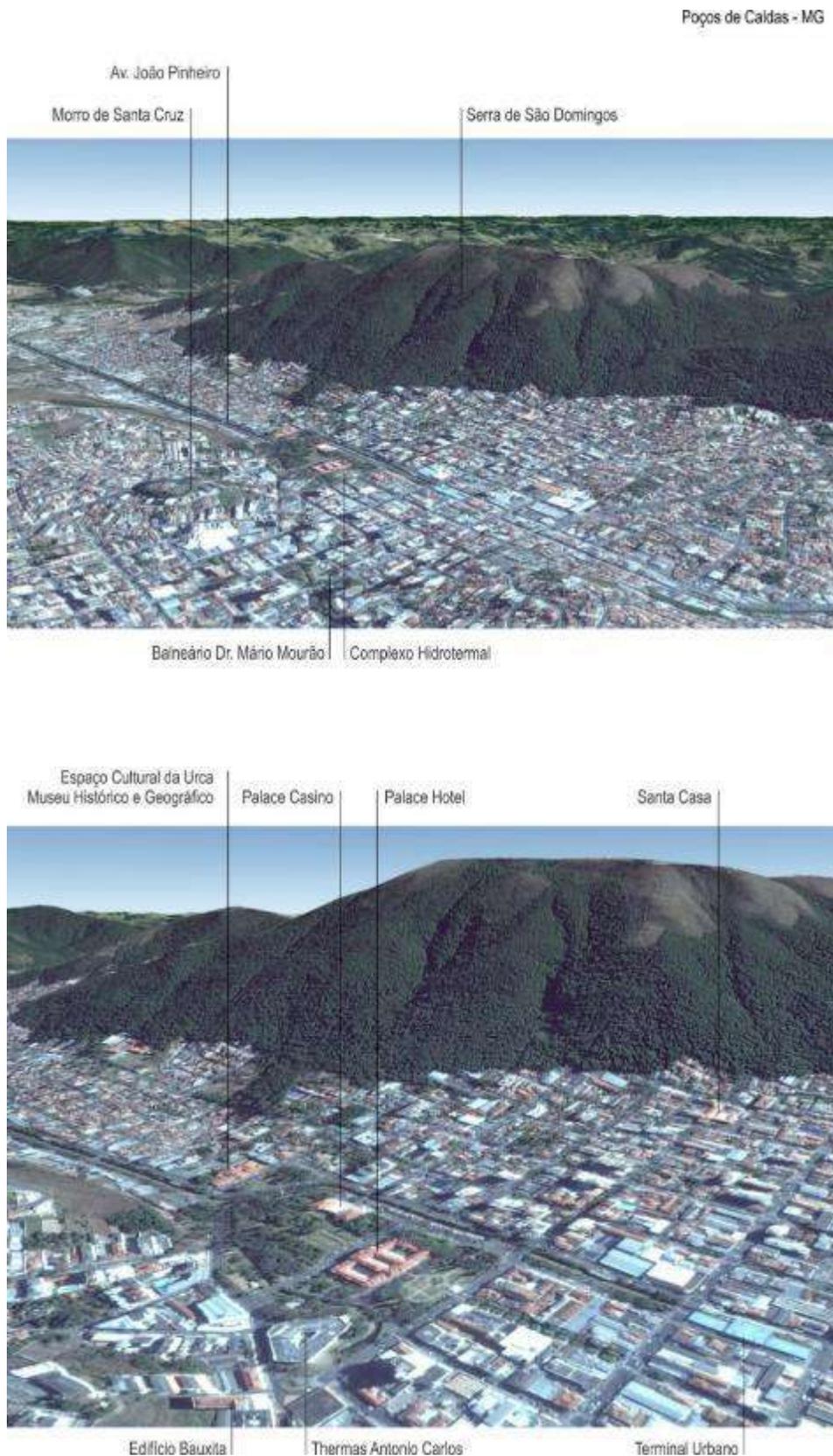
Fonte: Voo de drone. Autor: Daniel Argould.

Poços de Caldas ao mesmo tempo em que refletiu os valores cosmopolitas das estações das águas, também compartilhou os valores da cultura local, que irão surgir mais fortemente em paisagens construídas depois das décadas de 1930. Essas paisagens serão demonstradas no capítulo 4.

A tessitura da paisagem termal da cidade traz a possibilidade de uma interpretação de sua história sendo ouvida pela posição do historiador, daquele que fala de seu tempo em continuidade temporal. Esses significados, no entanto, nos chegam de forma subjacente, uma vez que as jovens gerações experimentam de sua profundidade, mas sem ter conhecimento profundo do passado. É como se observássemos a superfície de um lago, cuja imagem especular reflete o entorno, mas, se olharmos atentamente, as camadas submersas são também perceptíveis, mas congeladas na superfície da água.

A cidade tem suas camadas submersas em vestígios que nos chegam, mas que, ao invés do palimpsesto, pensamos numa tapeçaria, tecida com fios de várias épocas, com seus habitantes, objetos arquitetônicos, cores sombrias da história e cores vibrantes das atividades culturais atuais. Cabe ao arquiteto extrair o melhor desenho dessa paisagem.

Figura 056. Análise dos elementos da paisagem de Poços de Caldas.



Fonte: Google Earth Pro adaptado pela pesquisadora.

No que se refere ao potencial turístico representado pelo termalismo, hoje, em Minas Gerais, encontram-se estes dois circuitos famosos: o das Águas Carbogasosas de Caxambu, São Lourenço, Cambuquira e Lambari e o das Águas Termais Radioativas Sulfurosas de Araxá e Poços de Caldas, Caldas, Pocinhos do Rio Verde e Patrocínio. Não limitado à região sudeste do Brasil, existem Estâncias Hidrominerais dispostas em vários locais no território, como o circuito baiano, onde está localizado o primeiro hospital termal das Américas, no Vale do rio Itapicurú, em Cipó. Podemos citar, também, outros locais com ocorrências de águas minero-medicinais: Brejo das Freiras na Paraíba, Mossoró e Apodi no Rio Grande do Norte, Caldas de Barbalho no Ceará, Caldas do Bamburral, Olinda e Salgadinho em Pernambuco, Gamboa no Maranhão (LAZZERINI, 2007, s/p.). Em Santa Catarina, há a cidade de Gravatal e no Paraná, encontram-se termas no município de Iretama.

Em São Paulo, existe um grupo de 11 cidades intituladas pelo governo do Estado como Estâncias Hidrominerais. São cidades que reúnem uma série de exigências de estruturas e atrativos turísticos voltados para a prática do termalismo. Estas cidades são: Águas da Prata, Águas de Lindóia, Águas de Santa Bárbara, Águas de São Pedro, Amparo, Ibirá, Lindóia, Monte Alegre do Sul, Poá, Serra Negra e Socorro. Dentre elas destacam-se: Águas de São Pedro como um balneário crenoterápico, cujas águas são muito procuradas para diversos tratamentos. Águas de Lindóia com serviços de duchas escocesas, inaladores, 23 saunas e banhos de imersão e Serra Negra que possui uma condição geológica privilegiada com fontes de água mineral e um clima de montanha terapêutico. De acordo com São Paulo (2008), todas estas cidades paulistas, além de banhos em piscinas de águas medicinais, têm como principais atrações os museus, monumentos históricos, balneários, represas, cachoeiras, parques ecológicos, e trilhas.

Observa-se, assim, que, diferentemente de Estâncias Hidrominerais europeias, as estâncias brasileiras não têm apenas nas águas seu atrativo turístico. Devemos entender que o termalismo não é mais apenas uma prática terapêutica, mas uma atividade econômica que ultrapassa os limites de um estabelecimento termal. Esse aspecto será tratado no capítulo a seguir, no item sobre o Paradigma do Bem-Estar.

3 TRÊS PARADIGMAS PARA A CIDADE DE POÇOS DE CALDAS

3.1 Paisagem e Subjetividade

Haveria um inconsciente da cidade? Ou um tipo de pensamento que direcionaria a projeção de uma cidade, influenciada por várias demandas? É certo que o inconsciente segue um tempo arquetípico e que o *espírito do tempo* determina em cada época formas de acontecer. Há alguma relação entre inconsciente e cidade?

Em “O mal-estar na civilização”, Freud (1930) utilizou-se de uma metáfora da cidade de Roma para falar sobre o inconsciente, de forma que pudéssemos imaginar a sobreposição de todos os períodos ao mesmo tempo, a *Roma Quadranta*, a *Septimontium*, o período do muro Sêrvio, e as muitas outras Romas dos vários imperadores que se seguiram. Mas, ao final, ele abandona esta ideia, pois muitas obras foram demolidas, e construídas outras, e tudo não poderia ser atemporalmente preservado.

Pode-se levantar a questão da razão por que escolhemos precisamente o passado de uma *cidade* para compará-lo com o passado da mente. A suposição de que tudo o que passou é preservado se aplica, mesmo na vida mental, só com a condição de que o órgão da mente tenha permanecido intacto e que seus tecidos não tenham sido danificados por trauma ou inflamação. Mas, influências destrutivas que possam ser comparadas a causas de enfermidade como as citadas acima nunca faltam na história de uma cidade, ainda que tenha tido um passado menos diversificado que o de Roma, e ainda que, como Londres, mal tenha sofrido com as visitas de um inimigo. Demolições e substituições de prédios ocorrem no decorrer do mais pacífico desenvolvimento de uma cidade. Uma cidade é, portanto, *a priori*, inapropriada para uma comparação desse tipo com um organismo mental. (FREUD, 1930, p.23-24).

Mas, algo que o psicanalista não havia imaginado era o poder do esquecimento (BOLLAS, 2000), que também faz parte do inconsciente do homem. E, assim, poderíamos ver tanto o que foi preservado, quanto o que foi destruído; e mesmo que considerássemos o homem um organismo vivo, suas fases iniciais, a embrionária ou a infância, por exemplo, não se observariam no corpo adulto, mas o passado estaria representado apenas em nossa vida mental.

Como o passado poderia estar vivo na cidade de Poços de Caldas? Nas esquinas preservadas, nas áreas estagnadas e esquecidas em que à luz da modernidade ficara recolhida, pois, estes espaços abrigam ainda hoje culturas que não são reconhecidas pelo *establishment*.

E, assim, podemos fazer um paralelo ao que seria pensar a paisagem cultural na constituição de um lugar ou uma cidade, com seus vestígios materiais passados, com as suas construções presentes, mas antes de tudo aquela cidade que fica gravada na mente dos seus habitantes, e que brota nas mais diversas formas culturais, como a literatura, as artes, as festas e em diversos outros fenômenos e manifestações. Como escreve Lynch (1997, p.1):

A cada instante, há mais do que o olho pode ver, mais do que o ouvido pode perceber, um cenário ou uma paisagem esperando para serem explorados. Nada é vivenciado em si mesmo, mas sempre em relação aos seus arredores, às sequências de elementos que conduzem, à lembrança de experiências passadas.

Um ambiente legível e característico, com alta “imaginabilidade” poderia elevar a profundidade potencial e intensidade da experiência humana. Em Poços de Caldas, há tanto a monumentalidade, locais onde se celebravam a luta entre a vida e a morte pela doença, quanto a imagem percebida como lugar seguro, dada a característica de refúgio citado por vários visitantes e moradores, cuja reverberação faz-nos sentir “o poder poético se levantando ingenuamente dentro de nós” (BACHELARD *apud* BOLLAS, 2000, p. 27).

As grandes montanhas, os rios, as várzeas, a floresta, os campos são notáveis estruturas constituídas que estão gravadas em nossa mente como estruturas psíquicas em que cada uma parece possuir seu próprio universo de emoção e significado, por meio da ocupação da cidade. Essas existências refletem sua importância como elementos de orientação do mundo, sem os quais não haveria a sobrevivência humana.

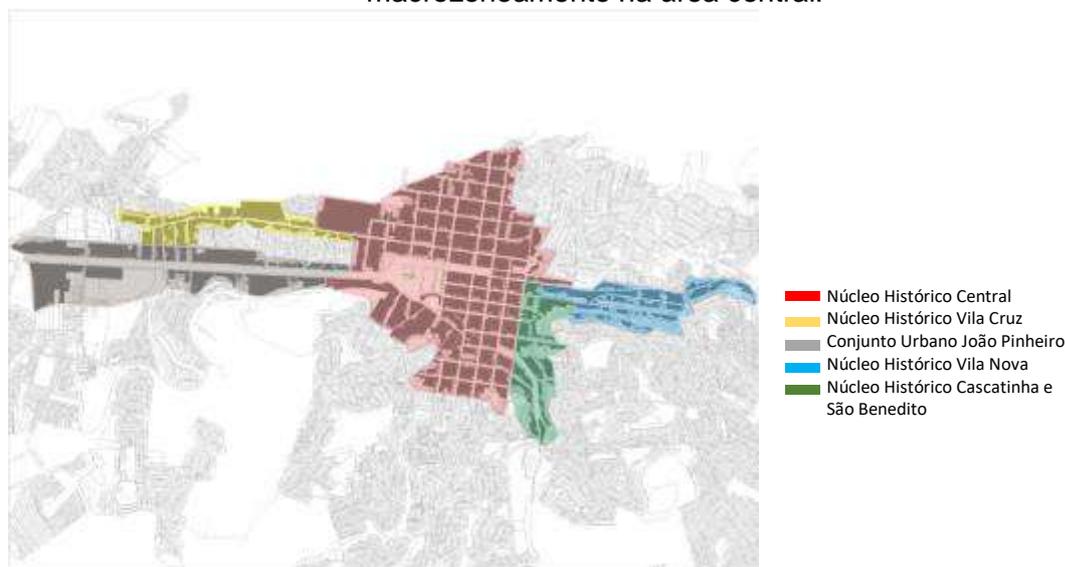
Destacamos no trabalho *A Poética do Espaço* de Bachelard o estudo sistemático dos lugares relacionados às nossas vidas íntimas, ao que ele chamou de “topoanálise” apontando para uma transubjetividade da imagem, uma vez que a imagem do lugar seria interpretada de maneira diferente para cada pessoa (BOLLAS, 2000, p. 27). Podemos, assim, ter diversos olhares para a mesma cidade, cada um constituindo arcabouços de ver, os paradigmas²² com os quais nos aparelhamos para

²² KUHN, T. S. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2006. Designamos como paradigma as realizações científicas que geram modelos que, por período mais ou menos longo e de modo mais ou menos explícito, orientam o desenvolvimento posterior das pesquisas exclusivamente na busca da solução para os problemas por elas suscitados. O paradigma é um princípio, teoria ou conhecimento originado da pesquisa em um campo científico. Uma referência inicial que servirá de modelo para novas pesquisas. Mas a revolução científica é marcada por uma crise e

revelar a paisagem cultural de um lugar, de forma a estabelecer camadas de significação nas quais a cidade é composta. Optamos por essa forma de ver, uma vez que a cronologia histórica seria insuficiente para revelar aspectos passados, presentes na mentalidade do lugar e no modo de construir a cidade de Poços de Caldas.

A imaginabilidade analisada por Lynch em Boston, em Los Angeles e em Jersey City são diversas e estabelecem as relações que se têm das várias cidades, mas, ao mesmo tempo, como acontece em Poços de Caldas, não há uma representação única de uma mentalidade. São várias regiões e bairros, e a cidade é uma sobreposição de várias imagens individuais. A área central se consolida com sua estrutura primária histórica e os bairros adjacentes, que durante as primeiras décadas do século XX representaram linhas de ocupação ao longo de caminhos ou ligados a um tipo de população, conforme pode ser visto no mapa abaixo.

Figura 057. Condephact/junho 2016 Propostas de alteração no macrozoneamento na área central.



Fonte: Secretaria Municipal de Planejamento da Prefeitura Municipal de Poços de Caldas/ Divisão de Patrimônio.

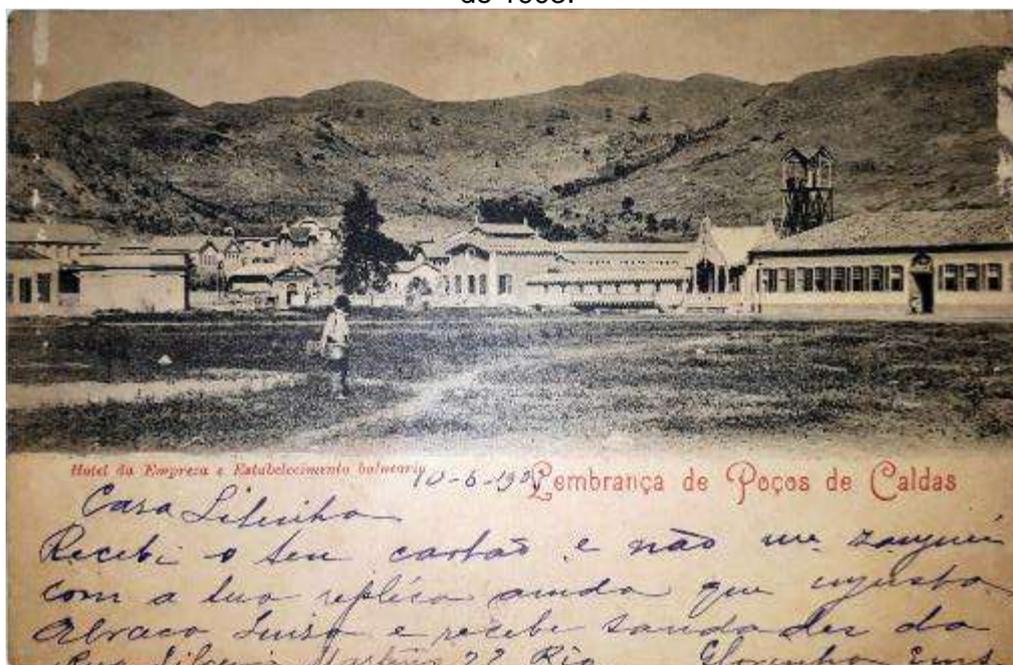
Assim, Lynch relata que a imagem de um ambiente é produto tanto da percepção imediata, quanto da lembrança de experiências passadas. Um cenário

mudança de paradigma que não pode ser esperado por uma pesquisa científica normal, baseada no acúmulo de experiências.

físico vivo e integrado seria capaz de produzir uma imagem bem definida da cidade, fornecendo a matéria prima para os símbolos e as reminiscências coletivas da comunicação de um grupo. Uma boa imagem ambiental oferece a seu possuidor um importante sentimento de segurança emocional. E, nesse sentido, a área central de Poços de Caldas constitui-se no envelope psíquico²³ coletivo, que permite aos habitantes e visitantes da cidade se localizarem e desenvolverem um sentimento de identidade.

Aproveitando o poder de *imaginabilidade*, tanto como limite, quanto para a evocação de sonhos, foi utilizada a coleção particular de cartões postais de Antônio Carlos Rodrigues Lorette para demonstrar as sutis mudanças de olhares para os pontos turísticos e recantos da cidade. Neles se vê a presença das águas, e da paisagem do largo se transformando em núcleo central da cidade.

Figura 058. Cartões postais mostrando a evolução da paisagem do largo central. A primeira de 1903.

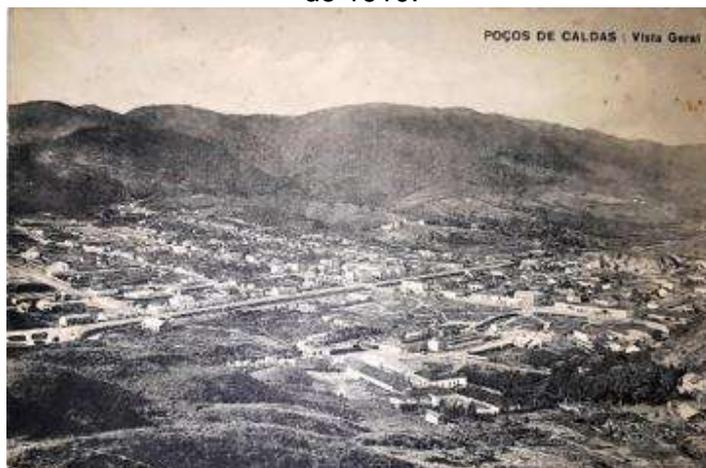


Fonte: Coleção particular de cartões postais antigos de Poços de Caldas. Acervo Antônio Carlos Rodrigues Lorette.

²³ O termo envelope psíquico foi adaptado por mim a partir da obra *O Eu-pele* de Didier Anzieu (1989), para pensarmos a cidade e as paisagens, assim como aquilo que abarca o olhar, mas também aquilo que representa o limite ou fronteira segundo a qual é possível circunscrever a noção de identidade como limites do Eu. Reescrevo aqui as palavras de Anzieu:

“Assim, uma tarefa urgente, psicológica e socialmente, parece ser a de reconstruir limites, refazer fronteiras, reconhecer territórios habitáveis e onde se possa viver – limites, fronteiras que ao mesmo tempo instituem diferenças e permitam mudanças entre regiões (do psiquismo, do saber, da sociedade, da humanidade) assim delimitadas.” (p. 8)

Figura 059. Cartões postais mostrando a evolução da paisagem do largo central na década de 1910.



Fonte: Coleção particular de cartões postais antigos de Poços de Caldas. Acervo Antônio Carlos Rodrigues Lorette.

Figuras 060. Vista geral de Poços de Caldas, 1910.



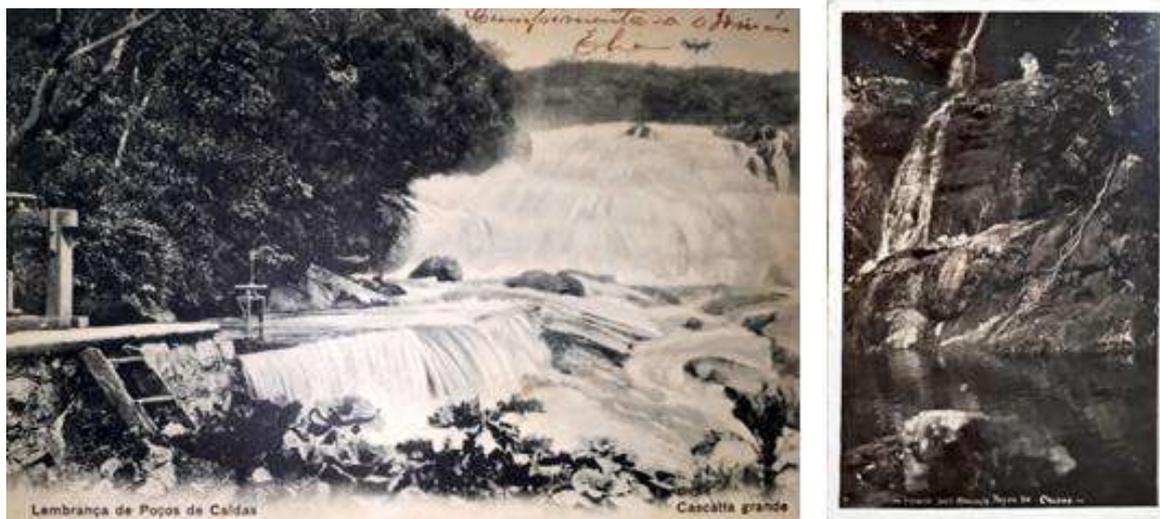
Fonte: Coleção particular de cartões postais antigos de Poços de Caldas. Acervo Antônio Carlos Rodrigues Lorette.

Figura 061. Vista do largo com Balneário, década de 1920.



Fonte: Coleção particular de cartões postais antigos de Poços de Caldas. Acervo Antônio Carlos Rodrigues Lorette.

Figuras 062 e 063. Cascata das Antas, Poços de Caldas, década de 1910. Fonte dos Amores, Poços de Caldas, 1910.



Fonte: Coleção particular de cartões postais antigos de Poços de Caldas. Acervo Antônio Carlos Rodrigues Lorette.

A identidade, a estrutura e o significado são fundamentais para caracterizar uma imagem ambiental. O reconhecimento, enquanto entidades autônomas da paisagem, constitui-se na identidade, justamente por seu significado de individualidade, trazendo uma relação paradigmática com o observador e os outros objetos da paisagem. Mas, também sua identidade vem da característica de se constituir como depositária da memória dos seus habitantes, seja ela por seus valores práticos ou emocionais.

A *imaginabilidade* está relacionada aos atributos de identidade e estrutura da imagem mental, o que a torna capaz de conferir uma alta probabilidade de evocar uma imagem forte em qualquer observador. Para Lynch, uma cidade altamente “imaginável” convidaria o olho e o ouvido a uma atenção e participação maiores, em que o domínio sensorial seria amplificado, ampliado e aprofundado. Seria, pois, responsável por uma modelo de continuidade com partes distintas e o observador, assim familiarizado, poderia absorver novos impactos e mudanças sem o rompimento de ligação com elementos já existentes. Os elementos patrimoniais de uma cidade constituem-se nos elementos referenciais de ancoragem da memória coletiva, possibilitando que outros elementos sofram a mudança e se mantenha uma continuidade narrativa da história.

Mas, muitos outros edifícios passam despercebidos. E não são nomeáveis. Para a psicanálise, o fator da imaginabilidade corresponde ao universo maternal, enquanto que a nomeação defronta-se com a ordem parental. Assim, se ignoramos a

nomeação de muitos objetos é porque estamos envolvidos de formas, e somos tocados por elas sabendo apenas seus nomes genéricos.

A porção da cidade que não se apresenta nomeada, e nesse caso, em Poços de Caldas, aquela que não está inserida nos roteiros turísticos, os prédios e as casas anônimas, simplesmente desaparecem na cidade. Podem preencher nossa necessidade de formas anônimas, bem como de objetos puros, ainda não registrados pelo conhecimento. Bollas (2000, p.31) nos fala que escolhemos viver parte de nossa vida guiados pela ordem materna, ordem visual, e não verbal, aquele registro de percepção guiado pelo imaginário materno:

Parte de nossas errâncias neste mundo visual – o mundo das coisas sem nome – é uma errância num mundo pré-verbal, organizado por visões, sons, cheiros e afinidades. É este o nosso mundo, mas que, em muitos aspectos, não existe mais. Vivemos dentro de nossas mães, e depois ao lado dela. Aí, ao conhecermos nossas obrigações e a linguagem falada, este mundo vai desaparecendo, à medida que envelhecemos. Como as anônimas construções silenciosas, a ordem materna vai se perdendo com a maturidade normal do ser falante.

Cada cidadão faz associações com alguma parte da cidade e estas imagens estão repletas de memórias e significados. Os caminhos escolhidos evocam efeitos diferentes. Bachelard *apud* Bollas (200, p.27) escreve “que dinâmico e bonito objeto é um caminho”, pois estes caminhos representam algo para nós.

Poços de Caldas tem sua própria integridade estrutural (a realização material das formas imaginadas) pelas quais viajamos. A visão do Parque José Affonso Junqueira, onde todos os caminhos e rios se encontram, as avenidas João Pinheiro, a Cascatinha, a Avenida Francisco Salles e a Avenida Wenselau Bráz, guardam eixos de ocupação e errância. Vales e montanhas formam a imagem e a ocupação do ponto de vista topológico da cidade.

As cidades desenvolvem suas próprias interrelações espaciais: estradas se cruzam, parques são construídos em lugares determinados, As avenidas as vezes cortam ou são separadas das áreas residenciais, zonas industriais são localizadas afastados dos centros históricos, as topografias definem os bairros e tantas outras configurações fazem da cidade um mosaico de construção de lugares significativos. É possível falar numa psicologia dos espaços, na qual a espacialização é um desenvolvimento inconsciente, de modo que cada cidadão pode atravessar fronteiras e adentrar aos nódulos de intimidade do urbano, escolhendo seus lugares mais evocativos.

Nesse caso, os objetos experienciados durante a infância conterão partes da experiência do *self*, que serão projetadas nos objetos, como se fossem recipientes mnemônicos da experiência vivida (BOLLAS, 2000). Winnicott (1983, p.48) aponta, também, para um componente de continência do ambiente materno que faz a sustentação do corpo, o *holding*. Há cidades mais ou menos acolhedoras. Ao caminhar pelas ruas centrais de Poços de Caldas, a escala urbana da cidade termal ainda sobrevive em meio aos edifícios altos que, na década de 60 do século XX, começaram a surgir. Esse microambiente é responsável pela paisagem acolhedora, à escala humana, com fachadas pequenas e ativas, e permeia o cheiro dos fogões de lenha dos hotéis e restaurantes anunciando o nascer da manhã. Alguns idosos da cidade falam da memória da neblina de certas estações frias do ano, criando uma atmosfera introspectiva e relembram som do apito do relógio das Thermas Antônio Carlos, coordenando a vida da cidade.

Esse espaço traduz-se como espaço potencial, ou seja, aquele que é proporcionador da integração do *self* e que parte da própria integridade estrutural que não se altera com a projeção humana, mas serve de referência coletiva. São espaços que podem evocar os lugares vividos de trabalho, de interesses familiares, dos lugares de devaneio nas horas de almoço, no centro. No entanto, quando a cidade vai crescendo, numa visão apenas econômica, parece também empobrecer-se desses atributos. A violência começa a surgir das periferias, pelo descaso com que os cidadãos não integrados revidam seu anonimato, sem potencial de imaginabilidade. Ou manifestando-se na delinquência e vandalismo com espaços da cidade.

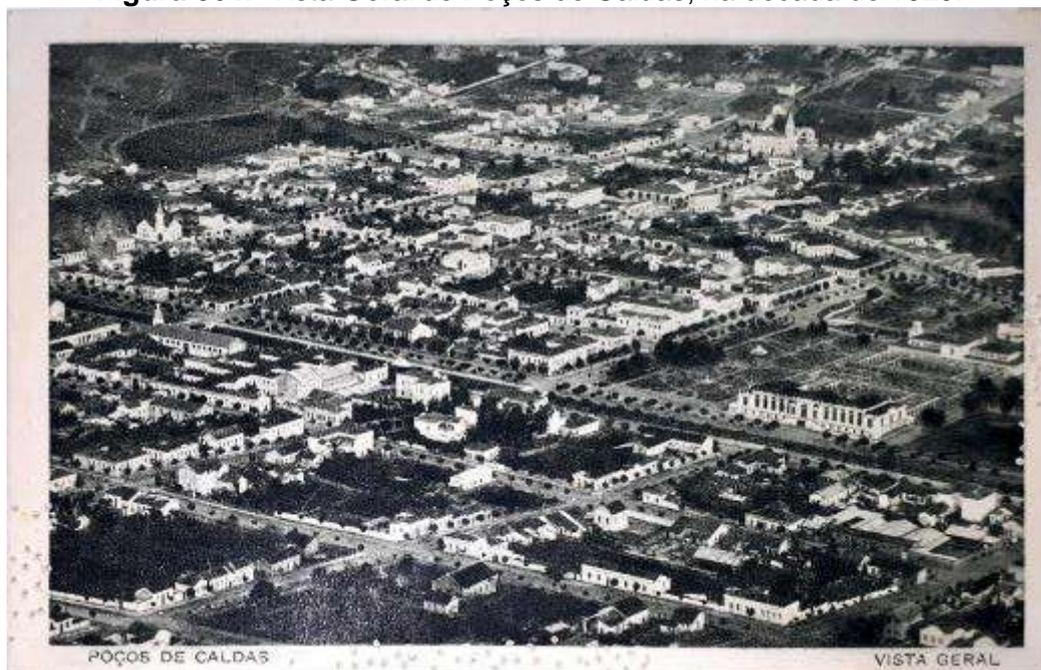
É necessário, pela capacidade do espaço da cidade em suas infinitas modulações, despertar o devaneio, como se estivéssemos engajados num tipo de sonho. Para Freud, as intensidades psíquicas vividas, durante o dia, seriam o alimento para os estímulos da produção de sonhos à noite. Quando uma cidade faz o cidadão se sentir aborrecido e com certo mal-estar ou estressado, é como se uma rica parcela vital de sua vida psíquica fosse negada.

Para Bollas (2000), toda pessoa precisa alimentar objetos evocativos – que são chamados de alimentos do pensamento – despertando interesses psíquicos, vida subjetiva e comprometimento, além de desejo com o mundo dos objetos construídos.

Vemos assim, na paisagem cultural aqui estudada, em Poços de Caldas, um alto grau de imaginabilidade, e seu aspecto turístico com grande poder afetivo para seus habitantes e visitantes. A longa existência dos cartões postais realizados para a

cidade, na verdade capturam o olhar dos sonhos, e da maneira como os fotógrafos retratavam como a cidade gostaria de ser vista.

Figura 064. Vista Geral de Poços de Caldas, na década de 1920.



Fonte: Coleção particular de cartões postais antigos de Poços de Caldas. Acervo Antônio Carlos Rodrigues Lorette.

A seguir, apresentaremos três paradigmas para Poços de Caldas, a saber, o Paradigma da Cura, o Paradigma do Ócio e o Paradigma do Bem-Estar. Na verdade, os paradigmas mais que descreverem visões de mundo balizadas por três tempos da história da cidade; são tentativas de elaborar hipóteses a partir de três olhares ou lentes, com as quais se formou a complexidade da sua paisagem cultural. Esses paradigmas se justapõem e estão presentes como arquétipos da paisagem, nos dias de hoje.

Outro aspecto a ser mencionado, é que cada paradigma porta, também, uma espécie de avesso, ou de sombra tecendo a paisagem. O interessante é que devemos integrar e sustentar a ambivalência destes campos que se refletirão nas formas de gestão do patrimônio histórico e nas medidas justas que as transformações devem operar na cidade. Teríamos, como exemplo, o quadro a seguir:

Figura 065. Quadro com os paradigmas e suas sombras.

PARADIGMAS DA PAISAGEM E SUAS SOMBRAS		
Cura (espírito)	Ócio (corpo)	Bem estar (alma)
Limpeza/pureza pelas águas	Festas	Memória
Imagem/imaginação	Jogos	Integração com a natureza
Sonho	Coletividade/Socialidade	Transformação
Integração do self/ Identidade	Luxo/ prazer	Produção Cultural
Pathos	Negócio	Mal-estar
Fragmentação	Mercantilização da cidade	Apagamento da memória
Cisão	Adensamento	Demolições
Paixão/Passividade	Verticalização	Poluição
		Doenças (depressão/pânico)

Fonte: Elaboração Esther Cervini.

O Paradigma da Cura tem como sombra o conceito de *pathos* entrelaçado, como já tentamos descrever no Capítulo 1. Refere-se ao espírito do lugar e aos ideais de purificação em uma mitologia urbana, que tem como imagem fenomenológica condutora a figura do feminino.

O Paradigma do Ócio tem como sombra, o conceito de *negócio*, entrelaçando a forma que dá corpo à paisagem. Se de um lado é constituído dos aspectos estéticos que vão constituindo, ao longo das décadas, conjuntos patrimoniais de interesse histórico voltados ao lazer e ao turismo, de outro, esta paisagem conflita-se com a sombra que abate a maioria das cidades, por meio de uma exploração do território em seus aspectos econômicos, pela mercantilização da cidade, refletida no adensamento e verticalização da área central; e a produção de uma periferia excludente e fragmentada que insiste em políticas habitacionais funcionalistas e sem identidade.

O Paradigma do Bem-Estar tem como sombra o mal-estar, sentido por processos urbanos desumanizantes e refletem os atuais discursos que têm buscado ambientes, nos quais, possam suscitar um sentido de felicidade e conagração. Duas imagens podem ser compartilhadas: a de uma cidade que tem sua alma na área central, pelas sobreposições de memórias do lugar e a de uma cidade que tem um rico patrimônio ambiental natural em seu entorno, muito explorado pelas novas gerações.

3.2 O Paradigma da Cura – a visão do *pathos*

Um relato literário²⁴ de 1901, escrito por Olavo Bilac em sua hospedagem em Poços de Caldas descreve a vila e a paisagem como se subscreve abaixo:

Em Poços de Caldas, por uma gloriosa manhã de ouro e safira. No centro do largo anfiteatro de serras verdes, a vila sorri, formosa e friorenta, no esplendor do dia que nasce, abrindo ao sol o seu estendal de casas brancas. É verdade que estamos em março, mês dos ásperos calores? Não pode ser verdade!... Nunca mais doce inverno ameigou a face de mais lindo pedaço da terra.

Ao lado do Hotel da Empresa, as termas rumorejam, cheias da multidão jovial dos banhistas. É a hora, entre todas amável, do prazer se vão entregar à ação do banho untuoso e cálido, cuja carícia voluptuosa faz lembrar a do olhar da Sulamita, segundo o ardente poeta do Cântico dos cânticos:

É doce... porém tão doce,
Como se um óleo nos fosse
Escorrendo pela pele...

E, enquanto o sol invade o horizonte, e cham ao longe os carros de bois, a vasta praça que os hotéis circundam é cruzada de instante e instante pelos devotos de Sulfur. Aí vêm os artítricos, - vítimas da boachira, convivas assíduos dos banquetes da vida, os naufragos das tormentas do pensamento, estragados pelo abuso das delícias da existência ou pelas torturas do labor intelectual; aí vêm os dispépticos, de face pálida, e os obesos, de banhas oscilantes; aí vêm os cloróticos e os anêmicos, que a tísica faminta vive sitiando e espreitando; aí vêm aqueles que Vênus seduziu e traiu, aqueles que não se desconfiaram dos sorrisos de Eros, aqueles que se transpuseram sem cautela a porta fatal de que fala o apóstolo: *mulier, lata porta quaeducit ad perditionem*.

(...) Os sofredores, que vinham pedir alívio às águas abençoadas, traziam barracas, que armavam à roda dos lameiros sulfurosos, e acampavam ao Deus dará; levantava-se um rancho para os misteres da cozinha; faziam-se preces para que caíssem chuvas importunas; e, quando o enxofre terminava a sua obra milagrosa, o romeiro, que se via curado enrolava a barraca, e dando um último olhar de gratidão e saudade à lama rejuvenescedora, lá se ia de novo a caminho das perdições do mundo. (BILAC *apud* PONTES, 2018, p. 30).

Percebe-se que a questão simbólica da cura se faz não só por aspectos científicos, que neste período estavam se estruturando, mas também pela cura da alma e do espírito, pois, o *pathos* acometia os curistas e, desta natureza milagrosa que a cidade emanava, podia se perceber a importância do ambiente no processo de cura. Nas palavras do Dr. Benedictus Mário Mourão (1960), para prosseguir hígido durante toda a vida ou recobrar a saúde, o indivíduo de todos os tempos necessita de estímulos elementares que são vitais e insubstituíveis. O critério “natural”, em relação

²⁴ Os vários relatos apresentados aqui, de Olavo Bilac e de Evaristo Gurgel, são compilados por Hugo Pontes em sua publicação *Visitantes Ilustres – Poços de Caldas 1886-1986*. Poços de Caldas: Sulminas Digital, 2018.

a outros tratamentos, está fundamentado sobre os valores da natureza, do meio ambiente e de suas recíprocas influências, enfim sua ecologia.

Imaginação material das águas em Bachelard:

Para bem distinguir essa “participação” que é a própria essência do pensamento das águas, do *psiquismo hidrante*, teremos, pois, necessidade de nos debruçar sobre exemplos raríssimos. Mas, se pudermos convencer nosso leitor de que existe, sob as imagens superficiais da água, uma série de imagens cada vez mais profundas, cada vez mais tenazes, ele não tardará a sentir, em suas próprias contemplações, uma simpatia por esse aprofundamento; verá abrir-se, sob a imaginação das formas, a imaginação das substâncias. Reconhecerá na água, na substância da água, um *tipo de intimidade*, intimidade bem diferente das que as “profundezas” do fogo ou da pedra sugerem. (BACHELARD, 2016, p. 6).

Em *A Água e os Sonhos*, diferencia-se seu pensamento por uma fenomenologia da esperança de ver, com um novo olhar, as imagens amadas e da imaginabilidade provocada por devaneios e sonhos. A água é sugerida como o próprio fluir poético sobre a complexidade da natureza, não sendo tratada apenas como matéria, como, às vezes, querem as engenharias e o ambientalismo, mas, sobretudo, por suas significâncias e significados.

As águas profundas são dormentes, falam da alegria e da dor, das lembranças e da contemplação. As águas e seus reflexos duplicam o mundo, trazem as imagens narcísicas, que se olham pela natureza e não pela dureza do espelho e, numa experiência onírica trazem para baixo o céu que duplica o sonhador. As águas compostas se mesclam de todas as cores, sabores, cheiros, combinando diversas matérias, são líquidas. As águas maternais, as águas femininas são comparadas ao amor de uma mãe, imensamente grande e acolhedora, eterna e projetada ao infinito²⁵. As águas do mar aparecem nas águas violentas, da fúria e da raiva.

As cálidas águas termais trazem de maneira subjetiva a fluidez de linguagem de seus visitantes. Olavo Bilac continua em seu relato de 1901:

Também, a fisionomia atual da vila dos Poços de Caldas não a diria bem com essas manifestações de misticismo. O homem, com a sua audácia sacrílica, captou as águas do Tártaro, senhoreou-se delas, enclausurou-as como tesouros em reservatórios, canalizou-as para confortáveis banheiras; e, em torno das termas, afeiçoou para o regalo dos olhos e da alma a natureza rude... Como há de florescer a superstição neste vale perfumado, cheio de um ar macio e leve, batido de dia pela soalheira jovial, e iluminado à noite pela claridade argêntea das lâmpadas elétricas? O Diabo, se ainda perde o

²⁵ Estas reflexões são citadas por Bachelard a partir de Marie Bonaparte, curiosamente grande defensora e frequentadora das termas francesas de Vichy, cuja repercussão se fez sentir em Poços de Caldas através da figura do Dr. Pedro Sanches.

seu tempo por aqui, está homiziado nos clubs, enchendo de tentações os tapetes verdes. E ironicamente piscando os olhos maliciosos nas casas dos números fatídicos, do zero ao 36....

Doce terra da promessa, de seio aberto aos que a vida fatiga e enferruja! Se uma superstição pode aqui medrar é a superstição da tua eterna e providencial bondade! Que pode haver que não dêes aos homens, aos pobres vermes que se arrastam sofrendo pela tua face, ó antiga e veneranda Tellus, ó farta mãe carinhosa?! O pão que alimenta, o ouro que abre as portas do gozo, as árvores que purificam o ar, as flores que adornam a beleza, os remédios que remoçam o corpo – tudo sai dos teus flancos maravilhosos, de uma fecundidade incomparável e de uma inalterável saúde!! (BILAC *apud* PONTES, 2018, p. 33-34).

Figura 066. Cascata das Antas, Poços de Caldas. Década de 1920.



Fonte: Coleção particular de cartões postais antigos de Poços de Caldas. Acervo Antônio Carlos Rodrigues Lorette.

Ou nas notas esparsas do jornalista e escritor Evaristo Gurgel em 1904:

Tinha visitado todos os sítios recomendados pelo seu clima: Barbacena, São João Del rei, Friburgo, Petrópolis, Teresópolis desapareceram comparados a Poços de Caldas. Quanto a mim, não sei de trecho de terra mais amorável, mas carinhoso, mais benfazejo do que este. Paira neste ar, todo penetrado de luz, nesta vegetação de tão grato aroma silvestre, uma doçura, uma meiguice tal, que a gente chega a crer que sobre esta paisagem de écloga há, esparsa e fecunda, como que uma bênção, um como que sorriso do céu. Para os organismos que a luta da existência maltratou, que os desvarios dos pais ou excessos e abusos da civilização debilitaram e comprometeram, que grande laboratório de saúde este, sempre em atividade generosa, dando – aos mais abatidos, aos mais desalentados pela moléstia – a esperança de cura, o gozo de respirar, o júbilo de viver! (GURGEL *apud* PONTES, 2018, p.51).

A presença do ambiente descrito de forma por seus atributos de graciosidade encontram-se em vários autores como também em Coelho Netto ou em Filinto de Almeida.

Figura 067. Cartão postal com a vista da Praça Pedro Sanches em 1910.



Fonte: Coleção particular de cartões postais antigos de Poços de Caldas. Acervo Antônio Carlos Rodrigues Lorette.

No decorrer dos séculos, em diferentes povos, sempre mereceu destaque a utilização das águas minerais, em especial as quentes, para tratamentos preventivos e curativos. Tal forma terapêutica foi cultivada pelas mais antigas civilizações, transmitida por tradição, que a experiência dos nossos antepassados, nos legou através de sucessivas gerações.

Durante o período primitivo do termalismo, também chamado de místico ou religioso, em que se atribuíam às águas minerais, sobretudo as termais, um poder sobrenatural, acreditava-se numa interferência de divindades. Sabe-se que civilizações de até 5000 anos antes de Cristo, como os Caldeus (antiga Mesopotâmia), já faziam uso da crenologia.

A água e a cura das impurezas da alma aparecem desde os relatos bíblicos onde leprosos se curavam com banhos em fontes termais que existem até hoje.

O período empírico nasce no auge da cultura helênica, na época da medicina hipocrática, perpassando séculos, como o uso das águas pelos romanos, atravessando a Idade Média, o Renascimento até as descobertas da química moderna.

No período da química, com a análise das substâncias componentes das águas, começaram a surgir os tratamentos clínicos por médicos termalistas, das primeiras décadas do século XIX, associando suas análises às suas propriedades terapêuticas.

No período clínico ou científico as observações sobre a posologia e os resultados dos tratamentos com o máximo de aperfeiçoamento clínico, nas estâncias termais e minerais, se deveu ao fato do conhecimento das composições físico-químicas das águas. Também, nesse período foram descobertos os microelementos (composto-traço), gases raros e radioatividade das águas, sendo estudadas nas cadeiras de crenologia em várias universidades da Europa. Villaret e Bensançon estabeleceram no século XIX as bases para a medicina hidroclimática, com associações profissionais especializadas, obras e interpretações de como utilizar as águas minerais dando fim à pesquisa empírica.

Com este período clínico científico, os aspectos voltados à cura milagrosa deixam de ser importantes, pois, passa-se a confiar mais na ciência do que na fé por uma cura. Mas, buscava-se a cura ainda. Se de um lado a doença clínica vai sendo tratada, o lado ambiental de continência do corpo e alento da alma parece ainda permanecer um mistério.

Então, a partir dessa imagem de origem de continência, o fenômeno do termalismo, na localidade de Poços de Caldas, abre para pensar um aspecto essencial e existencial do lugar com a questão: por que as pessoas procuram um local cercado de montanhas, uma cratera, com água quente dentro?

Essa perspectiva está presente nos seus visitantes, desde as estações de cura no século XIX, até os dias de hoje. O sentido, que essa estadia num lugar aprazível veio tendo ao longo das décadas e das gerações, fez estabelecer uma diferença marcante naqueles que visitam a cidade. Possibilitaram a presença de um inestimável patrimônio cultural material na forma dos parques e edificações e naqueles que viveram e vivem nesta cidade e constituíram, com suas tradições, um forte patrimônio imaterial com suas festas, gastronomia e religiosidade.

Essa mistura e complexidade de formação trouxeram cenários urbanos diversos para a cidade, e uma paisagem cultural muito rica. Quando abordamos o paradigma da cura ele está associado aos valores simbólicos desta imagem original, entrelaçando os espaços da mata, dos rios, da natureza em geral, ao redor do vilarejo, descritos pelos viajantes no século XVIII e XIX, e depois do largo e dos balneários nos

quais a origem da cidade se fez, sempre descrita pelas diversas intervenções urbanísticas, principalmente no início do século XX, com o urbanismo sanitaria e as grandes obras na área central. Mas temos também a população que não veio pelas águas, e que esteve presente aqui pela cultura da terra e do gado, das famílias que ocuparam as primeiras sesmarias e instituíram as tradições de posses e propriedades e as pessoas simples. Depois, os descendentes negros e imigrantes que se dedicaram aos serviços da construção, da carpintaria, da selaria, da culinária, dos serviços de apoio à hotelaria (as lavadeiras, os condutores de charretes, as camareiras, os garçons) e daqueles que cultivavam os víveres em pequenas chácaras ao redor da vila. Para estes, os “palácios”, as grandes obras de 1930 eram inacessíveis e o luxo representava uma fina camada de verniz, que recobria as doenças do corpo e da alma.

3.2.1 Pureza e purificação

Poderíamos simbolizar todos os valores pela pureza. E os ritos formais de pureza estão relacionados à imaginação material da água. Ela é a matéria pura por excelência. E daí o sentido de uma psicologia da purificação estar associada às águas. Seu fluir remete à origem da linguagem em sonhos. Para Bachelard (2016), os valores oníricos guardam a poesia própria da linguagem de seu povo no sonhador isolado.

Assim, a presença da água em Poços de Caldas se torna o elemento primário, a partir do qual é possível fazer as pessoas sonharem com a cidade. “Se as coisas colocam em ordem nossas ideias, as matérias elementares colocam em ordem nossos sonhos” (BACHELARD, 2016, p 140).

O pensamento moderno e sanitaria que se instalou nas primeiras décadas da cidade, começou a desprover a água de seu sentido de devaneio, tornando-a um elemento imediato e natural. Mas, é preciso dizer que apenas por ter havido os devaneios “naturais”, é que foi possível pensar esta cidade e sua urbanização. Assim como quando lemos um texto antigo, a urbanidade parte de uma reinterpretação de uma civilização desaparecida. E de seus sonhos.

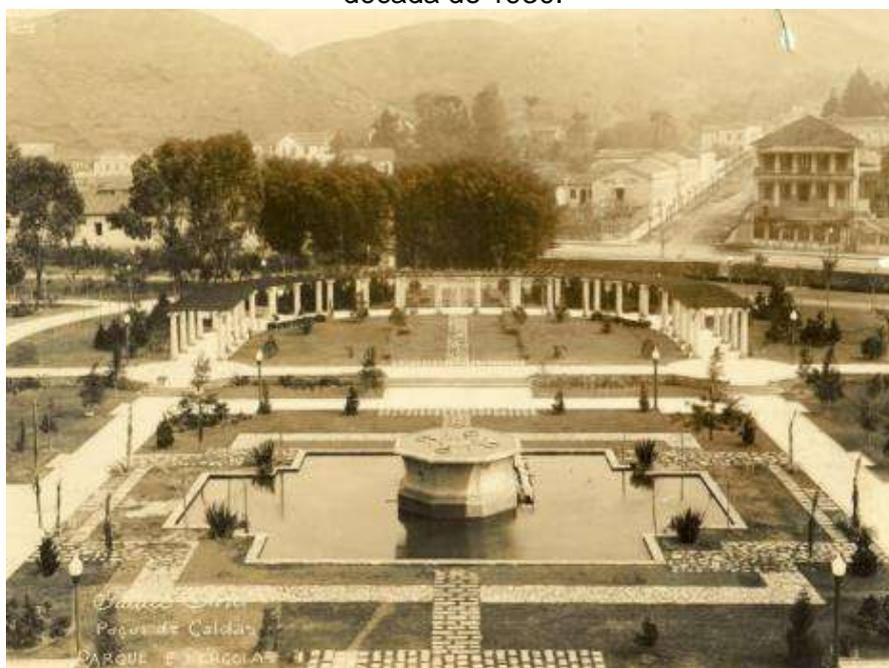
Figura 068. Local onde se encontra hoje a Praça Getúlio Vargas tendo abaixo o Ribeirão da Serra e a Avenida Francisco Salles. . Década de 1920



Fonte: Acervo de cartões postais de Antonio Carlos Rodrigues Lorette.

“Seria um sonho a arquitetura visionária? Será que construímos estruturas monumentais para serem sonhadas nos nossos sonhos e estendidas nos sonhos das gerações que virão?”; nos pergunta Bollas (2000, p. 36). A cidade, para além de suas funções, pode servir a diferentes implicações evocativas.

Figura 069. Eixo transversal do parque José Affonso Junqueira, no centro fonte luminosa, década de 1930.



Fonte: Acervo do Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas.

O ideal de pureza está associado à ideia de limpeza. E a água pura e clara, do ponto de vista inconsciente refere-se às poluições. As poluições das fontes. Mas as prescrições de higiene pública, desenvolvendo-se numa atmosfera de racionalidade, não podem substituir os contos e as mitologias.

Figura 070. Praça de Columbia, ou Praça dos Macacos, com o Ribeirão de Caldas retificado, vendo-se ao fundo a ponte.



Fonte: Coleção particular de cartões postais antigos de Poços de Caldas. Acervo Antônio Carlos Rodrigues Lorette.

Ao mesmo tempo em que as obras sanitárias e de aformoseamento de Saturnino de Brito e seu filho se desenvolvem em 1927, o arquiteto Eduardo Pederneiras vai propor, para a reforma do Palace Hotel e para a construção do Palace Cassino, estilos arquitetônicos referentes às mitologias das águas. Mas este saber encontra-se apartado da população.

Figura 071. Palace Hotel, Poços de Caldas, 1934.



Fonte: Coleção particular de cartões postais antigos de Poços de Caldas. Acervo Antônio Carlos Rodrigues Lorette.

Figura 072. Palace Cassino, Poços de Caldas, 1934.



Fonte: A Coleção particular de cartões postais antigos de Poços de Caldas. Acervo Antônio Carlos Rodrigues Lorette.

Se nos voltarmos aos tempos dos povos antigos, desde os egípcios, persas, babilônios e assírios, era recorrente a relação entre purificação e sagrado ligado aos banhos termais. Na tribo de Israel, comenta-se da prática dos banhos para os profetas e vários são os relatos na Bíblia que aproximam, mais tarde, a figura de Cristo às fontes e às curas milagrosas. Destacam-se as fontes de Siloé e Betesda, em Jerusalém e a afamada fonte de Tiberíade. A passagem do batismo de Jesus, por São João Batista, reforça este simbolismo da saúde do corpo por meio das águas, que também lavam as impurezas do espírito.

A balneoterapia, prática dos banhos de 21 dias, teria sido instituída neste período, e sugere-se que estaria associada às três semanas, excluído o período menstrual da mulher.

O Código Sagrado de Manu, na Índia também apoia seu sistema religioso de purificação pelas águas. Os lugares sagrados, chamados THIRTA, sempre são construídos na proximidade de um lago ou rio, e a água é considerada um líquido de natureza divina, no qual o crente deposita toda a fé nos deuses que promovem a limpeza das impurezas.

No mundo helênico, surge de fato a mitologia que alimentará todo o imaginário da cultura ocidental. Sempre as fontes gregas foram relacionadas à deuses do Olimpo

como, por exemplo, Júpter, que presidia a fonte de Abméia; Juno, que amparava as questões para concepção; Hebe, para anemias; e assim por diante. Na verdade, os gregos não acreditavam nos poderes curativos da própria água, mas nas divindades que as atribuíam.

Carlos Pinheiros Chagas, médico que dirigiu a implantação do grande balneário Thermas Antônio Carlos, em 1929, escreveu acerca do novo período científico da crenologia *apud* Benedictus Mario Mourão (1997):

Começa apenas a sair do empirismo a terapia hidrotermal. É bem verdade que não se elege um deus protetor para cada água virtuosa, nem se constrói um templo ao lado de cada fonte termal; as ninfas já não cantam, nem as sereias atraem os poetas. As águas termais deixaram de ser talismãs sacrossantos ou filtros de feitiçaria. Desapareceu a poesia da fábula na concepção materialista nos nossos dias e morreram os gênios da crença humana. A ciência fria, exata e inexorável os matou.

Crenologia tem étimo grego: *krenos* “fonte ou manancial” e *logos*, estudo. Neologismo criado por Landouzy, sábio francês no início do século XX, que foi buscar sua origem nas fábulas helênicas.

As águas hipertermais geralmente surgem em regiões vulcânicas ou em que estudos geológicos demonstram atividades vulcânicas remotas. Vulcano, na mitologia grega, filho de Júpter e Juno, rei dos vulcões, presidia as águas quentes. Poços de Caldas traz na sua “mitologia” urbana, a imagem do vulcão, por sua localização no Planalto de Poços de Caldas.

São vários os mitos gregos associados às águas. Mas, gostaríamos aqui de destacar o mito de Esculápio pelo fato de ser o que associa as águas ao próprio nascimento da medicina. O culto a Esculápio foi introduzido entre os gregos em 429 a. C., sendo adorado na paz das florestas, no sopé das altas montanhas ou nas fontes de águas puríssimas. De Epidauro, considerada o centro do culto, onde o deus da medicina era venerado na forma de uma serpente, esse culto era prezado por toda a Grécia, posteriormente levado à Roma, após uma grande peste que dizimou grande parte de seus habitantes.

Os templos à Esculápio eram erguidos junto às nascentes de águas minerais. As pessoas que iam pedir graças ao deus deveriam se submeter a um tratamento preliminar para refazer as energias combatidas ou tratar de enfermidades: usar uma série de banhos termais, abster-se de vinho e fazer uma alimentação especial. Depois, recolhidos envolta dos templos, em recintos apropriados deveriam dormir e, se

sonhassem com o deus, em visões aos doentes, este aconselhava e prescrevia o tratamento das enfermidades, que eram escritos em pequenas tabuletas, colocadas nos muros para que os médicos (asclépius) as ministrassem. Mostrava-se na forma de um homem compenetrado, mas aparentando bondade e segurando um cajado com uma serpente enroscada. À parte esse olhar, o resgate fenomenológico da cura pelas águas parece retomar também, além da própria origem da medicina, a importância do sonho para vislumbrar as prescrições de cura.

Estranhamente, no mesmo momento em que as águas vão adquirindo um caráter científico no início do século XX, o surgimento da psicanálise e da fenomenologia na época, parecem resgatar a potencialidade onírica do ser humano. O pensamento científico foi capaz de propiciar uma revolução no modo de ver as cidades. Lembramos que os grandes centros urbanos europeus, Paris, Londres, Viena, passam por transformações urbanísticas decorrentes do processo de industrialização e aumento de densidade dessas cidades. No Brasil, temos o exemplo da cidade de São Paulo, de onde partiam grande maioria dos turistas para Poços de Caldas.

George Simmel em *A metrópole e a vida mental* (1973), já nos falava da intensificação da vida nervosa nas grandes cidades e a forma como elas influenciavam na vida do espírito de seus cidadãos. Entre esses argumentos, o autor destacou as relações de oposição na cidade, na vida mental e na personalidade em relação à economia monetária introduzida pelo capitalismo. Observou também a questão de que a economia baseada no valor de troca criaria uma personalidade urbana caracterizada pela reserva, desconfiança, apatia e ausência de solidariedade. Para ele, nas cidades haveria uma modificação constante, um devir permanente ditado pelo regime febril; não que as transformações não acontecessem no campo, mas seriam mais lentas, graduais, enquanto que nos centros urbanos seriam rápidas e efêmeras. Tais transformações poderiam levar a adoecimentos do espírito.

Senão as enfermidades físicas e clínicas dos curistas, os relatos dos visitantes da cidade, ao longo do século XX, relacionam-se à busca por uma vida psíquica diferente da cidade grande, proporcionada pelas regras dos banhos, pelos costumes, pelo ritmo lento, emotividade e sentimento acolhedor dado pela convivência entre os banhistas e pela ambiência de Poços de Caldas, durante a estação de águas.

3.2.2. A fenomenologia do feminino na imagem das águas

Várias são as figuras do feminino associadas ao ambiente e no simbolismo das águas na fenomenologia e na psicologia.

Figura 073. Fonte dos Amores, Poços de Caldas/ MG.



Fonte: A Coleção particular de cartões postais antigos de Poços de Caldas. Acervo Antônio Carlos Rodrigues Lorette.

Retomamos aqui Bachelard (2016), quando traz uma das partes do estudo psicanalítico de Marie Bonaparte intitulado “O ciclo mãe-paisagem”:

Quando se segue a inspiração da pesquisa psicanalítica, compreende-se bem depressa que os traços objetivos da paisagem são insuficientes para explicar o sentimento da natureza, se esse sentimento for profundo e verdadeiro. Não é o *conhecimento* do real que nos faz amar apaixonadamente o real. É o *sentimento* que constitui o valor fundamental e primeiro. (...) A natureza é para o homem adulto, diz-nos Marie Bonaparte, “uma mãe imensamente ampliada, eterna e projetada no infinito”. Sentimentalmente, a natureza é uma *projeção* da mãe. (BACHELARD, 2016, p.119).

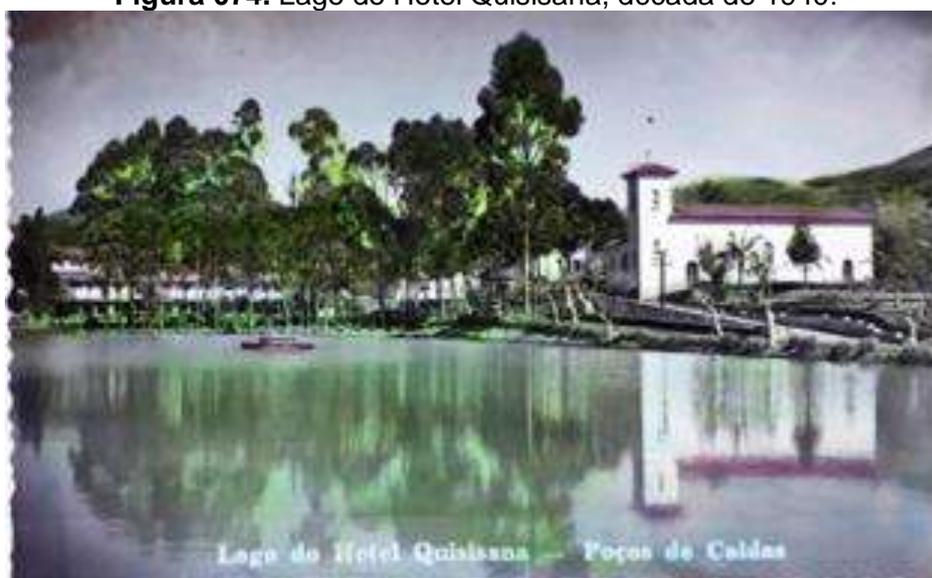
A perspectiva materna associada às águas e à natureza encontram em nós as lembranças inconscientes mais profundas, e é o primeiro princípio ativo da projeção de imagens, a força propulsora da imaginação.

Se a cidade metropolitana é o lugar do abandono por todos, do desamparo, a paisagem é uma imagem que ilustra o amor por uma mãe, e este é um sentimento que compensa uma ausência dolorosa, que não abandona. Daí a intensidade restauradora do ambiente, porque “[...]essa realidade é já uma alma, é porque essa

realidade é uma lembrança” (BACHELARD, 2016, p.120). Há dois estágios sucessivos, da profundidade inconsciente: primeiro todo líquido é uma água e em seguida toda água é um leite. A imaginação se daria onde se misturam o consciente e o inconsciente. Essa imagem é “nutritiva”, restauradora. E do leite passa-se ao seio, lugar tépido, suave, abrigo. Do seio ao colo, à sustentação e às infindáveis nuances de calor, cheiros e continência. A paisagem não é um espetáculo, mas uma “lembrança feliz”, a mais tranquila e aprazível das lembranças, a lembrança do leite nutritivo, a lembrança do colo materno.

O primeiro ambiente que nos contém é o materno. Mas há desdobramentos da mãe-paisagem para uma segunda figura da água de cunho profundamente feminino, a mulher-paisagem, como projeção da mulher-natureza, como *substância voluptuosa*. Para o autor, a experiência da água é o *elemento embalador*, e este é o traço de seu caráter feminino: ela embala como uma mãe. A água convida-nos à viagem imaginária.

Figura 074. Lago do Hotel Quisisana, década de 1940.



Fonte: Coleção particular de cartões postais antigos de Poços de Caldas. Acervo Antônio Carlos Rodrigues Lorette.

São inúmeros os ambientes relacionados às águas em Poços de Caldas. Como a reforçar simbolicamente as águas termais terapêuticas. Espaços como o Hotel Quisisana (que em latim significa “aqui se cura”), a Fonte dos Amores, o Parque Country Club, a Cascata das Antas, o Véu das Noivas, a represa Bortolan, a represa Saturnino de Brito, o Recanto Japonês, a fonte das Rosas, a Cascatinha, a fonte do

Leãozinho, a fonte da Praça dos Macacos e inúmeras fontes e minas d'água espalhadas pela cidade e que afloram das suas formações rochosas.

Figura 075. Lago do Country Club, década de 1940.



Fonte: Coleção particular de cartões postais antigos de Poços de Caldas. Acervo Antônio Carlos Rodrigues Lorette.

O parque da cidade, o jardim na frente das casas, o quintal com as árvores, a planta colocada num vaso no quarto, as flores das floreiras são signos do mundo natural no mundo construído, assim como uma obra de arte na floresta, uma pequena capela no lago designam a ordem construída no mundo natural.

Essas formas de correspondência e troca são momentos espirituais, se entendemos por isto que cada personificação carrega consigo o espírito significante. Uma igreja no lago representa o espírito da fé. O planejamento urbano não é simplesmente funcional e pleno de sentido de uma forma localizada (BOLLAS, 2000, p. 38), ele envolve um tipo de psico-espiritualidade, isto é, “está investido da tarefa psicológica de trazer o espírito de vida de um determinado lugar”.

3.2.3 A paisagem interior e a cidade

O nosso interesse em relacionar a história da cidade e os processos de apropriação e identificação do lugar parecem configurar um campo de estudo interdisciplinar muito importante para a estruturação subjetiva da memória dos habitantes de Poços de Caldas, como desdobramento da paisagem cultural. O simbolismo decorrente desse espaço, vinculado à utilização das águas termais, atraiu no passado uma grande quantidade de visitantes, cujo tratamento com banhos vinha acompanhado também pelo cuidado do ambiente: o repouso, o passeio no jardim sombreado, o controle das emoções, favorecendo, do ponto de vista social, uma nova postura e convivência afastada do cotidiano doméstico. Neste tempo em suspenso, pensamos representar uma janela na percepção do ser, de onde é possível se ver a busca ontológica que a natureza e as águas evocavam. (MARRICHI, 2015).

Acreditamos que a abordagem fenomenológica pode ser enriquecida com a escola da Psicologia Ambiental, inaugurada nos Estados Unidos por Proshansky (1978), na década de 60, relacionada inicialmente à linha dos movimentos ambientalistas e, além da preocupação com o meio ambiente natural, dedica-se também ao estudo do meio ambiente urbano. Para ele, o processo de apropriação se relaciona com a identidade de lugar (*placeidentity*). Assim, o lugar tem uma significação para o sujeito que o incorpora à própria identidade, ou seja, a identidade do “eu”.

Para cada ‘rol’ de identidade, existem dimensões e características do entorno físico. Nesse sentido, a identidade de lugar (seu significado) é um componente específico do próprio ‘eu’ do sujeito, forjado por meio de um complexo processo de ideias conscientes e inconscientes, sentimentos, valores, objetivos, preferências, habilidades e tendências (GONÇALVES, 2007, p. 27).

“Entendemos que o processo de apropriação atua em dois sentidos: um em direção à conquista do espaço, e outro para si” (ARCARO e GONÇALVES, 2012, p. 52). Isto implica o sujeito adaptar um espaço às suas próprias necessidades, dar-lhe características próprias. A relação pessoa/sociedade/meio ambiente tem sempre uma dimensão da vivência e simbolismo. Essa dimensão tem aparecido muito nas conceituações de qualidade de vida, bem-estar social e comunidade, e também naquilo que se refere à percepção e valorização da paisagem. Para a Psicologia, a paisagem refere-se ao mundo intrapsíquico, enquanto que para a arquitetura consiste

na organização de imagens no mundo externo. Paisagem está diretamente ligada ao conceito de habitat e de espaço, levando em conta que o gerador dessa paisagem são as comunidades inseridas nesses habitats e que ocupam aquele determinado espaço (MACEDO, 1999).

Essa interação pessoa – ambiente é assegurada pelo fato de ser o meio físico circundante, onde se assentam os espaços culturais, o local em que o sujeito vive e constrói a sua subjetividade. A apropriação do espaço é a de lugares repletos de significados, ou de signos que se acumulam em camadas. Estes são a “pousada” do espaço que se define como sendo um movimento tanto externo quanto interno (GONÇALVES, 2007). Assim, o espaço não é só o meio circundante físico, uma vez que, por meio da dimensão sociocultural, o sujeito internaliza e representa.

A apropriação, como processo de identificação, é, em certa medida, um agente transformador, pois, ao apropriar-se do espaço, o sujeito deixa sua marca ao transformá-lo, iniciando, assim, um processo de reapropriação contínuo, que vai desde a cidade à casa em seu interior. (ARCARO e GONÇALVES, 2012, p. 52).

A partir das cores, das formas, dos odores, das sensações de prazer, o sujeito vai modificando as paisagens concretas do lugar, deixando sua marca e, ao mesmo tempo, vai transformando sua paisagem interna, as paisagens do seu mundo interno.

O *sentimento de identidade*, substância da subjetivação, define a unidade resultante de todos os processos identificatórios pelos quais o sujeito passa (e continua a passar), tendo assim uma natureza dinâmica e relacional. É por meio das introjeções e projeções, que o processo cultural se consolida e trabalha a subjetivação através da identidade. É essa troca incessante com o meio externo que nos delimita através de uma camada virtual, o que Montagna chama de envelope de transicionalidade, realçando a plasticidade e o dinamismo implícito na adaptação do sujeito ao mundo. Winnicott e Anzieu (1990) são dois autores que compartilham desse conceito de espaço transicional. Por extensão, nossa apropriação de um espaço urbano também contém semelhante movimento.

O sentimento de identidade é fundamental para o ser humano. Ser reconhecido como pessoa faz parte dos sentimentos humanos e algumas vezes ele se sobrepõe à necessidade de prazer. É diferente do sentimento de existência, de estar vivo, mesmo que este esteja no sentimento de identidade.

Para Montagna (2001), a marca dos ideais e de sua construção é importante no processo de amalgamento da identidade e, portanto, da subjetivação. Assim, assinala a importância do enraizamento em um lugar como possibilidade de aí voltar, um refúgio onde recolher consolo, uma morada para viver ou também os lugares revisitados e esse ambiente pode ser também a cidade, repleta de lugares familiares que resistem ao sujeito, nas reviravoltas da vida, o sentimento de sua identidade. O desafio da contemporaneidade é o de manter nossas identidades face às mudanças, sem nos des-historicizar.

Caminhamos em direção aos muros da cidade, e no temor da memória, não se sabe bem quem era a criança que ali brincava, que prazeres encerram. Então o súbito desígnio das casas, das ruas, das formas, do espaço dá às lembranças um contorno e consistência. É assim que o espaço ajuda a estruturar o tempo e que o olhar vem em socorro da memória. O olhar que outrora desempenhou um papel de suporte narcísico... é reconhecido e aí o ego reconhece suas fronteiras. O retorno à casa natal é um movimento de identificação consigo mesmo. (BERRY *apud* MONTAGNA, 2001, p. 78).

A imagem da cidade, na percepção e memória de seus habitantes, possibilita um terreno propício ao transicional interior e exterior. Poços de Caldas, definida por meio da paisagem termal, não somente por seus elementos estruturais e marcantes como as grandes obras das *Thermas Antônio Carlos*, do *Palace Hotel* e *Palace Cassino*, além da área do *Parque José Affonso Junqueira*, deixa revelar um ambiente de tempo lento, as tipologias que tecem o ambiente urbano cortado por vários córregos, mesclando-se à natureza do local e alinhamentos de edificações de baixo gabarito, no máximo de dois andares, ruas não pavimentadas que conferiam ao conjunto um aspecto ainda rural ou de vila, que permanece hoje remanescente, para aqueles que quiserem fazer dos olhos as lentes de várias temporalidades coexistindo na cidade. Esta vida pacata que transparece ao olhar, coexiste hoje por debaixo de letreiros grandiosos que escondem estas fachadas modestas, mas que na essência dão a escala humana ao lugar.

Talvez o mistério das temporalidades diversas esteja justamente neste jogo de esconder-se e mostrar-se, que faz a mente do habitante focalizar no passado e imaginar momentos originários da paisagem e, imediatamente em seguida, tendo-se abastecido desse manancial, poder propor invenções futuras.

Figura 076. Atual Rua Junqueiras cortada pelo córrego Vai e Volta em cruzamento com a Rua Paraná, atual Rua Assis Figueiredo.



Fonte: Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas

O diálogo infinito travado pelas forças do lugar originário e o universo pulsante do espírito do tempo vão definindo o que a cidade será. Este movimento está sujeito a transformações, e mesmo as novas obras, às vezes, se deparam com regressões a tempos imperiais, como nas áreas do centro em que o parcelamento dos lotes remontam ao passado. A exemplo disso, como se observa na figura acima, a construção da rua pelas tipologias alinhadas é fundamental para marcar a proporção espacial e fundamental para definição da paisagem termal. O processo de verticalização que hoje se instala em vários pontos da área central da cidade, acrescentada às novas legislações urbanísticas que exigem recuos e afastamentos da rua, na verdade alteram muito o ambiente acolhedor trazendo traços de modernidade e geometrização excessiva ao lugar.

No caso de Poços de Caldas, podemos dizer que existe um ambiente “comum” ou cotidiano, onde são tecidas as histórias pessoais de seus habitantes e a criação social de laços de vizinhança e sociabilidade, que dependem dessa configuração. Muitas lojas comerciais que se instalam, hoje, em “pontos”, que tem uma herança passada, mas que ao mesmo tempo sobrevivem e definem a nova ocupação.

Figura 077. Rua Rio Grande do Sul, mostrando em primeiro plano a ponte de concreto armado construída com o auxílio do Estado de Minas na gestão do Dr. Daniel de Carvalho como Secretário de Agricultura, de 1922 a 1926.



Fonte: Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas.

Como vemos nas figuras abaixo, alguns hotéis ainda são os mesmos das décadas iniciais do século XX, sendo que o nível térreo acabou sendo alterado para imprimir maior fachada ativa ou comunicante com o entorno nos usos atuais.

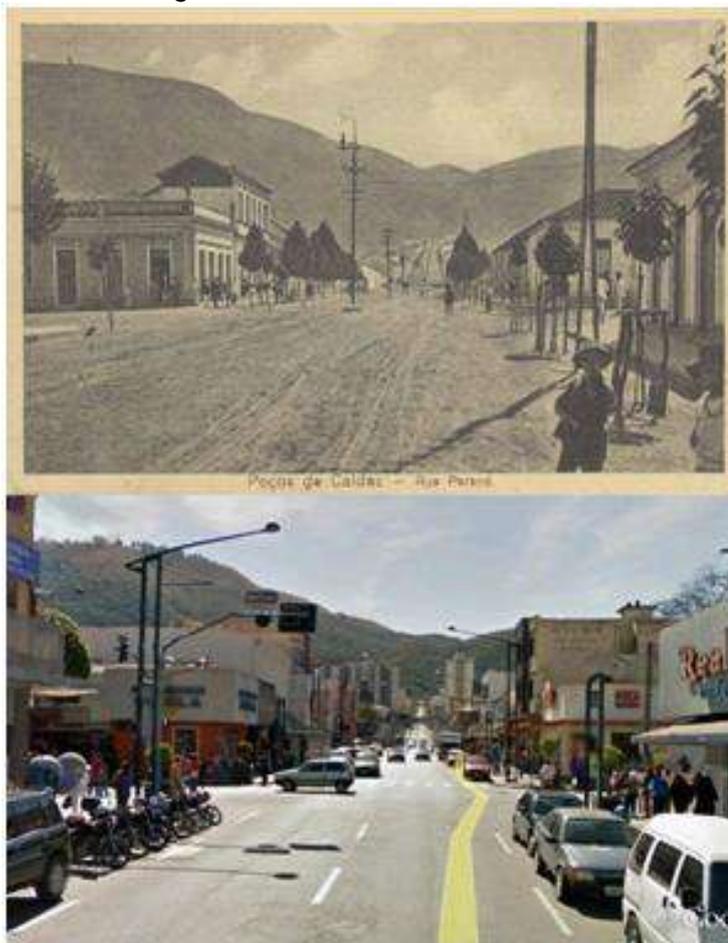
Figuras 078. Antigo Parc Hotel, atual Rex Hotel, na esquina da Praça Pedro Sanches com a Avenida Francisco Salles.



Fonte: Acervo Museu Histórico e geográfico de Poços de Caldas. Acervo Esther Cervini.

A exemplo da rua Paraná, atual Rua Assis Figueiredo, onde se verifica a maior taxa de transformação das edificações devido ao intenso uso comercial, existe toda uma hierarquização de ocupações, indo dos usos mais populares, próximo à avenida Francisco Salles, até a área mais elitizada, com lojas de marcas que são frequentes encontrar-se nos *shopping centers*.

Figura 079. Antiga Rua Paraná na década de 20 do século XX.



Fonte: Memória de Poços <http://www.memoriadepocos.com.br/2011/11/rua-parana.html> .
Acesso em: 16 fev. 2019.

Outra tipologia que merece destaque na paisagem urbana de Poços de Caldas são os *Chalets*, ligados aos símbolos de *status social*, e famílias tradicionais que definiram a configuração territorial da cidade. O caso marcante do Chalé Cristiano Osório, onde atualmente se localiza o Instituto Moreira Sales e a Casa da Cultura formavam um conjunto de dois chalés e uma casa republicana ao sabor neorrenascentista, para membros da mesma família Junqueira. Oriundos de São João da Boa Vista, Cristiano Osório de Oliveira, Luiza de Oliveira e Francisca de Oliveira se estabeleceram na mesma vizinhança. O projeto coube ao engenheiro e arquiteto Carlos Alberto Maywald, em estilo tirolês, por volta de 1894²⁶.

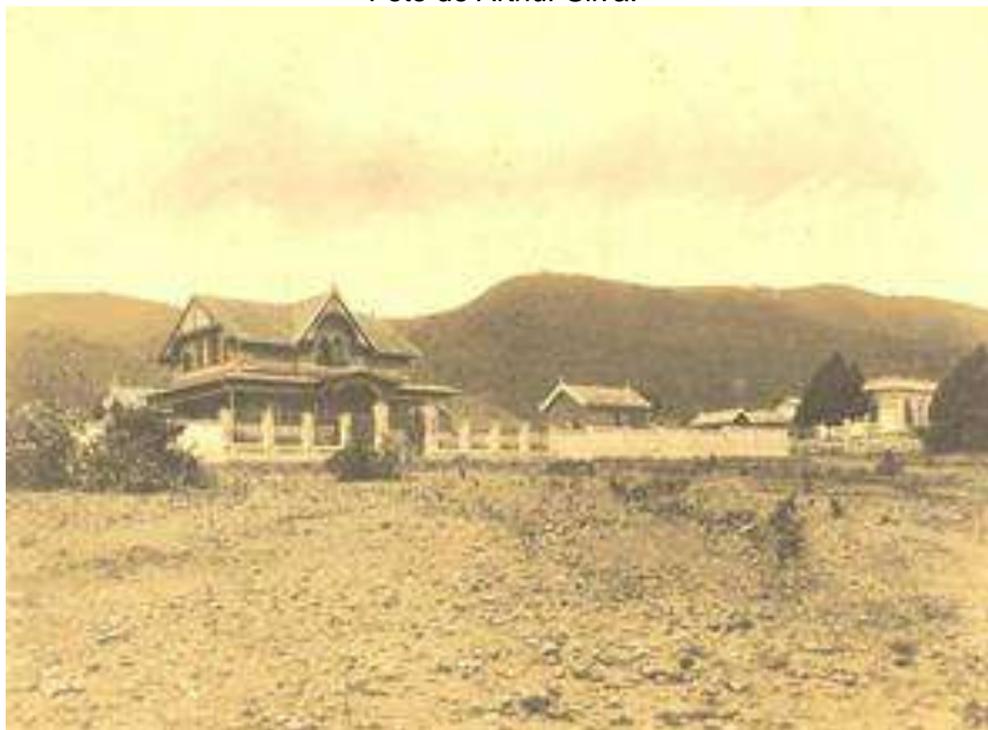
²⁶ Muitos autores atribuem a autoria dos projetos de Chalés Cristiano Osório, Luiza Francisca e a casa republicana em Poços de Caldas à Giovanni Battista Pansini. Mas através dos estudos do arquiteto Antônio Carlos Rodrigues Lorette e da arquiteta Adriane Matthes, que tiveram acesso à documentação de obra de Carlos Maywald, constataram a autoria dos mesmos. Sabe-se que Pansini teria partido para a Argentina em 1892 e que Maywald teria chegado primeiro à São João da Boa Vista em 1890 e depois em Poços de Caldas em 1892. É de autoria de Maywald vários outros projetos e reformas dos chalés realizados por Pansini. Consultar Splettstoser Jr. (2003).

Do ponto de vista da fenomenologia de Bachelard em *A Poética do Espaço*, o chalé seria um remanescente do arquétipo da cabana primitiva, que preenche o imaginário e a memória dos habitantes da cidade com seus espaços poéticos dos porões e sótãos que evocam o valor da casa.

A casa nos fornecerá simultaneamente imagens dispersas e um corpo de imagens. Num e noutro caso, provaremos que a imaginação aumenta os valores da realidade. Uma espécie de atração concentra as imagens em torno da casa. Através das lembranças de todas as casas em que encontramos abrigo, além de todas as casas em que já desejamos morar, podemos isolar uma essência íntima e concreta que seja uma justificativa para o valor singular que atribuímos a todas as nossas imagens de intimidade protegida? Eis o problema central. (BACHELARD, 1989, p. 199).

E continua a dizer-nos que um grande número de lembranças está guardado na casa, se se tem porão e sótão, corredores e cantos, nossas lembranças protetoras e infantis encontram lugar. Assim sugere que voltemos a falar da maternidade da casa e da sua plenitude essencial do ser da casa. Os chalés seriam representantes dos lugares físicos de nossa vida íntima. Daí a importância de sua preservação no contexto histórico da cidade.

Figura 080. Chalé Cristiano Osório de Oliveira, na década de 1900, onde hoje se instalou a Casa da Cultura. Ao lado direito a casa Republicana que foi demolida na década de 1990.
Foto de Arthur Silva.



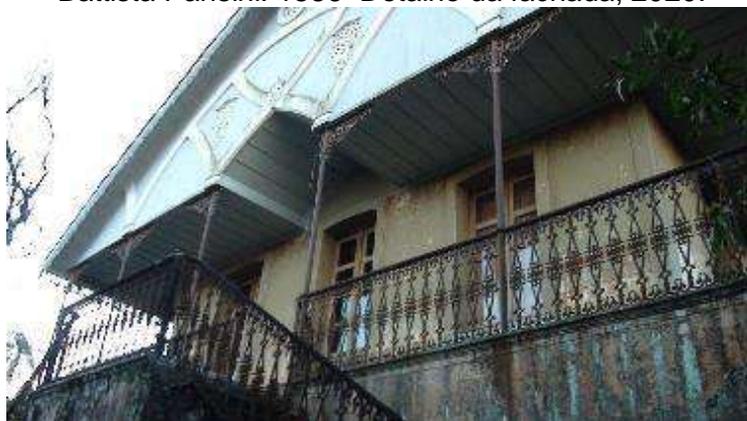
Fonte: Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas.

Figuras 081. Chalé Azul (Cristiano Osório de Oliveira) e Chalé Rosa (Luiza de Oliveira).
Arquiteto Carlos Alberto Maywald.



Fonte: Acervo Esther Cervini, 2017

Figura 082. Chalé Frayha – Antigo chalé do Barão de Itacurussá. Autoria de Giovanni Battista Pansini. 1886 Detalhe da fachada, 2020.



Fonte: Disponível em:

<https://www.facebook.com/viverpocosdecaldas/photos/a.992017940827666.1073742691.527306643965467/992018484160945>. Acesso em: 04 abr. 2020.

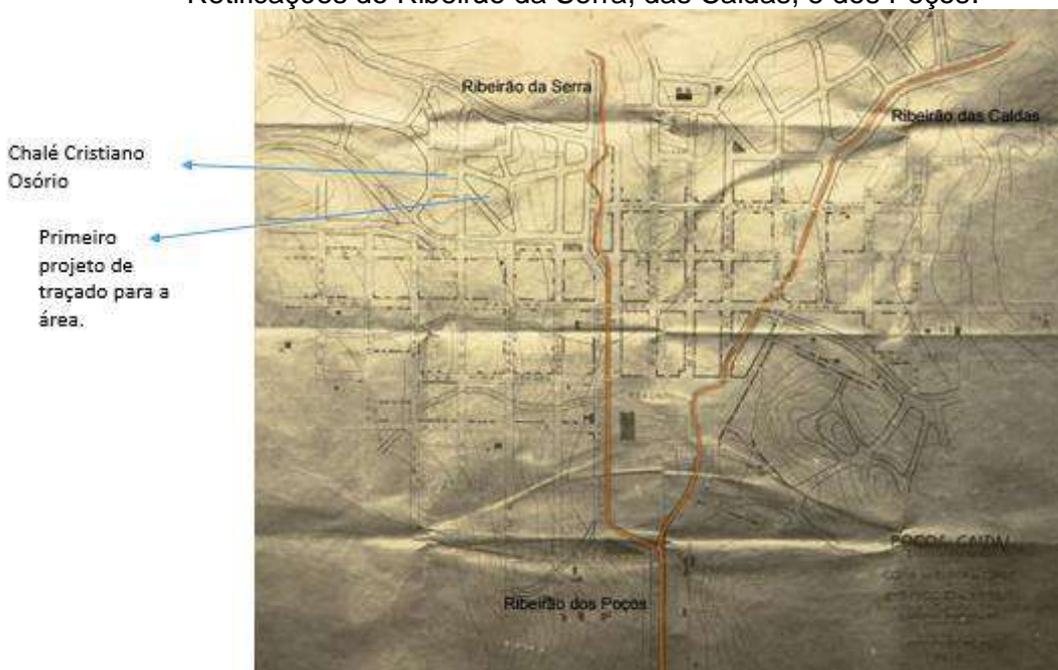
Figura 083. Chalé Frayha - Antigo chalé do Barão de Itacurussá
na Rua Amazonas x Rua Pernambuco, 2020.



Fonte: Disponível em <https://www.google.com/maps/@-21.7836052,-46.5727128,3a,63.4y,50.37h,98.19t/data=!3m6!1e1!3m4!1sQiNyLL1Uqo08Dv--tfF1vw!2e0!7i13312!8i6656?hl=pt-BR> . Acesso em: 13 mar. 2020.

A localização do bairro Cristiano Osório, como área loteada dos remanescentes chalés, vai se consolidar a partir da década de 1940, com a criação do primeiro traçado de Cidade Jardim em esboço proposto inicialmente pelo sanitarista Saturnino de Brito. Esta área, correspondente ao Jardim dos Estados, significou uma das primeiras expansões da área central e propunha já o ideário urbanístico que vinha se aflorar no debate internacional sobre as cidades jardins. Com traçado sinuoso, acompanhando a topografia, representou um bairro de elite, com lotes largos e jardins, fazendo limite com a Serra de São Domingos. Foi uma alternativa imobiliária para capturar investimentos para a cidade, após o declínio dos jogos na cidade.

Figura 084. Anteprojeto de Expansão de Saturnino de Brito para a cidade em 1928. Retificações do Ribeirão da Serra, das Caldas, e dos Poços.



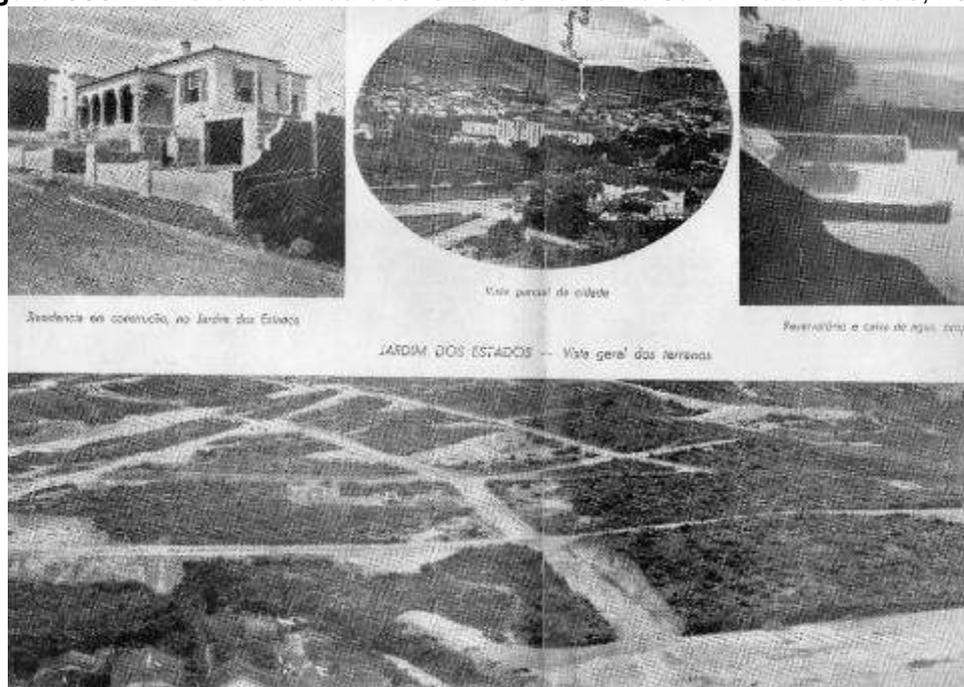
Fonte: Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas.

Figuras 085. Folhetos publicitários de venda de lotes no Jardim dos Estados, 1950.



Fonte: Acervo Antônio Carlos Lorette.

Figura 086. Folheto de venda dos terrenos no bairro Jardim dos Estados, 1947.



Fonte: Acervo Antônio Carlos Lorette.

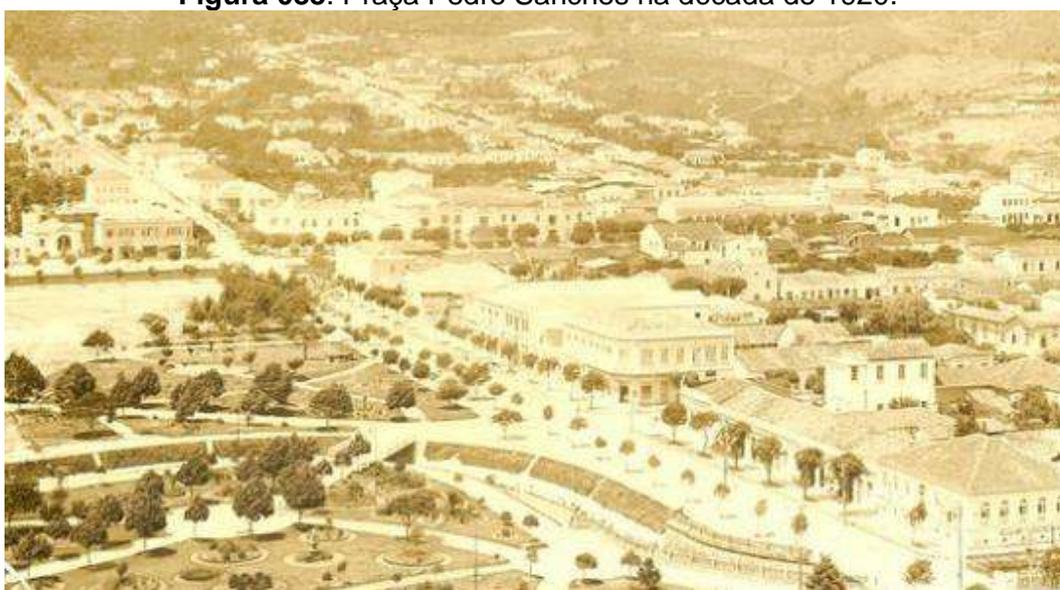
Figura 087. Vista parcial de Poços de Caldas, tendo ao lado direito da imagem o loteamento do Jardim dos Estados. Década de 1950.



Fonte: Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas.

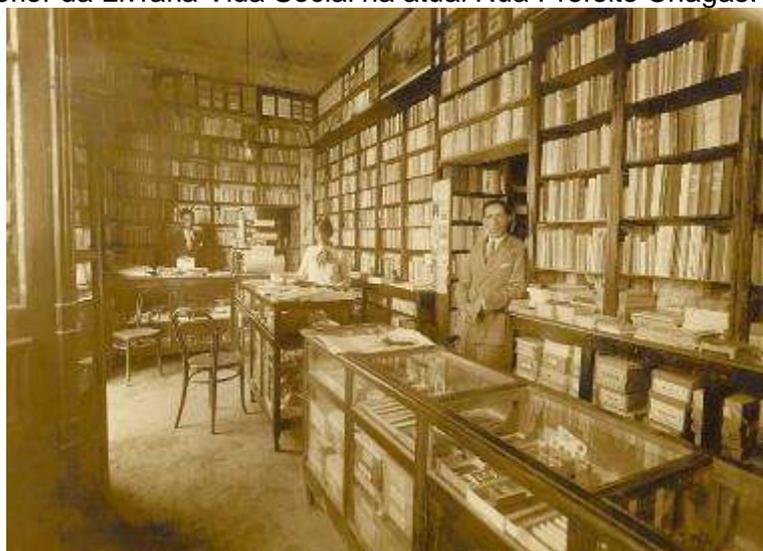
Vemos, nesta preocupação com o ambiente, uma herança que não está somente nos edifícios construídos das grandes obras, mas no envoltório, com o clima, com a paisagem natural, com os aformoseamentos dos jardins, com a arborização urbana, evocando não só os ambientes originários bucólicos, mas o cenário de pequena cidade que se encontra representada no interior de cada habitante. O discreto charme da estância estava presente nos relatos em jornais e falas dos habitantes mais velhos que descrevem as lojas de casacos de pele, as joalherias e livrarias localizadas onde se realizava o *footing* de final de semana, ao redor da Praça Pedro Sanches.

Figura 088. Praça Pedro Sanches na década de 1920.



Fonte: Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas.

Figura 089. Interior da Livraria Vida Social na atual Rua Prefeito Chagas. Década de 1910.



Fonte: Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas.

Temporalidade e imaginário parecem mesclar-se, numa teia viva e pulsante, pois sobre estes se assentam a alma do lugar e fazem da área central e histórica da cidade um ambiente propício à simbolização, guardando a memória dos habitantes da cidade. O maior valor comercial atual dos imóveis nas ruas centrais da cidade parece assim coincidir com aqueles que, justamente, detém mais camadas de significação.

Figura 090. Praça Pedro Sanches na década de 1910, com o Corso de Carnaval.



Fonte: Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas.

3.3 O Paradigma do Ócio

3.3.1 O hábito da *Vilegiatura*

Se por um lado, vimos as cidades termais como o lugar em que se podia desfrutar de um maior contato com a natureza, de modo a fazer esquecer os efeitos dos males da civilização, numa busca introspectiva de sua própria identidade projetada no ambiente, não é possível ignorarmos posições antagônicas que viam na cidade do começo do século XX, dentro de uma visão medicinal, uma relação com a cidade do lazer, inaugurando o surgimento do turismo moderno.

Grande parte das reformulações urbanísticas em locais de peregrinação visava proporcionar ao visitante o conforto, resultando na construção de grandes e luxuosos

hotéis, cassinos, parques, avenidas e jardins. Assim como aponta Marrichi (2015, p. 61), há um lazer pensado a partir da emergência de uma sensibilidade que se eleva na Europa entre 1750 e 1840, que conjuga um cuidado com o ambiente, preceitos higienistas e tratamentos corporais misturados à “sutil terapêutica da alma, ou melhor, do espírito” (CORBIN *apud* MARRICHI, 2015, p.70). A mentalidade médica neste período luta para dar credibilidade científica às propriedades terapêuticas das águas, mas ao mesmo tempo vê na ausência de vida urbana um dos fatores indispensáveis para a cura.

A transformação do curista em turista, tornando-o um viajante apegado aos momentos fugazes e às novas experiências de sociabilidade, contribui para as novas forças de modernização das cidades termais.

A prática da *vilegiatura*, temporada de recreio, repouso, férias fora dos centros urbanos, no campo, praia ou balneário passa a ser um termo associado a *fazer a estação*, que havia sido incorporado às práticas médicas, no Brasil, como nas mais afamadas estações hidrominerais europeias. A *vilegiatura* significava uma viagem até um local previamente determinado, e buscava-se mais o repouso do que o movimento impresso pela viagem. Foi uma prática distintiva, de que só uma classe abastada podia dispor.

Desde a época do Dr. Pedro Sanches, no início do século XX, a distração dos doentes em cassinos e teatros e a construção de salas de concerto, lugares de conversação em que as pessoas pudessem se reunir, palestrar, ler jornais, ouvir música, assistir a representações dramáticas, jogar e desfrutar de outros divertimentos seriam as distrações necessárias para esquecerem suas enfermidades. Em sua viagem à Europa pelas estâncias balneárias de Vichy, Luchon, Aix-les-Bains, Baden-Baden, o médico ia desfrutando os ambientes festivos de jogos, apresentações artísticas ao ar livre, calçadas apinhadas de gente distinta, que exibiam o bom gosto da moda por toda a parte. Esse cenário, ele tentava reproduzir em Poços de Caldas, pois ia entendendo que os visitantes dessas estâncias europeias não eram somente os doentes, mas muita gente ia *fazer turismo*, iam lá para arejar, distrair-se e jogar.

Nesse aspecto, a própria balneoterapia relaciona-se à origem dos banhos, que para os gregos eram utilizados para higiene e lazer. A etimologia da palavra banho, provém de *balneíon*, que em grego exprime prazer e diversão, desvanecimento dos pesares e das angústias. Nas termas gregas dos tempos de Homero era necessário divertir a pessoa para ela esquecer-se de suas preocupações.

Pedro Sanches sabia muito bem, como observa Marras (2004, p. 321-325) que seu papel simbólico como médico estava associado a fornecer ao paciente um certo imaginário grego para o qual a natureza e os jogos auxiliavam a medicina com a sugestão e distrações através da “percepção do prazer” que, na verdade, eram um *a priori* da cura, e isso vem reforçar a posição do crenólogo Benedictus Mario Mourão (1997) ao dizer que a terapêutica global incluía a “sedação emocional”, a “psicoterapia” e a “socioterapia”.

É interessante notar que Corbin (1989) atribuiu à história moderna dos banhos, ao processo burguês de individualização e cultivo da privacidade, prática crescente no século XIX, com a mentalidade higienista acadêmica e cidadina, culminando com o nascimento do prazer de “sentir-se limpo”. Isso não se afasta de uma nova relação com o corpo, da descoberta dos prazeres íntimos aflorados pelos devaneios sexuais mais livres da consciência culpada que havia sido construída sob séculos de domínio moral (MARRAS, 2004, p. 295).

Mas, se Eros parece tecer sua teia da vida na cidade, numa dimensão mítico-erótica a celebrar o Ócio Criador (SALIS, 2004), na sociedade moderna o adoecimento humano virá da negação do ócio, através de sociedades cada vez mais mercantilistas e consumistas.

3.3.2 Ócio e utopia

O resgate da obra “O Elogio do Ócio”, de Bertrand Russel (2002), nos faz todo o sentido neste momento, pois traz uma visão utópica, em meados dos anos 1930, que já alertava para a situação de que as atividades desejáveis e o trabalho estariam se tornando aquelas que viriam a gerar lucro. E esta inversão da ordem das coisas no capitalismo, de uma sociedade incapaz de reconhecer a importância da dedicação voluntária ao ócio, seria aquela que justamente poderia criar uma cidade que virava as costas para a humanidade, sobretudo hoje se pensarmos que a produtividade, medida em termos de eficiência e qualidade, vem se tornando o critério exclusivo de avaliação do trabalho.

Já naquela época, Russel (2002) explorava a ideia de que, com a revolução industrial, a sociedade poderia estar mais dedicada ao lazer, com jornadas menores de trabalho, enquanto a tendência parecia ser a de crescer o ócio diante da utilização das novas tecnologias, incentivando nas pessoas a sua própria expressão. No

entanto, a originária produção fabril, do início do século XX, parecia negar o engenho e o senso estético da sociedade civilizada, uma vez que as corporações teriam uma incapacidade de incentivarem a livre expressão dessas atividades humanas, resultando na penúria dos impulsos humanos, na negação das oportunidades, na limitação das atividades benéficas, sendo o conhecimento classificado como “inútil”.

Se num primeiro momento, o turismo das águas vem associado à prática da *vilegiatura*, tanto na Europa quanto no Brasil, em momento seguinte o advento do tempo livre e do lazer proporcionados pelas horas de repouso com dignidade das férias do trabalho, ou mesmo do tempo da aposentadoria, encaminham para o entendimento moderno do uso das estâncias de águas.

Poços de Caldas, por sua proximidade a grandes cidades, constitui-se num lugar atrativo para se desfrutar certa “ociosidade”, não vista no sentido de desvalorização do termo, mas naquilo que o ócio e lazer se equivalem como tempo em que não se precisa estar fazendo nenhum trabalho e, portanto, possa se celebrar um tempo criativo, de liberdade do espírito como propunha o pensamento grego, ou seja, dedicar-se a algo, por prazer. O lazer, assim, é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade para repousar, divertir-se, recrear-se, entreter-se ou ainda desenvolver a sua formação ou informação desinteressada, após libertar-se das suas obrigações profissionais, familiares e sociais.

A crescente visão do lazer como uma espécie de complemento ou contrapartida do trabalho ganhou terreno no século XX, em sociedades que na sua origem não são protestantes, pois, estes valorizariam mais o trabalho que o lazer como afirmou Max Weber, acreditando na capacidade de o lazer trazer uma grande contribuição à existência humana e, portanto, ao funcionamento da sociedade. O que fazer com o tempo livre? O conceito contemporâneo do turismo representa a primeira manifestação da nova importância do lazer, seja nas sociedades que vão envelhecer e ter a longevidade, seja nas economias em que o número de desempregados parece crescer.

O que nos mostra de maneira viva o sociólogo francês Joffre Dumazedier (1994), em “A Revolução Cultural do Tempo Livre”, é que a menor necessidade de trabalho graças às máquinas, gerará um tempo livre para as pessoas em decorrente desemprego, que sem a expansão do consumo não haverá como reduzi-lo, e que o crescente aumento das atividades do setor terciário farão a diferença nas sociedades contemporâneas. Para ele, “os valores do lazer não são apenas a ascensão do

hedonismo, mas uma nova concepção do equilíbrio entre a ética pessoal e a ética social”. (Dumazedier *apud* Bacheladenski; Matiello Júnior, 2010, s/p.).

Encontramos na Biblioteca das Thermas Antônio Carlos um curioso *Roteiro Turístico de Minas Gerais* (1973), de Lourival Brasil Filho, funcionário do Departamento de Assistência aos Municípios e, posteriormente, deputado Estadual de Minas Gerais, que escreveu sobre seu percurso pelas cidades mineiras. Tendo acesso a esse material, o então governador Rondon Pacheco, acabou criando a Secretaria de Turismo do Estado, na década de 1970. Segue trecho de sua descrição:

A cidade é linda e gostosa, com suas praças e jardins floridos, com suas ruas limpas e majestosos monumentos (autêntico toque de arte e cultura), e, sobretudo, um povo extraordinariamente alegre e hospitaleiro.

O turista é recebido ali com sorrisos. O poços-caldense, acima de tudo, ama a paz e gosta da vida; por isso a cidade é um ótimo refúgio onde todo mundo se sente bem e vive feliz.

E o turista logo sente tudo isso, e o melhor que faz é entrar nessa magnífica faixa!

Poços de Caldas, mais que qualquer outra estância de veraneio, oferece um conjunto admirável de excelentes passeios em volta da cidade, e o turista passa assim dias sem perceber, ali, numa esplêndida temporada que agrada pais e filhos, jovens e velhos.

Em outro capítulo, mais adiante, vai escrever sobre o “Outro Lado de Poços de Caldas”, não só aquela cidade dos pontos turísticos, mas de sua vida cotidiana. Refere-se à Praça Pedro Sanches e ruas principais com hotéis, bares, restaurantes, boates, casas comerciais, lojas de *souvenires*, cinemas, agências de jornais e revistas. Comenta da gastronomia do antigo restaurante Castelões, do Bar ao Ponto para as madrugadas, sobre a Cantina do Araújo (existente até hoje). Lembra também do Bar Pingão, da sorveteria Mi Casita (existente até hoje). As boates eram a Bachianinha e a Senzala.

Lourival Brasil também descreveu as fábricas de laticínios, as confecções, as perfumarias (sobretudo a Perfumaria Flores de Poços de Caldas, que teve uma abrangência nacional com seus produtos), as fábricas de cristais Murano das famílias Cá d’Doro, Bonora e Molinari. E, em seguida, uma lista numerosa de hotéis, muitos existentes até hoje.

Assim, vemos surgir a atividade turística no Estado de Minas Gerais, tendo Poços de Caldas como um dos centros atrativos, voltado justamente ao turismo familiar, de férias, onde os frequentadores poderiam usufruir de seu tempo livre.

O tempo que parece reger a paisagem cultural de Poços de Caldas é o presente do passado e, justamente essa possibilidade de se experimentar a lentidão da média

cidade, associada à possibilidade do resgate da ociosidade do “passear” na rua, do sentar num café, a presença viva da centralidade preservada e o resgatar do tempo livre com as coisas do passado, representam o potencial urbanístico a ser explorado como alternativa a investimentos no setor secundário, tornando-se a mentalidade econômica vigente nas gestões públicas municipais, desde a década de 1970.

Outro aspecto que nos parece relevante é a crescente demanda de turismo associada aos aspectos da paisagem natural da cidade. O turismo ecológico e de esportes radicais serão tratados mais especificamente no paradigma do Bem-Estar.

Em recente “DIAGNÓSTICO DA ATIVIDADE TURÍSTICA EM POÇOS DE CALDAS-MG”, realizada junto à Secretaria de Turismo da Prefeitura Municipal de Poços de Caldas (2017), observamos que o destino à cidade, pela demanda de turismo, não mais se associa, hoje, às águas. Muitos turistas nem sabem que existem águas termais, e só descobrem quando chegam à cidade. O primeiro motivo de viagem é a ocorrência de eventos culturais e existência de um patrimônio arquitetônico histórico, que possibilita o cenário ainda nostálgico para ser desfrutado na cidade. O estudo revela também que a maioria dos turistas é do estado de São Paulo e que permanecem em média 3 dias na cidade, caracterizando um turismo de final de semana e feriados, composto, sobretudo, de população jovem. Consiste num turismo de baixo custo e popular, com grandes possibilidades de contribuição para o comércio e serviços locais.

3.3.3 O resgate da cidade das virtudes e dos vícios

O lazer culto começa a fazer parte desta nova civilização e, com ela, nasce a preocupação com a beleza do corpo, que tem em seu processo histórico as características que seriam hoje celebradas pelos meios de comunicação. Relacionado ao modelo de apreciação da natureza, juntam-se a estética, a moral e a terapêutica, sendo celebradas em determinados locais, onde o corpo ocuparia o lugar central.

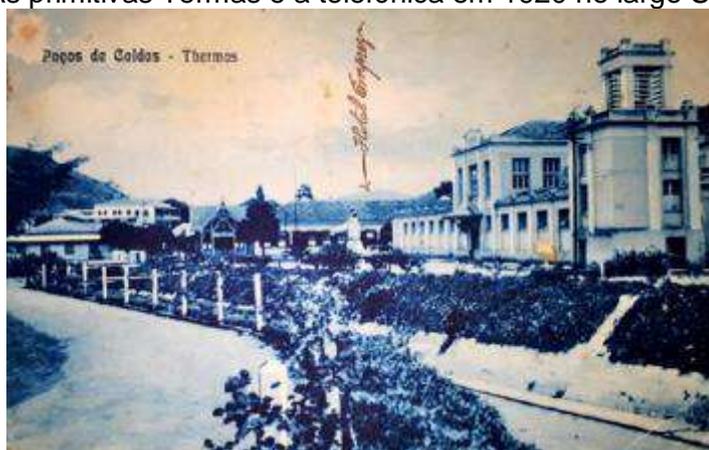
O hábito, presente até hoje, que coloca o corpo em contato com a cidade, por meio do passeio aos jardins e praças, a exibição da figura própria, o caminhar pelas calçadas para se ver as vitrines, relembram nostalgicamente as mitologias antigas unidas às novas emoções que foram engendradas, no sentido de prazer nascido no início do século XX.

Marras (2004, p. 296) resgata o escritor Jurandir Ferreira, em sua obra *O céu entre montanhas*, quando ele inventa em sua cronologia histórica, a evolução de uma cidade balnear como dividida em dois tempos, o primeiro regido por Esculápio e o segundo incluindo Baco. Não era possível manter-se uma cidade de águas e a saúde do espírito dos seus frequentadores somente com a cura hídrica, mas a cidade deveria revestir-se de certo luxo e riqueza proporcionados pela presença dos cassinos, dos jogos, da música, e do mundo da beleza, proporcionando uma vida cômoda, elegante e agradável. Se por um lado os vícios da jogatina e da promiscuidade maculavam a ideia de uma cidade puramente curista, por outro, atividades coadjuvantes somavam-se à terapêutica e atingiam o homem social de modo alegre e festivo.

Esses dois momentos justificariam os paradigmas abordados na pesquisa que, nem tanto se referem às épocas estabelecidas, mas aos modos de se interpretar aspectos culturais presentes até hoje na cidade, resultando em suas configurações urbanística e arquitetônica.

Retomando, do ponto de vista do urbanismo, em 1906, foi assinado um novo contrato com a Companhia Termal de Poços de Caldas, que estabelecia a obrigatoriedade de se “transformar inteiramente os modestíssimos estabelecimentos balneários existentes e a realizar outros melhoramentos na vila”. Foi a partir desse contrato que se iniciam as obras de melhoramentos das Termas, a construção “de um hotel modelo denominado “Grande Hotel das Termas”, de um teatro e um cassino, além da canalização de água, rede de esgotos, macadamização de ruas, ajardinamento de uma praça e canalização de ribeirões que atravessam a vila”.

Figura 091. As primitivas Termas e a telefônica em 1920 no largo Senador Godoy.



Fonte: Coleção particular de cartões postais antigos de Poços de Caldas. Acervo Antônio Carlos Rodrigues Lorette.

Como observa Matthes (2006), foi com a “Companhia Melhoramentos de Poços de Caldas”, na administração do Prefeito Francisco Escobar (1909-1918), que a cidade iniciou um período de grande desenvolvimento em relação à estruturação do espaço público. Em 1910, os irmãos arquitetos Otto e José J. Piffer projetam o Cine Teatro Polyteama e Cassino, inaugurado em 1911.

Figura 092. Avenida Francisco Salles, tendo em vista o Mercado Municipal, década de 1910. Poços de Caldas/ MG.



Fonte: Coleção particular de cartões postais antigos de Poços de Caldas. Acervo Antônio Carlos Rodrigues Lorette.

Da mesma época, Piffer construiu a Prefeitura, o Mercado e um novo Cassino. Iniciou-se uma vivência de esplendor e cosmopolitismo na pequena Vila, segundo os parâmetros internacionais voltados aos melhoramentos do novo espaço de cura. Nesse paradigma a ambivalência, entre espaços de sociabilidade para uma qualidade ambiental com projeto, se junta à atmosfera de luxo e prazeres trazidos pelos cassinos, salões de festas e teatros.

O urbanismo sanitaria, fruto da mentalidade positivista da época, visava propor um saneamento ou higiene da cidade como medida ao mesmo tempo médica e política. Engendra-se um cenário propício para as trocas sociais e políticas em que se podia fazer uma higiene dos pensamentos.

Marras (2004) descreve ainda sobre a importância dos melhoramentos urbanos, com a sobreposição dos campos médico e político, determinando um código estabelecido pela aparência, pelos hábitos do vestir, do falar e do comportamento

apropriado à estância bela e limpa, refletindo-se no divertir-se elegante da sociedade frequentadora.

Figura 093. Avenida Francisco Salles, tendo em vista a Prefeitura Municipal e o Grande Hotel, década de 1910. Poços de Caldas/ MG.



Fonte: Coleção particular de cartões postais antigos de Poços de Caldas. Acervo Antônio Carlos Rodrigues Lorette.

O ócio parece apoderar-se da cidade proposta, com seus ideários de lazer vinculados aos esportes náuticos, mais tarde aos esportes equestres e *golf*, perfazendo um ambiente propício a intelectuais, artistas e políticos paulistas e cariocas, como assíduas presenças na estância.

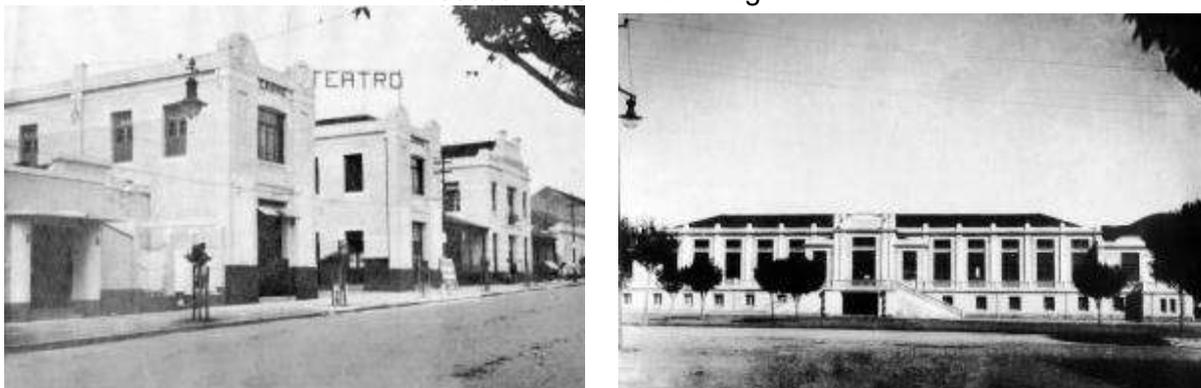
3.3.4 Os hotéis e cassinos

As estações de banhos começavam em março e setembro e, como divulgava o jornal “A Vida Social”²⁷, reabriam-se os principais cassinos da cidade: Gibimba Club, Radium, Club Globo, Club Grand Hotel, Bridge Club, e o cassino do Grande Hotel Liberdade.

O Cine Teatro Polytheama abriu suas portas em 1911. Construído entre a Prefeitura e o Mercado Municipal, marcou a realização das obras do prefeito Francisco Escobar, que entendeu a importância de trazer para a cidade não apenas os curistas, em busca dos banhos termais, mas os turistas que podiam apostar grandes somas e exigiam requinte.

²⁷ Jornal Vida Social. Poços de Caldas 11 de janeiro de 1925, nº 373, Ano IX. Acervo Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas.

Figura 094. Cine Teatro Polytheama, 1911, obra proporcionada pelo Prefeito Francisco Escobar. E Cassino “Antigo”.



Fonte: <http://www.memoriadepocos.com.br/2011/01/cassinos-em-pocos.html>.
Acesso em: 23 abr. 2020.

Os grandes eventos de Poços de Caldas, incluindo recepções e jantares de gala, aconteciam no Polytheama, cuja forma destinava-se a teatro de ópera. O Grande Hotel associava-se ao teatro, com 110 quartos e banheiros com chuveiros de águas sulfurosas. No mesmo local havia também o Cassino Caldense, que funcionou até 1946, quando foi proibido o jogo no Brasil. Na década de 1970 foi demolido. O Cassino “Antigo”, por sua vez, foi inaugurado em 1922, e demolido no final de 1930, por ocasião da conclusão das obras do Palace Hotel, pois ficava na sua lateral, paralela à Avenida Francisco Sales.

Figuras 095. Cassino Gibimba e Hotel D’Oeste existentes nos dias de hoje com algumas alterações de uso. E Cassino “Ao Ponto” na década de 1920.

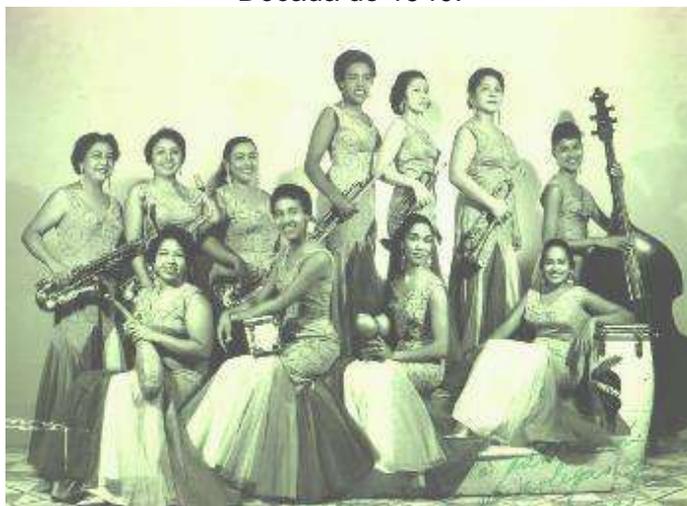


Fonte: Disponível em: <http://www.memoriadepocos.com.br/2011/01/cassinos-em-pocos.html>.
Acesso em: 04 abr. 2020.

Nas propagandas do Casino Ao Ponto, encontramos: *“Divirtam-se bastante frequentando o Casino Ao Ponto. Distinto e rigorosamente familiar. Luxuoso “Grill-Room” onde se apresentam constantemente os mais populares cantores, cantoras e*

dansarinas, para gaudio de seus “habitués”. Amplos salões de festas, atrativos diversos e jogos. Casino Ao Ponto, ponto predileto de divertimentos da sociedade de Poços de Caldas. Todas as noites elegantes reuniões dansantes – Jazz de primeiríssima ordem – Frequência selecionada” (Acervo Thermas Antônio Carlos).

Figura 096. Exemplo de orquestras e grupos musicais que se apresentavam nos cassinos. Década de 1940.



Fonte: Disponível em: <http://www.memoriadepocos.com.br/2011/01/cassinos-em-pocos.html>. Acesso em: 23 abr. 2020.

Os carnavais eram também manifestações do espírito festivo e lúdico compartilhado entre a população local e os visitantes. O local de encontro era no Largo Godoy onde ocorria o corso.

Figura 097. Carro integrante do “corso” carnavalesco em 1920.



Fonte: Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas.

Figuras 098 e 099. Interior do Salão Nobre do Palace Cassino, em 1930 e na década de 1970 com os bailes de carnaval.



Fonte: Coleção particular de cartões postais antigos de Poços de Caldas. Acervo Antônio Carlos Rodrigues Lorette.

E <http://www.memoriadepocos.com.br/2011/01/cassinios-em-pocos.html>.

Acesso em: 26 abr. 2020.

Entendemos que essa herança compartilhada dos tempos de *glamour*, da época dos cassinos, parece ainda ser compartilhada nos mesmos ambientes, ganhando contornos de festas as mais diversas, como bailes de carnaval, comemorações da sociedade poços-caldense, Festivais Musicais, como o Música nas Montanhas que acontece há 21 anos, e uma infindável agenda de formaturas e demais eventos. Chama nossa atenção a existência de um cenário que permite um tempo dionisíaco, da criação e da sensibilidade. Na verdade, acreditamos tratar-se de cenários para a teatralidade da vida social e para o processo de produção das práticas culturais locais.

Figura 100. Registro da década de 40 mostra glamour dos Bailes do Palace Cassino.



Fonte: Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas.

Vemos, na evocação das memórias, pelo lado da sua vivência cotidiana, uma maneira singular do ver um fenômeno que resiste ao apelo científico e tecnológico da sociedade atual. A complexidade vital presente na cultura, encontra seus meandros no interior da paisagem cultural, e a hipótese da existência de um paradigma do ócio vai na direção de uma tentativa de explicar a vitalidade humana que ocupa a cidade, uma vez que os aspectos racionalizáveis não sejam suficientes. A preocupação estética gestada pela sociedade pós-moderna tenta reunir a arte à ciência, e isso nos dá uma compreensão de como a beleza tornou-se um dos fatores fundamentais que deu graça à vida dos curistas que vinham com seus males, mas que hoje ainda ressoa em consonância com a coletividade.

Acreditamos que a sinergia entre a razão e o sensível se estabeleceu em Poços de Caldas, por ser um lugar do *pathos*, por isso um lugar do afeto e do emocional. O sociólogo francês Michel Maffesoli (1985) destaca o mito de Dionísio como exercendo uma função fundamental da organização da vida social e do caráter comunitário da experiência humana. Uma grande conquista da pós-modernidade foi justamente a perspectiva de união, de entrelaçamento, da experiência de estar juntos, da convivência do sagrado das águas com o profano das festas, do eruditismo e do popular, do espírito e do corpo tecerem esta paisagem. A essa conjugação dizemos de socialidade, ao invés da solidariedade, que tem em seu âmago a ideia de uma tolerância social advinda dos tempos da modernidade.

Figura 101. Baile de Máscaras realizado durante o Carnaval de 2020 resgatando antiga tradição das festas realizadas no Palace Cassino.



Fonte: Reinaldo Souza.

Em destaque, a estrutura arquitetônica dos edifícios preservados do Complexo Hidrotermal e Hoteleiro de Poços de Caldas ainda atrai os olhares atentos dos visitantes, ao deslumbrarem um “roteiro de charme”, como imagem explorada pelo turismo recente. E alcança várias gerações das mesmas famílias, filhos e netos dos turistas das épocas passadas, pois é costume dos visitantes relatarem e continuarem a frequentar a cidade, lembrando o tempo que passaram as férias na infância. A história do Palace Hotel carrega muitas dessas memórias.

Figura 102. Palace Hotel na década de 1930, em Poços de Caldas/MG.



Fonte: Coleção particular de cartões postais antigos de Poços de Caldas. Acervo Antônio Carlos Rodrigues Lorette.

Figura 103. Palace Hotel, interior do Salão de Refeições, na década de 1930, em Poços de Caldas/MG.



Fonte: Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas.

Figuras 104 e 105. Palace Hotel, interior do átrium e piscina de água sulfurosa, na década de 2010, em Poços de Caldas/MG.



Fonte: Disponível em: <https://www.booking.com/hotel/br/palace-pocos-de-caldas.pt-br.html>. Acesso em: 29 mar. 2020.

A atmosfera elegante dos jardins, hotéis e cassinos pode ser vista dentro de um imaginário cosmopolita e romântico, que mesmo após o advento da penicilina em 1946, e a consequente decadência da estação de águas no sentido médico, transformaram a estância num local de charme vinculado ao turismo de lua-de-mel, durante as décadas de 1950 e 1960.

Figura 106. Cartão Postal antigo, da década de 1940, fotografado em painéis da Fonte dos Amores.



Fonte: Coleção particular de cartões postais antigos de Poços de Caldas. Acervo Antônio Carlos Rodrigues Lorette.

Enquanto a cidade tentava se restabelecer economicamente, começa a ocorrer um processo de expansão da malha urbana, com a criação de novos bairros para a população local.

Figura 107. Cartão postal da década de 1950 com a vista parcial de Poços de Caldas.



Fonte: Coleção particular de cartões postais antigos de Poços de Caldas.
Acervo Antônio Carlos Rodrigues Lorette.

De 1993 a 1999 foi instituído o Programa Centro-Vivo, objeto de Concurso Público Nacional pelo IAB-Minas Gerais e Prefeitura Municipal de Poços de Caldas. A equipe vencedora foi Loci Arquitetos Associados, e buscavam soluções urbanas de planejamento, desenho urbano e paisagismo para a região central, incluindo o Complexo Hidrotermal e Hoteleiro e ruas principais, como a Rua Junqueiras, a Rua Assis Figueiredo, a Rua São Paulo (eixo visual e urbano que estrutura o desenho do Palace Hotel e Parque José Affonso Junqueira), conferindo-lhes imagem e condições de permanência compatíveis com seu potencial e importância para o tecido urbano. Segundo a Secretaria Municipal de Planejamento, os objetivos do programa eram:

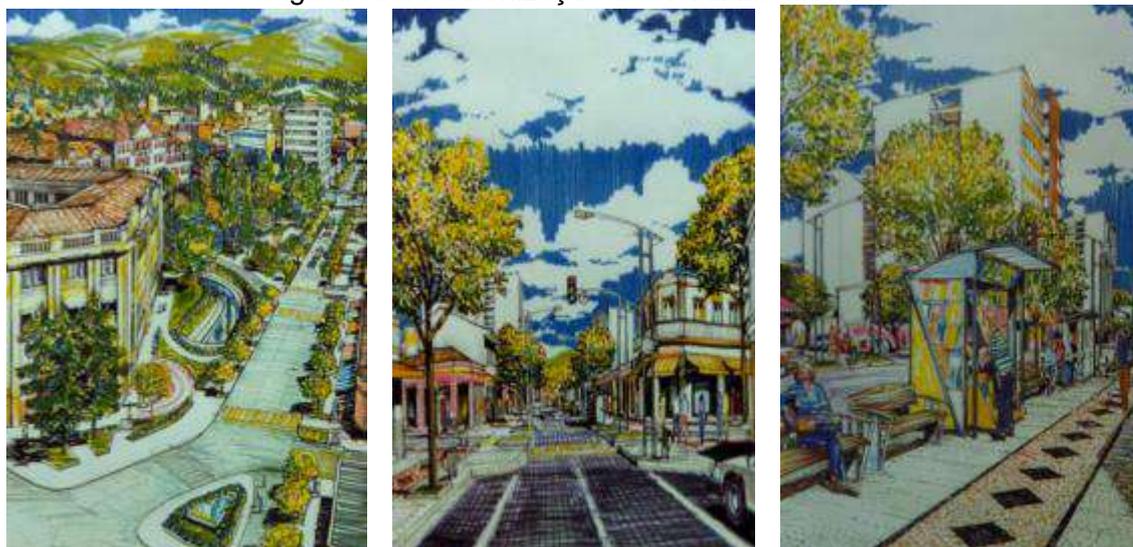
- Restauração da paisagem urbana;
- Valorização do patrimônio urbano e espaços públicos;
- Intervenções para a harmonização do ambiente construído e da paisagem natural;
- Despoluição visual da região;
- Tratamento de equipamentos e mobiliário urbano;
- Ordenamento do tráfego de veículos;
- Ordenamento das atividades urbanas, procurando valorizar a permanência e o lazer;
- Potencialização de novos usos urbanos;
- Gestão urbana com participação popular.

Figuras 108 e 109. Imagens do Concurso Poços Centro-Vivo, propostas pela equipe vencedora Loci Arquitetos Associados para paisagismo da Rua São Paulo emoldurando o eixo visual com a arborização.



Fonte: Secretaria Municipal de Planejamento.

Figuras 110, 111 e 112. Imagens do Concurso Poços Centro-Vivo, propostas pela equipe vencedora Loci Arquitetos Associados para paisagismo da Praça Pedro Sanches, Rua Assis Figueiredo. Padronização do mobiliário urbano.



Fonte: Secretaria Municipal de Planejamento.

Grande parte das sugestões do Programa Centro Vivo foi implantado, principalmente na questão paisagística, pavimentação e mobiliários urbanos. O Parque José Affonso Junqueira passou, desse modo, a ser ressignificado como ambiente para casamentos e eventos após as obras de restauro, no ano 2000 e, em 2009, iniciou-se o restauro do Palace Cassino, recuperando as características originais que haviam sido encobertas pelas inúmeras intervenções ao longo do século. Em 1968, o teatro do Palace Cassino havia sido transformado na Boate Azul, local da

boemia neste período. Mas, recentemente o teatro foi também restituído, transformando-se em mais um espaço cultural para a cidade. Notamos que o conjunto foi coroado pela restauração das *Thermas Antonio Carlos* e, após três anos de obras de restauro, foi entregue à população em 2016, abrindo para uma nova concepção da utilização das águas termais, dentro da modalidade de *spa*.

Figura 113. Casamento utilizando o Parque José Affonso Junqueira, tendo ao fundo o Palace Hotel, 2017.

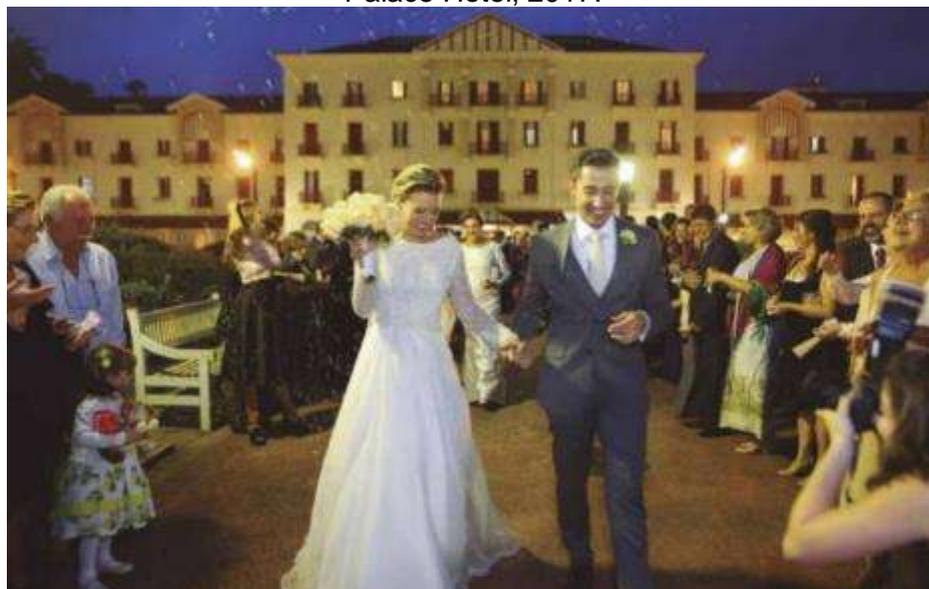


Foto: Dois Emmes Fotografia. Fonte: Disponível em: <https://www.revive.com.br/social/casamento-884/>. Acesso em: 03 abr. 2020.

Figura 114. Exemplo de utilização do Salão Nobre do Palace Casino decorado para evento em 2019.



Foto: Disponível em: <https://www.constancezahn.com/fornecedores/palace-casino/>. Acesso em: 03 abr. 2020.

3.3.5 A produção de espaços sócio afetivos – Por um Urbanismo Incorporado

O tempo do ócio não é um tempo da máquina, mas do homem. Em Poços de Caldas, a mistura do turismo e do lazer trouxeram uma contribuição muito grande para os espaços públicos e comércio cotidianos. As qualidades humanas dos espaços urbanos centrais são visíveis e a qualquer hora é possível observarmos a população utilizando as praças, o parque, caminhadas nas avenidas, o passeio com o carrinho de bebê, os idosos sentados à praça, os idosos dançando no coreto, os jovens nos shows, casais namorando, enfim, uma infinidade de possibilidades das quais a relação entre o corpo humano e o espaço pode ser explorada.

O que queremos ressaltar é o aspecto psíquico primário da incorporação na vida do ser humano, tal como Winnicott (1983) nos apresenta, e não apenas com a identificação como mecanismo ligado à introjeção. A incorporação é possível quando o bebê experimenta o funcionamento do seu corpo, que é possível pelos cuidados do *holding* (sustentação) e do *handling* (manejo). Um padrão de continuidade existencial é conseguido se o bebê possui uma proteção de ego suficientemente boa pela mãe (WINNICOTT, 1983, p.59).

Trazendo para o campo do urbanismo, poderíamos pensar a cidade como uma mãe-provedora de cuidados aos seus cidadãos. Se o padrão de cuidados produzir fragmentação da continuidade do existir, haverá uma sobrecarga muito grande em termos do sentido da patologia e o ser humano não conseguirá incorporar, integrar um *self* no corpo.

O modo de vida acumulativo, a fragmentação dos valores espaciais de referência e o ritmo frenético acentuados pelo capitalismo mercantil, tem produzido, do ponto de vista psíquico, um modo de vida esquizofrenizante e desistorizante, como observaram Deleuze e Guattari em *Mil Platôs* (1997). O nomadismo de afetos representado pelas linhas de fuga do sistema que os autores consideram caracterizado pelo modo rizomático, possibilita também uma livre circulação nas relações entre as pessoas e, portanto, na forma de utilização e consumo dos espaços.

Estéticas populares e alternativas ganham corpo a partir dos anos 1970 e, enquanto paisagem, adentram a estabilidade da cultura da centralidade, propondo uma ruptura na *continuidade de ser* da cidade. Em Poços de Caldas, essas novas paisagens periféricas vêm de encontro ao surgimento de alguns complexos industriais instalados, na época da ditadura militar. Políticas extrativistas da mineração também

são incentivadas, como alternativa econômica ao turismo em decadência e com caráter mais econômico.

Quando temos um ambiente que, ao invés de propor gestos espontâneos nos seus cidadãos se apresenta como invasivo, este acaba por gerar situações catastróficas na subjetividade e a falta de contato com suas realidades corporais. Nesse caso, a falta de contato do ser com o ambiente também se manifesta no descaso com o espaço público, na pobreza simbólica e imaginativa dos conjuntos habitacionais quando eles se instalaram, sendo que hoje, passados 40 anos começam a ganhar a identidade dos seus moradores, com a personalização das habitações e surgimento de comércio local mais estruturado. Não há referência nesses locais à simbologia das águas, são bairros carentes de infraestrutura e com danos ambientais da natureza envoltória em formas irreversíveis na paisagem.

Também está presente principalmente nos jovens aspectos de agressividade para com o bem público na forma de vandalismo e a violência urbana que de certo modo responde a um ambiente que também é hostil ao invés de ser receptivo.

Nessa perspectiva proposta por Winnicott (1990), a primeira imagem ambiental de um ser humano é sua própria mãe. No começo a mãe é um “ambiente acolhedor” ou “ambiente facilitador”, pelo fato de que ela é um continente físico e psíquico para o bebê, e esse aspecto vai se desenvolvendo em objetos substitutos como o carrinho, o berço, o brinquedo expandindo-se para o ambiente da casa e, na idade adulta, a própria cidade. Ou seja, o ambiente tem a função de integração para o desenvolvimento da maturidade emocional das pessoas. Esse conceito sobre a importância da provisão ambiental foi amplamente discutido em sua obra *Natureza Humana* (1990, p.173).

Mas com o autor vemos outra possibilidade de atuação, em que a cidade pode ser incorporada se engolida, digerida e vivida em sua plenitude. E, para isso, deve portar espaços humanizados, tanto em nível de projeto quanto pelo manejo cotidiano das atividades urbanas na gestão das cidades, facilitando aos seus cidadãos se constituírem como pessoas integradas e personalizadas.

A introjeção, como mecanismo amplamente estudado pela psicanálise, vai acontecer numa etapa posterior, quando o aparelho psíquico já estiver estruturado. Nesse sentido, ao chegarmos ao final de nossa reflexão, entendemos que o valor de imagem e imaginação e a compreensão do sonho, tal como Freud nos apresentou, corresponde a etapas muito sofisticadas da psique humana.

Um olhar fenomenológico sobre a experiência da cidade de Poços de Caldas, durante esta pesquisa e enquanto elaboramos a escrita, nos fez perceber que o sentido existencial está nos processos corporais desencadeados pelos lugares, experiência de espaços que são mais afetivos que outros. Há outros que nos desencadeiam medos. É como se pudéssemos realizar uma cartografia da paisagem corporal na cidade. Espaços públicos em que o corpo experimenta a liberdade e a inventividade do gesto.

Um desses espaços, a Praça Pedro Sanches, contém um simbolismo do encontro. Se olharmos pelos olhos do turista teremos as qualidades estéticas e bucólicas registradas no passeio. Mas do ponto de vista do morador poços-caldense, é um espaço estruturante e integrador da vida pública e relacionamentos sociais.

Figura 115. Cartão Postal da Praça Pedro Sanches, década de 1970.



Fonte: Disponível em <https://www.marciopinho.com.br/peca.asp?ID=3524920>.
Acesso em: 10 abr. 2020.

No postal da década de 1970, percebemos o uso bastante intenso da praça e, como observaremos nas imagens abaixo, ela ainda continua a ser um espaço potencial para a cidade. Na dinâmica de uso, durante a semana é frequentada por jovens e idosos que passam a tarde em encontros fortuitos, e nos finais de semana recebe várias manifestações e eventos, dos quais o mais tradicional, que tem pelo menos 50 anos, é a dança ao redor do coreto, quando participam moradores mais idosos cativos e público visitante, animados pela conjunto musical local, modas e serestas. Os hotéis na vizinhança da praça, em suas soleiras de entrada também organizam serenatas para os hóspedes, criando uma atmosfera muito receptiva.

Figura 116. Idosos frequentando a Praça Pedro Sanches nas tardes durante os dias de semana.



Fonte: Esther Cervini, 2018.

Figura 117. Baile ao redor do coreto nos finais de semana na Praça Pedro Sanches.



Fonte: Esther Cervini, 2018.

Mesmo nos últimos anos, durante o desenvolvimento desta pesquisa, percebemos a inclusão de um público jovem ocupando os espaços públicos. O próprio coreto tem sido palco de bandas de rock e forró, atraindo novos olhares. Num processo de transmissão de uma geração a outra, a dança da vida continua a interessar as pessoas, e a temporalidade passada e presente se atualizam, revelando a importância que esses espaços têm na criação de laços afetivos entre si e seus lugares de acontecimento.

Figura 118. Apresentação da Banda Pão e Circo no Coreto da Praça Pedro Sanches, 2018.



Fonte: <https://pocoscom.com/pao-e-circo-se-apresenta-nesta-sexta-feira-no-coreto-da-pedro-sanches/>. Acesso em: 04 fev. 2020.

Na tradição dos espaços afetivos, aqueles que se propõem a desenvolver a socialidade são também aqueles que passaram por um processo de requalificação. Algumas lojas de luxo e cafés nos trazem a memória das qualidades dos bulevares do início do século XX, em que o indivíduo poderia se exhibir. Percebemos que esses edifícios reafirmam a presença da paisagem termal, pela escala humana dos quais são dotados, pelo contato vivo proporcionado pelos seus usos e pela qualidade artesanal dos detalhes arquitetônicos, como se fossem pequenos bibelôs na vitrine urbana.

Figuras 119 e 120. Parc Hotel na década de 1910. Edifício atual depois do restauro, sendo utilizado para centro comercial.



Fonte: Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas e foto atual de Esther Cervini, 2018.

Figura 121. Hotel Gambrinus na década de 1940.



Fonte: Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas.

Figuras 122 e 123. Hotel Gambrinus restaurado e convertido seu uso para lojas comerciais, para o Café Sá Rosa e a Estalagem do Café, na década de 2010.



Fonte: Disponível em <https://www.booking.com/hotel/br/estalagem-do-cafe.pt-br.html> e https://www.tripadvisor.com.br/LocationPhotoDirectLink-g303391-d2389135-i65575428-Sa_Rosa_Cafe-Pocos_de_Caldas_State_of_Minas_Gerais.html. Acesso em: 11 abr. 2020.

A política municipal para preservação de bens de interesse histórico tem sido bastante intensa, embora seja ainda pouco explorada pelos investidores locais e população em geral. Normalmente, a exigência da preservação tem sido vista como um prejuízo ou até um impedimento para a realização de negócios. As descaracterizações e demolições são frequentes e, com isso, os vestígios da paisagem termal estão desaparecendo.

Estudos da *National Trust for Historic Preservation*, em especial o Projeto norte americano *Older, Smaller, Better*²⁸ (2016) traz uma importante contribuição sobre o papel da preservação para a produção da vitalidade urbana. Alguns parâmetros são utilizados para a medição desta vitalidade:

- *performance* social (diversidade social e grupos minoritários);
- *performance* econômico (densidade de negócios, densidade de trabalhos, densidade de trabalhos criativos e densidade de pequenos negócios);
- *performance* cultural;
- *performance* de mobilidade (caminhabilidade e transporte por bicicleta).

Ou seja, há uma valorização de ambientes altamente preservados, na produção de espaços urbanos com alta capacidade de negócios pequenos e criativos de alta empregabilidade, atraindo um público jovem, com diversidade cultural e possibilitando a caminhabilidade.

Figura 124. Café Concerto no interior do Parque José Affonso Junqueira, instalado após o restauro do parque em 2000.



Fonte: Esther Cervini, 2018.

Entendemos que esses são alguns aspectos pertinentes na discussão sobre a importância da preservação, não apenas para a conservação dos estilos

²⁸ Reaserch & Policy Labconecta desenvolve a ideia de velhos edifícios à novas ideias.

arquitetônicos, mas como estes poderiam potencializar o centro para novos usos e grupos sociais. Poços de Caldas tem uma peculiaridade a esse respeito, pois sua vitalidade é notável. O que abordaremos no capítulo 5, refere-se às mudanças propostas na legislação urbana, tornando possível a alteração drástica das características tipológicas da paisagem termal, no sentido de edifícios novos com muitos recuos, alto gabarito de altura e fachadas arquitetônicas contemporâneas.

Figura 125. Outro caso de preservação, Casarão na Praça Pedro Sanches, reformado para acolher um bar e choperia. Nota-se também a utilização das mesas na calçada, atraindo frequentadores.



Fonte: Esther Cervini, 2018.

3.4 O Paradigma do Bem-Estar

3.4.1 *Civilização e felicidade*

É interessante que, para refletirmos sobre bem-estar, temos que recorrer à busca de felicidade que a sociedade atual anseia. Mas, para Freud, o conceito de felicidade está atrelado ao papel da cultura como causadora de um mal-estar e ao mesmo tempo proporcionadora de segurança, pois a vida em sociedade exigiria sacrifícios pulsionais da ordem do desejo. Para o autor, o indivíduo torna-se vulnerável

a diversas fontes de sofrimento, a satisfação é adiada e o desprazer tolerado e, para manter a vida, o objetivo de encontrar a felicidade é relegado ao segundo plano.

Não admira que, sob a pressão de todas essas possibilidades de sofrimento, os homens se tenham acostumado a moderar suas reivindicações de felicidade — tal como, na verdade, o próprio princípio do prazer, sob a influência do mundo externo, se transformou no mais modesto princípio da realidade —, que um homem pense ser ele próprio feliz, simplesmente porque escapou à infelicidade ou sobreviveu ao sofrimento, e que, em geral, a tarefa de evitar o sofrimento coloque a de obter prazer em segundo plano. A reflexão nos mostra que é possível tentar a realização dessa tarefa através de caminhos muito diferentes e que todos esses caminhos foram recomendados pelas diversas escolas de sabedoria secular e postos em prática pelos homens. (FREUD, 1930, p.31-32).

Na acepção do autor,

[...] a palavra “cultura” designa a soma total de operações e normas que distanciam nossa vida da de nossos antepassados animais e que servem a dois fins: a proteção do ser humano frente à natureza e a regulação dos vínculos recíprocos entre os homens. (FREUD, 2004, p. 88).

No entanto, se caminhamos para as recentes pesquisas no campo da qualidade de vida, constatamos que seus indicadores absorvem aspectos tanto subjetivos como sociais e econômicos.

Embora para Pereira, Teixeira e Santos (2012), a abordagem psicológica busque indicadores que tratam das reações subjetivas de um indivíduo em suas vivências, dependendo assim, primeiramente da experiência direta da pessoa cuja qualidade de vida está sendo avaliada, entendemos que os aspectos qualitativos possa demonstrar como as pessoas percebem suas próprias vidas, o sofrimento ou felicidade e a sua satisfação. Vemos que a qualidade de vida necessita seus aspectos subjetivos, mas não se pode desconsiderar o contexto ambiental. Por esse motivo, ampliamos a discussão de alguns aspectos conceituais sobre a noção de qualidade de vida na sociedade atual.

Quando pensamos em qualidade de vida, conforme proposto por Michalos (2000), deveria ser levado em conta a vida atual e um outro padrão a ser conquistado. Conforme apresentam Day e Jankey *apud* Pereira, Teixeira e Santos (2012, p. 242), essa abordagem combinou múltiplos aspectos de seis dimensões de análise:

1. A primeira refere-se a um objetivo-realização e se relaciona às questões entre o que se tem e o que se quer ter.
2. Um segundo aspecto da teoria analisa o que as pessoas realmente consideram ser o seu ideal real de vida.

3. Um terceiro tipo envolve a relação percebida entre as circunstâncias atuais e o que se espera se tornar.
4. Um quarto tipo inclui a relação percebida entre qualidade de vida atual e a melhor qualidade de vida que já se teve no passado.
5. Um quinto sugere que uma questão importante a ser analisada é o que é possuído por uma pessoa e pelo grupo de referência.
6. Uma sexta considera importante buscar esclarecer o quão bom é o ajuste da pessoa no ambiente em que está inserido.

Essas considerações são muito importantes, pois as paisagens construídas não seriam frutos apenas de um mal-estar da civilização, mas a cultura estaria aberta para a conquista de um tempo futuro, refletindo uma visão que leva em conta aspectos mais existenciais do ser, do pertencer e do tornar-se como maneiras de aproveitar as possibilidades, de escolher, de decidir e ter controle de sua vida por parte das pessoas. (RENEWICK e BROWN, 1996 *apud* PEREIRA; TEIXEIRA e SANTOS, 2012, p. 243).

Figura 126. Modelo (degraus) para a pessoa aproveitar as possibilidades importantes de sua vida.

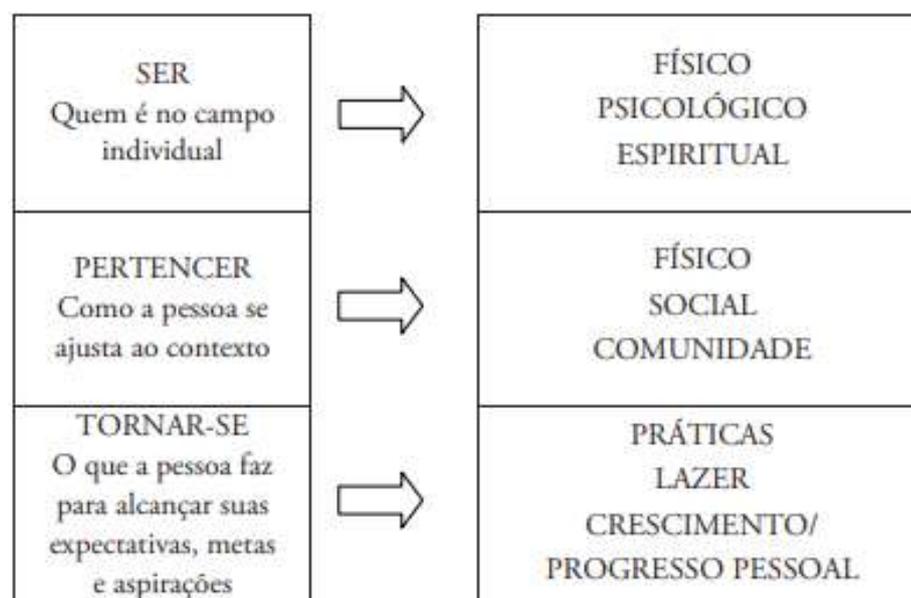


Fonte: Pereira, Teixeira e Santos (2012).

De acordo com esse diagrama, o “ser” é entendido como o que o ser humano é, resultado de sua nutrição, aptidão física, habilidades individuais, inteligência, valores, experiências de vida, etc. Quanto ao “pertencer” trata-se das ligações que a pessoa têm em seu meio, casa, trabalho, comunidade, possibilidade de escolha pessoal de privacidade, assim como da participação de grupos, inclusão em programas recreativos, serviços sociais, etc. O “tornar-se” remete à prática de atividades como trabalho voluntário, programas educacionais, participação em

atividades relaxantes, oportunidade de desenvolvimento das habilidades em estudos formais e não formais, dentre outros.

Figura 127. Qualidade de vida: componentes e subcomponentes essenciais.



Fonte: Pereira, Teixeira e Santos (2012).

Sendo assim, a qualidade de vida passa a ser mais um conceito que representa uma meta nobre a ser perseguida, com seu significado e valor. Os atuais modelos para avaliação da qualidade de vida abrangem conceitos com muitas dimensões, são abrangentes ou holísticos. No conceito da própria Organização Mundial da Saúde (OMS), a qualidade de vida reflete uma percepção dos indivíduos sobre a satisfação de suas necessidades, estas incluem os valores subjetivos como as oportunidades de alcançar a felicidade e a auto realização, ou seu impedimento, nas variadas condições de independência ou não de seu estado de saúde física e condições sociais e econômicas.

Tendo esse cenário conceitual em vista, analisamos as atuais configurações da paisagem cultural em Poços de Caldas. Uma transformação no perfil populacional da cidade, voltada antigamente para o público idoso, ocorreu nas últimas duas décadas. A instalação das Universidades na cidade e o crescimento do terceiro setor na economia vieram contribuir para a discussão sobre qualidade de vida. A imagem de cidade pacata deu lugar a outra em que a atividade comercial borbulha e floresce com estabelecimentos voltados para o público jovem, indo desde setor de vestuário

até setor de bares e lanchonetes, sempre com uma qualidade arquitetônica interessante.

O turismo da saúde também passa por renovações: após o restauro, as Thermas Antônio Carlos mudou o conceito de atendimento, para *spaday*, em que o frequentador pode encontrar o tradicional banho sulfuroso, mas também uma série de tratamentos de medicina holística (massagens, acupuntura, yoga), tratamentos de beleza, barbearia, práticas de fisioterapia e hidroterapia. Foi acrescentado ao programa usos novos como uma piscina pública, lojas e um café. No caso, a administração deixou de ser municipal, passando para a CODEMGE.

Figura 128. Aula de hidroginástica social realizada na nova piscina de águas termais nas Thermas Antônio Carlos, 2017.



Fonte: Disponível em: <https://pocoscom.com/thermas-antonio-carlos-retoma-projeto-de-hidroginastica-social/> Acesso em: 12 abr. 2020.

É visível a busca de um bem-estar corporal. O que era privilégio dos turistas estende-se também para a população local. O Sistema Único de Saúde (SUS) atende os moradores da cidade preferencialmente no Balneário Mário Mourão, na Praça dos Macacos, onde se encontra a fonte com temperaturas mais altas e de melhor qualidade terapêutica das águas sulfurosas.

Percebemos que no setor de lazer, a cidade começa a ser desfrutada pela população nos parques, nas avenidas preparadas para a caminhada, tanto ao longo da Avenida João Pinheiro, como também em vários bairros. São instaladas academias ao ar livre em toda a cidade, indicando que o esporte e o cuidado da saúde devem fazer parte da rotina das pessoas.

Figura 129. Show do Grupo Revoada no Parque Municipal em Poços de Caldas, 2017.



Fonte: Disponível em: <https://paravoce.descubrapocos.com.br/category/o-que-fazer/shows/page/3/>. Acesso em: 12 abr. 2020.

A contemplação da natureza, associada à preocupação dos jovens com questões do ativismo ambiental, ganharam também destaque. São frequentes circuitos envolvendo trilhas, passeios a cachoeiras e o destaque principal dos esportes radicais é a prática do voo livre, realizada na rampa do lado norte da Serra de São Domingos, sendo um dos espaços mais frequentados na cidade por turistas e moradores.

Figura 130. Rampa de Vôo Livre, na Serra de São Domingos, face Norte.



Fonte: Esther Cervini, 2018.

Essa descrição realizada pelo autor pode nos conduzir a pensarmos, sem grande esforço, na vida uterina, mas também levada à frente e com extrema importância em processos muito mais complexos da vida posterior, em qualquer idade.

A intranquilidade do ambiente, nos casos menos felizes, criam um padrão de relacionamento bem diferente. No caso do “sendo”, onde há *continuidade de existir*, há um acúmulo de experiências que parecem fazer parte da vida. No caso da intrusão pelo ambiente se subtrai a sensação do viver verdadeiro, que só é recuperado pelo isolamento e pela quietude. Essas representações são muito importantes, pois demonstram a importância da influência ambiental nos processos maturacionais do indivíduo, e na saúde, proporcionando um sentido de que a vida vale a pena ser vivida.

Como o ambiente é intrinsecamente inconsciente para a maioria das pessoas, na psicologia é muito difícil seu acesso pelas expressões verbais, mas, se observamos o seu corpo no espaço podemos pensar num princípio básico que permite ao indivíduo ser. É por esse motivo que a sustentação e o manejo das necessidades corporais são tão significativos para a continuidade do existir e caracterizam um ambiente suficientemente bom.

Fazendo uma transposição desses estágios iniciais para pensarmos a importância que a questão ambiental ganhou nos dias de hoje, vemos como manifestação, contra um estado extremamente intrusivo, em que a vida cotidiana é calcada no consumo, na produção frenética de capital, a custo da utilização de todo tipo de artefatos industriais e dos maquinários que transformaram a paisagem natural numa escala nunca imaginada. A situação ambiental das cidades, a poluição, o trânsito, a violência, são manifestações de não cuidado.

Essas imagens primordiais para o ser humano muito se distanciam das paisagens que o mundo da técnica produziu ao longo do século XX. Poços de Caldas não ficou imune a essas dinâmicas industriais e especulativas da construção civil. Mas, talvez, ela tenha resguardado ainda um pouco dos ambientes propícios à memória dos estágios iniciais do ser humano.

No século XX, a técnica se referia à industrialização, mas hoje vem representada pela tecnologia das mídias e da eletrônica, sendo esses, objetos do pensamento que calculam, em contraposição ao que Heidegger (2001) chamava de pensamento que medita. O meditar é a própria expressão do ser, que faz da poética e do pensar suas linguagens e que tem como traços essenciais o “mistério”. Caberia

a nós humanos mantermo-nos numa constante atitude de “abertura ao mistério”. E, para isso, para que o ser se manifeste, num lusco-fusco em que, simultaneamente, se mostra e se retira, é necessário um espírito suficientemente sereno.

3.4.3 Herança e Identidade

Gostaríamos de tratar aqui a questão patrimonial como um problema de herança da nossa paisagem, colocando-nos no ponto de vista daqueles que recebem uma herança, para daí constituir um patrimônio que nos seja próprio, enquanto paisagem e enquanto cidade. Só há identidade urbana se seus habitantes fizerem de sua herança o seu patrimônio. Assim, a identidade é uma construção social e histórica que precisa de tempo e de reconhecimento do esforço e trabalho das gerações passadas sobre determinado território. Hoje Poços de Caldas herdou uma paisagem termal. Houve momentos na história da cidade em que herança e identidade se aproximaram, e houve momentos em que elas se distanciaram.

O Renascimento foi um momento em que houve uma aproximação. O Modernismo Racionalista foi um momento de distanciamento e ruptura com a tradição histórica. E, a partir da modernidade, as transformações urbanas foram muito grandes e irreversíveis, sendo a cidade contemporânea prova disto.

Voltando ao século XIX, quando surgiu a disciplina de Urbanismo na história da arquitetura, fazemos uma reflexão a partir deste trecho de *Estética Urbana* da arquiteta Sonia Schulz (2008, p. 141). Ela diz:

As grandes quadras urbanas, resultantes da desapropriação e demolições, remapearam as antigas texturas labirínticas, abrindo espaços para novos edifícios que apresentavam as mais recentes tecnologias em sistemas de instalações sanitárias, iluminação a gás e transportes públicos. A destruição da cidade medieval estava, entretanto, associada a um esforço de reconstrução de seu passado histórico e geográfico. Haussmann não desprezou as tendências historicistas da época, ao contrário, disponibilizou recursos para a pesquisa e descrição de todo o processo de intervenção em Paris. Orgulhoso por documentar a cidade que estava desaparecendo, o artista demolidor legitimava sua obra por meio de fotografias, mapas e outros registros gráficos ou escritos, sutilmente utilizados para evidenciar a ausência de valor do patrimônio arquitetônico e urbano. Somente alguns monumentos cívicos merecem ser preservados e, mesmo assim, isolados de seus contextos, constituindo focos de eixos perspécticos. Ainda muito tradicionais, os critérios estéticos de Haussmann eram, como apontou Leonardo Benevolo, a “busca da regularidade, a escolha de um edifício monumental antigo ou moderno como pano de fundo de cada nova rua, a obrigação de manter uniforme a arquitetura das fachadas nas praças e nas ruas mais importantes.

Leva-nos a crer, que do ponto de vista psicológico, o esforço em preservar o construído tem em sua base uma profunda e inconsciente pulsão destruidora. Destruição e preservação. Será que temos aspectos tão destrutivos como sociedade que precisamos ter a contrapartida da preservação, como forma de compensar nossos impulsos agressivos?

Gilles Deleuze e Felix Guattari já apontavam em *Mil Platôs*, a desvinculação forçada de todo objeto cultural de seus contextos e valores a fim de dar uma solução que seja mais lucrativa do ponto de vista econômico, produzindo como contrapartida do capitalismo um mal-estar e episódios esquizofrenizantes, em que culturas locais são descontextualizadas, adoecendo também os seus habitantes das cidades. As cidades contemporâneas são capazes de criar pânico por falta de humanidade de seus espaços, criar depressão por espaços extremamente construídos, dos quais a natureza viva foi descartada do cotidiano e criar esquizofrenia por desvincular o artefato construído do seu poder integrador e simbólico dos afetos humanos.

Às vezes, as soluções são apenas estéticas, formalistas e podem deixar transparecer várias vozes atuando e construindo na cidade em prol de um espaço urbano democrático. A questão que trazemos para pensar o patrimônio é em que medida ele pode alimentar a vida psíquica de seus habitantes? Christopher Bollas em seu artigo intitulado “A arquitetura e o inconsciente” nos fala que há uma vida inconsciente para cada *self*. Para ele a questão é: haverá, então, um inconsciente arquitetônico? Indo mais adiante nessa discussão, e como contribuição para a paisagem cultural de nossas cidades, haveria um **Self urbano**? Haveria um modo de ser ou existir de cada cidade?

Nesse sentido, a conquista de uma posição de serenidade, em que o ser pode manifestar-se, em equilíbrio com o ambiente externo, torna-se fundamental ao trabalho do arquiteto e do urbanista. Em *O Sítio do Estrangeiro* (1991), Pierre Fedida escreve: “Desenhar obra a ser escutada ao mesmo tempo em que se aprende a ver”.

A disposição de nosso trabalho profissional em escutar a cidade, nos leva então a perguntar se conseguiríamos aprender a ver nossas cidades enquanto a desenhamos, fazendo ressoar o que seus habitantes manifestem em suas poéticas particulares.

3.4.4. A continência do feminino e o lugar da arquitetura

Quando pensamos na cidade como palimpsesto, cujas escritas e desenhos são deixadas como marcas de várias temporalidades sob o novo texto, pensamos nas ruínas, nos vestígios da linguagem da arquitetura. Mas, dentro de uma perspectiva poética da linguagem arquitetônica, procuramos ver o trabalho da arquitetura como aquele em que o arquiteto se coloca como receptáculo, fazendo da paisagem urbana um campo criativo repleto de objetos transicionais, no sentido em que Winnicott o definiria, como um espaço que é ao mesmo tempo a paisagem interna e externa de seus habitantes.

É interessante observarmos na obra do psicanalista Pièrre Fedida, o uso da expressão **Khôra** (*Khora* ou **Chora**; em grego antigo: χώρα) significava o território da *pólis* fora da cidade. Na sua obra *Timeu*, Platão utilizou o termo para designar um receptáculo /recipiente, um espaço ou um intervalo. Fedida (1996, p. 190) nos apresenta a natureza terceira deste espaço que repousa entre o sensível e o inteligível, e seria o suporte da linguagem para a *nominação*, tanto para designar as *figuras* quanto para evocar a *imagem*. Trazendo da psicanálise, quando se nomeia, se dá *lugar*, pois caberia ao arquiteto-urbanista oferecer-se como o suporte material sensível, com seu corpo para gerar e dar lugar a uma figura. A isso Fedida chama de imaginação da materialidade "real" pois esta matéria suporte, como receptáculo pode ser comparável e metaforizada a uma mãe. Na narrativa, *khôra* "dá espaço", tem conotações maternas (um útero, matriz) e é relacionada a um não-ser, um intervalo "sem formas" que recebe e molda todas as cópias sensíveis das Formas ou Ideias:

Da mesma forma, é correto que a substância que deve ser ajustada para receber com frequência, em toda a sua extensão, as cópias de todas as coisas inteligíveis e eternas deva, por sua própria natureza, ser vazia de todas as formas. Portanto, não falemos dela que é a Mãe e o Receptáculo deste mundo gerado, que é perceptível pela vista e por todos os sentidos, pelo nome de terra ou ar, fogo ou água, ou quaisquer agregados ou constituintes deles: se a descrevermos como um Tipo invisível e sem forma, todo receptivo e, de alguma maneira mais desconcertante e intrigante participando do inteligível, iremos descrevê-la verdadeiramente. (Platão, *Timeu*.)

Do ponto de vista da fenomenologia, o arquiteto-urbanista, como receptáculo do invisível de uma coletividade, tem a capacidade de tornar-se o agente da transformação de imagens em signos visíveis mas sem reter em si a presença dessas mudanças. Desenhar seria o equivalente de tornar visível uma imagem nomeando-a, possibilitando o devir e o vir-a ser de uma narrativa ou história. *Como* mãe, nutriz ou

porta-marcas, o arquiteto –urbanista poderia propor projetos urbanos que seriam o lugar do figurável no habitar.

Na fenomenologia de Bachelard encontramos a sua observação entre a origem francesa de *habitar* e *encolher* (SANTOS, 1998, p. 53) pois “só mora com intensidade aquele que já soube encolher-se”. É necessário encontrar os recantos na cidade. Esta imagem sugere um espaço fundamental uterino. A associação assim ao sentido de acolhimento que a metáfora à caldeira vulcânica sugere parece ser bastante eficaz. Nesta geografia de paisagem, está contida a identificação de aprendermos a morar em nós mesmos como a autora conclui: “É como se habitar fosse muito mais do que estar. É como se habitar fosse ser”. (SANTOS, 1998, p. 55).

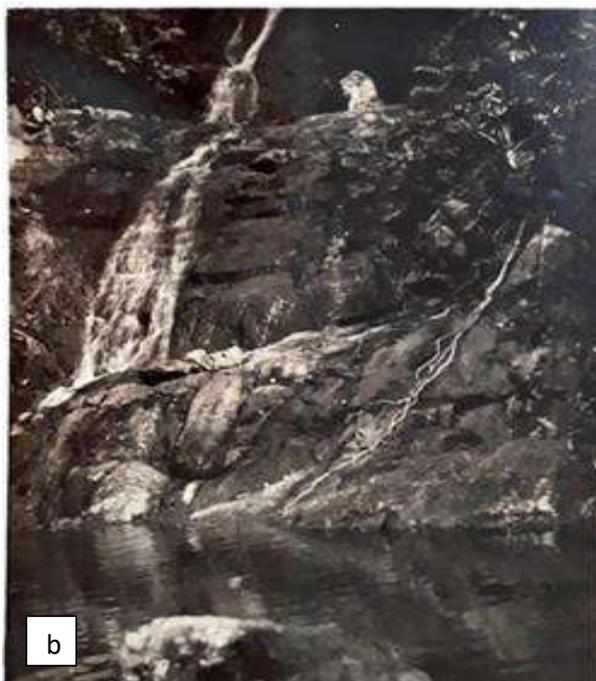
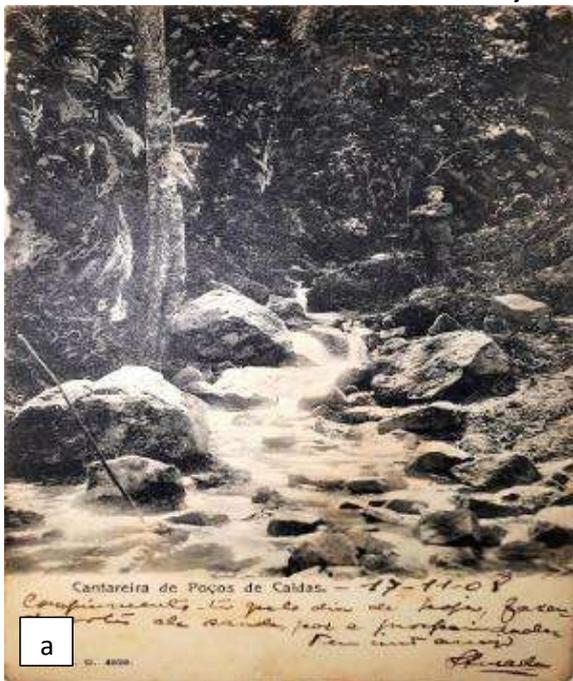
Entendemos que a solução de Platão foi delimitar um tipo intermediário de ser, receptivo como uma "ama do tornar-se" e espaço neutro necessário de onde se jorriam os fenômenos, onde tudo passa, mas nada é mantido. Jacques Derrida usa *khôra* para nomear uma alteridade (*otherness*) radical que "proporciona lugar" para o ser. *Khôra* propicia o nomear do acontecimento radical de uma diferença ontológica entre o ser e os seres. Assim, Derrida argumenta que o subjetivo é como a *chora* de Platão, grego para espaço, receptáculo ou sítio. Heidegger designa *chora* como uma "clareira" na qual o ser acontece ou tem lugar.

A cidade seria o resultado da interpretação que seus construtores fazem de seus lugares de ser, então muito mais algo que está em constante modificação, tecido com fios de desejos diversos, de temporalidades diversas, antigas e novas e em devir, criando uma linguagem única e intrincada. A linguagem inconsciente da cidade seria, assim, o devir dos sonhos de seus habitantes, garantindo as suas vidas psíquicas.

Nessa paisagem, como campo intermediário entre o subjetivo e o objetivo encontramos vários *lugares* que teriam esta capacidade evocativa em Poços de Caldas. A esse exemplo podemos trazer a Fonte dos Amores, que contém uma lenda ou mito local. Duas são as lendas que envolvem a fonte. A primeira conta que um jovem casal de namorados ali se encontrava escondido dos pais, ferrenhos inimigos políticos. Desesperados por não poderem se unir pelas leis terrenas, um belo dia se atiraram do alto do rochedo e a água suavemente cobriu seus corpos como cristalina mortalha. Esta história teria inspirado a obra de Giulio Starace (1929).

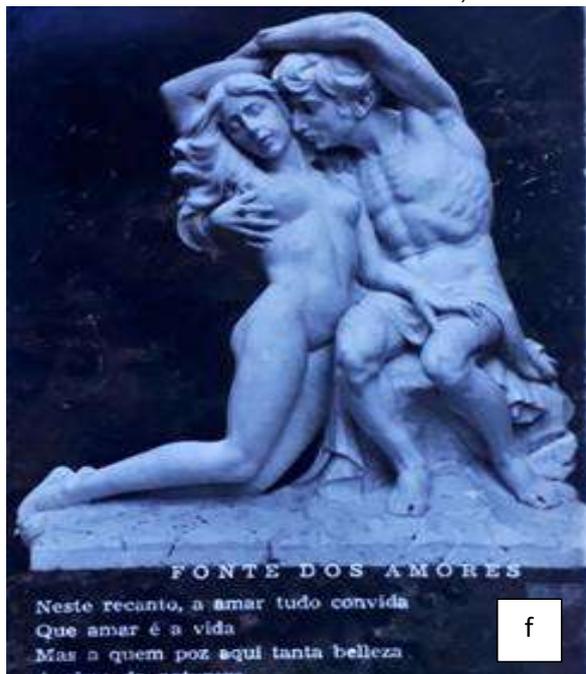
Ao observarmos a sequência abaixo da Fonte dos Amores, percebemos que o espaço continua o mesmo, mas a linguagem poética extraída dos diversos olhares nos traduzem os valores e impressões subjetivas de cada época.

Figura 132. A fonte dos amores. Memória do lugar originário e de mistério. (As imagens estão sequenciadas por décadas: a) 1908, b) 1929, c) 1930, d) 1940, e) 1950. Aparece no início do século passado uma visão da cascata com a escultura ao longe, envolvendo todo o conjunto e a natureza.



Fonte: Todas imagens são parte da coleção de Cartões Postais antigos de Antônio Carlos Rodrigues Lorette.

Figura 133. A fonte dos amores. Memória do lugar originário e de mistério. (As imagens estão sequenciadas por décadas: f) 1960, g) 1970, h) 1990 i) 1990, j) 2010. Conforme avançamos nas décadas o foco da Fonte dos Amores passa a ser a figura dos amantes, conforme conta a lenda, num olhar que busca extrair o amor sensual.



f



g



h



i

Fonte: Todas imagens são parte da coleção de Cartões Postais antigos de Antônio Carlos Rodrigues Lorette, com exceção da última encontrada em site de viagem (Tripadvisor) de autor anônimo.

A outra lenda narra que um jovem padre teria se apaixonado perdidamente por uma encantadora jovem, filha de um fazendeiro da região, que impedia o namoro. Acabaram fugindo e se refugiaram no bosque junto à fonte. Algum tempo depois, um caçador acabou por encontrar o corpo do casal, mortos nus e abraçados, de fome e frio. Penalizado, o pai teria mandado erguer a estátua junto à fonte em homenagem à filha que morreu de amor.

A rica possibilidade de uma cidade contar sua história numa narrativa de imagens nos dá o sentido de confiabilidade de um lugar. Essas imagens permitem aos habitantes e aos visitantes, pelo fato de serem extraídas de cartões postais, que esses lugares sejam transmitidos de uma geração à outra, garantindo também episódios da própria história familiar dos indivíduos com esses espaços afetivos.

4 UMA PAISAGEM PARA ALÉM DAS ÁGUAS

Para além das águas, Poços de Caldas foi sendo constituída, em sua realidade diária, por bairros periféricos, pelas avenidas estruturantes ao longo dos rios, pelas encostas ocupadas por uma textura de casas, morros que separam e escondem a urbanização fulgurante. Não menos importante que a área central, no entanto, com menos idealismo urbanístico, são áreas que encerram personalidades próprias, que contam da trajetória anônima de seus habitantes: imigrantes europeus, migrantes das áreas rurais e outros estados, a população de cultura negra, os de origem humilde.

Neste capítulo apresentaremos um breve panorama das diversas paisagens que constituem o mosaico de imagens de Poços de Caldas. Primeiramente, fizemos as sobreposições da cartografia antiga sobre a imagem de satélite da área central da cidade, demarcando o núcleo originário e sua evolução. Confrontamos estas informações com o registro dos cartões postais antigos em sua cronologia, buscando vincular mapas a imagens.

Depois, passamos a estudar a evolução da mancha urbana da cidade desde a década de 1930 até 2010, num intervalo a cada 10 anos e, vinculamos esses mapas às vistas do tecido urbano a partir da Serra de São Domingos, pois é uma tradição dos cartões postais poços-caldenses imprimir essa mirada.

E num terceiro momento, separamos as zonas da cidade para compor paisagens diversas e significativas como a paisagem da ferrovia, paisagem da mineração, a paisagem dos condomínios, a paisagem dos conjuntos habitacionais, a paisagem do lazer ligado às represas, a paisagem sacra.

Contribuíram para esse levantamento várias dissertações e teses de outros pesquisadores que estudaram a morfologia da cidade e o desenvolvimento urbano, mas não havia encontrado ainda a relação da cartografia às paisagens decorrentes. Foram importantes as pesquisas de Carlos Eduardo Pozzer (2001), de Sylvia Angelini (2001), de Adriane Matthes (2005), de Luciana Valim Gonçalves Dias (2017), de Anna Luiza Souza Nery Reis (2017), e de Fernanda Viana Buga (2017).

Quanto à metodologia aplicada nessa análise, procuramos ressaltar a pesquisa territorial realizada para Belo Horizonte pelo ETH Studio Basel e Contemporary City Institute, em colaboração com a PUC Minas e UFMG (2013).

Notamos a enorme riqueza desta pesquisa devido à inclusão de elementos de apropriação cultural das paisagens e de conflitos decorrentes dela.

4.1 Área Central – perímetro histórico

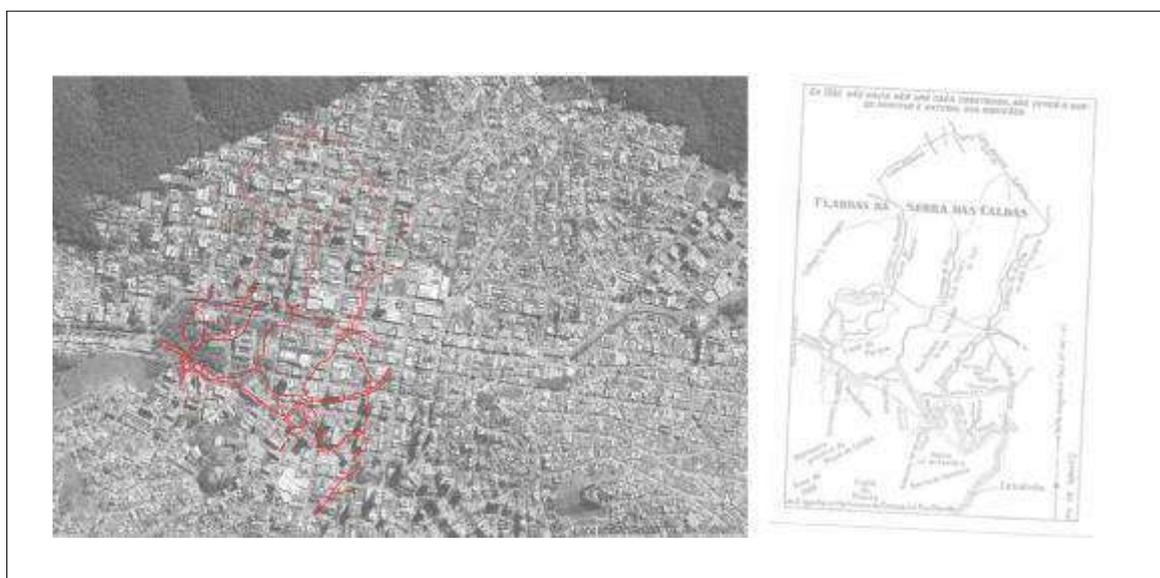
4.1.1 Morfologia Urbana

Figura 134: Sobreposição do primeiro registro da povoação, 1826



Fonte: Google Earth Pro adaptado por Esther Cervini, 2019 com estampa 12, Ottoni (1960)

Figura 135. Sobreposição da planta do engenheiro Martiniano da Fonseca dos Reis Brandão, 1865



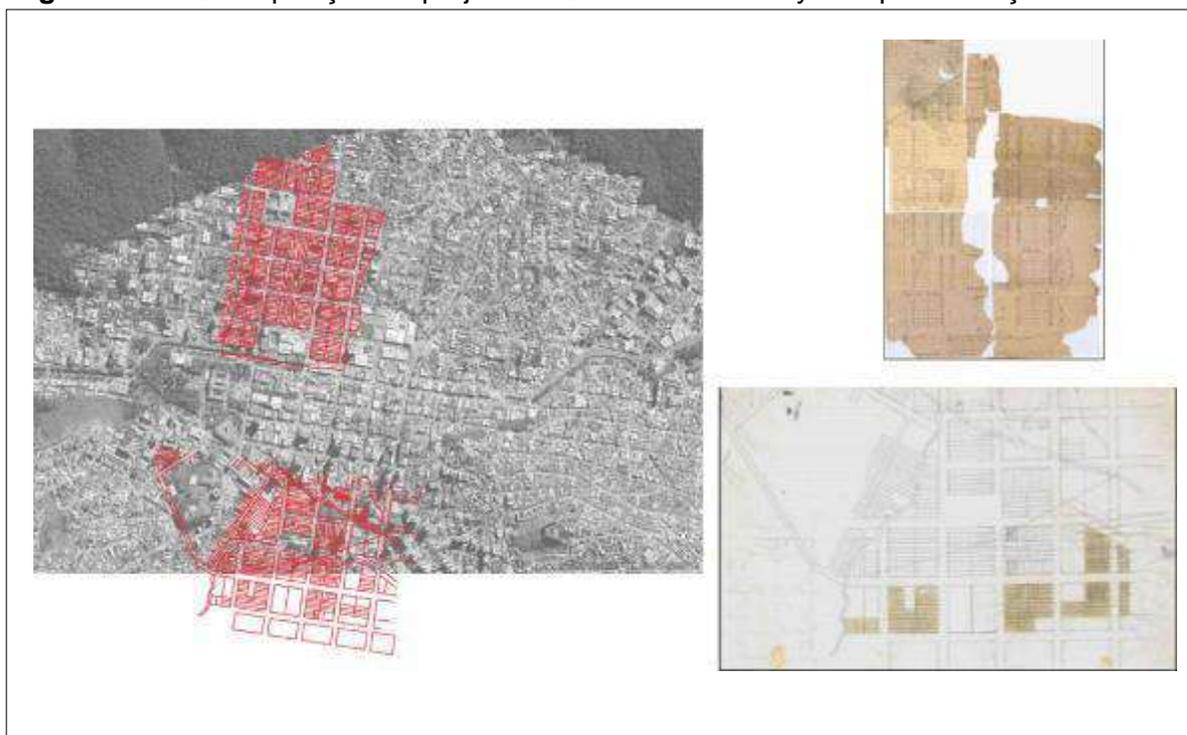
Fonte: Google Earth Pro adaptado por Esther Cervini, 2019 com mapa encontrado em MEGALE, 2002, p.24

Figura 136. Sobreposição ao mapa redesenhado de 1872.



Fonte: Google Earth Pro adaptado por Esther Cervini, 2019 e MOURÃO, 1998, p 18-19.

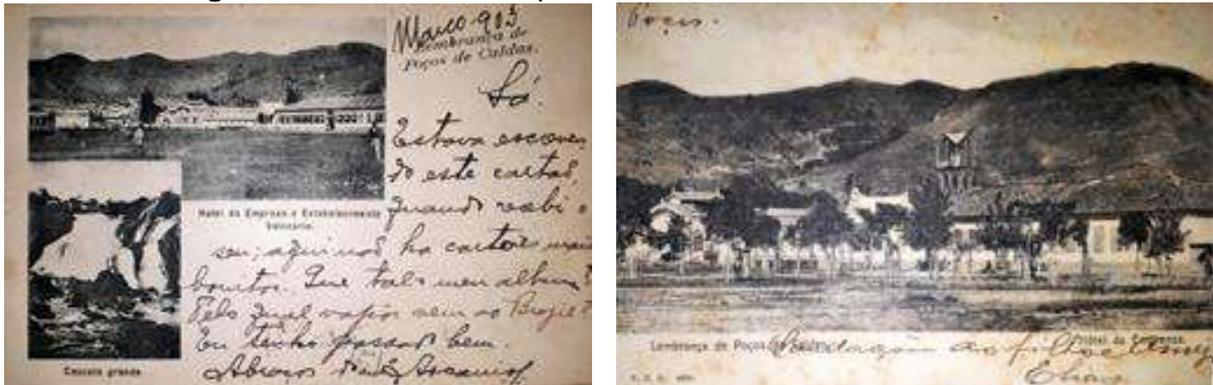
Figuras 137. Sobreposição do projeto de Carlos Alberto Maywald para o traçado em 1880.



Fonte: Google Earth Pro adaptado por Esther Cervini, 2019, MATTHES, 2001, p. 34.

Nos cartões postais a seguir constatamos a arquitetura do largo no início do século XX, tendo ao fundo o Hotel da Empresa e a caixa d'água elevada para abastecimento das banheiras com as águas termais.

Figura 138 e 139. Cartões postais de 1903 e da década de 1910.



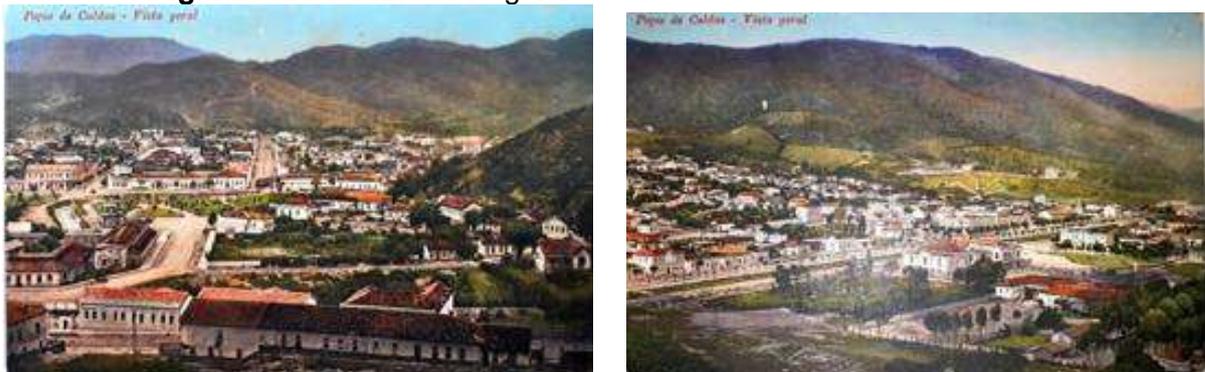
Fonte: Coleção particular de cartões postais antigos de Poços de Caldas. Acervo Antônio Carlos Rodrigues Lorette.

Figuras 140. Sobreposição da Planta da Companhia Melhoramentos de Poços de Caldas em 1912 de autoria do arquiteto José João Piffer.



Fonte: Google Earth Pro adaptado por Esther Cervini, 2019, Arquivo IEB-USP SP.

Figuras 141 e 142: Vistas gerais da área central na década de 1910.



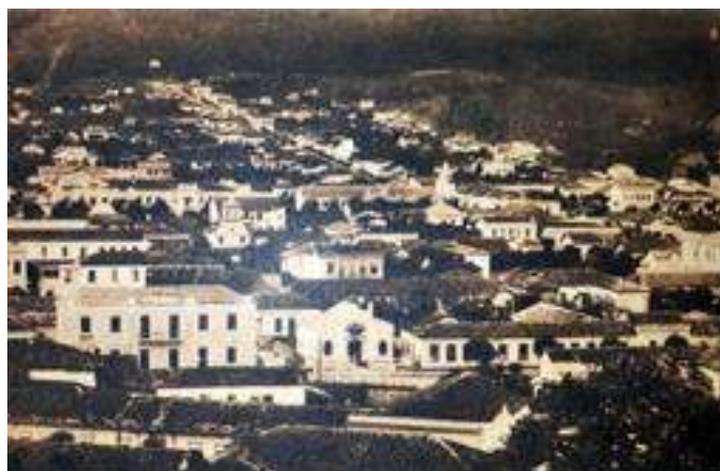
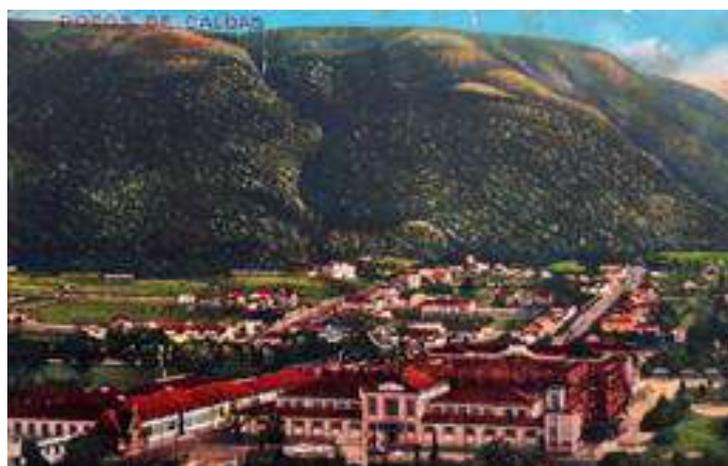
Fonte: Coleção particular de cartões postais antigos de Poços de Caldas. Acervo Antônio Carlos Rodrigues Lorette.

Figuras 143. Sobreposição do destaque ampliado da cidade de Poços de Caldas em 1927.



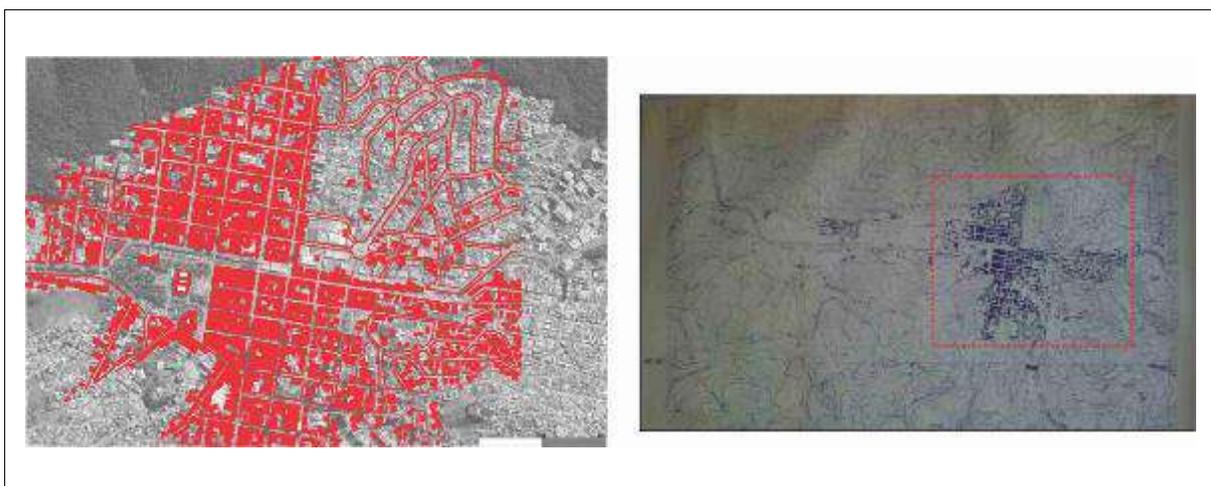
Fonte: Google Earth Pro adaptado por Esther Cervini, 2019, mapa em DIAS, 2016 p.81.

Figuras 144 e 145: Vista geral da antiga Termas e vista geral da cidade em cartões postais antigos.



Fonte: Coleção particular de cartões postais antigos de Poços de Caldas. Acervo Antônio Carlos Rodrigues Lorette.

Figuras 146. Sobreposição da Planta da cidade de 1930.



Fonte: Google Earth Pro adaptado por Esther Cervini, 2019.

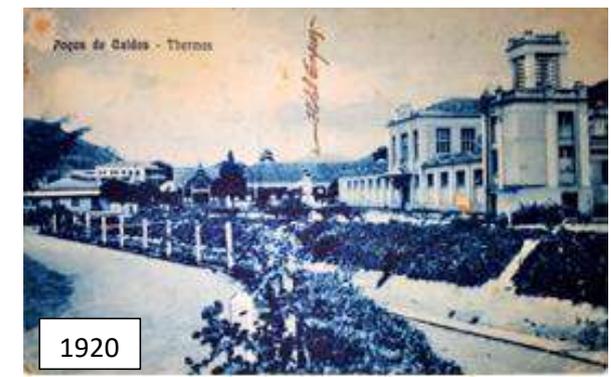
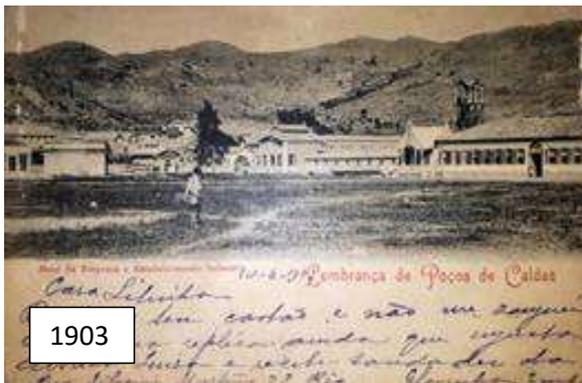
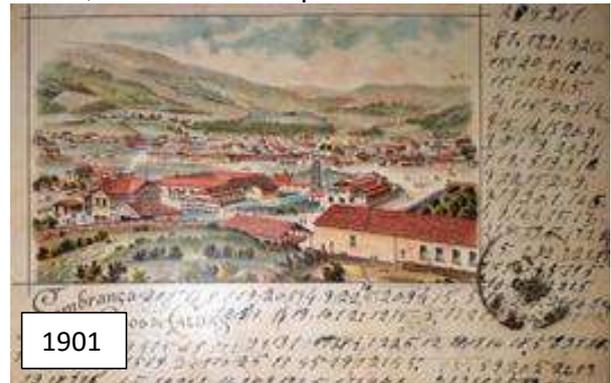
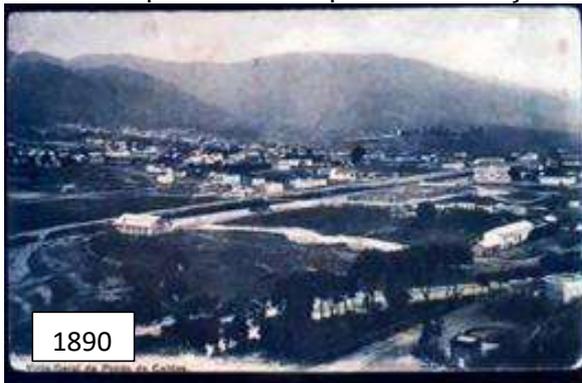
Figuras 147 e 148: Cartões postais antigos com a vista da cidade nesta época, com a construção das grandes obras.



Fonte: Coleção particular de cartões postais antigos de Poços de Caldas. Acervo Antônio Carlos Rodrigues Lorette.

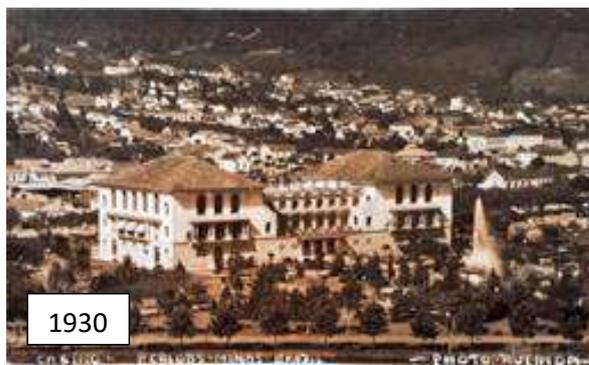
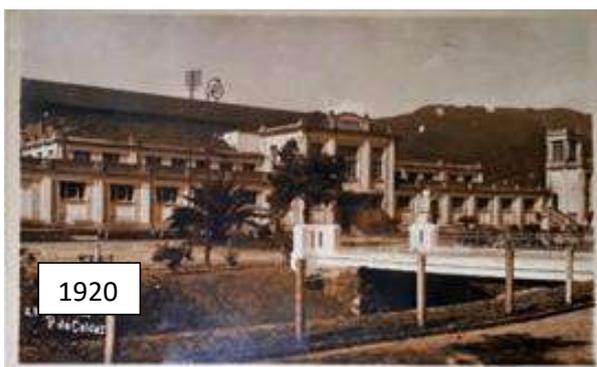
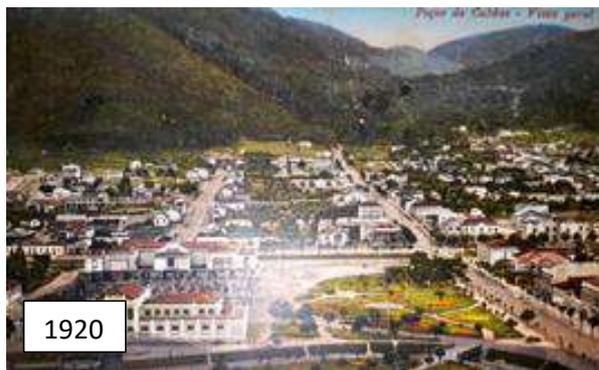
Outro aspecto que destacamos, para além da narrativa dos lugares, são as transformações que as paisagens culturais vão tendo ao longo do tempo. Este movimento de transformação é inerente à ação humana como paisagem. Para trazer um exemplo aqui, fizemos a sequência dos cartões postais da área do largo, dos poços sulfurosos, desde que se pode ter o registro fotográfico com os primeiros estabelecimentos balneários, até a década de 2010.

Figuras 149. Sequência evolutiva A da paisagem no largo original de Poços de Caldas, retratada pelos cartões postais de Poços de Caldas, com as datas aproximadas indicadas.



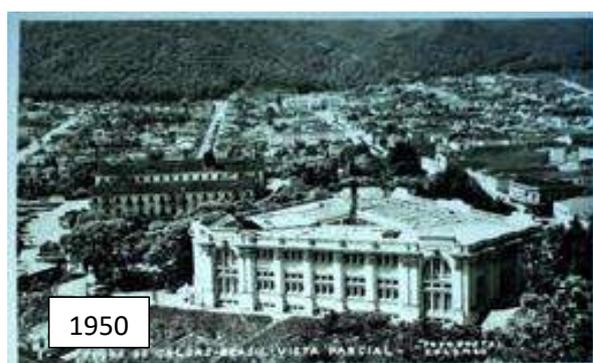
Fonte: Coleção particular de cartões postais antigos de Poços de Caldas.
Acervo Antônio Carlos Rodrigues Lorette.

Figuras 150. Sequência evolutiva B da paisagem no largo original de Poços de Caldas, retratada pelos cartões postais de Poços de Caldas, com as datas aproximadas indicadas.



Fonte: Coleção particular de cartões postais antigos de Poços de Caldas.
Acervo Antônio Carlos Rodrigues Lorette.

Figuras 151. Sequência evolutiva C da paisagem no largo original de Poços de Caldas, retratada pelos cartões postais de Poços de Caldas, com as datas aproximadas indicadas.



Fonte: Coleção particular de cartões postais antigos de Poços de Caldas.
Acervo Antônio Carlos Rodrigues Lorette.

Figuras 152. Sequência evolutiva D da paisagem no largo original de Poços de Caldas, retratada pelos cartões postais de Poços de Caldas, com as datas aproximadas indicadas.



Fonte: Coleção particular de cartões postais antigos de Poços de Caldas.
Acervo Antônio Carlos Rodrigues Lorette.

Figuras 153. Sequência evolutiva E da paisagem no largo original de Poços de Caldas, retratada pelos cartões postais de Poços de Caldas, com as datas aproximadas indicadas.



Fonte: Coleção particular de cartões postais antigos de Poços de Caldas.
Acervo Antônio Carlos Rodrigues Lorette.
A última imagem foi produzida em drone por Daniel Argould.

4.1.2 Paisagem Atual da Área Central

Passamos agora a registrar alguns aspectos característicos da paisagem da área central, destacando a preservação do conjunto histórico, mas também a verticalização e a demolição/ construção de novos edifícios.

Figura 154. Mapa com a área central, 2019.



Fonte: Google Earth Pro adaptado por Esther Cervini.

4.1.2.1 Parque José Affonso Junqueira

Figura 155. Imagem do Complexo Hidrotermal e Hoteleiro, 2019.



Fonte: Google Earth Pro adaptado por Esther Cervini.

Figuras 156. Vista geral da Praça Pedro Sanches e Parque José Affonso Junqueira, 2020.



Fonte: Acervo Esther Cervini.

4.1.2.2 Avenida Francisco Salles – Quadra da Prefeitura

Figura 157. Quadra da Prefeitura e Casa Carneiro na Avenida Francisco Salles, 2019.



Fonte: Google Earth Pro adaptado por Esther Cervini.

Figuras 158. Vista da Avenida Francisco Salles. Supermercado no local do Grande Hotel e teatro Polytheama. Casa Carneiro no local do Antigo Mercado Municipal. 2020.



Fonte: Acervo Esther Cervini.

4.1.2.3 Rua Assis Figueiredo

A arquitetura moderna também fez muitos exemplares na área central a partir da década de 1960. Após a construção do Edifício Bauxita a verticalidade constituía símbolo de modernidade e cosmopolitismo. Verifica-se em alguns edifícios uma qualidade estética e arquitetônica apurada, alinhada com as discussões estéticas da época.

Figuras 159. Quadra em que se localiza o Edifício Esther e o Edifício Hércules, ambos exemplares da arquitetura Moderna em Poços de Caldas.



Fonte: Google Earth Pro adaptado por Esther Cervini.

Figuras 160. Edifício Hercules e edifício Esther e a tradicional Paris Modas, 2020.



Fonte: Imagens do Google.

4.1.2.4 Verticalização da área central (Rua Assis Figueiredo e Rua Capitão Affonso Junqueira)

As quadras abaixo demonstram o processo de verticalização da área central, tanto na Rua Assis Figueiredo com ocupação de 80% do lote, e a edificação de supermercado sobre o Córrego Vai e Volta obstruindo a sua vazão. Em 2016, houve enchente histórica do córrego, inundando as instalações e ruas da área central. Na região mais alta da Rua Assis e da Rua Capitão Affonso Junqueira estão os mais novos empreendimentos verticalizados de alto padrão em função da flexibilização do

zoneamento, na área central. No entanto, em razão da alta taxa de ocupação dos lotes e a configuração da rua na orientação da paisagem com a vista para o centro e Serra São Domingos, ocasionam-se recuos mínimos para esses edifícios.

Figura 161. Quadra do Supermercado Bretas, sobre o Córrego Vai-e-Volta, 2019.



Fonte: Google Earth Pro adaptado por Esther Cervini.

Figuras 162. Galeria comercial e Supermercado Bretas e mistura de escalas dos comércios locais tradicionais, com algumas edificações verticalizadas anteriores à limitação de gabarito de altura da região central.



Fonte: Google, Street View, 2017.

O trecho abaixo, representado pelo alto da Rua Assis Figueiredo e Rua capitão Affonso Junqueira sofrerão nos últimos 15 anos um processo de adensamento e verticalização por empreendimentos que utilizaram das proximidades da área central como fator de investimento justamente pela expansão do gabarito de altura e coeficientes de aproveitamento pelo Plano Diretor.

Figura 163. Quadras do alto da Rua Assis Figueiredo e Rua Capitão Affonso Junqueira, 2019.



Fonte: Google Earth Pro adaptado por Esther Cervini.

Figura 164. Rua Assis Figueiredo e Rua Capitão Affonso Junqueira, 2017.



Fonte: Google, Street View.

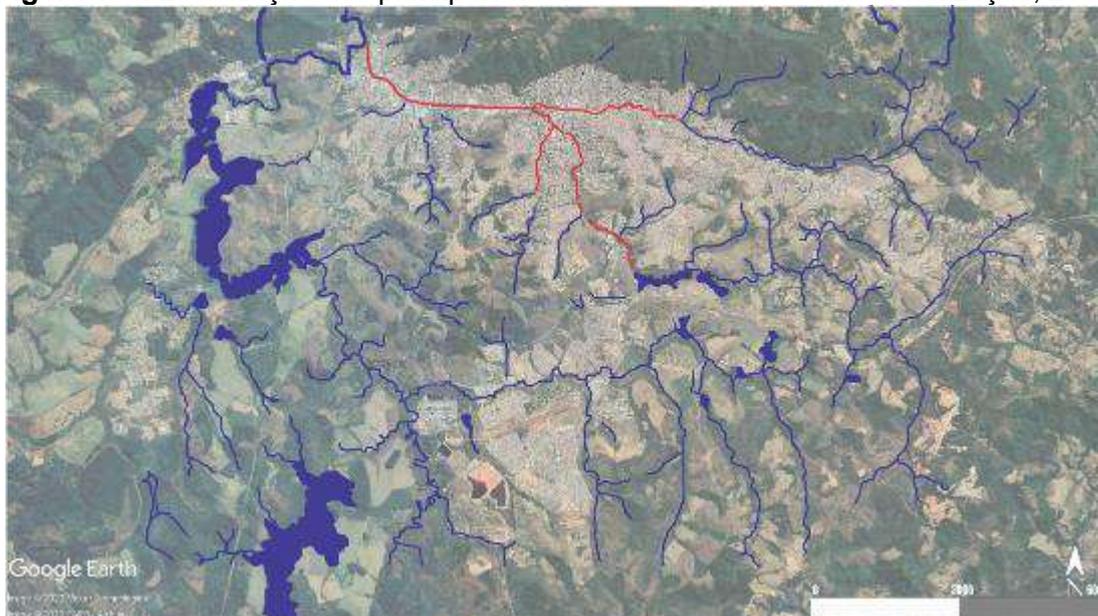
4.2 Eixos históricos de expansão urbana

4.2.1 Eixos históricos a partir de Saturnino de Brito – Ribeirão de Caldas, Ribeirão da Serra, Ribeirão de Poços e Córrego Vai-e-Volta

Em 1927, Saturnino de Brito e seu filho Saturnino de Brito Filho estudaram a cidade de Poços de Caldas, resultando num projeto e obras de saneamento, abastecimento de água e sistema de drenagem das águas pluviais. Ele criticava a adoção da malha reticulada para as vias públicas urbanas, recomendando essa tipologia às áreas planas e não a encostas. Propunha uma adequação à topografia, de modo a facilitar as obras de saneamento.

Os ribeirões que cortam a cidade foram considerados eixos estruturadores da futura expansão urbana e, onde está o núcleo urbano, numa pequena planície que ocorria a confluência dos ribeirões a leste estava a Avenida Francisco Sales, margeando o Ribeirão da Serra, a sudoeste o Ribeirão das Caldas e a oeste, seguindo o curso das águas, a Avenida João Pinheiro. O desenho urbano da nova paisagem deveria acompanhar os Ribeirões e a topografia, cabendo ao “urbanista” a adoção dos traçados a serem adotados. Acrescentamos a estes o Córrego Vai-e-Volta, pelo fato de ser uma micro bacia ao longo da qual vai se instalar a população de origem negra e que abastecia os produtos alimentícios naturais, por meio de hortas e pequenas propriedades.

Figura 165. Localização dos principais ribeirões estruturadores da urbanização, 2019.



Fonte: Google Earth Pro adaptado por Ester Cervini.

Verificamos que os núcleos históricos se amalgamaram com os eixos estruturadores dos Ribeirões e formaram as ocupações iniciais de expansão da área central, pois se configuravam em vales, onde era mais fácil a urbanização. Aos poucos com a expansão da malha urbana foram sendo ocupadas as encostas, pela população socialmente menos privilegiada.

4.2.2 Núcleos históricos a partir do levantamento dos patrimônios inventariados: mapa do Condephact, com a localização e relação dos bens e mapa dos eixos e fotos antigas e novas

Figura 166. Mapa dos núcleos históricos a partir dos patrimônios inventariados, 2016.



Fonte: Condephact – Secretaria Municipal de Planejamento

4.2.2.1 Rua Marechal Deodoro e Vila Nova

Figuras 167. Vistas antigas da Rua Marechal Deodoro, 1945 e da Vila Nova - Procissão para Padroeira Nossa Senhora Aparecida, 1957.



Fonte: Disponível em:

<http://resgatandocidades.com/pocosdecaldas/comparacoes/variadas/trecho-da-rua-marechal-deodoro-por-volta-de-1945/> e <https://pocoscom.com/ha-300-anos-surgia-nossa-senhora-aparecida-padroeira-do-brasil/>. Acesso em: 16 abr. 2020.

Figuras 168. Localização em amarelo da Rua Marechal Deodoro e Avenida Francisco Sales, beirando o Ribeirão da Serra que neste trecho encontra-se encoberto, 2019.



Fonte: Google Earth Pro adaptado por Esther Cervini

Figuras 169. Localização da Vila Nova e Vila Aparecida, bairros que se desenvolveram nas encostas, 2019.



Fonte: Google Earth Pro adaptado por Esther Cervini

Figuras 170. Vista da Rua Marechal Deodoro e bairro Vila Aparecida, 2019.

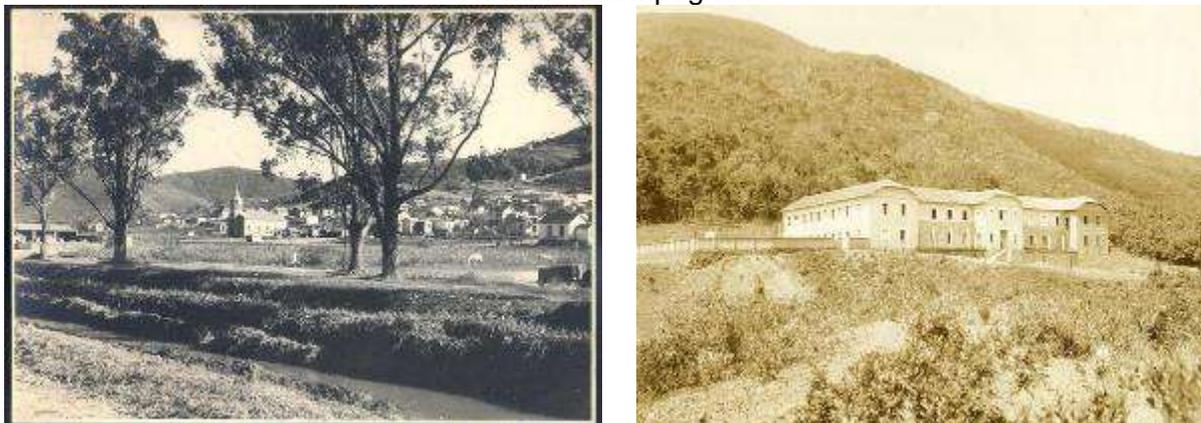


Fonte: Acervo Esther Cervini.

4.2.2.2 Vila Cruz e Avenida Champagnat

O eixo da Avenida Champagnat desenvolveu-se no caminho para o núcleo da Vila Cruz, onde está a capela de São Sebastião, dos padres oblatos. Havia um pequeno largo para festas religiosas em que participavam muitas pessoas da área rural, atual Praça da Vila Cruz. Os colégios São Domingos e Marista também eram referências ao ensino feminino e masculino, na cidade, e ficavam na Avenida Champagnat. Ao longo da avenida ainda encontramos alguns exemplares inventariados e um diversificado comércio popular de bairro, “mercadinhos”, quitandas e lojas de artigos de pesca.

Figuras 171. Vila Cruz na década de 1940 e Colégio Marista em 1930, hoje na Avenida Champagnat.



Fonte: Acervo Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas

Figuras 172. Mapa com localização do núcleo Vila Cruz.



Fonte: Google Earth adaptado por Esther Cervini.

Figura 173: Imagem da Igreja de São Sebastião, 2018. Remanescente histórico e comércios locais na Avenida Champagnat, 2018.



Fonte: Acervo Esther Cervini.

4.2.2.3 Cascatinha e São Benedito

Estes dois bairros se caracterizavam pela ocupação popular e população negra. Nas águas da Cascatinha ficavam as lavadeiras da cidade. No caso do bairro de São Benedito no morro Itororó, vem da igreja para o santo. Muitos devotos na cidade participam até os dias atuais da tradicional Festa de São Benedito, conjugada com a Congada e evento com os caiapós. Ao redor da Igreja e, também na região da Cascatinha, foi incentivada a verticalização, com a demolição de muitos imóveis que dão lugar à empreendimentos novos.

Figura 174. Cartão Postal da Cascatinha, 1920 e Igreja de São Benedito, 1930.



Fonte: Acervo Antônio Carlos Rodrigues Lorette, e Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas.

Figura 175. Localização dos bairros da Cascatinha e São Benedito.



Fonte: Google Earth Pro adaptado por Esther Cervini

Figura 176: Vistas parciais da Cascatinha. No centro ensaio da Escola de Samba Vivaldinos da Vivaldi na Cascatinha, 2013 e parque de diversões na Festa de São Benedito, 2018. Abaixo procissão de São Benedito com os caiapós e congada em 2019.



Fonte: Fotos do bairro e imagens da Festa de São Benedito por Esther Cervini. Escola de Samba foto disponível em: <https://caras.uol.com.br/carnaval/nany-people-tema-escola-de-samba-pocos-de-caldas-vivaldinos-vivaldi.phtml> . Acesso em: 16 abr. 2020.

4.2.2.4 Avenida João Pinheiro

Nas décadas de 1920, algumas famílias descendentes de imigrantes italianos já haviam se estabelecido ao longo do Ribeirão Poços de Caldas. Família Miglioranzi,

família Vitti se dedicavam à plantação de uvas e fabricação de vinhos e doces. Esses eram produtos que se tornariam alternativos com o turismo, que se implantou na cidade após os fechamentos dos casinos. Em 1956, o artista e vidreiro Sr. Mario Seguso cria a fábrica e galeria de cristais da tradição veneziana de Murano, em Poços de Caldas, instalando-se também nessa área. Na década de 1950, o ribeirão foi canalizado dando origem à avenida.

Figura 177. Ribeirão de Poços de Caldas, 1940 e casas da Família Miglioranzi e matadouro inundado às margens do Ribeirão, na época das enchentes, 1926.



Fonte: Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas.

Figura 178. Localização da Avenida João Pinheiro.



Fonte: Google Earth Pro adaptado por Esther Cervini,

Figura 179. Vista da Avenida João Pinheiro, 2017. E remanescente da Chácara Vitti, 2018. Parque Municipal e Cristaleria Cá DÓro, 2019.

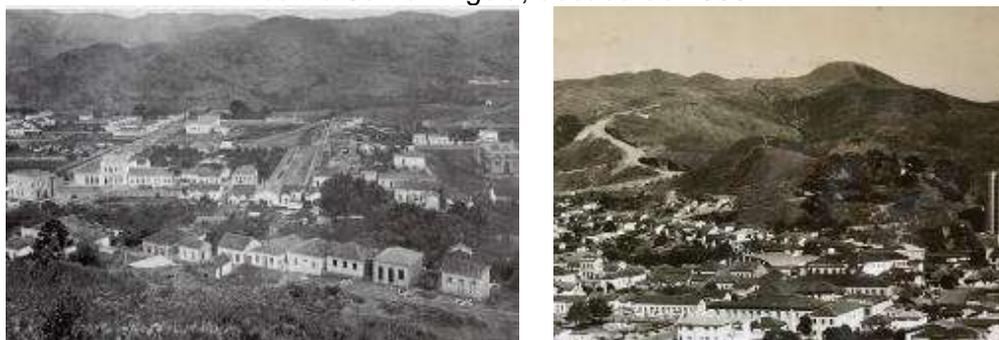


Fonte: Disponível em : <https://br.pinterest.com/pin/559009372469741965/> , <https://m.feriasbrasil.com.br/mg/pocosdecaldas/cadoro.cfm> e <http://pocosdecaldas.mg.gov.br/noticias/pista-de-corrída-do-parque-municipal-recebera-melhorias/> . Acesso em: 19 abr. 2020.

4.2.2.5 Córrego Vai e Volta

Fatos que aconteceram na região do Córrego Vai e Volta, com histórias de pessoas que moraram, ou ainda moram por ali e que de alguma forma estão envolvidas com datas festivas ao longo dos anos, como Folia de Reis, Carnaval, Congada, além de outras festividades e eventos ligados à arte e à música.

Figura 180. Rua Barão do Campo Místico, 1910. Vista da colina onde se encontra hoje o bairro Santa Ângela, década de 1950.



Fonte: Acervo Décio Alves de Moraes. Acervo Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas.

Figura 181. Localização do Córrego Vai e Volta até a avenida Irradiação, 2019.



Fonte: Google Earth Pro adaptado por Esther Cervini.

Figura 182. Vista da Rua Barão do Campo Místico, 2018. Vista do Córrego Vai e Volta dentro de uma quadra e Intervenção do coletivo A Cidade que engole rios, 2017.



Fonte: Acervo Esther Cervini.

Figura 183. Congada, 2016 e Folia de Reis, 2014.

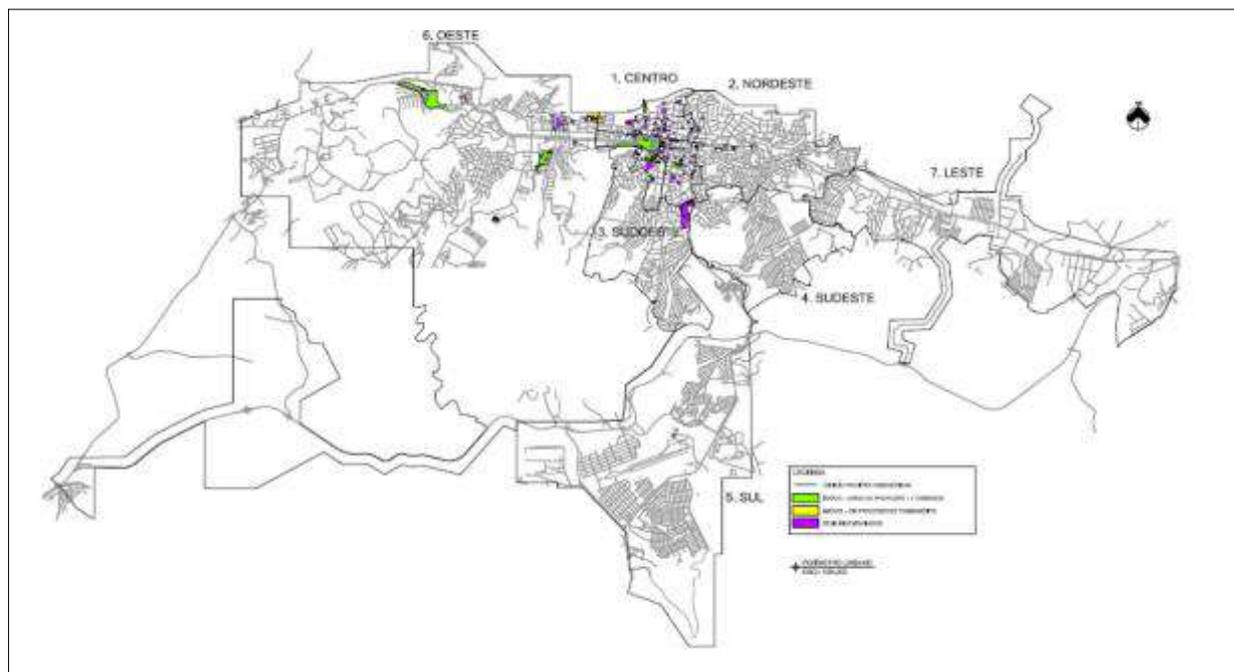


Fonte: Disponível em: <https://pocoscom.com/intervencao-artistica-alerta-sobre-importancia-dos-rios-no-centro-da-cidade/> ; <https://pocoscom.com/tag/congada/> e <http://www.visiteminas.com/encontro-de-folia-de-reis-em-pocos-de-caldas/> .
Acesso em: 19 abr. 2020.

4.3 Desenvolvimento da Mancha Urbana

4.3.1 Divisões em Regiões

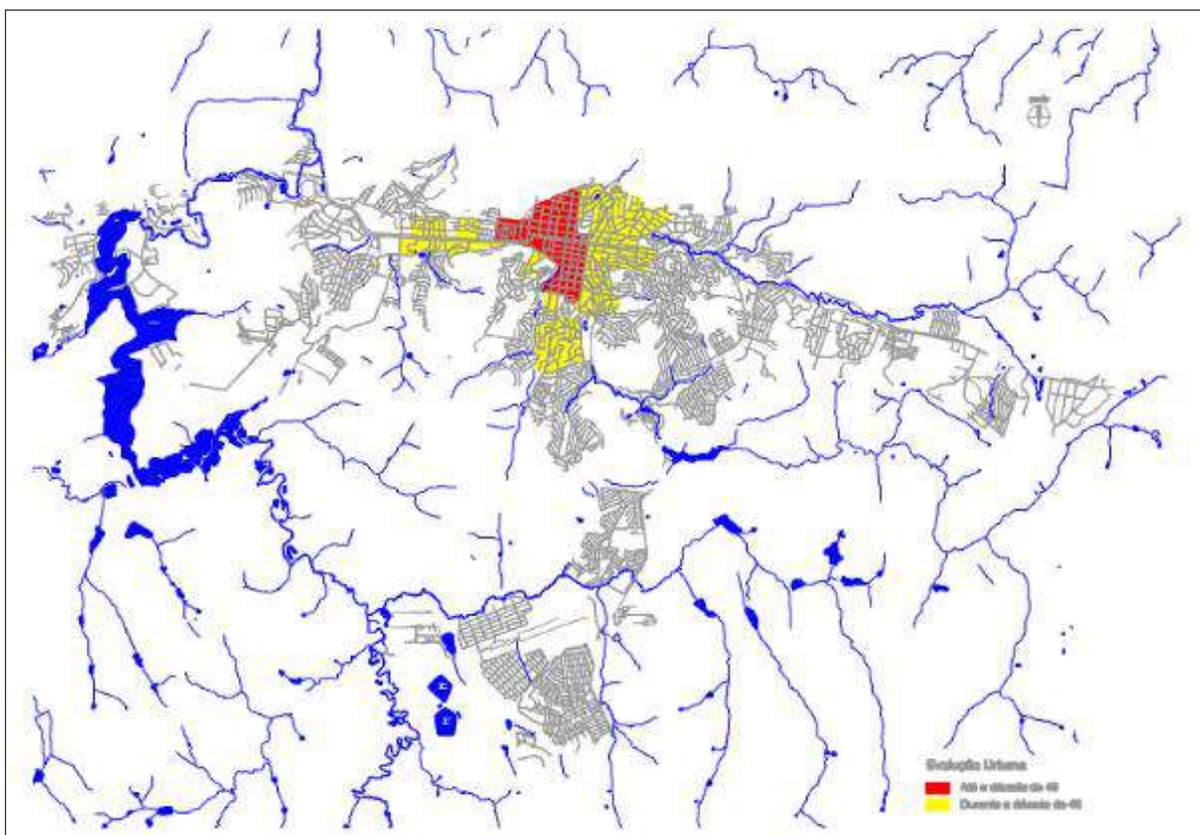
Figura 184. Mapa com divisões de regiões em Poços de Caldas e bens inventariados e tombados.



Fonte: Prefeitura Municipal de Poços de Caldas, 2018.

Importante contribuição para esse item é a pesquisa realizada por Sylvia Angelini (2001), que trouxe ao entendimento o processo de urbanização em parte aqui apresentado. Acrescentamos as imagens dos cartões postais, com a finalidade de dar visibilidade ao que no mapa se afigura.

Figuras 186. Mancha urbana na década de 1940.



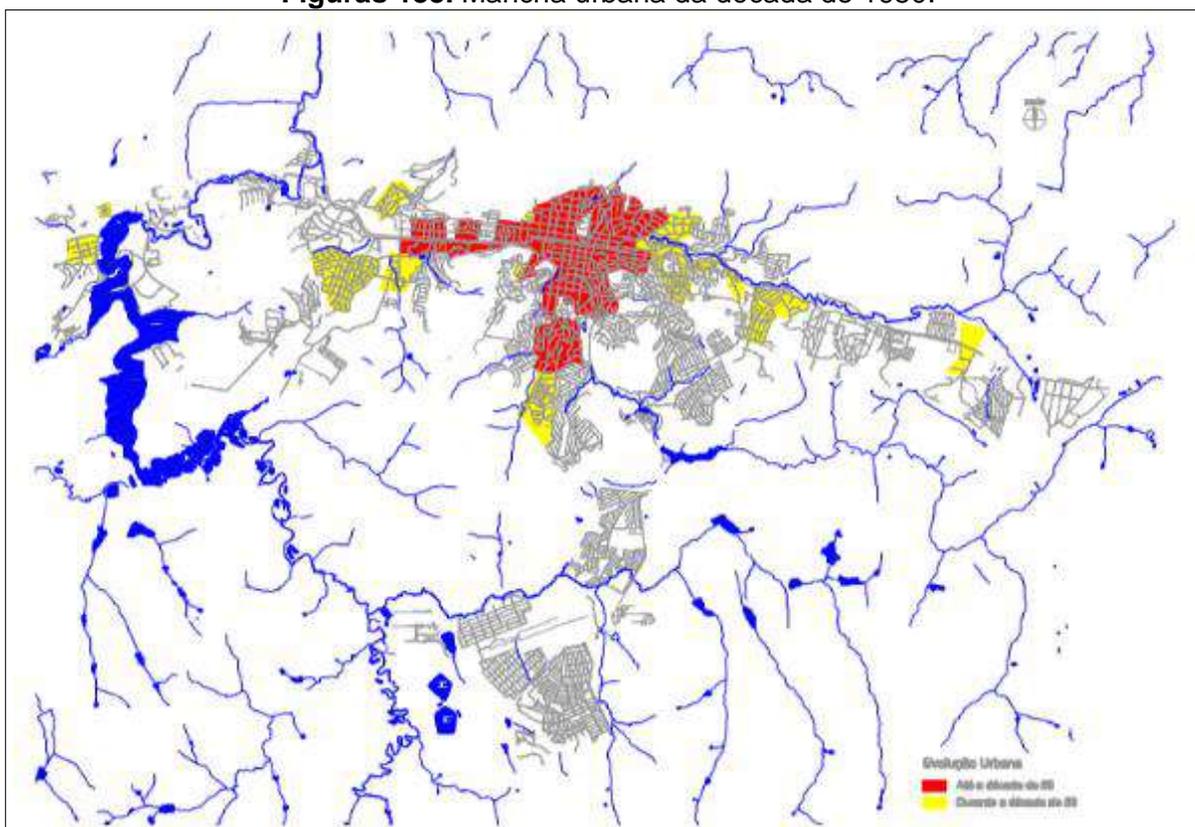
Fonte: Mapa por Sylvia Angelini, 2001.

Figura 187: Cartão Postal com vista da mancha urbana, 1940.



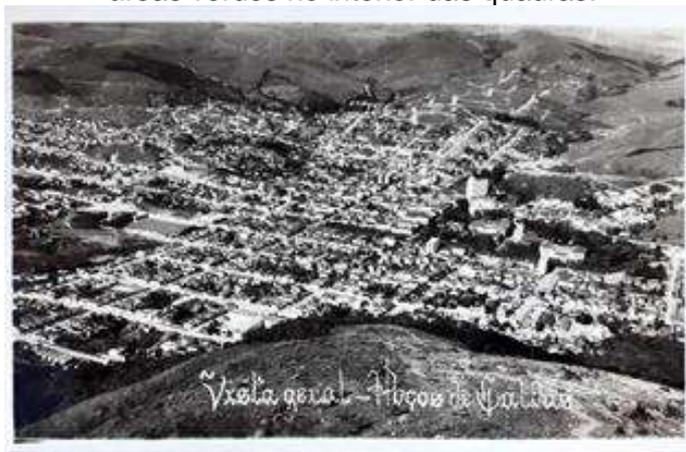
Fonte: Coleção particular de cartões postais de Antônio Carlos Rodrigues Lorette.

Figuras 188. Mancha urbana da década de 1950.



Fonte: Mapa por Sylvia Angelini, 2001.

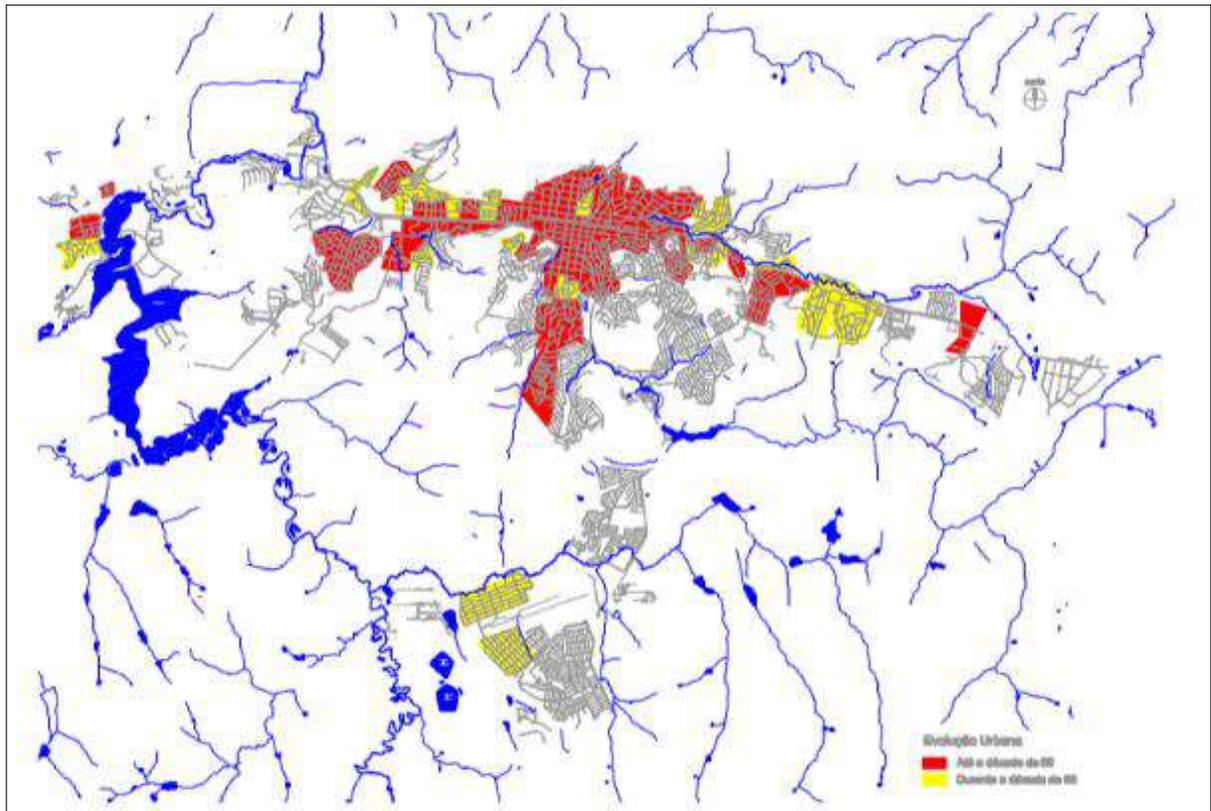
Figura 189: Cartão postal com vista geral na década de 1950. Percebe-se ainda grandes áreas verdes no interior das quadras.



Fonte: Coleção particular de cartões postais de Antônio Carlos Rodrigues Lorette.

O Coletivo “A cidade que engole rios” de Poços de Caldas, que tem uma preocupação evidentemente voltada para questões como a sustentabilidade urbana, faz uma leitura da cidade em que podemos constituir espaços verdes de preservação ambiental. Como vemos nos postais, tal imagem já foi o passado da cidade. Como conjugar o imaginário ambiental ao construído é uma questão a ser estudada.

Figuras 190. Mancha urbana da década de 1960.



Fonte: Mapa por Sylvia Angelini, 2001

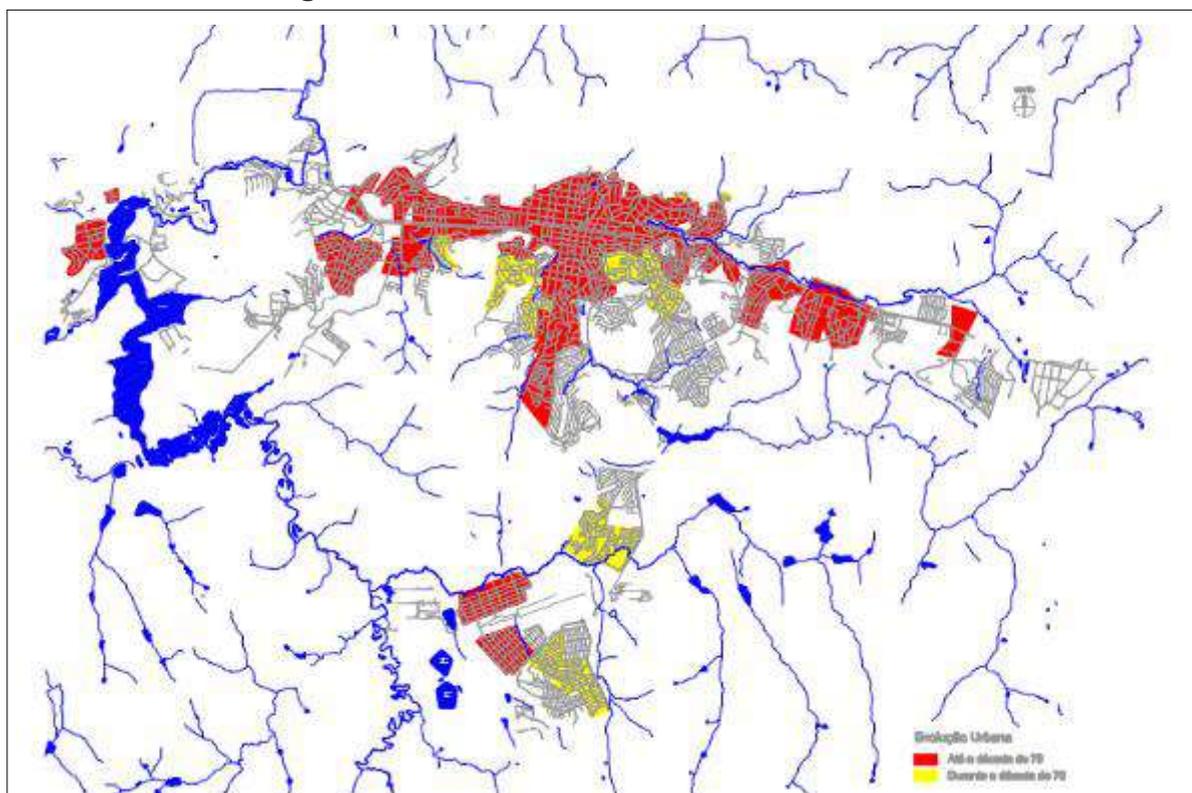
Figura 191. Cartão Postal da cidade na década de 1960.



Fonte: Coleção particular de cartões postais de Antônio Carlos Rodrigues Lorette.

Quando se pensa na paisagem como algo em transformação, e se pensa em paisagem cultural como chancela de preservação, vemos uma dificuldade que é o recorte temporal que se quer evidenciar. Percebemos que a paisagem termal constituída dos edifícios simbólicos e ambiente cosmopolita da área central conviviam com outras paisagens que procuram ganhar voz neste estudo.

Figuras 192. Mancha urbana da década de 1970.



Fonte: Mapa por Sylvia Angelini, 2001.

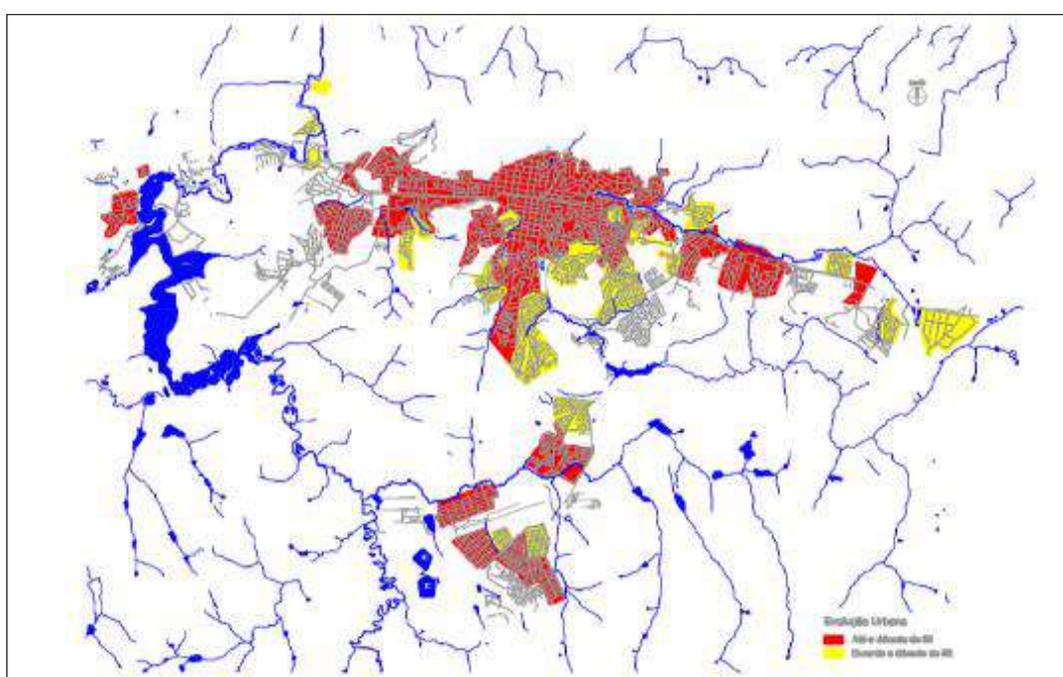
Figura 193. Cartão Postal da cidade na década de 1970.



Fonte: Coleção particular de cartões postais de Antônio Carlos Rodrigues Lorette.

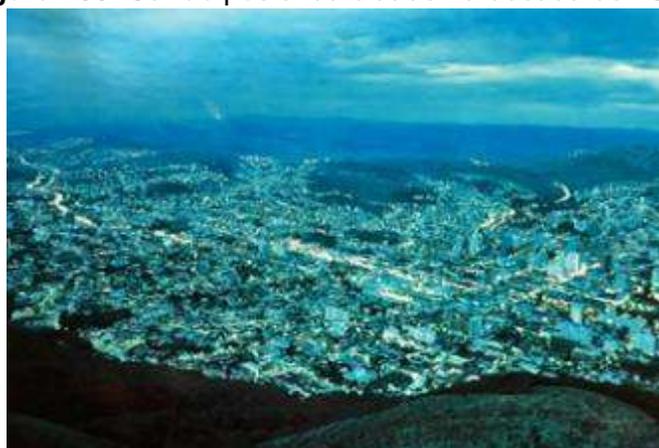
Na década de 1970, com a entrada da industrialização pesada ligada à mineração e criação dos conjuntos habitacionais, a abordagem dos projetos urbanos passa a privilegiar a forma quantitativa e funcional da cidade. A funcionalidade, muitas vezes, vinha servir aos processos de exclusão da população mais pobre, sendo muitas pessoas das áreas rurais. Vemos também o início da verticalização na área central. Foi um período de decadência do turismo e também popularização. Vários edifícios termais simbólicos e o próprio Parque José Affonso Junqueira careciam de uma manutenção. A cidade tinha uma atmosfera *pop*, entremeada aos edifícios históricos, com seus hotéis exibindo cartazes e letreiros luminosos em neon.

Figuras 194. Década de 1980. Cartão Postal da cidade na década de 1980.



Fonte: Mapa por Sylvia Angelini, 2001.

Figura 195. Cartão postal da cidade na década de 1980.

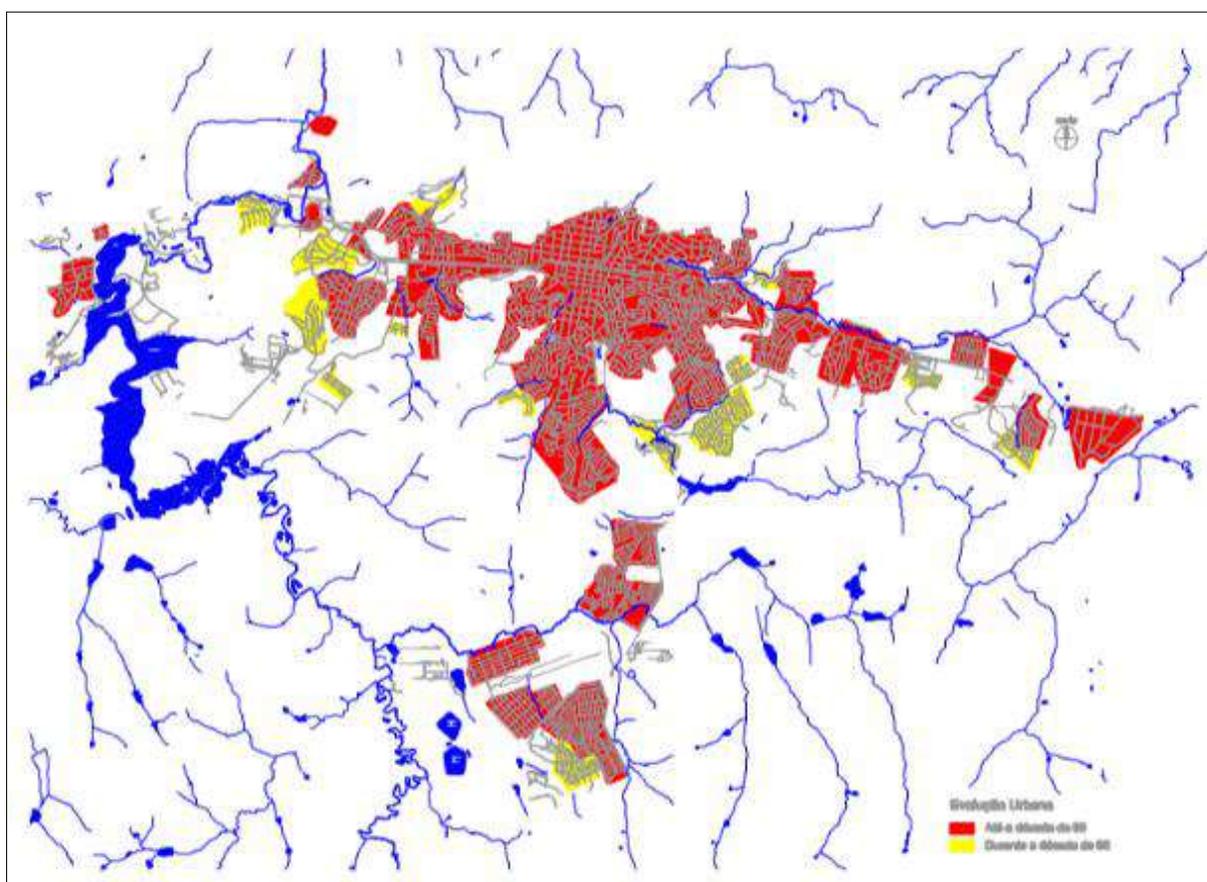


Fonte: Acervo Antônio Carlos Rodrigues Lorette.

Nos anos noventa, uma mentalidade pós-moderna invade os debates sobre urbanismo e o papel da historicidade ganha força. Em Poços de Caldas, isso se manifesta através do tombamento do Complexo Hidrotermal e Hoteleiro e também da Serra São Domingos com seu patrimônio ambiental e histórico. Há a estruturação do setor de patrimônio na Prefeitura Municipal, começando a realizar o inventário e tombamento de conjuntos significativos para a sua história.

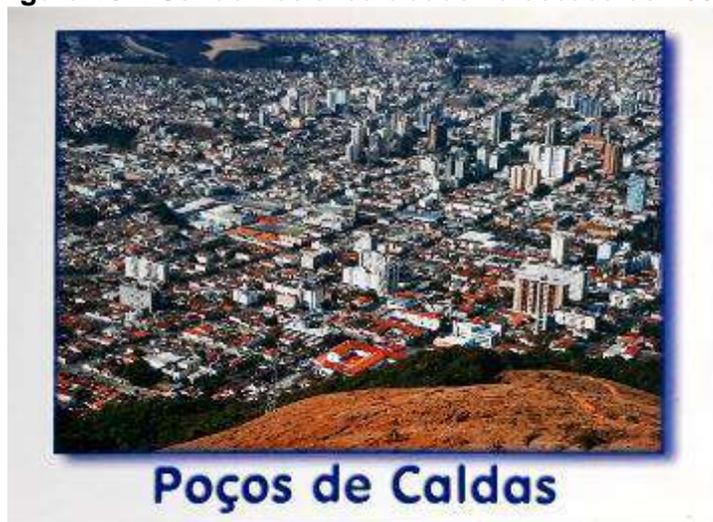
O concurso nacional Centro Vivo foi um marco neste sentido. Vários edifícios se utilizaram do contexto histórico para suas linguagens arquitetônicas; e percebe-se o papel dos arquitetos mais atuantes nas decisões sobre a cidade. Enquanto os anos 1980 haviam sido de grande expansão periférica da malha urbana, principalmente para as zonas leste e zona sul, os anos 1990 fazem um retorno à importância da área central.

Figuras 196. Mancha urbana da década de 1990.



Fonte: Mapa por Sylvia Angelini, 2001.

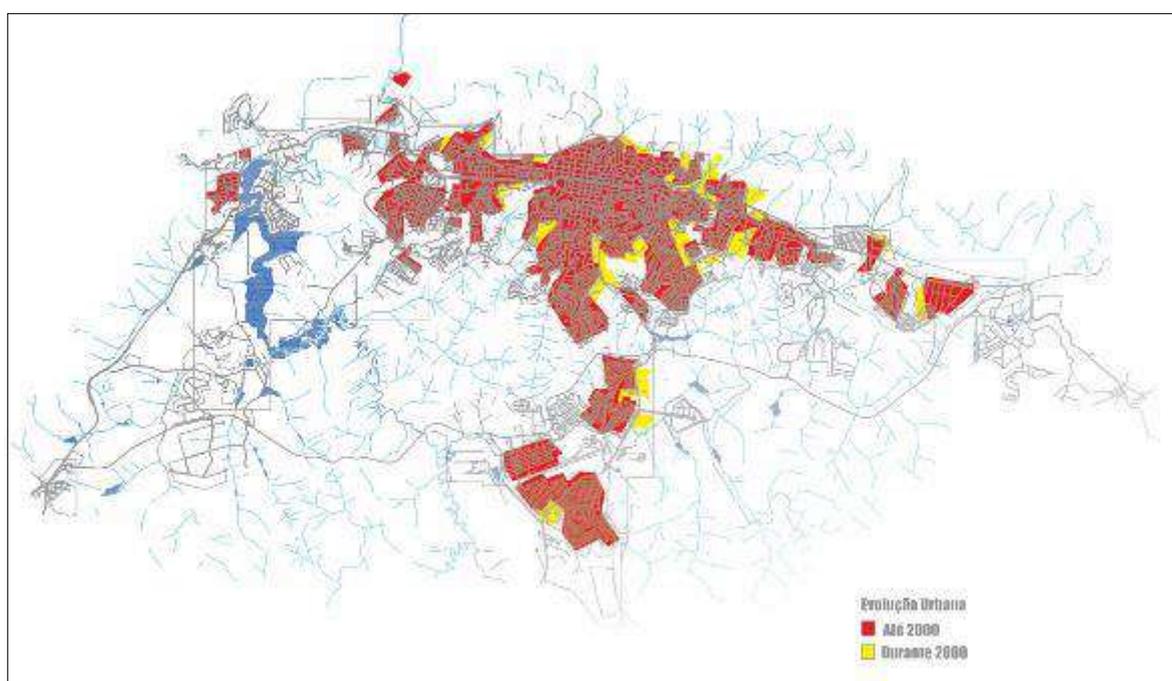
Figura 197. Cartão Postal da cidade na década de 1990.



Fonte: Coleção particular de cartões postais antigos de Poços de Caldas. Acervo Antônio Carlos Rodrigues Lorette.

Na década de 2000, discutiu-se sobre a verticalização e a necessidade de reformas nas grandes obras dos anos 1930. A grande reforma do Parque José Affonso Junqueira alavancou uma retomada do centro para negócios e eventos turísticos, atraindo um novo tipo de público. Retomam-se as discussões sobre o Plano Diretor com a participação da população. Destacamos as medidas protetoras da área central com a limitação do gabarito de altura.

Figura 198. Mancha urbana da década de 2000.



Fonte: Elaborado por Esther Cervini, 2017.

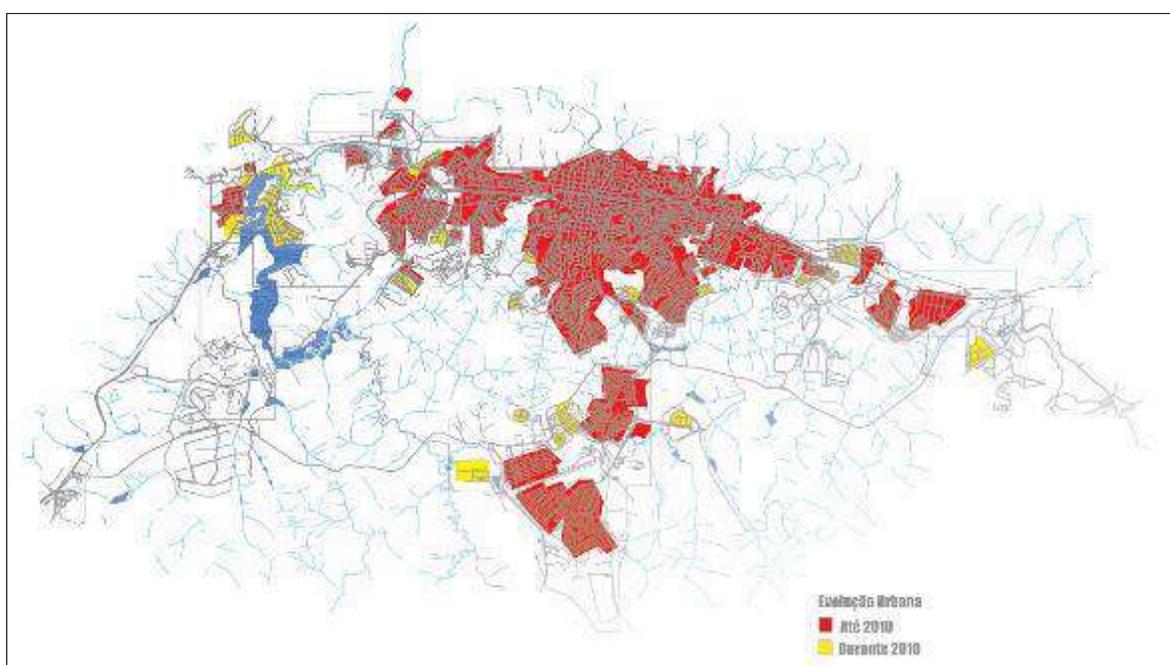
Figuras 199. Imagem da cidade na década de 2000.



Fonte: Imagem de divulgação da Prefeitura na década de 2000.

Na década de 2010, a cidade passou por um processo de verticalização em todos os seus bairros, em função de programas habitacionais do governo federal que se proliferaram com edifícios de até quatro pavimentos, provocando uma grande transformação da paisagem. Conseqüentemente, os danos ambientais também acompanharam esse investimento maciço na construção civil. Problemas de grandes movimentações de terra, em uma paisagem de topografia acentuada, assoreamentos, loteamentos em áreas de alta declividade geraram padrão de assentamento caracterizado por muitos muros de arrimos ou “palafitas” estruturais, que convertem a paisagem dos bairros em tipologias agressivas.

Figuras 200. Mancha urbana na década de 2010.



Fonte: Elaborado por Esther Cervini, 2017.

Figuras 201. Imagem de divulgação da Prefeitura em 2017.



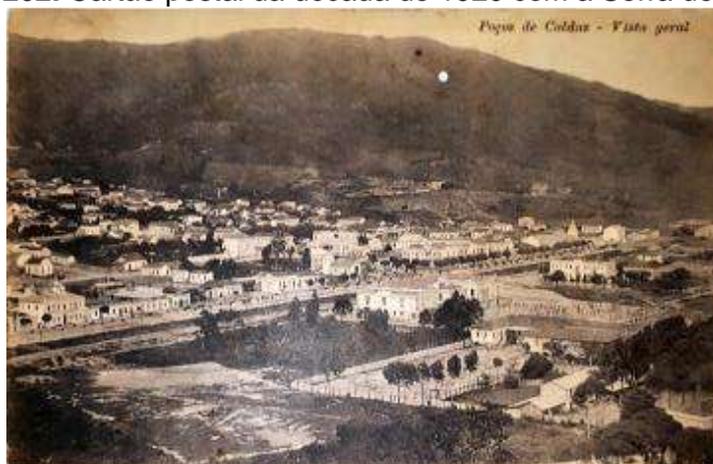
Fonte: Disponível em: <http://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2017/03/carnes-do-iptu-comecam-ser-distribuidos-em-pocos-de-caldas-mg.html>. Acesso em: 20 abr. 2020.

4.4 Zona Norte

4.4.1 Serra de São Domingos

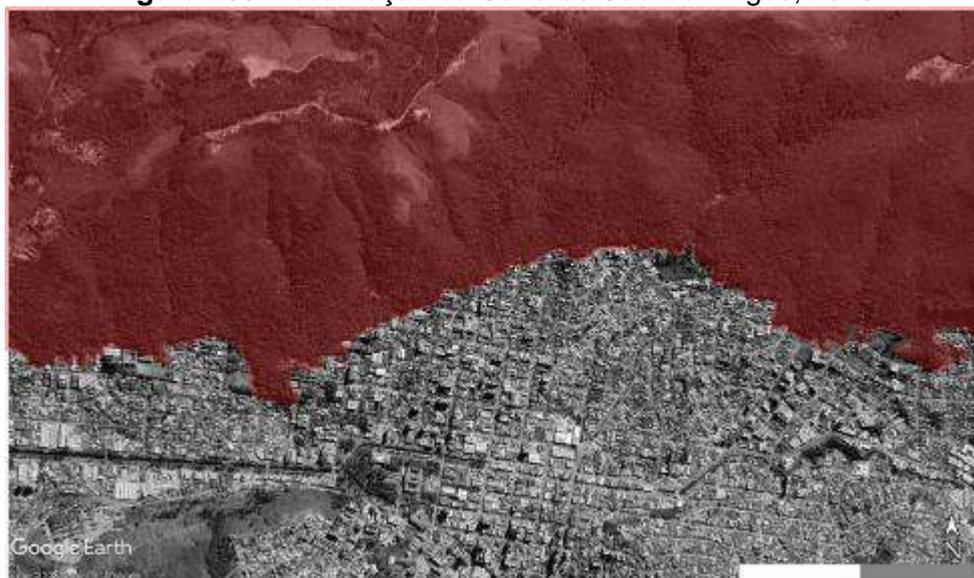
Após o tombamento da Serra de São Domingos e com a produção do zoneamento no Plano Diretor de 2006, limitou-se o gabarito de altura do lado norte da área central, para que fosse mantida a mirada da Serra. Ao analisarmos as várias imagens antigas dos cartões postais, percebemos a consolidação dessa moldura natural, como estruturante da paisagem termal pelo seu aspecto cultural, relacionado aos ambientes de cura em vários balneários do Sul de Minas, mas também europeus, como já demonstramos.

Figura 202. Cartão postal da década de 1920 com a Serra de São Domingos.



Fonte: Coleção particular de cartões postais de Antônio Carlos Rodrigues Lorette.

Figura 203. Localização da Serra de São Domingos, 2019.

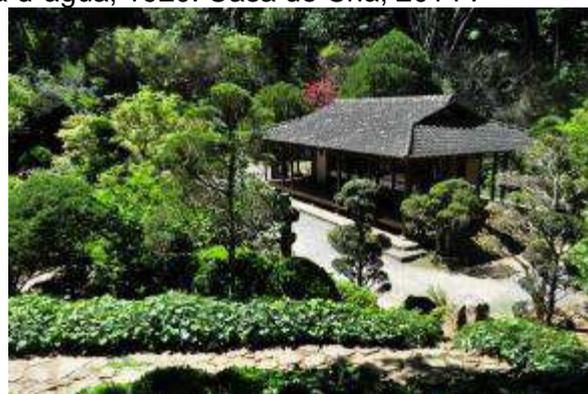


Fonte: Google Earth Pro adaptado por Esther Cervini.

4.4.2 Recanto Japonês – um refúgio na mata

O seu agradável ambiente exala uma paz e tranquilidade que interliga as pessoas diretamente com a natureza. Mas, o ponto turístico nem sempre foi conhecido como uma réplica de jardim nipônico. O lugar teve um ponto turístico chamado “Recanto das Borboletas” e o “Restaurante Caixa D’água”, em 1943. A transformação em Recanto Japonês aconteceu em 1975, através de uma iniciativa da prefeitura e da Fábrica de Fertilizantes Mitsui S/A, como uma homenagem da empresa, que é de origem japonesa, à cidade de Poços de Caldas. O lugar passou a ter um belo jardim, projetado pelo paisagista Katsuji Nagao e pelo arquiteto Tomio Kimura. Infelizmente a casa de Chá foi incendiada em 2016.

Figura 204. Cartão postal com a caixa d’água, 1920. Casa de Chá, 2014 .



Fonte: Disponível em: <http://resgatandocidades.com/pocosdecaldas/acervo/pontos-turisticos/recanto-japones/> . Acesso em: 20 abr. 2020 e imagem de divulgação da Prefeitura Municipal.

4.4.3 Vista lado sul, para a cidade – Cristo

Figura 205. Estátua do Cristo Redentor e a vista para o lado sul, descortinando a paisagem urbana.



Fonte: Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=8V7er_Nn6lQ .
Acesso em: 15 abr. 2020.

O desejo por experiências com a natureza produziu, a partir de 2000, uma procura pelos esportes radicais. E Poços de Caldas passou a oferecer a Rampa de Voo Livre, um espaço muito frequentado pelos turistas e moradores, local aonde se pode experimentar uma sensação de tranquilidade e liberdade, com uma vista que alcança até cidades vizinhas como Palmeiral.

4.4.4 Vista lado norte, para a área rural – Rampa de Vôo Livre

Figura 206. Rampa de Voo Livre, 2020.



Fonte: Disponível em: https://www.tripadvisor.com.br/LocationPhotoDirectLink-g303391-d12177499-i264469149-Rampa_de_Voo_Livre-Pocos_de_Caldas_State_of_Minas_Gerais.html. Acesso em: 14 abr. 2020.

4.5 Zona Leste

Esse eixo margeia o Ribeirão da Serra, sendo originalmente o caminho para a cidade de Caldas, onde se localizam as várias propriedades rurais e “roças”. Notamos a presença de vários comércios locais de caráter popular, sendo este, o setor mais adensado da cidade com topografia acidentada. Duas vias estruturam a zona leste. Mais próximo ao centro, ao longo da Vila Nova, temos a Rua Coronel Virgílio Silva, e na outra margem do Ribeirão está a Avenida Wenceslau Braz ligando vários bairros do Colégio Dom Bosco até o Parque Pinheiros. Ao contrário do que acontece na zona oeste, em que predominam os latifúndios produtivos que seguram a urbanização, essa região é bem fragmentada enquanto paisagem e serviu de base para oferta econômica de lotes, mas carece de uma centralidade de região e de empreendimentos que possam gerar significado ao urbanismo genérico.

Figura 207. Vemos as três estruturas da região: Em amarelo a Avenida Wenceslau Braz, em vermelho Rua Coronel Virgílio Silva e em azul o Ribeirão da Serra. Ao norte está a Serra de São Domingos, dentro da qual, nesse trecho localiza-se o CEPA, Parque Ambiental da ALCOA para educação Ambiental, 2019.



Fonte: Google Earth Pro adaptado por Esther Cervini.

4.5.1 Rua Marechal Deodoro – A saída para Caldas

No trecho da Rua Marechal, o Ribeirão da Serra encontra-se canalizado tornando-se aberto logo após o Terminal de Ônibus Intermunicipal. Além do comércio

popular, que vai de moda à ferramentas e eletroeletrônicos, destaca-se o ramo de comércio de produtos e equipamentos para agricultores. Destacamos também a presença de alguns remanescentes antigos, da década de 1940 em meio a uma profusão de letreiros e cartazes.

Figuras 208. Vista geral da Rua Marechal, vista parcial com um imóvel inventariado e terminal de ônibus interurbano.



Fonte: Acervo Esther Cervini, 2018.

4.5.2 Avenida Coronel Virgílio Silva e Avenida Wenceslau Braz

Margeando o Ribeirão da Serra, essas duas vias se desenvolvem em paralelo, sendo a Rua Coronel Virgílio Silva a mais antiga, caminho para as Caldas. Ao longo dela é possível encontrarmos algumas paradas, como a Igrejinha dos Santos Reis e também outras pequenas capelas de oração pelo percurso. Os bairros instalados nos seus limites como Nossa Senhora Aparecida, Vila José Carlos, Bem Bastos, Boa Esperança, localizam-se em encostas de morro, criando uma paisagem com rica textura urbana.

Figura 209. Rua Coronel Virgílio Silva, Igreja dos Santos Reis e capelinha, 2018. Paisagem urbana Bem Bastos, 2018. Parquinho da Vila Nova, 2020 e população local em Reisado, 2017. Idosos jogando na Praça da Vila Nova, 2020.



Fonte: Acervo Esther Cervini, 2018, Prefeitura Municipal e Flávio Danza exposição Reisados, 2017.

Convivem nesta região da cidade muitos idosos que se encontram nas poucas áreas de convívio e praças, mas que tornaram a “Parquinho da Vila Nova” um ponto marcante.

Figura 210. Colégio Dom Bosco na Avenida Wenceslau Braz, 2017. Vista geral da avenida e conjunto habitacional próximo Jardim Itamaraty, 2020.

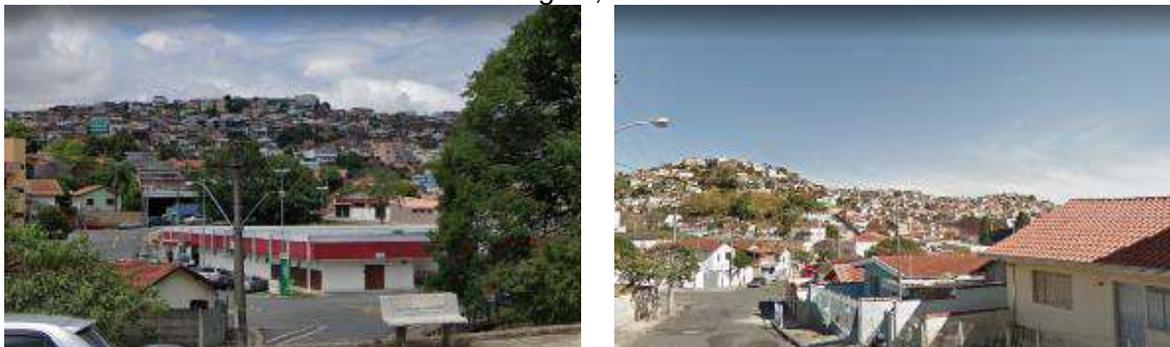


Fonte: Google, Street View. Disponível em:

<https://pocosdecaldas.mg.gov.br/noticias/prefeitura-vai-construir-246-apartamentos-pelo-programa-minha-casa-minha-vida/> . Acesso em: 20 abr. 2020.

4.5.3 Bairros nos morros – lugares das texturas urbanas

Figura 211. Vista da Unidade de Pronto Atendimento e ao fundo a Vila São João e Vila Regina, 2019.



Fonte: Acervo Esther Cervini.

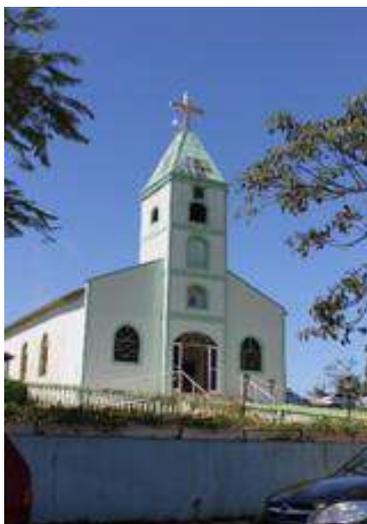
4.6 Zona Oeste

4.6.1 A entrada vinda de São Paulo – Marco Divisório

As disputas de longa data entre as províncias de São Paulo e Minas Gerais, fizeram da região de Poços de Caldas o pivô de embate. O interesse pelas águas termais atraía a atenção dos paulistas, inicialmente pelo interesse curativo e depois pelos aspectos econômicos que a estância representava. Tal disputa percorreu até a data da Revolução Constitucionalista de 1932, e o marco divisório alojou inúmeras trincheiras e áreas de guerra.

O Obelisco da Cascata situa-se na Fazenda Pinheirinho (que foi propriedade dos irmãos Emerenciano, Gabriel José e Joaquim Junqueira), foi inaugurado em 31 de julho de 1937, data do termo final da cravação dos marcos, junto aos trilhos da Estrada de Ferro Mogiana e teria dado o nome de “Marco Divisório” à região. O Obelisco da Cascata está cercado em área de pasto, em bom estado, mas sem manutenção oficial.

Figuras 212. Marco Divisório entre São Paulo e Minas Gerais, Obelisco em meio ao pasto. Igrejinha de Nossa Senhora Aparecida e Fazenda Chiqueirão, 1918.

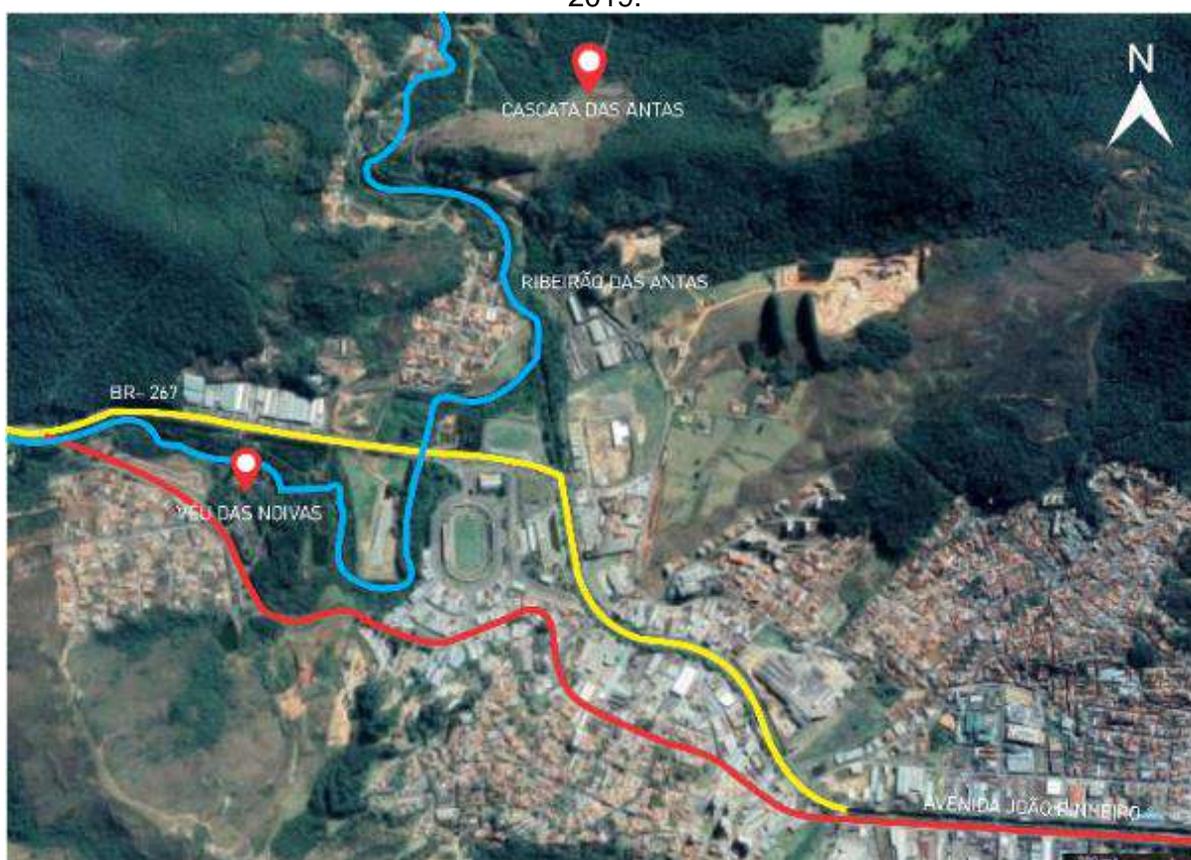


Fonte: Acervo Esther Cervini.

4.6.2 O caminho das cascatas Vêu das Noivas e Cascata das Antas

Uma região de confluência entre Ribeirão Poços de Caldas e o Ribeirão das Antas em que se localizam a cascata do Vêu das Noivas e a Cascata das Antas, sendo dois pontos turísticos de grande destaque na cidade. Apesar do interesse histórico narrado por visitantes de várias épocas, ambos se encontram em estado bastante degradado, pois, com a poluição dos ribeirões, a visitação diminuiu.

Figura 213. Em vermelho temos a Av. João Pinheiro, em amarelo a Av. Mansur Frahy e em azul o Ribeirão das Antas, onde se localizam o Vêu das Noivas e a Cascata das Antas, 2019.



Fonte: Google Earth Pro, adaptado por Esther Cervini.

Na Cascata das Antas havia uma das primeiras construções de Usina Hidrelétrica para abastecer a cidade e, recentemente, foi ampliada pelo Departamento Municipal de Eletricidade (DME), descaracterizando o ambiente natural local. Percebe-se uma preocupação mais técnica que paisagística para tratar desses lugares.

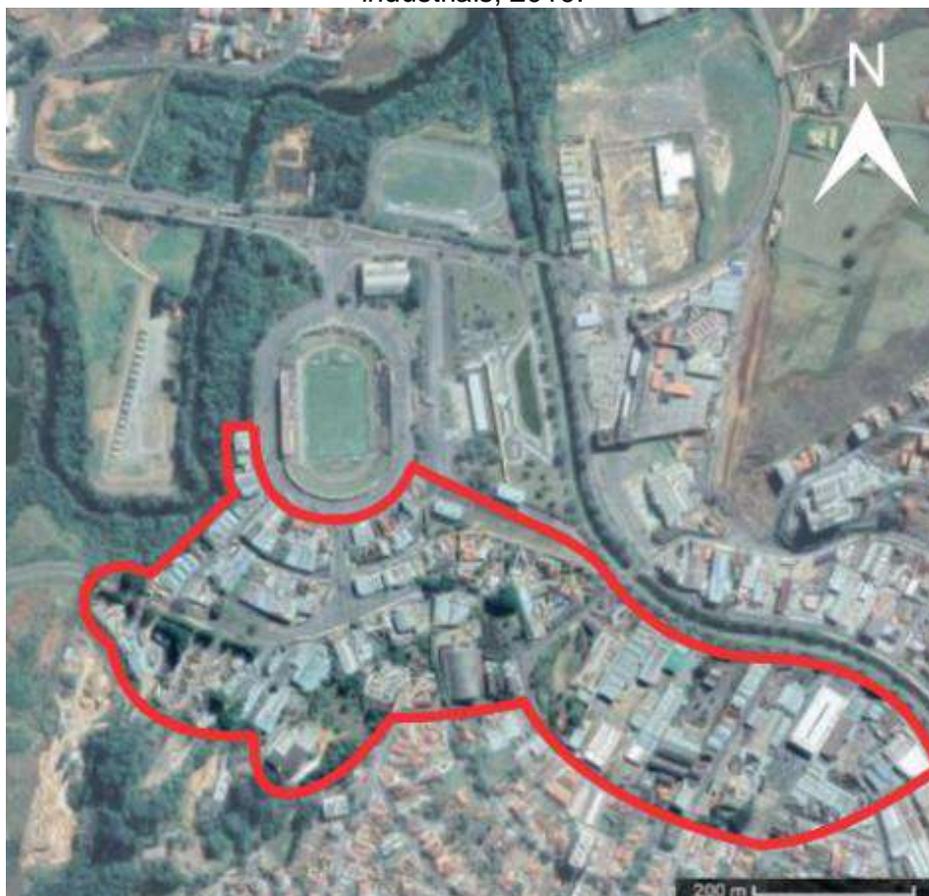
Figuras 214. Cachoeira Véu das Noivas e Cachoeira Cascata das Antas nos anos 1970.



Fonte: Coleção particular de cartões postais antigos de Poços de Caldas. Acervo Antônio Carlos Rodrigues Lorette.

4.6.3 Paisagem Industrial

Figura 215. Estádio Dr. Ronaldo Junqueira e bairro Vila Olímpica com seus galpões industriais, 2019.



Fonte: Google Earth Pro, adaptado por Esther Cervini.

Figuras 216. Estádio Dr. Ronaldo Junqueira, “Ronaldão” e jogo da Caldense, time de paixão da cidade.



Fonte: Victor Imesi. E disponível em: <https://m.futebolinterior.com.br/noticias/jogos-da-caldense-no-ronaldoao-vaio-ter-somente-fogos-silenciosos> . Acesso em: 19 abr. 2020.

Na região do Estádio Dr. Ronaldo Junqueira, inaugurado em 1979, estabeleceram-se várias oficinas e galpões industriais, principalmente na área de metalúrgicas, sendo que esse vetor da Av. João Pinheiro correspondia ao caminho originário de entrada da cidade, passando pelo Véu das Noivas.

Figura 217. Áreas industriais e Mineração Curimbaba, 2019.



Fonte: Google Maps.

4.6.4 A represa Bortolan

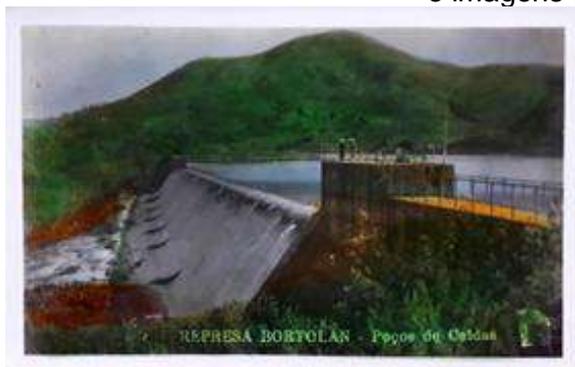
Após a inauguração da Represa Bortolan, em 1956, suas margens começam a abrigar chácaras de veraneio, utilizadas pelos moradores da cidade nos finais de semana. Sempre associado ao lazer, também se constitui ao longo dos anos em local turístico, com passeios náuticos e a presença de comércio de produtos da culinária mineira, pois é trajeto de saída para o Estado de São Paulo. Ao redor da represa também se instalaram vários hotéis e restaurantes.

Figura 218. Localização da Represa Bortolan, 2019



Fonte: Google Earth Pro, adaptado por Esther Cervini.

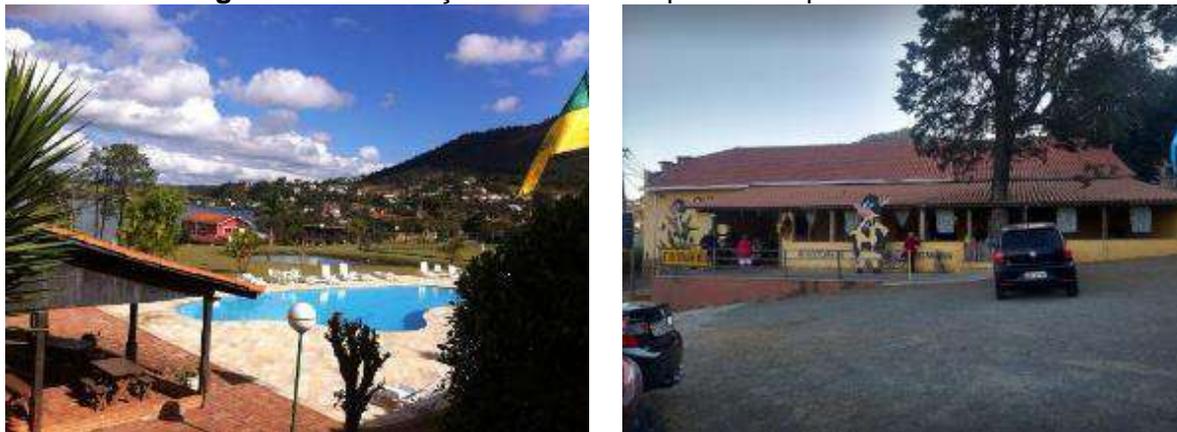
Figuras 219. Cartão Postal da Represa Bortolan em 1956. Bar Capiiau, ponto turístico local e imagens de lazer.



Fonte: Acervo Antônio Carlos Rodrigues Lorette. Disponível em:

<https://www.facebook.com/472041412836897/photos/a.848876391820062/848876398486728/?type=1&theater> . Acesso em: 19 abr. 2020. E acervo Esther Cervini, 2018.

Figura 220. Instalações de Hotéis e produtos típicos mineiros.



Fonte: Divulgação Hotel Nascentes da Serra e acervo Esther Cervini.

Nos anos 2000, a Represa Bortolan passou a ser alvo de empreendimentos imobiliários de alto padrão, principalmente representado pelo condomínio fechado Campo da Cachoeira, depois de longo tempo de aprovação em função das legislações ambientais. Nas proximidades localizam-se também os complexos fabris da Ferrero Rocher e da Danone. Assim, a partir de 2010, a região oeste se configurou como vetor imobiliário em que outros condomínios fechados foram realizados, inclusive com a transferência do novo campo de *golf* para esta área.

Figura 221. Condomínio Campo da Cachoeira às margens da Represa Bortolan. 2019.



Fonte: Google Earth Pro, adaptado por Esther Cervini.

Figuras 222. Vista aérea do Condomínio Campo da Cachoeira e imóvel de alto padrão, 2019.



Fonte: Disponíveis em:

<https://www.facebook.com/993574780744244/photos/rpp.993574780744244/1068043439964044/?type=3&theater> . Acesso em: 15 abr. 2020. E acervo de Imóveis Mitula.

4.6.5 Paisagem mineira 1 – CBA

Figura 223. Localização das as instalações da mineração da Companhia Brasileira de Alumínio (CBA), 2019.



Fonte: Google Earth Pro, adaptado por Esther Cervini.

Figuras 224. Pilhas de minério bauxita na CBA, 2018. Paisagem férrea com estação Bauxita, na CBA, 2011.

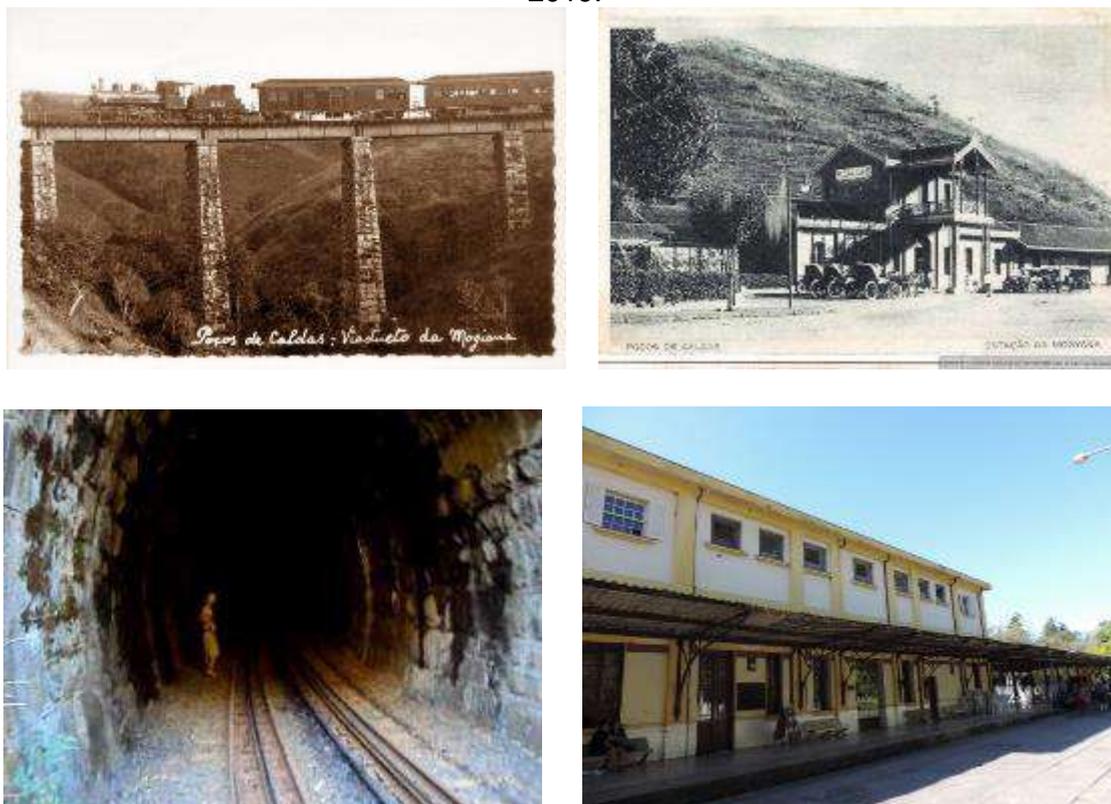


Fonte: Acervo Esther Cervini

4.6.6 Paisagem Ferroviária

Tendo o Conde Prates incentivado a vinda da via férrea até Poços de Caldas, como ramal da Companhia Mogyana, em 1886 foi inaugurada, por Dom Pedro II, sua Estação assim como a via e as diversas obras de engenharia, no trecho Poços de Caldas – Águas da Prata. Pontilhões sobre vales, túneis, trilhos em desfiladeiros fazem dessa paisagem um percurso de descobertas. Reformas foram feitas em 1930, quando a estação passou a ter um estilo mais neoclássico conjuntamente às grandes obras que se faziam na cidade. Na década de 1970, a propriedade passou para a FEPASA e, após a década de 1990, a linha foi desativada para passageiros, sendo atualmente utilizada apenas para carga de minério.

Figuras 225. Ponte e estação Ferroviária original de Poços de Caldas, 1886. Túnel férreo na linha Poços de Caldas – Águas da Prata e atual Estação Ferroviária de Poços de Caldas, 2019.



Fonte: Acervo Daniel Rabelo e Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas.

4.7 Zona Sul

4.7.1 A represa Saturnino de Brito

Seguindo o eixo do Ribeirão de Caldas, que deságua na área central, no Parque José Affonso Junqueira, passando pela Praça dos Macacos, tivemos, desde o século XIX, um histórico de enchentes, culminando, em 1926, com uma inundação marcante. Não haviam sido feitas as obras de melhoramentos na área central e, no ano de 1927, são chamados o Engenheiro Saturnino de Brito e seu filho para proporem uma soluço, convergindo, em 1933, na constru o da represa de conten o "Saturnino de Brito". Passados quase um século da realiza o destas obras e com a contínua impermeabiliza o do solo ao longo dos ribeirões, em 2016 houve uma enchente devastadora na área central de Poços de Caldas.

Figura 226. Enchente de 1926, na Rua Marquês de Paraná, atual Assis Figueiredo. Ao centro, imagens das obras sanitárias no Ribeirão de Caldas e rio que passava embaixo da antiga rua Bahia, hoje, Prefeito Chagas.



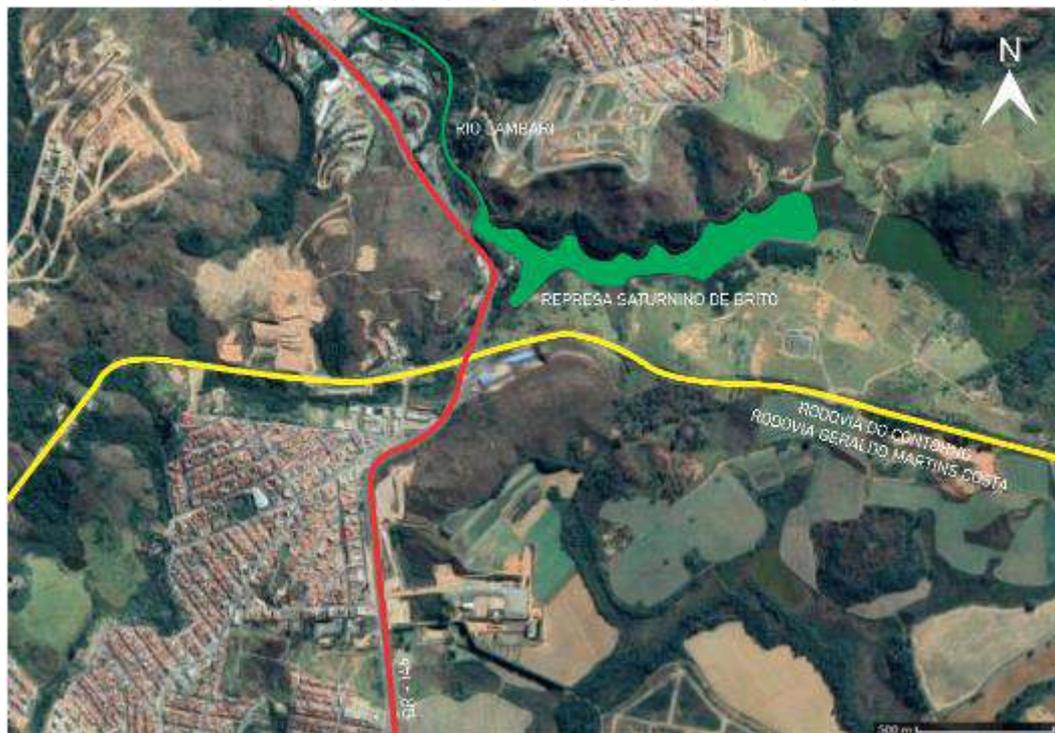
Fonte: Acervo Décio Alves de Moraes. Coleção J. Ranauro, IMS.

Figura 227. Ao final, imagens da enchente de 2016 na área central de Poços de Caldas, invadindo inclusive um supermercado



Disponível em: <http://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2016/01/chuva-provoca-alagamento-e-carrega-carros-em-pocos-de-caldas-mg.html> . Acesso em: 19 abr. 2020.

Figura 228. Região da Represa Saturnino de Brito, com a indicação da Via do contorno em vermelho e Rodovia Edmundo Cardillo em amarelo.



Fonte: Google Earth Pro, adaptado por Esther Cervini, 2019.

Figuras 229. Construção da Represa Saturnino de Brito em 1933. Imagem atual do parque da represa.



Fonte: Acervo do Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas. Acervo Esther Cervini.

4.7.2 Paisagem mineira 2 – Alcoa

Figura 230. Área da Zona Sul com as instalações Complexo da ALCOA e proximidades dos bairros Jardim Kennedy, Parque das Nações e Conjunto Habitacional Pedro Affonso Junqueira, 2019.



Fonte: Google Earth Pro, adaptado por Esther Cervini.

A partir da década de 60, observamos uma mudança do eixo econômico da cidade de Poços de Caldas, criando uma transformação profunda na paisagem e na dinâmica urbana. Começa a acontecer um processo de industrialização da cidade e, durante os anos 1965 a 1997, várias empresas de médio e grande porte se instalaram na cidade. Se, no aspecto econômico representou um fortalecimento, hoje se avaliam os impactos ambientais decorrentes dessas atividades.

Segundo OLIVEIRA (2012), houve um significativo incremento populacional com significativa expansão urbana. A primeira indústria de capital internacional a atuar em Poços de Caldas foi a Alcominas (incorporação da Companhia Geral de Minas pelo grupo Alcoa Aluminium S/A), em 1965, que instalou uma unidade industrial de metalurgia no ano de 1970, criando um forte atrativo para expansão da zona sul. Atualmente, avaliam-se os riscos das barragens das represas de rejeitos sobre o Jardim Kennedy.

Figuras 231. Instalações do Complexo ALCOA e vista da barragem de contenção de resíduos



Fonte: Disponíveis em: <https://pocoscom.com/barragem-de-residuo-de-minerio-de-pocos-e-diferente-de-brumadinho-diz-alcoa/> e <http://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/jornal-da-eptv/videos/t/edicoes/v/alcoa-vai-realizar-simulacao-de-rompimento-de-barragem-em-pocos-de-caldas/7663386/> . Acesso em: 19 abr. 2020.

4.7.3 Os conjuntos habitacionais

Em 1975, instalou-se também nessa área a empresa internacional Termocaná. A unidade física da empresa foi incorporada ao grupo Phelps Dodge Internacional Corporation, em 2001, (OLIVEIRA, 2014b). O primeiro bairro aprovado para a região foi o Jardim Kennedy, em 1970, que seguiam restrições do ministério da Aeronáutica em função da proximidade ao aeroporto Embaixador Walter Salles (POÇOS DE CALDAS, 1970).

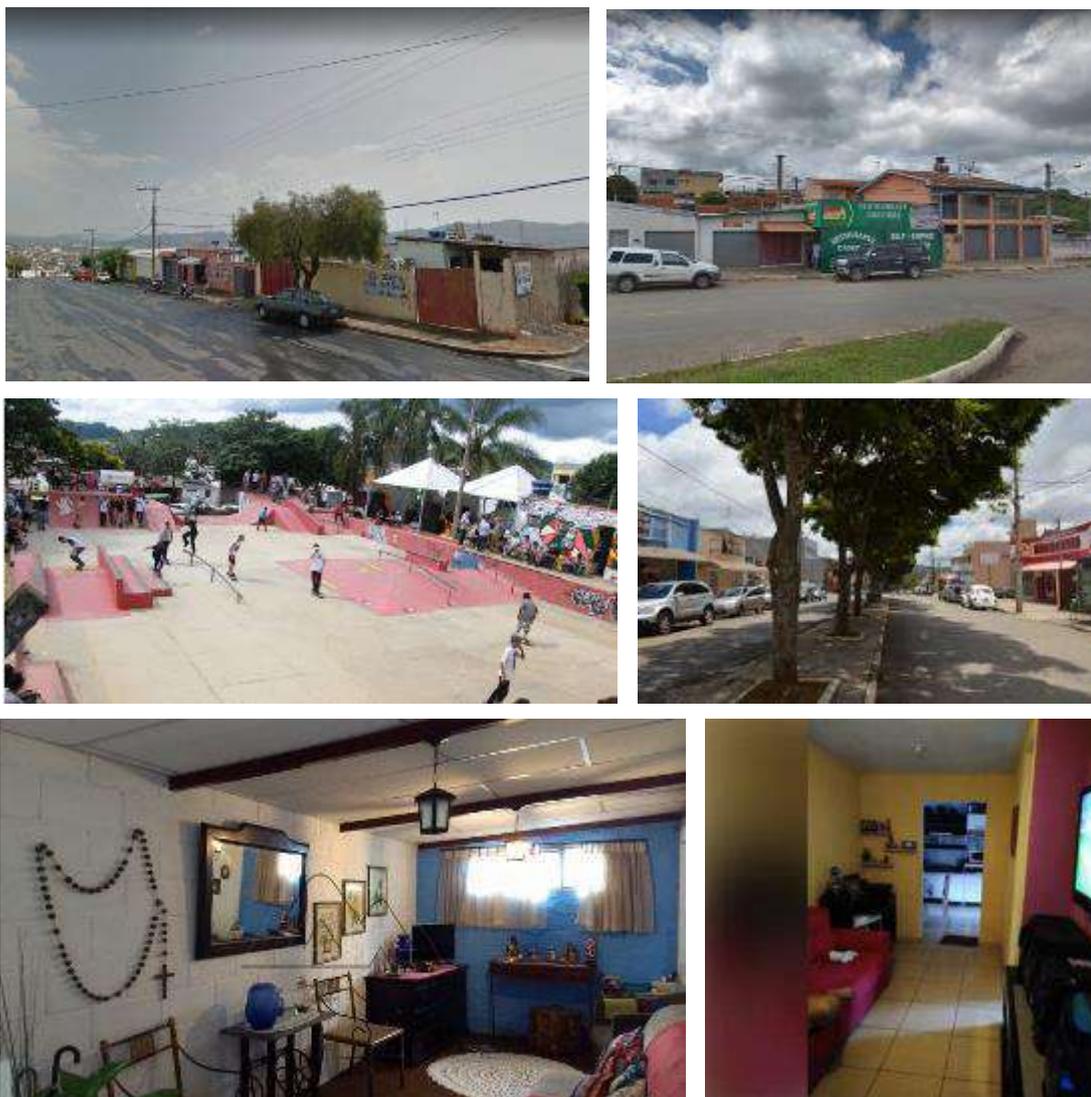
Na década de 1980, pela gestão da Companhia de Habitação de Minas Gerais (COHAB- MG) foi realizado o maior projeto habitacional de Poços de Caldas, o Conjunto Habitacional Eng. Pedro Affonso Junqueira, sendo implantadas 1.553 moradias, atendendo 7.800 pessoas (MAIOCHI, 2007).

Figuras 232. Implantação do Conjunto Habitacional PedroAffonso Junqueira e detalhe das moradias, década de 1980.



Fonte: Disponíveis em: <https://www.slideshare.net/AnaPaulaFerreira94/conjunto-habitacional-de-pocos-de-caldas-mg-histria-em-imagens> . Acesso em: 16 set. 2019.

Figuras 233. Vista atual do Conjunto Habitacional, 2019. Pista de Skate da Zona Sul, na qual se realizam vários campeonatos e vistas internas de algumas residências demonstrando a personalização dos ambientes.



Fonte: Imagens acima Street View. Imagens no centro disponíveis em: <http://www.pocosia.com.br/esporteebemestar/2015/12/15/pocos-caldenses-vencem-no-campeonato-base-13-de-skate/> e abaixo disponíveis em <https://imoveis.trovit.com.br/conjunto-habitacional-pedro-afonso-junqueira-po%C3%A7os-caldas> . Acesso em: 19 abr. 2020.

Apesar de o Conjunto Habitacional estar hoje totalmente apropriado pelos moradores, há ainda um sentimento de que eles moram em outra cidade, tal o isolamento físico e cultural em relação às áreas centrais. O bairro conta agora com certa autonomia em relação às funções comerciais, pequenos negócios e lazer.

Agregaram-se ao Conjunto Habitacional vários outros bairros de caráter social, alguns conjuntos verticalizados, depois do Programa federal de habitação “Minha

Casa, minha vida”. Mas a qualidade de construção é muito inferior, com edifícios condenados antes mesmo de sua ocupação.

Figuras 234. Parque das Nações e Residencial Jardim dos Pássaros, enchente no Jardim Kennedy e Parque Esperança, 2019. Cartão Postal do aeroporto Embaixador Walter Salles, 1950 e antigo Golf Club transformado em Parque Ecológico da Zona Sul, 2019.



Fonte: Acima imagens Street View, ao meio disponíveis em <https://www.ondapocos.com.br/corpo-de-bombeiros-de-pocos-faz-ponto-base-no-jardim-kennedy-e-outros-locais-com-risco-de-enchente/> e abaixo disponíveis em <http://www.memoriadepocos.com.br/2010/08/aeroporto.html> .

Acesso em: 21 abr. 2020.

De todos os bairros, o Jardim Kennedy é o que sofre maiores problemas, devido à falta de infraestrutura e frequentes enchentes. Vemos nesses bairros não só dificuldades da população em termos econômicos, mas também questões como a

segregação social e étnica. Seus moradores ainda preservam um modo de vida rural, mesmo no lote urbano.

Percebemos algumas melhorias ambientais para a região, como a criação do Parque Ecológico da Zona Sul, antigo campo de Golf.

4.8 Levantamento das fontes d'água

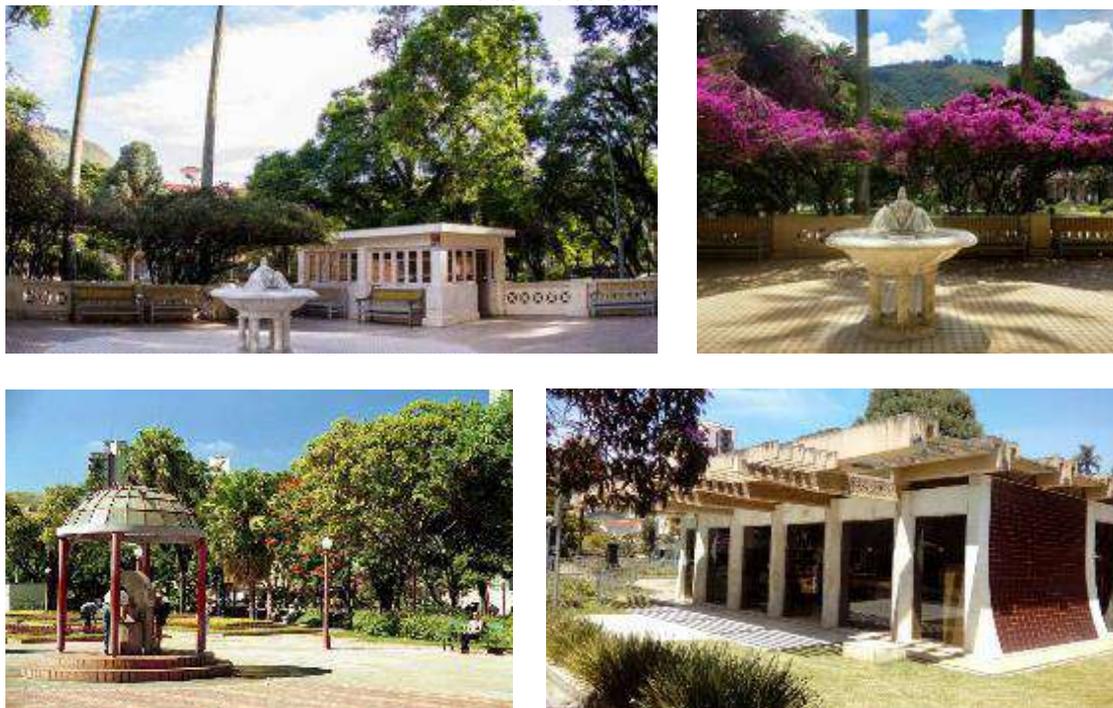
4.8.1 Fontes termais históricas

Os espaços das fontes termais são aqueles mais simbólicos para os moradores poços-caldenses, uma vez que representam a forma de contato mais direto com as águas no cotidiano. As fontes históricas Pedro Botelho suprem as Thermas Antonio Carlos, a piscina e as banheiras do Palace Hotel e o acesso requer investimento financeiro. Mas, do lado externo das Thermas está a Fonte do Leãozinho com duas cabines de águas sulfurosas termais de acesso ao público. Nos finais de semana, a Banda do Lyra realiza serestas, onde os casais podem desfrutar dançando.

No caso da Fonte dos Macacos, ela alimenta o Balneário Mário Mourão e a fonte que está aberta na Praça dos Macacos, atraindo muitos moradores em seus hábitos matinais. A Praça está sempre tomada por idosos, que vão se banhar ali ou ao menos limpar uma ferida, lavar o rosto e as mãos. Nos finais de semana acontece, nessa Praça, a FEARPO, feira de artesanato de Poços de Caldas, atraindo muitos turistas.

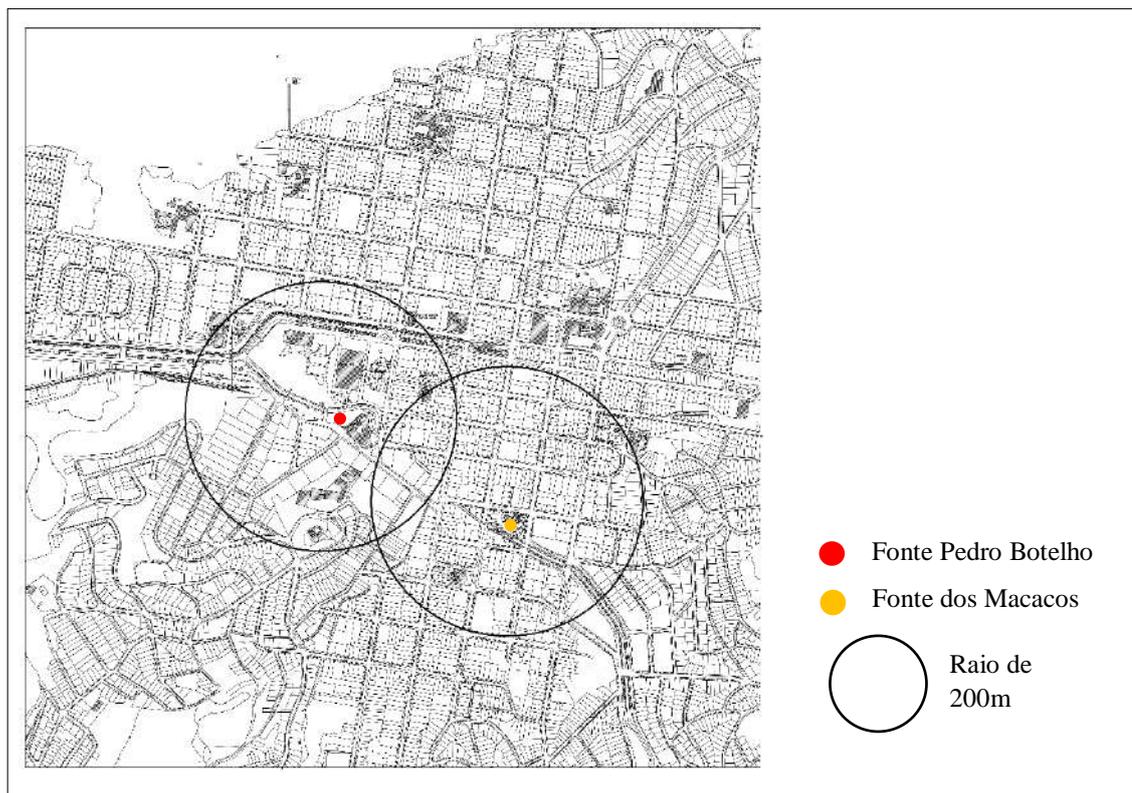
Se olharmos o simbolismo da água associado ao meio necessário à vida, todos esses lugares demonstram uma celebração com a música e a dança. O abastecimento de seus aquíferos foi protegido por um raio de 200m ao redor das fontes, impedindo edificações cujas fundações profundas poderiam afetar os lençóis subterrâneos. Mas os laudos periciais geológicos demonstram que as recargas vêm também pelas águas que penetram as fraturas geológicas, coincidindo estas com os percursos dos ribeirões. Se há uma proibição no perímetro de proteção e não há o mesmo cuidado com a proteção dos ribeirões permitindo-se fundações profundas, não teremos como saber se isto afetará as fontes no futuro. Algumas cidades europeias secaram suas águas em função da urbanização sem controle.

Figura 235. Imagens da Fonte do Leãozinho e da Fonte da Praça dos Macacos e Balneário dos Macacos.



Fonte: Acervo Esther Cervini

Figuras 236. Mapa com a Localização das Fontes Termiais Sulfurosas e raio de 200m de proteção ambiental.



Fonte: Mapa elaborado por Esther Cervini, 2018.

Figura 237. Vê-se também a Seresta na Fonte do Leãozinho e a FEARPO na Praça dos Macacos se realizando nos finais de semana.



Fonte: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=e8oJmZiVqws> Acesso 20/04/2020. E Fearpo disponível em <https://pocoscom.com/fearpo-expo-arte-e-pontos-turisticos-estao-fechados-como-medida-de-combate-ao-coronavirus/> . Acesso em: 07 abr. 2020.

4.8.2 Fontes e bicas d'água na cidade – o hábito de “ir pegar água”

Um hábito recorrente na cidade é a utilização de bicas, fontes e fontanários de água mineral. São vários pontos espalhados por toda a cidade e, mesmo em construções em bases de morros, afloram nascentes de água. Muitos edifícios que têm subsolos ou fundações profundas drenam suas águas para a rua. Algumas das fontes têm propriedades medicinais para doenças relacionadas ao trato digestivo, intestinal, insuficiência hepática e diabetes. E outras simplesmente água potável. Podemos citar alguns pontos principais como a bica localizada no início da estrada do Cristo, a bica na Fonte das Rosas, a Fonte Martinico Prado, ao lado do Palace Casino, o Fontanário Antônio Rubbo, em frente à Prefeitura Municipal, a Aqua Mineralis, na Fonte dos Amores e Fonte do Monjolinho.

Figura 238. Fontes no início Estrada do Cristo e na Avenida David Ottoni.



Fonte: Street View.

Figuras 239. Bicas e fontes de Poços de Caldas (Parque José Affonso Junqueira, Fonte dos Amores e Monjeinho), 2019.



Fonte: Acervo Esther Cervini.

5 A BUSCA DE UM LUGAR SULFUROSO

5.1 A desconstrução da polaridade *Genius Loci* e *Zeitgeist*

A partir do século XX, profundas alterações no modo de pensar, de ser e de viver das pessoas modificaram significativamente o espaço construído das cidades. O conceito de metrópole representou o paradigma por excelência da cidade moderna e com ela a visão que se desenvolveu no sentido da cidade. Nesse sentido a cidade deixou de ser um lugar da meditação e do abrigo sereno, para ser um conjunto de artefatos da técnica industrial.

O fim do século XX foi marcado por um período de incerteza e de crise da cidade, destacado por vários autores, dentre eles: Jacobson(1961), em *Morte e vida nas grandes cidades*; Rossi (1966), em *A arquitetura da cidade*; Argan (1992), em *História da arte como história da cidade*; e numa linha mais pós estruturalista: Tschumi (1980), em *Arquitetura e Limites*; Solà-Morales (2002), em *Territórios* e Clement (2004) em *Manifesto da Terceira Paisagem*, uma vez que nesse período se criticou muito a postura funcionalista e racionalista das cidades, em que antigas certezas políticas, econômicas, religiosas, artísticas e científicas puderam ser revisitadas.

Mas, a cidade se estabeleceu como “*coisa humana por excelência*” (LEVI-STRAUSS, 1966, p.93)²⁹ e, nesse sentido, a apropriação e produção coletiva do espaço construído e sua decorrente paisagem cultural se revelam de fundamental importância como referência espacial para o indivíduo. É na cidade que a vida acontece, sendo que nesse espaço privilegiado que cada ser humano se relaciona, interage e se expressa como sujeito (SANTOS 1998). A cidade ganha a concretude e a materialização das relações humanas que as sociedades foram estabelecendo.

As diversas formas urbanas que se desenvolveram no tempo, desde a *polis* grega à cidade contemporânea, podem ser vistas como a morada do indivíduo e, portanto, o seu lugar no mundo. Assim, entendemos a cidade como artefato do desejo humano, mas, também, como lugar em que se engendra o ser e, a partir daí, é possível se falar em identidade. Rossi (1982, p.62), em *A Arquitetura da Cidade* relacionou espaços que são mais individuais e os fatos urbanos, produto da coletividade. E continua:

²⁹ Trazendo o conceito que se pauta Lucia Leitão Santos para criar o vínculo entre cidade, cultura e psicanálise, em seu livro *Os movimentos desejantes da cidade: uma investigação sobre processos inconscientes na arquitetura da cidade* (1998, p. 13).

Acerca desse ponto, devo dizer ainda o seguinte: embora a divisão da cidade em esfera pública e esfera privada, elementos primários e área-residência, tenha sido várias vezes indicada e proposta, nunca teve a importância de primeiro plano que merece.

Ela é intimamente ligada à arquitetura da cidade, porque essa arquitetura é parte integrante do homem, é a sua construção. A arquitetura é a cena fixa das vicissitudes do homem, carregada de sentimento de gerações, de acontecimentos públicos, de tragédias privadas, de fatos novos e antigos. O elemento coletivo e o elemento privado, sociedade e indivíduo, contrapõem-se e confundem-se na cidade, que é feita de inúmeros pequenos seres que procuram uma acomodação e, junto com ela, formando um todo com ela, um seu pequeno ambiente mais adequado ao ambiente geral.

A percepção da cidade contemporânea passa, portanto, por filtros da teoria urbana de onde é possível destacar quatro grandes sistemas: o primeiro que considera a cidade como produto de sistemas funcionais (análise de sistemas políticos, sociais e econômicos), o que considera sua estrutura espacial (arquitetura e geografia), o que considera cidade como fato comunicacional (sistema de signos) e o último como visão ecossistêmica (relações de meio ambiente natural e construído). Gostaríamos de acrescentar um quinto sistema: que considera a cidade como mundo subjetivamente percebido.

Se com Rossi (1979), em sua *Autobiografia científica*, ele reitera que “[...] os lugares são mais fortes que as pessoas, o cenário, mais do que o acontecimento, sendo exclusivamente essa possibilidade de permanência o que torna a paisagem e as coisas construídas superiores às pessoas”; temos com Ghel (2013) justamente o oposto, a proposta de uma cidade para pessoas, que vai no sentido de humanização da arquitetura.

Conforme apresenta Montaner (2010), as múltiplas influências de Rossi na sábia e delicada tessitura cultural apontam para o poder da ideia de que toda obra arquitetônica e a cidade, com seu mecanismo de memória, compartilham de um pensamento analógico tal como propunha Carl J. Jung. Montaner também estabelece uma continuidade de Rossi com a tradição da crítica italiana, iniciada por Benedetto Croce e continuada por Antonio Gramsci, que insistindo no valor artístico do projeto arquitetônico, considerava sua arquitetura mesmo que este não se realizasse. Rossi também seguiu os passos E. N. Rogers num caminho pelo pensamento fenomenológico, ainda que a ênfase na tradição o tenha conduzido a posições mais acadêmicas. Estruturalismo e fenomenologia se alinham com perfis de um arquiteto-historiador, capaz de produzir uma “leitura criativa” da arquitetura e da cidade.

Mais recentemente, a proposta elaborada por Bernard Tschumi, de uma desconstrução da polaridade *Zeitgeist* e *genius loci*, ao fazer teorias sobre os limites da arquitetura, abre o entendimento para as transformações e permanências nas problematizações sobre o lugar. Nesse sentido, propomo-nos a analisar e discutir a produção prática da paisagem urbana de Poços de Caldas, abordando diferentes modos de diálogo com uma situação específica e, em especial, o entendimento da intervenção arquitetônica como uma interpretação, buscando entender o “conflito” entre paisagem cultural e verticalização, como possibilidade poética capaz de construir novos significados e suscitar a reflexão sobre o tema do valor do pré-existente.

Pontos de inflexão na historiografia da cidade se apresentam como momentos em que se registram marcas sígnicas, deixadas sob as várias camadas de leitura da paisagem urbana.

Mas o fato de estas marcas ancorarem a subjetividade humana, e como se materializam no espaço da cidade, demonstram que, se não analisarmos os aspectos da realidade mais individuais, particulares, irregulares e, por isso mesmo mais interessantes, acabaremos por constituir teorias tanto artificiais quanto inúteis. Fiel a esse tema, Aldo Rossi procurou estabelecer uma forma de análise que se prestava a uma avaliação qualitativa, cujo método era proporcionado pela teoria dos fatos urbanos aqui indicados, e pela identificação da cidade como artefato que foi construído durante várias gerações, formando uma paisagem específica dos momentos históricos e pela divisão da cidade em elementos primários e em área-residência. Comparativamente aos fatos urbanos, seria possível pensar na relação da cidade com sua paisagem cultural.

Nessa linha da linguagem urbana, Bernardo Secchi (2012) relata a ideia de que a cidade tem uma forma do palimpsesto, pois é formada de um depósito de signos. Essa imagem traz consigo uma ferramenta metafórica de análise da arquitetura e da cidade que é o procedimento de escavação, quando se busca os elementos mais antigos a partir dos mais novos que nos chegam em camadas, ou seja, a cidade tem um sentido arqueológico que implica a interpretação do arquiteto diante das condições de um sítio ou de um desenho desejante como conjunto de artefatos. Quando falamos de artefatos, os entendemos como objetos, e a paisagem como o espaço em que esses objetos se relacionam.

Mas a cidade apresenta uma poética da complexidade e conceitos tão claros como os aspectos tipológicos nos quais Rossi se baseia, fazendo uma leitura estruturalista, parecem ceder às investidas do capitalismo que, como moeda de troca, faz da cidade o cenário propício para o desmanche da memória e da cultura do lugar. Seria acreditar ingenuamente que os tipos resistiriam a estas práticas e ideologias políticas perversas que não respeitam a cidade como coisa humana e “lugar complexo” das relações humanas. (ZONNO, 2017).

Acrescentamos, a essa discussão, mais um conceito, o de paisagem como ambiente e, nessa concepção, a ideia de objetos fica para um momento secundário. O ambiente é na verdade a forma de ver a paisagem quando ela ainda não se constituiu de objetos.

A legibilidade do ambiente se faz no campo da subjetividade, anterior a constituição, no homem, de uma teoria dos desejos. O pensarmos aqui o urbanismo, coincide com uma posição em que o desenho da cidade não vem de uma projeção do mundo interno para o externo, mas da vivência efetiva e incorporada das pessoas com aquela paisagem. Cabe ao arquiteto trabalhar entre aquilo que é da subjetividade individual e o que são as representações do coletivo e da cultura. O arquiteto, em analogia à figura de um analista, registra as suas impressões corporais dos fenômenos ocasionados pelas relações com os indivíduos, compartilhando, pela linguagem arquitetônica, os signos e desenhos que vê surgir quando se mantém em silêncio. Esses desenhos se manifestam na interioridade do arquiteto-receptáculo, que os transformam em signo da cultura. Esse campo intermediário, em que o arquiteto oferece a imagem que o próprio sujeito cria, é aquela zona transicional a qual Winnicott define como área da ilusão, fundamental à vida psíquica das pessoas, a partir da qual ela pode criar o mundo.

5.2. Verticalização e Paisagem Cultural – desafios da contemporaneidade

Nunca algo foi tão próprio de um tempo como a verticalidade é expressão das conquistas do mundo globalizado. O sentido vertical na arquitetura esteve, no passado, associado ao eixo que representava a transcendência, constituía o eixo que representava a ligação do mundo terreno com o divino, o eixo do sagrado.

Vemos, nas paisagens urbanas das grandes cidades, um afloramento das mais variadas formas de torres na arquitetura contemporânea. A exemplo de Nova York,

Dubai, Pequim e outras cidades, competem com a altura de suas torres. Porém, não nos parece que essas torres se refiram ao campo do sagrado como as torres e cúpulas das igrejas e campanários. Então, estaríamos diante de uma mudança de eixo do sentido de acolhimento das cidades para o sentido fálico da arquitetura? Formas pontiagudas e verticais que colocam a humanidade como detentora do domínio visual sobre a paisagem, mas que ao mesmo tempo distanciam os moradores dos ambientes cotidianos e das outras pessoas? Jan Ghel, no seu filme *A Escala Humana*, apresenta os efeitos nocivos da verticalização e do isolamento na urbanização das cidades chinesas, trazendo a depressão, a ansiedade e o pânico como patologias da contemporaneidade.

O processo de verticalização em Poços de Caldas, iniciou-se em 1946, com a construção do primeiro edifício, o Bauxita, nas proximidades do Parque José Affonso Junqueira, como vemos abaixo. Muitos outros se seguiram, pois, durante as décadas de 1950 a 1980 não havia legislações específicas de preservação da paisagem e eram permitidas construções com até 13 ou 14 pavimentos na área central.

Figura 240. Thermas com edifício Bauxita. Primeiro edifício com 13 andares da cidade, 1946.



Fonte: Coleção particular de cartões postais antigos de Poços de Caldas. Acervo Antônio Carlos Rodrigues Lorette.

Após o tombamento do Complexo Hidrotermal e Hoteleiro a situação se alterou. Limitou-se o gabarito de altura ao correspondente das Thermas Antonio Carlos equivalente a 16m.

Mas nas últimas décadas, passou a existir um considerável investimento por parte do setor imobiliário e das construtoras em criar uma imagem de *marketing* de bem-estar e contemporaneidade a vários lançamentos de edifícios, na área central, e em setores especiais na cidade. Se imaginarmos que os apartamentos até então tinham áreas superiores a 100m²; respeitando um modo de vida tradicional focado na grande cozinha e cômodos espaçosos, vemos surgir agora apartamentos de fino acabamento, mas com dimensionamento muito pequeno, que estabelecem no programa áreas sociais, esportivas, piscinas e área gourmet na cobertura.

Figura 241 . Empreendimentos na Rua Expedicionários e na Rua Rio Grande do Sul, 2019.



Fonte: Disponível em: <https://www.bentogoncalvesimoveis.com.br/lancamentos/> .
Acesso em: 15 abr. 2020.

Trazem para si a privatização da vista e criam eles próprios barreiras visuais que vão obstruindo a mirada da Serra de São Domingos, desconfigurando a topografia natural e, às vezes, disputando na escala de intervenção a notoriedade com algum casarão antigo, como moeda de troca da preservação patrimonial. Também a presença da água serve de tema a estes empreendimentos imobiliários.

Figura 242. Imagem publicitária do empreendimento Acqua, localizado na Travessa de Santa Cruz, 2020.



Fonte: Disponível em <https://gramho.com/explore-hashtag/polloengenharia>. Acesso em: 10 abr. 2020.

O significado da paisagem se estabelece nesta confluência entre aspectos naturais dos recursos presentes num local e a forma como vão sendo apropriados pela sociedade. A importância da ambiência precisa ser pensada não apenas como manutenção das características arquitetônicas do conjunto, mas também como a preservação de um modo de vida local como paisagem termal. Em Poços de Caldas, o turismo vive desse significado.

Por mais que esse aspecto ambiental seja mencionado por geólogos e órgãos municipais e estaduais de patrimônio, a pressão dos investidores imobiliários se faz no sentido da liberação do gabarito de altura na área central, alegando ampliar o desfrute dos bens para maior número de pessoas.

Em 2001, a Companhia Mineradora de Minas Gerais (COMIG) apresentou documento demonstrando a vulnerabilidade da água termal e o impacto de edificações verticalizadas perto da área envoltória uma vez que as fundações profundas poderiam secar as fontes termais.

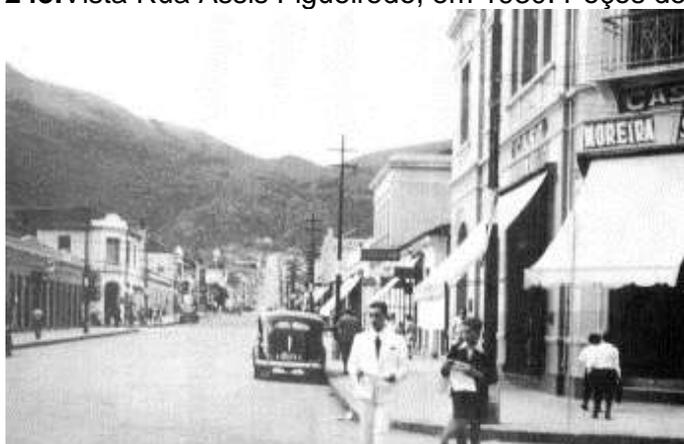
Para a área de turismo, em 1992, com a realização do Plano Diretor da cidade, foram recomendadas diretrizes de revitalização da área central, com critérios adotados no sentido de restabelecer-se a identidade do conjunto. A preservação estaria associada a um patrimônio voltado para a qualidade de vida e para a saúde.

Então, a questão que sugerimos está ligada ao significado que a paisagem termal terá nos dias de hoje. Para pensar o termalismo no presente, após um período

de decadência dos balneários por falta de cuidados com o patrimônio das águas, a partir dos anos 1989, grande parte dos balneários mineiros passaram por processos de tombamento, o que assegurou de certo modo a sua preservação, a exemplo de Araxá e São Lourenço.

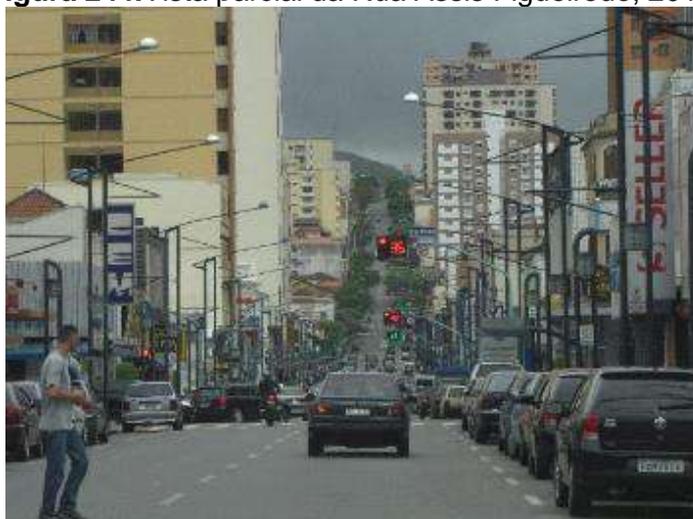
Mas, as tendências atuais acerca dos novos modelos de assentamento na área central, assim como em toda a cidade, não levam em consideração alguns aspectos essenciais da paisagem termal, no que se refere à urbanidade e à tradição tipológica. A verticalidade praticada na cidade estaria a serviço de uma demanda contemporânea por *status* social, de privatização da paisagem com sucateamento urbano das quadras, perda da escala humana e fechamento das fachadas antigas e comunicativas dos lotes com a cidade pela criação de condomínios e muros.

Figura 243. Vista Rua Assis Figueiredo, em 1930. Poços de Caldas.



Fonte: <http://www.memoriadepocos.com.br/2011/06/rua-assis-figueiredo.html>. Acesso em: 23 fev. 2020.

Figura 244. Vista parcial da Rua Assis Figueiredo, 2018.



Fonte: Acervo Esther Cervini.

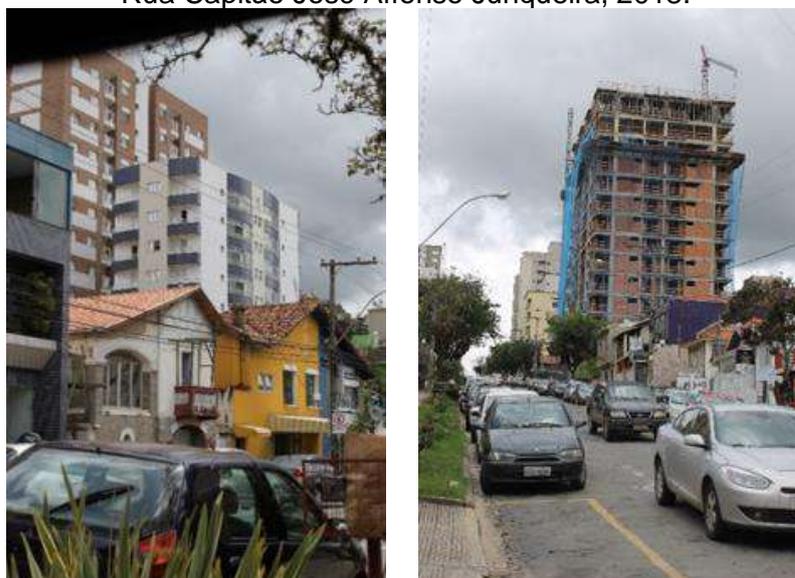
Figura 245. Verticalização pelo Programa Minha Casa Minha Vida nas áreas limítrofes ao perímetro do centro histórico em Poços de Caldas, 2018.



Fonte: Acervo Esther Cervini.

O respeito em relação à herança cultural e arquitetônica, uma vez destruído, também coloca em risco as relações sociais presentes, os locais específicos da memória e os pontos de referência de uma população que se ocupa por meio de práticas comerciais tradicionais. Abalando a vitalidade característica da memória viva, compromete-se a coesão social e as subjetividades típicas dos atributos do lugar.

Figuras 246. Verticalização na área central, Rua Rio Grande do Norte. Verticalização da Rua Capitão José Affonso Junqueira, 2018.



Fonte: Esther Cervini.

A verticalização corresponde a uma grande pressão externa conflitante ao sentido de manutenção do bem-estar e da qualidade de vida subjetivos, proporcionada pelo caráter termal desta paisagem. A luta entre o *zeitgeist* e o *genius*

loci se faz no presente. É inevitável o efeito da modernização, mas a paisagem termal ainda vive no espírito do lugar e na memória viva dos habitantes, essa memória ambiental, incorporada, que nomeia várias manifestações e grupos culturais, denominamos de *lugar sulfuroso*.

É possível pensarmos num urbanismo que acolha, com cuidado, este olhar sulfuroso para com o ambiente?

No intuito de abrir novas frentes de verticalização, limítrofes da área central, o zoneamento da cidade se modifica, se molda aos interesses da sociedade, ocupa áreas de recarga dos aquíferos que alimentam as fontes e bairros como a Cascatinha, Capitão Affonso Junqueira e São Benedito, com ruas estreitas que recebem os novos condomínios.

Figura 247. Macrozoneamento da área central, 2018.



Fonte: Mapa elaborado por Laura Lis.

Legenda do zoneamento na área central:

ZPE 1	CA = 1,5 TO = 70% Permeabilidade = 10% Altura = 9m	ZPE 3	CA = 3,0 TO = 80% Permeabilidade 10% Altura = 16m
ZPE 2	CA = 2,0 TO = 80% Permeabilidade = 10% Altura = 12m	ZAP	CA = 6,5 TO = 85% Permeabilidade = 10% Altura = 48m

No ano de 2018, foi apresentado à Câmara Municipal um projeto de Lei para a alteração da Lei 4.409 de 1988, que “Estabelece os graus de proteção aos bens imóveis que compõem o Patrimônio Histórico, Turístico e Artístico de Poços de Caldas” para estabelecer regras sobre intervenções em imóveis de grau de preservação P1, podendo o bem sofrer intervenções com vias de manutenção. Mas este projeto não foi aprovado.

Figura 248. Bens Inventariados na área central e graus de proteção do patrimônio.



Fonte: Mapa elaborado por Laura Lis.

Como podemos observar no mapa acima, a maioria dos bens inventariados se localiza na área central. A flexibilização do entorno envoltório, a mudança do uso de fórmulas e modelos de assentamento, a alteração de taxas de ocupação e coeficientes de aproveitamento não afetará, exclusivamente, o bem patrimonial e inventariado, mas poderá provocar a desestabilização histórica do processo natural de evolução da ocupação na área.

A paisagem cultural termal pode absorver modificações, desde que estas sejam pensadas e realizadas em uma perspectiva de pequenas intervenções assistidas pelo corpo técnico da prefeitura e municipais dedicados ao debate público nessa área de conhecimento.

Acreditamos que o objetivo seria, então, **preservar a memória viva**, da comunidade de comerciantes e dos pontos tradicionais da culinária e da hotelaria local tradicional, os quais representam os autênticos personagens e estabelecimentos que constituíram aquele sentimento de lugar e que estão sendo ameaçados pela pressão do mercado imobiliário.

As questões aqui brevemente pontuadas, baseiam-se na reflexão sobre como as intervenções poderiam valorizar os miolos de quadra e, simultaneamente, preservar esses valores sem descaracterizar a cultura tradicional do acolhimento e da hospitalidade.

Figura 249. Rua Prefeito Chagas em Poços de Caldas com os comércios tradicionais, 2018.



Fonte: Esther Cervini.

Para isso, propomos discutir instrumentos que atuariam em duas escalas de intervenção:

1. Da cidade, onde trataria do plano diretor e da adequação da lei de zoneamento e gabaritos de altura, pensando a preservação dos visuais e o adensamento adequado no centro histórico;
2. Do microespaço, respeitando as características pontuais da questão dos miolos de quadra e tipologia local.

Conceito de paisagem e sugestões para o planejamento integrado

- O território é concebido como um palimpsesto (SECCHI, 2012).

- Paisagem cultural como resultado do processo de trabalho do homem sobre o território.
- Não só a noção de patrimônio no sentido conservacionista, mas também a contribuição para pensá-lo como legado do esforço de uma comunidade, como lugar da memória e da herança cultural.
- Para a sustentabilidade ambiental, econômica e social de uma paisagem cultural, exige-se uma delicada abordagem, que contempla a criação de uma estrutura narrativa dos lugares, portanto necessita de novos métodos, instrumentos e esforço criativo e pedagógico para realização de planos urbanísticos renovados.
- As paisagens culturais podem, nesse sentido, assumir papel relevante porque são expressão da memória, da identidade de um território e estão preparadas para irem se enriquecendo sucessivamente.

Figura 250. Praça dos Macacos. Fontanário de água termal sulfurosa, 2018.



Fonte: Esther Cervini.

Além do aspecto individual, o espaço fornece sustentação para as vivências que, ao longo do tempo, constroem as memórias coletivas e dão coesão aos habitantes por meio do sentimento de pertencimento ao grupo, ao lugar, ao momento histórico.

A relação pessoa/sociedade/meio ambiente tem sempre uma dimensão da vivência e do simbolismo. Essa dimensão tem aparecido muito nas conceituações de

qualidade de vida, bem-estar social e comunidade, e também naquilo que se refere à percepção e valorização da paisagem.

Ela está diretamente ligada ao conceito de habitat, levando em conta que o gerador dessa paisagem são as comunidades inseridas nesses habitats e que ocupam aquele determinado espaço.

Porém, o que faz Poços de Caldas ter ainda certas qualidades urbanísticas, não dependeu somente de seu patrimônio arquitetônico ao longo da história, mas também da tênue relação entre espaço construído e espaço social, caracterizando aspectos peculiares da subjetividade da cidade e formando o sentido do lugar.

5.3 A cidade à escala dos olhos. Um *Holding Urbano*

Há outra forma de entender o sentido de lugar. Quando se relaciona o lugar à memória e ao patrimônio, geralmente se refere à herança de origem paterna. A própria palavra patrimônio constata essa etimologia. No entanto, por falta de uma palavra melhor, se considerarmos o patrimônio como uma herança ambiental, de provisão dos cuidados do ambiente, e não especificamente da obra exemplar edificada, estaremos dentro de uma abordagem de origem maternal, como muito bem pode nos apresentar o psicanalista Donald Winnicott em relação à pessoa.

O termo *holding*, num primeiro momento para o humano, é usado não apenas para o segurar físico de um bebê, mas a provisão ambiental total anterior ao conceito de *viver com*. Defendemos aqui a tese de que a valorização da autoestima de uma cidade, traz historicamente as marcas de como os indivíduos se relacionaram inicialmente com seus ambientes maternos, e com suas casas natais. A forma inconsciente que a cidade adquire é moldada por pelas subjetividades humanas, na relação primordial entre mãe e bebê, num estágio em que o lactante dependia da continuidade do cuidado materno.

Se o cuidado se estabelece, num estado de dependência, estado unitário, a pessoa adquire uma individualidade própria. Winnicott (1962) nos fala sobre a fase de *holding* como o momento em que se dá o despertar da inteligência e início da mente separadas da psique, a partir da qual as funções simbólicas podem ser estabelecidas, tornando-se a base dos sonhos e das relações humanas.

A expressão “viver com” implica nas relações objetais, das quais muito falou Freud, e consiste já num estágio posterior da dependência, em que é possível a

percepção como objetos externos e internos do indivíduo. Se o *holding* é suficientemente bom, o indivíduo deixa de perceber subjetivamente os objetos, para percebê-los objetivamente, introjetando os detalhes do cuidado materno e assim adquirindo confiança no meio.

Para Winnicott (1983), com o “cuidado que ele recebe de sua mãe”, cada lactante é capaz de ter uma existência pessoal, e assim começa a constituir o que pode ser chamado de *continuidade do ser*. Essa continuidade de ser possibilita ao indivíduo o próprio desenvolvimento do ego, que se estabelece por uma tendência à integração, conforme as etapas sugeridas pelo autor em *A integração do ego no desenvolvimento da criança* (1983, p. 58):

1. A tendência principal no processo maturacional está contida nos vários significados da palavra *integração*. A integração no tempo se acrescenta ao que poderia ser denominado de integração no espaço.
2. O ego se baseia em um ego corporal, mas só quando vai tudo bem é que a pessoa do bebê começa a ser relacionada com o corpo em suas funções, com a pele como membrana limitante. O uso da palavra *personalização* para descrever esse processo, já que o termo despersonalização parece no fundo significar a perda de uma união firme entre o ego e o corpo, inclusive impulsos e satisfações do id.
3. O ego *inicia as relações objetais*. Com cuidado materno suficientemente bom no início, o bebê não está sujeito a satisfações instintivas a não ser quando há participação do ego. Nesse aspecto, não há tanto uma questão de gratificar o bebê e de lhe permitir descobrir e se adaptar por si mesmo ao objeto (seio, mamadeira, leite, etc.).

Vemos que a psicanálise pode contribuir para uma interpretação livre dos processos sociais que acontecem nas formas de se organizar a cidade.

O capitalismo avançado e a globalização estão produzindo cenários de cidades e ambientes em que a continuidade do ser não acontece de modo integrativo, pois a cidade tem adoecido as pessoas, levando-as a vivenciar as angústias do tempo primitivo dos cuidados ambientais maternos. Mobilizadas pelo desejo e aspectos instintuais infantis, ao invés de ser, a resposta da pessoa é tornar-se uma personalidade que começa a se constituir baseada em reações a irritações do meio. O tráfego, a poluição, o descaso com os espaços públicos, a verticalidade das construções, a inexistência de contato físico e visual dos habitantes entre si e com os

espaços urbanos das grandes cidades podem ser consideradas falhas na provisão ambiental.

É interessante notar que alguns urbanistas como Jan Gehl, apontam que a dimensão humana da cidade tem sido um tópico negligenciado, esquecido e até progressivamente eliminado do planejamento urbano. Ele reapresenta Jane Jacobs que, em 1961, escreveu *Morte e Vida das Grandes Cidades* para falar dos entraves da ideologia do modernismo como ponto de partida de concepções urbanísticas. Hoje parece que é possível manter o aparato tecnológico, empresarial e mercadológico da cidade sem levar em consideração a vida individual dos seus habitantes.

Entendemos que em Poços de Caldas é possível observar o início desse processo de forma preocupante, uma vez que os objetivos iniciais da urbanização desta estância estavam voltados à manutenção da saúde em todos os seus níveis, físicos e simbólicos. Se do ponto de vista fenomenológico, a presença das águas termais se associa ao imaginário materno e feminino, como vimos no capítulo 3, do ponto de vista da paisagem cultural, a herança ambiental parece estar ameaçada com empreendimentos imobiliários, que não levam em consideração sua história primordial.

Mas, como forma de resistência, Poços de Caldas sobrevive ainda como poucas cidades a conservar certa nostalgia e com ela a escala humana da paisagem termal. A área central é extremamente rica de relações propiciadas pelos usos diversificados, pela mobilidade e sentidos humanos, que fornecem a base biológica das atividades, do comportamento e da comunicação, no espaço urbano.

Fruto dos paradigmas abordados nas sucessões das épocas, mas, sobretudo como modos de ver, a cidade da cura, a cidade do ócio e a cidade do bem-estar se sobrepõem, formando uma tessitura urbana marcada pela presença humana como ponto de convergência. A paisagem termal é construída na altura dos olhos. Os caminhos relacionados aos movimentos do corpo, as ruas com suas fachadas ativas e vitrines vistosas, as praças e parques que representam psicologicamente a permanência e se constituem como espaços de experiência, traduzem a possibilidade de existência de uma cidade para pedestres e com muita vitalidade.

Essa mesma configuração se nota nas áreas históricas que são a expansão da área central, como vimos no capítulo anterior, na Vila Cruz, ao longo da Avenida Champagnat, ou na Cascatinha, ao longo da Avenida Santo Antônio. Onde a escala humana e a memória estão presentes, a vitalidade urbana se destaca. O efeito da

permanência dos moradores do bairro, da tradição de alguns comércios e da vivência possibilitada pela cidade real se reverbera em projetos arquitetônicos para pessoas. Um exemplo disso, é que, na Vila Cruz, existem comerciantes que se estabelecem no mesmo local há 40 anos. E são referências para os moradores.

Esse aspecto desencadeia a socialidade de fato. Conhece-se o nome, a história das pessoas. Ao buscarmos um *lugar sulfuroso* na a cidade, estamos lidando com os espaços urbanos e as histórias de vida dos moradores nestes lugares. Talvez seja uma redundância dizer, mas estaríamos então, diante de uma verdadeira paisagem humanizada.

O olhar sulfuroso é um olhar de cuidado. Que procura estar em serenidade para que os vários lugares íntimos de seus habitantes encontrem espaço na cidade.

Figura 251. Vistas noturna e diurna da Avenida Champagnat, Poços de Caldas, 2019



Fonte: Esther Cervini.

Figura 252. Vistas da cascata e de hotéis na Avenida Santo Antônio, Cascatinha, Poços de Caldas, 2018.



Fonte: Esther Cervini.

A cidade ao nível dos olhos, como defende Jan Gehl, tem presente a luta pela qualidade que se dá na pequena escala, ou na dimensão cotidiana, dos cuidados, são boas para caminhar, são boas para permanecer, são boas para encontrar pessoas, são lugares para auto expressão, jogos e atividades físicas, são bons lugares e tem ótima escala, tem confortabilidade urbana ao nível dos olhos, são cidades com beleza e capazes de produzir boas experiências.

Figuras 253. Rua Viva – Dia Mundial sem Carro. Evento da Trama – Ação Urbana em parceria com a Prefeitura Municipal, 2018.



Fonte: Disponível em: <http://www.pocosja.com.br/divirta-se/2018/09/20/rua-viva-sabado-e-dia-sem-carro-mas-de-muita-diversao-e-cidadania/>. Acesso em: 16 abr. 2020.

Figuras 254. Trilha Passeio Ciclístico Poços de Caldas – Santa Rita de Caldas, 2018.



Fonte: Disponível em: <http://www.pocosja.com.br/esporteebemestar/2018/05/16/passeio-ciclistico-pocos-santa-rita-acontece-no-domingo/>. Acesso em: 16 abr. 2020.

Assim, para Gehl seria necessário pensar as cidades a partir da ordem: Vida, Espaço, Edifícios. O maior patrimônio seriam as próprias pessoas, e os edifícios que existem, o envoltório, para que reestabeleça a saúde, a comunicação, a vitalidade. Poços de Caldas contém estes elementos em potencial. Apresenta os locais de encontro e eventos, lugares para o esporte e atividades físicas, os lugares da memória. Só é necessário expandir esses conceitos para os vários bairros, levando-nos a questionar os modelos de verticalização que não estabelecem platôs ou

patamares de contato ao nível dos olhos, tanto nas áreas limítrofes ao centro quanto nas diversas regiões.

Figura 255. Entorno da Praça Pedro Sanches, 2018. Qualidade de espaços para caminhar.



Fonte: Esther Cervini.

5.4 Cidade-Evento/Lugar-Evento

Levando em consideração a abordagem da Escola de Barcelona, desenvolvida por Sabaté Bel (2011), podemos dizer que paisagem cultural é um registro do homem sobre o território; uma espécie de texto que se pode escrever e interpretar; entendendo o território como uma construção humana. Definimos paisagem cultural como um âmbito geográfico associado a um evento, a uma atividade ou a um personagem histórico, que contém valores estéticos e culturais. Dizendo de maneira mais simples e bela, a paisagem cultural é a marca do trabalho sobre o território, um memorial ao trabalhador desconhecido.

Podemos considerar superada aquela visão tradicional do patrimônio que se limitava a monumentos ou a elementos ilhados no território. Hoje reconhecemos cidade e território como patrimônio, defendendo uma visão mais ampla e integrada dos valores patrimoniais. Ao invés de se dar ênfase para a sua proteção, deveríamos dar seu respectivo valor. A cidade incorporada é um reconhecimento da paisagem viva. Podemos vincular os recursos naturais e culturais ao território, passando da proteção à sua valorização. Assim, após a análise de centenas de propostas ao longo

de quinze anos, Sabaté e sua equipe chegaram a 11 pontos a serem considerados. Passamos a transcrevê-los:

1. A primeira é que os moradores são os principais recursos de um território. São essenciais em seu futuro, por seus conhecimentos e por seu entusiasmo, uma vez que reconhecem o valor do patrimônio acumulado. Também são os principais interessados em valorizar seu patrimônio, em mantê-lo e adequá-lo. As melhores iniciativas assim os reconhecem e os incorporam em seu projeto e promoção. O mais importante em todo projeto é reforçar a autoestima dos residentes. Os visitantes, museus e inversões ocorrerem na sequência.
2. Mas as lembranças também são recursos básicos. Os vestígios de outras gerações, a memória coletiva e as tradições de uma comunidade desaparecem com o tempo. E são tão importantes, ou inclusive mais, que seus monumentos.
3. As experiências de maior interesse surgem da base, são impulsionadas por agentes locais, amantes de um território onde reclamam um justo equilíbrio entre preservação e atualização. Os melhores projetos se caracterizam por crescer de baixo para cima. Acaba sendo difícil assegurar o êxito onde não há recursos humanos locais dispostos a desempenhar um papel relevante.
4. As propostas analisadas sempre apresentam uma estrutura física com notáveis similitudes. Em todos os casos reconhecemos os mesmos componentes: âmbito e sub-âmbitos; recursos patrimoniais e serviços; portas, acessos, centros de interpretação e museus; caminhos que vinculam todo o anterior e limites visuais ou administrativos. Se falamos de áreas, marcos, nódulos, itinerários e bordas, recordamos dos 5 elementos básicos da síntese de Lynch (1960) em seu livro "The image of city" e esta similitude nos permite aplicar em seu desenho ricas analogias.
5. Aprendemos outras lições, que os percursos devem ser desenhados para a velocidade que permita observar adequadamente a paisagem, e, sendo possível, com os meios de locomoção característicos do momento de sua construção.
6. Que em todas as intervenções é interessante narrar uma história, definindo um âmbito coerente e um claro fio condutor.
7. Que em toda paisagem cultural, em todo território carregado de recursos, e por isso muito delicado, um requisito absolutamente imprescindível é a existência de um projeto. Um projeto em significado mais amplo e ambicioso, um modelo esperançoso, consensual e compartilhado.
8. Também comprovamos que é preciso definir com clareza os objetivos básicos de toda intervenção.
9. As iniciativas mais relevantes frequentemente integram diferentes funções de uma só vez: preservação e atualização do patrimônio, educação, difusão e muito fundamentalmente impulso ao desenvolvimento econômico.
10. A rica complexidade das paisagens culturais exige um novo marco conceitual e novos métodos e instrumentos. Reivindica um certo esforço criativo, porque não podemos intervir desde o edifício teórico, o marco administrativo ou os instrumentos do planejamento tradicional. Na análise dos mais significativos projetos em paisagens culturais podemos destacar uma conclusão: A gestão inteligente dos recursos patrimoniais supõe um dos fatores-chaves para seu desenvolvimento, porque atrai turismo e inversões, gera atividades e postos de trabalho, mas muito fundamentalmente, porque reforça a autoestima da comunidade.
11. Começa a existir uma certa experiência de planos e projetos territoriais baseados no patrimônio. Algumas das iniciativas mais recentes e bem-sucedidas de ordenação territorial evidenciam o interesse desta nova aproximação. A eclosão de parques patrimoniais de carácter cultural ou natural mostram a transcendência desta exploração, assim como os desafios de uma experiência ainda incipiente. Todos eles contemplam algumas

premissas: identificar recursos de interesse e oferecer uma interpretação estruturada e atrativa dos mesmos, narrar uma história capaz de atrair visitas e inversões, de descobrir oportunidades de atividade e áreas de projeto, de situar o território em condições de iniciar um novo desenvolvimento. Os projetos de parques patrimoniais que temos analisado, ou onde temos intervindo, tendem em geral, a cobrir uma série de estágios sucessivos comuns. (SABATÉ BEL *apud* SOUZA e SABATÉ BEL, 2017, p. 252-253).

Esses aspectos são fundamentais para desenvolvermos qualquer projeto urbano, ou revisão de diretrizes urbanísticas focadas na memória do lugar. O poder público e os construtores da cidade de Poços de Caldas ainda carecem dessa visão, pois está fundamentada na ideia da preservação e não em ações que visam à dinamização da paisagem dentro da tradição do lugar. No intuito de “modernizar”, esquecem e apagam a verdade de sua história e herança, como potencial que poderia, justamente, nortear as ações. Poços de Caldas tem uma escala em que ainda é possível se resgatar e conhecer a especificidade de cada sítio compartilhado com seus moradores. Com este estudo, buscamos contribuir na tessitura de um movimento alinhavado nessa direção.

Toda a busca por um *lugar sulfuroso* é na verdade um encontro. Pensar na paisagem como um lugar/evento para Poços de Caldas simboliza encontrar sua perspectiva poética. A poética seria uma dimensão humana comum a todos os homens, na qual a pessoa transcende a própria história e o próprio tempo. Seria o “instante consagrado” de que Octavio Paz fala (*apud* Gonçalves, 2007, p.39), onde o *pathos* se encontra com a figuração: “faz-se homem ao fazer-se poeta, e assim, recuperar em si, naquele instante, a humanidade de todos os homens”. O tempo (Gonçalves, 2007) é conduzido pelo objeto estético, capturado na obra estética, quer dizer, a captura poética é involuntária. A cidade-poética é uma invenção.

Para o potencial da paisagem se ofertar como espaço de humanização, este depende da apreensão sensível. Cada elemento arquitetônico da cidade representa um elemento poético que faz ancoragem material no espaço, porque a poética se estrutura por intermédio da experiência com o objeto poético e este é sempre evocativo. A poética perpassa as fronteiras da determinação do sujeito e no instante poético há a transformação do sujeito. Ele recria a si ao recriar concretamente o seu mundo. O sujeito se expressa e se revela no objeto poético.

Com as transformações ocorridas durante os séculos XX e XXI, a área central de Poços de Caldas continua a preservar a aura do pitoresco e romantismo, mas também vem ocupar o lugar da experiência. O Parque José Affonso Junqueira, por

exemplo, torna-se palco de eventos e manifestações públicas de diversos grupos da cidade, desde o hip-hop dos jovens até as atuais manifestações e ocupações políticas, por grupos de ativistas na cidade.

Como observa Matthes (2005, p. 22) essas seriam intervenções e organizações de uma estrutura urbana pensada para se constituir um espaço público coletivo.

A produção de um espaço social, construído com uma intenção que resultou numa dinâmica social com fluxos até hoje muito intensos. Um espaço que se construiu ao redor de equipamentos públicos de saúde, de serviços e de lazer, e que se configurou em espaços de contemplação, onde o desenho urbano sempre teve papel marcante e estruturador de um cenário para a promoção e convívio sociais.

Figuras 256. Palace Hotel e Parque José Affonso Junqueira no espetáculo Sinfonia das Águas, 2016.



Fonte:

https://www.google.com.br/search?q=sinfonia+das+%C3%A1guas&biw=1366&bih=673&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwilqciHndfPAhWIEpAKHd_2CgEQ_AUIBygC#imgrc=wQAXCnImQ0vmZM%3A. Acesso em: 10 nov. 2016. E disponível em <https://quiaturisticopocosdecaldas.wordpress.com/2016/02/16/sinfonia-das-aguas-2016-pocos-de-caldas/#jp-carousel-8> . Acesso em: 07 jul. 2020.

Não há como negar a incorporação de novos paradigmas à análise das condições de vida e do desenvolvimento no momento atual. A intersubjetividade como o mais novo paradigma da Ciência, (Habermas *apud* Gonçalves, 2007) contribui para os processos simultâneos do conhecimento do mundo e a auto subjetivação humana pela razão comunicativa.

A transmissão dos significados da cidade se faz pela consolidação da identidade na área central e se engendra pela intersubjetividade, capaz de ser acessada pela memória dos lugares.

Figura 257. A Charanga dos Artistas, Carnaval de 2020.



Fonte: Disponível em: <https://www.jornaldacidade1.com.br/prefeitura-divulga-programacao-do-carnaval-2020-em-pocos/> . Acesso em: 20 abr. 2020.

Figura 258. Encontro do Carro Antigo, 2014.



Fonte: Disponível em: <https://jornaldocarro.estadao.com.br/carros/pocos-de-caldas-vira-a-cidade-do-dkw/> . Acesso em: 20 abr. /2020.

O espaço não é, portanto, apenas uma localização físico-geográfica, é também sociocultural e simbólico. A flexibilidade está relacionada a esse espaço potencial, uma vez que a qualidade de sustentar a subjetividade de seus habitantes proporciona a relação dos lugares com a vivência. Assim o espaço pode tornar-se produtor de novos significados.

Figura 259. Instalação do coletivo Trama Ação Urbana na Praça Pedro Sanches, 2016.



Fonte: <https://www.facebook.com/tramaacaourbana/photos/pb.307514239415313.-2207520000.1476344338./673699652796768/?type=3&theater>. Acesso em: 10 nov. 2016.

Figura 260. Um uso cotidiano do Parque José Affonso Junqueira, 2016.



Fonte: Esther Cervini.

CONCLUSÃO

O arquiteto-urbanista: um cuidador de paisagens

Em 1970, Winnicott proferia uma palestra aos médicos e enfermeiros, na Igreja de São Lucas, em Hatfield com o tema “A cura”. Essa palavra tem raízes etimológicas e tem história. O autor nos fala da experiência interior da religião e da experiência das relações exteriores da medicina. Nesse sentido, a palavra “cura” estaria entre a prática religiosa e a médica.

Poços de Caldas como lugar de cura esteve sob essas duas visões, o da água com propriedades milagrosas e as águas do ponto de vista científico, território dos médicos. Por vezes a cidade foi crescendo em significações simbólicas, em outros momentos, quando as águas passaram ao domínio da medicina, também o urbanismo se fez pela visão científica do sanitarismo. Essas duas imagens convivem na cidade. A paisagem simbólica pertence à população que soube criar em sua cultura, para além das águas físicas, um repertório enorme de mundos espirituais, águas simbólicas profundas, vindas do subsolo inconsciente da coletividade com suas festas, rezas, eventos, reisados, congadas e nesse tempo de espera buscam o milagre. Nas praças da cidade esperam a cura dançando. Esperam a cura jogando. Esperam a cura nos cafés. Esperam a cura nas igrejas.

Há a paisagem dos que preferem inventar uma cura, um remédio. E na contemporaneidade esta tem sido a forma preferida. São várias construções que emanam o domínio sobre a paisagem de cura. A cidade se verticaliza porque os negócios imobiliários negam o ócio da vida criativa e os edifícios abrigam a solidão e a depressão em apartamentos minúsculos.

Foi por volta de 1700, que a palavra cura começou a degenerar, passando a designar um tratamento médico, a cura pela água. No século seguinte, cura começou a se referir a um desfecho bem-sucedido, em que se restaura a saúde do paciente, em que a doença é destruída e o espírito mal exorcizado.

Hoje, a prática médica que age no sentido do tratamento bem-sucedido da erradicação da doença e sua causa se sobrepõe ao cuidado. Há uma batalha para impedir que esses dois lados entrem em contato. O do especialista que se vê com problemas de diagnóstico e o do cuidador, que num extremo pode ser visto como um assistente social.

Se trouxermos essas imagens para o campo da arquitetura e urbanismo, teremos o tema da *confiabilidade versus dependência*, como descreve Winnicott (1990), para os médicos, aqueles que agem por si próprios e aqueles que agem para a sociedade.

Nesse sentido, entendemos o arquiteto como aquele que age para a sociedade, como um cuidador de paisagens. Quando este cuida de uma paisagem ele está cuidando das edificações, mas com pessoas que nelas habitam, cuidam dos desejos, dos sofrimentos, dos fazeres. O cuidado implica numa resposta à necessidade pela adaptação, preocupação ou cura.

Em termos da metáfora sugerida por este trabalho às demais cidades, a apresentação da paisagem cultural de Poços de Caldas caminha para um urbano em que ao se cuidar de um lugar estaremos cuidando também da doença social, o “cuidar-curar” pode ser mais importante para o mundo do que a “cura-tratamento”, pois estes últimos vêm de diagnósticos que geralmente acompanham uma abordagem científica. Muito se herdou no urbanismo da linguagem médica, e os estudos, planos e intervenções são realizados mediante a diagnósticos urbanos, no sentido de se encontrar o melhor desenho ou solução.

Mas a posição do arquiteto-urbanista como cuidador de paisagens implica um novo sentido, o de “segurar” ou “sustentar”. O arquiteto é aquele que pode tecer paisagens entremeadas de afeto, de memória e de construção. E dentro dessa natureza cultural, propor paisagens que contêm uma infinita gama de temporalidades. Teríamos, assim, três maneiras de entendermos o tempo, com as quais o arquiteto-urbanista pode atuar na perspectiva proposta para o conceito de *holding* urbano:

- O tempo cronológico e linear que caracteriza os processos históricos. Nesse tempo estão as grandes estruturas de paisagem se formando, na sucessão das atividades econômicas, capazes de estabelecer o vínculo com os modos de apropriação dos recursos naturais. Geralmente, os planos diretores da cidade se estabeleceram nessa sucessão de tempo, no sentido de uma atualização de demandas.
- O tempo que simboliza o instante presente, o momento oportuno e do encontro está representado pela singularidade dos lugares, no sentido de cada intervenção na cidade, na escala micro corresponde aos elos de subjetividade que o indivíduo ou a sociedade estabelece no espaço vivido. Trata-se de uma espécie de *timing*, o cálculo do tempo oportuno para sua

realização, o *tuning*, ou seja, um sentido de afinação, sintonia e reciprocidade simbólica entre as pessoas e seus espaços repletos de memórias e afetos e também o *setting* que é o tempo de colocação dos fatos de memórias em cena para sua ressignificação. Algumas metodologias atuais na área de projetos urbanos fazem uma consulta à população não mais por representatividade política, mas pelas individualidades expressas no sentido de que cidade desejamos. Neste tempo presente estariam os projetos pontuais na cidade que possibilitariam vivências especiais à população.

- O terceiro tempo é em suspenso e reclama nossa entrega e rendição, a admissão de nossa finitude. É o tempo que tem o sentido impreciso entre imanência e transcendência. A busca por uma paisagem termal está na essência da cidade de Poços de Caldas. Por seu significado originário, deveria ser aquilo que permite aos seus cidadãos poder tocar suas águas, e é justamente esse gesto que traduz a configuração que nomeia este lugar.

A pergunta fenomenológica que nos conduziu ao longo da pesquisa, representada pela imagem do *habitar na caldeira vulcânica*, é uma questão relacionada à própria existência dos sujeitos identificados com a cidade, ao poder dessa paisagem sulfurosa, poços de caldas, enquanto configuração geológica, representar um lugar em que se acresce ao espaço físico os valores subjetivos de profunda interioridade da alma humana, simbolizada pela água no inconsciente de cada cidadão.

A maior contribuição deste trabalho consiste em deixar transparecer esta relação entre subjetividade e lugar no campo urbanístico, e como ele pode servir de ferramenta que conduza a um olhar mais humano dos processos de construção do espaço. Não devemos adaptar nossas cidades aos instrumentos urbanísticos que são resultado de discursos políticos ou ideológicos, mas como o urbanismo pode se debruçar para o particular de cada cidade, para o *self urbano* que cada cidade contém.

Ao estudarmos a cidade de Poços de Caldas pelo conceito de paisagem cultural, concluímos que ela representa as formas coletivas das subjetividades. E, nesse sentido, para além de uma paisagem das águas, há toda uma gama de novas paisagens se engendrando na cidade. Se a área central é o reservatório desse *self urbano*, cada cidade desenvolve uma personalidade própria, e manifesta a forma como se constitui a identidade do lugar.

No caso de Poços de Caldas, exigiu da pesquisa o desenvolvimento de um afeto específico ao *lugar sulfuroso*, e as hipóteses aqui apresentadas seriam formas de reconhecimento do modo de apropriação cultural da herança que já estava ali, e precisava ser iluminada. A cidade tem a construção de uma paisagem que é fruto da experiência cultural com as águas, seja na forma urbana estruturada da área central, seja pelas manifestações das artes, dos mitos locais, da religiosidade das pessoas, ou através das paisagens espontâneas dos bairros que crescem ao longo dos ribeirões.

As cidades são expressão de nossa experiência cultural, e como nos fala Winnicott (1999), “não se localiza na realidade psíquica interna, pois não é um sonho e é parte da realidade compartilhada. Ela não é também, só fruto dos relacionamentos exteriores, objetivos, pois é dominada pelo sonho e imaginabilidade”.

A experiência humana aparece na forma de toda a cultura acumulada nos últimos dez mil anos. Ela é produto da saúde. Se localiza e se inicia no espaço potencial. A cidade e a paisagem cultural devem conduzir as pessoas a sentimentos de se *estar vivo* e, assim, proporcionar o lugar necessário à criatividade. Esse lugar pertence à área dos fenômenos transicionais. Daí a importância de se estudar a cidade pela perspectiva da paisagem.

A ideia de palimpsesto trazida para o início de nossa pesquisa, segundo a qual as paisagens conteriam os signos inscritos e apagados das ações humanas sobre o território, versam sobre a temporalidade cronológica dos testemunhos históricos, segundo os quais são edificados os patrimônios.

Mas, ao trazer a temporalidade do instante oportuno, podemos ver que os lugares celebram encontros, e estes indelévels não deixam marcas como os signos construídos. Manifestam-se nos cuidados do homem para com a paisagem, no sentido da humanização da cidade. As relações simbólicas decorrentes do encontro, do momento oportuno, traduzem a cidade-evento. Essa cidade pode ser fruto da experiência dos lugares, da vivência e da cidade incorporada, resultado da apreensão fenomenológica.

Na psicanálise, pode-se falar do entrelaçamento de três registros: imaginário, real e simbólico. Eles foram amplamente estudados na teoria lacaniana introduzida pelo autor, em 1953, apropriando-se do modelo da linguística. A palavra registro, utilizada por Lacan, refere-se ao fato de registrar, anotar, gravar, inscrever.

Poderíamos dizer de um sistema de notação que armazena no inconsciente perpétuo da humanidade as questões de cada dia.

São diversas as questões sobre a metodologia de aplicação, mas este trabalho indica alguns caminhos possíveis para o aperfeiçoamento dessa nova ferramenta de preservação histórica e cultural alicerçada na experiência da cidade. Acreditamos, por isso, que a tese proposta proporcionará o aperfeiçoamento da preservação da identidade cultural e, principalmente, de uma paisagem cultural de Poços de Caldas, que englobe tanto a sua compreensão na perspectiva teórica geográfica, urbanística e subjetiva, como em sua perspectiva de aplicação pelos órgãos de preservação histórica e cultural, possibilitando o reconhecimento de muitas paisagens como patrimônio cultural e atendendo também aos interesses da população residente.

A gestão acertada dos recursos patrimoniais supõe em diversos territórios um dos fatores chave para seu desenvolvimento econômico, pois atrai turismo, gera atividades e postos de trabalho, mas, fundamentalmente, porque reforça a autoestima da comunidade, na expressão de Lineu Castello (2003), da sustentabilidade da subjetividade. Nessa perspectiva, Sabaté Bel (2006) sugere que em cada território se planeje uma determinada interpretação, geralmente muito específica, aquela que resulta mais coerente com os recursos disponíveis. Nos parques patrimoniais, faz-se imprescindível explicar uma história. Essas histórias devem se ajustar a um período temporal vinculado estritamente a um tema. Para reforçar a imagem de cada lugar, é necessário destacar sua identidade, pois muitas das percepções dos habitantes e visitantes se baseiam em experiências.

Referente à humanização na área do urbanismo, o conceito de integração envolveria as noções de ambiência e seguem primordialmente três eixos:

- O espaço que visa à confortabilidade focada na coletividade e individualidade dos sujeitos envolvidos, valorizando elementos do ambiente que interagem com as pessoas – cor, cheiro, som, iluminação, morfologia...–, e garantindo o conforto dos habitantes.
- O espaço que possibilita a produção de subjetividades – encontro de sujeitos – por meio da ação e reflexão sobre os processos urbanos.
- O espaço usado como ferramenta facilitadora do processo de socialidade, favorecendo a otimização de recursos, a disposição humanizada, acolhedora e resolutive.

É importante ressaltar que esses três eixos devem estar sempre juntos na composição de uma ambiência, sendo esta subdivisão apenas didática. Destacamos algumas recomendações com as quais concluímos o trabalho, no sentido de direcionar ações para o poder público, a sociedade e futuros estudos da paisagem cultural em Poços de Caldas:

1. A sustentabilidade da subjetividade é conquistada com o reforço da autoestima dos habitantes. A divulgação da história da cidade de modo sistematizado, com seus vários atores, com o fortalecimento do sentimento de identidade é o ponto de partida. Programas de educação ambiental para a cidade e educação patrimonial podem fazer dos moradores os principais recursos de um território. Para se construir um sentido de confiabilidade no futuro, de lastro de memória, e incentivo sobre o reconhecimento do valor desta herança partilhada das águas. Os habitantes são os maiores beneficiários da transformação e projetos de manutenção e adequação do patrimônio às sucessões. Cabe ressaltar que o turismo tem muito a ganhar, e museus e investimentos em bens degradados são consequências esperadas para a cidade.
2. As lembranças devem ser recursos amplamente utilizados em programas intergeracionais, sendo até mais importantes que os monumentos, pois fazem parte da transmissão oral da história do lugar e, carregadas de afeto, cativam a memória dos mais jovens. As reedições das memórias coletivas passam pelas diversas formas de narrativas que possibilitam utilizar da literatura, das artes, do cinema, das mídias. O poder público e empresas poderiam ser beneficiados com programas de incentivo à produção cultural local.
3. A criação de experiências que possibilitem o surgimento de agentes locais, nos mais variados âmbitos (políticos, educacionais, empresariais, comerciais) que desejem um justo equilíbrio entre a preservação e a atualização das paisagens, e que sejam “amantes do território” ou de temáticas significativas das paisagens e culturas locais. Os recursos humanos são a base para qualquer tipo de mentalidade empreendedora no campo da preservação para que possam desempenhar papel relevante. Em Poços de Caldas, encontramos temáticas como as águas, o ambiente natural, os recursos minerais, a cafeicultura, a recente cultura das olivas, o

artesanato mineiro, a gastronomia, a hotelaria e hospedagem, eventos diversos, entre outros com imagem positiva. Tratamos de trabalhar com as potencialidades.

4. Criação de projetos urbanos de microescala, baseados nas singularidades geomorfológicas das áreas, nas singularidades históricas dos sítios, nas singularidades dos agentes envolvidos, possibilitando uma gestão baseada na mediação de conflitos, uma vez que são justamente nas singularidades que estão depositados os valores e vestígios simbólicos da cultura. Muitas vezes, legislações baseadas nos direitos abrangentes e extensivos desconsideram a paisagem que se pretende preservar.
5. Introduzir aspectos de imaginabilidade e leitura urbana nos procedimentos antecedentes à realização de planos, de modo a reconhecer os recursos patrimoniais, os limites visuais da qualidade de paisagem e os recursos administrativos para sua gestão. A partir dessas leituras, realizar projetos pontuais que, por sua força do significado, sejam capazes de ativar campos simbólicos na população, reestruturações ou consolidações de áreas.
6. Criação de percursos históricos que construam uma rede de orientação clara tanto espacial quanto temporalmente. O trabalho do poder público com os profissionais relacionados à construção, arquitetos e engenheiros é fundamental para o entendimento da forma de atuação que respeite a paisagem.
7. Para que se constitua uma paisagem cultural é necessária a existência de um plano mais amplo e consensual com respeito à qualidade estética e ética da cidade. Cabe ao poder público e à sociedade engendrar formas compartilhadas para a intervenção na cidade, para que elas possam narrar uma história como fio condutor. Deve-se estabelecer com clareza os objetivos de toda a intervenção.
8. Às vezes, as intervenções devem ter o papel de sustentar polaridade, ou diversidades, principalmente quando envolve espaços de culturas alternativas, mais suscetíveis às demandas de mercado.
9. Valorizar as iniciativas que simultaneamente conseguem fazer a preservação e a atualização do patrimônio, educação e difusão por seu potencial de resignificação, e sobretudo pela sua capacidade de desenvolvimento econômico.

10. É necessária uma aliança entre poder público e universidades no sentido de estudarem novas metodologias e instrumentos específicos para que, com esforço criativo tragam contribuições para uma gestão inteligente dos recursos patrimoniais, aliados ao desenvolvimento do turismo e dos aspectos humanos.
11. Poços de Caldas exhibe uma grande gama de locais potenciais para parques patrimoniais e naturais. Algumas experiências mais recentes têm comprovado o interesse dessa nova aproximação. Na cidade, ainda se trata questões do ambiente somente com instrumentos tradicionais de controle de índices edificatórios e zoneamento urbano. Pensamos que o uso do ordenamento territorial, o planejamento da paisagem, o desenho urbano, são todas ferramentas para a arquitetura das paisagens, mas acrescidas de seu componente humano. Pensamos as intervenções em estágios sucessivos, procurando descobrir as oportunidades de atividades e projetos de cada área.

E ao final, nos cabe ressaltar que cada edificação, com seus tempos e lugares na paisagem são vozes que falam à coletividade. A cidade contemporânea, em seu *zeitgeist*, tem produzido espacialidades que caminham para a verticalização, para o apagamento da memória pelas frequentes demolições de edifícios que contam a história da paisagem termal. Devemos entender esses fenômenos também. Mas, acreditamos ser possível a manutenção do gênio do lugar habitado e frequentado pela população, enquanto pudermos fazer esta escuta urbana e, de modo novo, fazê-la transparecer nos desenhos futuros da cidade.

REFERÊNCIAS

- ABREU, A. Significados semânticos da paisagem: paisagínario, paisageria, paisagelogia. *In: Revista do Departamento de Geografia*, São Paulo, v. 33, p. 144-156, 2017.
- ALIATA, F.; SILVESTRI, G. **A paisagem como cifra de harmonia: relações entre cultura e natureza através do olhar paisagístico**. Tradução. CHIESA, Paulo. Curitiba: Editora UFPR, 2008.
- ALMEIDA, M. G. Aportes teóricos e os percursos epistemológicos da geografia cultural. **Geonordeste**, Goiânia, Ano XIX, n. 1, p. 33-54, 2008a. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/geonordeste/article/view/2475>. Acesso em: 14 mai. 2011.
- ALMEIDA, M. G. Diversidades paisagísticas e identidades territoriais e culturais no Brasil sertanejo. p.47-74. *In: ALMEIDA, M. G.; CHAVEIRO, E. F.; BRAGA, H. C. (org.) Geografia e cultura: a vida dos lugares e os lugares da vida*. Goiânia: Ed. Vieira, 2008b, p. 47-74.
- ANDRADE, A. C. **Paisagem e Qualidade de Vida em Localidades Turísticas: o caso de Poços de Caldas, Minas Gerais, Brasil**. 2005. 202f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2005.
- ANDRADE, A. C.; OLIVEIRA, T. A. O crescimento populacional em um centro receptor de turistas e a percepção de seus moradores: a situação de Poços de Caldas (MG). **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v. 23, n. 40, p. 48-66, 2013.
- ANDRADE, C. R. M. **A Peste e o Plano: o urbanismo sanitaria do engenheiro Saturnino de Brito**. (1992) (2v.) Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade de São Paulo, São Paulo: FAU-USP, 1992.
- ANDREOTTI, G. **O senso ético e estético da paisagem**. Tradução FURLANETTO, Beatriz Helena. RAEGA, Curitiba, n. 24, p. 05-17, 2012. Departamento de Geografia – UFPR ISSN: 2177-2738 5. Disponível em: www.geografia.ufpr.br/raega/ Curitiba. Acesso em: 20 abr. 2020.
- ANDREOTTI, G. **Paesaggi Culturali: teoria e casi di studio**. Milano: Edizioni Unicopli, 1996.
- ANDREOTTI, G. **Paisagens Culturais**. Curitiba: UFPR, 2013.
- ANDREOTTI, G. **Paisagens do espírito: a encenação da alma**. Tradução de GABRIEL, Kelton. Goiânia: Ateliê Geográfico, v.4, n.4, p.264-280, 2010.
- ANDREOTTI, G. **Per un'architettura del paesaggio**. Trento: Ed. Valentin Trentini, 2 ed., 2008.

ANDRIOW, M. A. **Estudo comparativo: Hotel Cabanas de Gravatal (SC) e Termas de Jurema Resort Hotel (PR)**. Curitiba, 2003, p. 1-15. Disponível em: <https://doczz.com.br/doc/301933/-sc--e-termas-de-jurema-resort-hotel> . Acesso em: 23 fev. 2020.

ANGELINI, S. **Sob o céu da cidade sustentável. Formação e expansão do espaço urbano em Poços de Caldas**. São Carlos: Escola de Engenharia de São Carlos, USP, 2001.

ARANTES, P. C. Kairós e Chronos: Origem, significado e uso. **Revista Pandora Brasil**, nº 69, p. 1-9, 2015. Disponível em: http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/kronos_kairos_69/paulo.pdf . Acesso em: 20 abr. 2020.

ARCARO, R. e GONÇALVES, T. M. Identidade de Lugar: Um estudo sobre um grupo de moradores atingidos por barragens no município de Timbé do Sul, Santa Catarina. **Revista RAÉ GA**, nº 25. Curitiba: Departamento de Geografia, UFPR 2012, p.38-63. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/28003/18632> . Acesso em: 06 fev. 2020.

ARGAN, G. C. **A História da Artes como História da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

ASSOCIADOS, Consultec Consultoria. Plano de desenvolvimento integrado (1970/1971). Poços de Caldas, v. 2. 1971.

ATLAS BRASIL. Atlas do desenvolvimento humano no Brasil. Fundação João Pinheiro, 2013. Disponível em: < <http://www.atlasbrasil.org.br/2013/>> . Acesso em: 1 jul. 2018.

BACHELADENSKI, M. S.; JUNIOR, E. M. Contribuições do campo crítico do lazer para a promoção da saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 5, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232010000500031 . Acesso em: 10 abr. 2020.

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BACHELARD, G. **A água e os sonhos**. Ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

BERGSON, H. **Matéria e Memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BERLINCK, M. T. **Psicopatologia Fundamental**. São Paulo: Escuta, 2000.

BERLINCK, M. T.; DIAS, H. M. M. Contratransferência e enquadre psicanalítico em Pierre Fedida. *In: Psicologia Clínica*, v. 23, n. 2, Rio de Janeiro: 2011, p.221-231.

BERQUE, A. A ecúmena: medida terrestre do Homem, medida humana da Terra. *In*: SERRÃO, A. V. **Filosofia da paisagem. Uma antologia**. Lisboa, Portugal: Universitas, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011a, p.187-199.

BERQUE, A. **Écoumène**: introduction à l'étudedesmilieuxhumanis. Paris: Éditions Belin, 2010.

BERQUE, A. Introdução. *In*: BERQUE, A. **Cinco propostas para uma teoria da paisagem**. Tradução de Vladimir Bartalini, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo: São Paulo, 2013a, p.25-30.

BERQUE, A. **La pensé e paysage**. Paris: Auxéditions Éoliennes, 2016.

BERQUE, A. **Médiance**: de milieuxenpaysages. (1ª ed. Paris: Reclus, 1990) 10ª ed. Paris: Éditions Belin, 2000.

BERQUE, A. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. *In*: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998b, p.84-91

BERQUE, A. Paisagem, meio, história. *In*: BERQUE, A. **Cinco propostas para uma teoria da paisagem**. Tradução de Vladimir Bartalini, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo: São Paulo, 2013b, p.31-42.

BERQUE, A. **Poétique de la Terre**: histoirenaturelle et histoirehumaine, essai de mesologie. Paris: Éditions Belin, 2014.

BERTOZZI, I. R. S. Jardim Kennedy ou Purgatório? **Jornal da Mantiqueira**. Poços de Caldas, cartas à redação, p. 5, 11 ago. 1984.

BOEIRA, A. R. **Tempo livre e humanização**: O lazer e o ócio humanista a partir das concepções teóricas de Joffre Dumazedier e Manuel Cuenca. 2005, 123f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) São Leopoldo: UNISINOS, 2005.

BOLLAS, C. A arquitetura e o inconsciente. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**. v. III, n. 1, São Paulo: Editora Escuta, 2000.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIN, A. **A Questão Local**. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2001.

BRITO, S. **Obras Completas**. 23 volumes. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943/1944. Volume XIII.

BUENO, B. P. S. Dilatação dos confins: caminhos, villas e cidades na formação da Capitania de São Paulo (1532-1822). **Anais do Museu Paulista. História e Cultura Material**. v. 17, n. 2, São Paulo: Scielo, Jul/Dez, 2009.

BUGA, F. V. **As temporalidades apresentadas pelas formas de uso e apropriação dos espaços livres públicos: um estudo de Poços de Caldas-MG.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. Campinas: PUC Campinas, 2017.

CALLAI, H. C. Estudar o lugar para compreender o mundo. *In*: CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.) **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano.** Porto Alegre: Mediação, 2000.

CANTON, K. **Espaço e Lugar.** São Paulo: Martins Fontes, 2014a.

CANTON, K. **Narrativas Enviesadas.** São Paulo: Martins Fontes, 2014b.

CAPEL, H. **Filosofía y ciência em la geografia contemporânea** [1981]. Barcelona: Del Serbal, 2014.

CARLOS, A. F. A. A prática espacial urbana como segregação e o “direito à cidade” como horizonte utópico. *In*: VASCONCELOS, P. A.; CORRÊA, R. L.; PINTAUDI, S. M. (org.). **A cidade contemporânea: segregação espacial.** São Paulo: Contexto, 2013. p. 95-110.

CARLOS, A. F. A. **O Lugar No/Do Mundo.** São Paulo: HUCITEC, 1996.

CARSALADE, F. de L. **A pedra e o tempo. Arquitetura como patrimônio cultural.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia, Escola e Construção do Conhecimento.** Campinas-SP: Papirus, 1998.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer.** Petrópolis-RJ: Vozes, 1994.

CERVINI, E. A Casa-ambiente. Anotações sobre arquitetura e psicanálise de Winnicott. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. I, n. 3. São Paulo: Editora Escuta, 1998, p. 63- 88.

CESAR, C. M. **A hermenêutica Francesa: Bachelard.** Campinas: Alínea, 1996.

CHOAY, F. **A Alegoria do Patrimônio.** São Paulo: Editora UNESP, 2001.

CHOAY, F. **O Urbanismo.** São Paulo: Perspectiva, 1997.

CLAVAL, Paul. As abordagens da geografia cultural. *In*: CASTRO, Iná E.; GOMES, Paulo C. C.; CORRÊA, Roberto L. (org.). **Explorações geográficas: percursos no fim do século.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, p. 89-117.

CLAVAL, Paul. A contribuição francesa ao desenvolvimento da abordagem cultural na geografia. *In*: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.). **Introdução à geografia cultural.** 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p.147-166.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Tradução de PIMENTA, L. F.; PIMENTA, M. C. A. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.

CLAVAL, P. A geografia cultural: o estado da arte. *In*: ROSENDHAL, Z.; CORRÊA, R. L. (org.). **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999b, p. 59-98.

CLAVAL, Paul. A paisagem dos geógrafos. *In*: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.). **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004. p.13-74.

CLAVAL, Paul. A revolução pós-funcionalista e as concepções atuais da geografia. *In*: MENDONÇA, F.; KOZEL, S. (org.). **Elementos de epistemologia da geografia contemporânea**. Curitiba: Ed. da UFPR, 2009, p. 11- 43

CLAVAL, P. O papel da nova geografia cultural na compreensão da ação humana. *In*: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

CLAVAL, Paul. Uma, ou algumas, abordagem (ns) cultural (is) na geografia humana? *In*: SERPA, Â. (org.). **Espaços Culturais: vivências, imaginações e representações**. Salvador: EDUFBA, 2008, p.13-29.

CLAVURIER, V. Real, Simbólico e Imaginário: da referência ao nó. **Estudos de psicanálise**, n. 39, Belo Horizonte, jul. 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372013000100015 . Acesso em: 23 abr. 2020.

COLLOT, M. **Poética e filosofia da paisagem**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013.

CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. A geografia cultural brasileira: uma avaliação preliminar. **Revista da ANPEGE**, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia, v. 4, p. 73-88, 2008. Disponível em: <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/6600> . Acesso em: 14 mai. 2011.

CORRÊA, R. L. A geografia cultural e o urbano. *In*: CORREA, R. ROSENDHAL, Z. (org). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 167-186.

CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. A geografia cultural no Brasil. **Revista da ANPEGE**, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia, n. 2, p.97-102, <http://anpege.org.br/revista/ojs2.2.2/index.php/anpege08/article/view/85/45> > . Acesso em: 14 mai. 2011.

CORRÊA, R. L. Denis Cosgrove – *A Paisagem e as imagens*. Rio de Janeiro: **Espaço e Cultura**, n. 29, UERJ, 2011, p. 7-21. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/3528/2454> . Acesso: em 02 abr. 2020.

CORRÊA, R. L. (org.) **Explorações Geográficas: percursos no fim do século**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2001.

CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.). **Introdução à geografia cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.). **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. 1. ed. São Paulo: Ática, 1989. 94p.

CORRÊA, R. L. Segregação residencial: classes sociais e espaço urbano. *In*: VASCONCELOS, P. A.; CORRÊA, R. L.; PINTAUDI, S. M. (org.). **A cidade contemporânea: segregação espacial**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 39-59. (2º artigo).

CORRÊA, R. L. Sobre a geografia cultural. Contribuições: 2009. Disponível em <http://ihgrgs.org.br/artigos/contibuicoes/Roberto%20Lobato%20Corr%C3%AAa%20-%20Sobre%20a%20Geografia%20Cultural.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2012.

CORBIN, A. **O território do vazio** – a praia e o imaginário ocidental. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. *In*: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.) **Paisagem Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998, p.84-122.

COSGROVE, D. Em direção a uma Geografia Cultural Radical: problemas da Teoria. **Revista Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, UERJ, NEPEC, n. 5, p. 5-29, 1998a [1983]. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/6313/4506>. Acesso em: 13 ago. 2014.

COSGROVE, D. **Extra-terrestrial geography: cosmography before and after Von Humbolt**. The Alexander Von Humbolt Lectures. Departamento of Geography. UCLA. Los Angeles, 2000a.

COSGROVE, D. Mundos de significados: geografia cultural e imaginação. *In*: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.). **Geografia cultural: um século (2)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000b [1994]. p. 33-61.

COSTA, O. Memória e paisagem: em busca do simbólico dos lugares. **Espaço e Cultura**, 1993-2008. Rio de Janeiro: UERJ, p. 149-156.

CUNHA, A. G. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. 2. ed. (1986). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 13ª imp., 2000.

DAMERGIAN, S. **A construção da subjetividade na metrópole paulistana: desafio da contemporaneidade**. São Paulo: PUC, 2001a.

DAMERGIAN, S. A construção da subjetividade na metrópole paulistana: desafio da contemporaneidade. *In*: Tassara, Eda. T. de O. **Panoramas interdisciplinares para uma Psicologia Ambiental do Urbano**. São Paulo: EDUC, 2001b.

DANIELS, S. J.; COSGROVE, D. Iconography and landscape. *In*: COSGROVE, D.; DANIELS, S. J. (ed.). **The iconography of landscape**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

DAY, H.; JANKEY, S. G. Lessons from the literature: toward a holistic model of quality of life. *In*: RENWICK, R.; BROWN, I.; NAGLER, M. (ed.). **Quality of life in health promotion and rehabilitation: conceptual approaches, issues and applications**. Thousand Oaks: Sage, 1996.

DERRIDA, J. **Khôra**. Campinas: Papirus, 1995.

DIAS, L. V. G. **Um estudo de morfologia urbana da cidade de Poços de Caldas**. 2016, 125f. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da PUC Campinas, 2016.

DUCAN, J. **The City as a Text**. The politics of landscape interpretation in the Kandyan Kingdom. Cambridge, New York, Port Chester, Melbourne, Sydney: The Cambridge University Press, 1990.

DUCAN, J. A paisagem como sistema de criação de signos. *In*: CORREA, R.L.; ROSENDHAL, Z. (org.). **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: UERJ, 2004, p. 91-132.

DUNCAN, J. O supraorgânico na geografia cultural americana. **Revista Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro: Eduerj, 2002, n. 13, p. 7-33. Disponível em: : <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/7423/0>. Acesso em: 24 abr. 2015.

DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva; 1976.

DUMAZEDIER, J. **Valores e Conteúdos culturais do lazer**. São Paulo: SESC, 1980.

DUMAZEDIER, J. **A revolução cultural do tempo livre**. Tradução de Luiz Octávio de Lima Camargo. São Paulo: Studio Nobel, SESC, 1994.

EL-BIZRI, N. "Being at Home Among Things: Heidegger's Reflections on Dwelling", **Environment, Space, Place**, v. 3, 2011, p. 47–71.

EL-BIZRI, N. "'*Qui-êtes vous Khôra?*: Receiving Plato's Timaeus," **Existencia Meletai-Sophias**, v. XI, Issue 3-4 (2001), p. 473–490.

ELIADE, M. **Imagens e Símbolos: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FARRÉ, M. Estaciones Termales Europeas. Entre a cidade e o território. *In*: **Cuadernos de Investigación em Urbanisme**, n. 56. Paisajes del Turismo. Barcelona: EDUGRAF, 2015.

FEDIDA, P. **Nome Figura e Memória**. São Paulo: Escuta, 1991.

FEDIDA, P. **O sítio do estrangeiro** – a situação psicanalítica. São Paulo: Escuta, 1996.

FERRÃO, A. M. de; SABATÉ BEL, J. Carta Conpadren.01/2010: Campinas e Jaguariúna [Brasil]. **Labor & Engenho**, Campinas [Brasil], v. 4, n. 1, p.1-9, 2010. Disponível em: <www.conpadre.org> e www.labore.fec.unicamp.br . Acesso em: 20 abr. 2019.

FERRARA, L. D. **Os significados urbanos**. São Paulo: ED. USP/ FAPESP, 2000.

FERREIRA, A. P. **Conjunto Habitacional de Poços de Caldas (MG): história em imagens**. 2016. 57 slides. GOOGLE. Google Earth. Version 7.3. 2018. Disponível em: < <https://www.google.com/earth/download/gep/agree.html> . Acesso em: 10 jan. 2019.

FERREIRA, J. C. V. **Cidades brasileiras: origem e significado de seus nomes** - Paraná. Curitiba: Memória do Brasil, 2006.

FIGUEIREDO, C. **O Dicionário Etimológico de Língua Portuguesa**. (2010 [1913]). Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/82041868/Novo-Dicionario-da-Lingua-Portuguesa-de-Candido-de-Figueiredo-1913> . Acesso em: 15 abr. 2018.

FONSECA, M. C. L. **O Patrimônio em Processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; MinC-lphan, 2005.

FRASQUILHO, M. **SPA Termal Oportunidades de Investimento e de Negócio**. 2007 [online] Disponível em:< www.bes.pt/SiteBES/cms.aspx?plq=0776bad4-bc15-4647-be5c-1ffea47e7a86> . Acesso em: 10 abr. 2019.

FREIRE, C. **Além dos mapas: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo**. São Paulo: Annablume/ SESC, 1997.

FREUD, S. **A interpretação dos Sonhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1999.

FREUD, S. **Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas completas**, v. 2. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

FREUD, S. (2004) **El malestar em la cultura y otras obras** (1927-1931). 2ed. Tradução de José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu. 2004.

FREUD, S. O Mal-estar na civilização (1930-1936). In: FREUD, S. **Obras Psicológicas Completas**. Edição Standard Brasileira, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 2019. Disponível em: <https://www.netmundi.org/home/wp-content/uploads/2019/04/FREUD-Sigmund.-Obras-Completas-Imago-Vol.-21-1927-1931.pdf> . Acesso em: 26 abr. 2020.

GAZETA DO SUL DE MINAS. Casas Populares: “um sonho que se transformou em realidade”. **Gazeta do Sul de Minas**, Poços de Caldas, 23 ago. 1981. p. 2.

GEHL, J. **Cidades para pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GEHL, J; SVARRE, B. **A vida na cidade: Como estudar?** São Paulo: Perspectiva, 2018.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade.** São Paulo: UNESP, 1991.

GOMBRICH, E. H. **História da Arte.** Rio de Janeiro: LTC, 2013.

GOMES, E. T. A. Natureza e Cultura: representações na paisagem. *In:* CORREA, R. L. e ROSENDAHL, Z. (org.). **Paisagem, imaginário e espaço.** Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

GOMES, P. C. **Geografia e Modernidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

GOMES, P. C. Cultura ou Civilização: a renovação de um importante debate. *In:* ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (org.). **Paisagem, imaginário e espaço.** Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001. p. 50-70.

GONÇALVES, T. M. **Cidade e poética:** Um estudo de psicologia ambiental sobre o ambiente urbano. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007.

GONZÁLEZ, J. G; SABATÉ BEL, J. O valor estruturante do patrimônio na transformação do território. **Revista Javeriana**, v. 22, n. 1, 2009. Disponível em: <http://revistas.javeriana.edu.co/index.php/revApuntesArg/article/view/8945> . Acesso em: 05 nov. 2017.

HABERMAS, J. **Teoria de la acción comunicativa.** Madrid: Taurus, 1987.

HARVEY, D. **A condição pós-moderna.** São Paulo: Loyola, 1998.

HEIDEGGER, M. "Sobre o Humanismo", *In:* **Conferências e Escritos Filosóficos.** Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

HEIDEGGER, M. **Introdução à Metafísica.** Tradução de Emmanuel C. Leão. - Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.

HEIDEGGER, M. (2001). **Serenidade.** Lisboa: Instituto Piaget. (Trabalho original publicado em 1955).

HELLER, A. **Para mudar a vida:** felicidade, liberdade e democracia. Entrevista a Ferdiando Adornato. São Paulo: Brasiliense, 1982.

HOLZER, W. A geografia cultural e a história: uma leitura a partir da obra de David Lowenthal. **Revista Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro: UERJ, n. 19-20. p. 23-32, jan/dez de 2005.

HOLZER, W. Augustin Berque: um trajeto pela paisagem. **Revista Espaço e Cultura.** Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, n. 17-18, p. 55-63, 2004. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/7853>. Acesso em: 10 set. 2013.

HOLZER, W. O lugar na geografia humanista. **Território**, Rio de Janeiro, n. 7, p. 7-78, jul./dez. 1999a.

HOLZER, W. Paisagem, imaginário, identidade: alternativas para o estudo geográfico. *In*: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.) **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999b.

HOLZER, W. **Um estudo fenomenológico da paisagem e do lugar**: a crônica dos viajantes no Brasil no século XVI. 1998, 214f. Tese (Doutorado em Geografia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

HOLZER, W. Um trajeto pela paisagem. **Revista Espaço e Cultura**. Rio de Janeiro: UERJ, n. 17-18, 2004.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IBGE. **Censo Demográfico de 2010**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/> . Acesso em: 1 ago. 2018.

INADA, J. F. Felicidade e Mal-Estar na Civilização. **Revista Digital AdVerbum 6 (1)**, Limeira: UNICAMP, p. 74-88, 2011. Disponível em: http://www.psicanaliseefilosofia.com.br/adverbum/vol6_1/06_01_06felicidademalestarciviliz.pdf . Acesso em: 12 abr. 2020.

IPHAN 80 Anos. **Paisagem Cultural**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/899/> . Acesso em: 30 abr. 2017.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Portaria nº 127, de 30 de abril de 2009a. **Diário Oficial da União**: Brasília, DF, n. 83, p. 17, terça-feira, 5 de maio de 2009. Disponível em: https://www.normasbrasil.com.br/norma/portaria-127-2009_214271.html . Acesso em: 5 jun. 2018.

JACKSON, J. B. **Discovering the vernacular landscape**. New Haven: Yale University Press, 1986.

JACOBS, J. **Morte e Vida das Grandes Cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

JUNG. C. **O Homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

KOZEL, S. Mapas mentais – uma forma de linguagem: perspectivas metodológicas. p.114-138. *In*: KOZEL, S.; SILVA, J. C.; GIL FILHO, S. F. (org.). **Da percepção e cognição à representação**: reconstruções teóricas da geografia cultural e humanista. São Paulo: Terceira Mensagem; Curitiba: NEER, 2007.

KOZEL, S. Geopoética das paisagens: olhar, sentir e ouvir a “natureza”. **Caderno de Geografia**, PUC/ MG, v. 22, n. 37, 2012, p.65-78.

KOZEL, S.; TORRES, M. A. Le Paysage Sonore De L'île des Valadares: Perception et Memoire Dans la Constrution de L'espace. **Revue Geographie et cultures**. Vu du Bresil, n.78, été, L'Harmattan, Paris, 2011.

KUHN, T S. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

LACAN, J. **Le séminaire, livre II: Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de l'analyse psychanalytique** (1953-1954). Paris: Le Seuil, 1978. Em português: Lacan, J. O seminário, livro II: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LACAN, J. **Le séminaire, livre XXI: Les non-dupes errent** (1973-1974). (Inédito). Transcrição em francês disponível na internet na página do psicanalista Patrick Valas: <http://www.valas.fr/Jacques-Lacan-Les-non-dupes-errent-1973-1974,249> Acesso em: 14 mar. 2020.

LACAN, J. **Le séminaire, livre XXII: RSI** (1974-1975). Seminário inédito, transcrição em francês disponível na internet na página do psicanalista Patrick Valas: <http://www.valas.fr/Jacques-Lacan-RSI-1974-1975,288>. Acesso em: 14 mar. 2020.

LACAN, J. **Le séminaire, livre XXIII: Le sinthome** (1975-1976). Paris: Seuil, 2003. Em português: LACAN, J. O seminário, livro XXIII: O sinthoma. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

LACAN, J. **O estágio do espelho como formador da função do eu como nos é revelada na experiência psicanalítica**. 1949. Disponível em: <http://www.sergiofreire.pro.br/ad/LacanEstadEsp.PDF> . Acesso em: 26 abr. 2020.

LACAN, J. **O Seminário IX: A identificação 1961-1962**. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1zRZEWLeJpJ7Y_u84qdo0szJ3vZBA_wj/view . Acesso em: 24 abr. 2020.

LAZZERINI, F. T. **Estâncias Hidrominerais do Brasil**. [online] Disponível em: <http://www.tratamentodeagua.com.br/a1/informativos/acervo.php?chave=371&cp=est> . Acesso em: fev. 2020.

LEFEBRE, H. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991[1968].

LEFEBRE, H. **La presencia y la ausencia**. Contribucion a la teoría de las representaciones. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1983. Obra publicada pelo FCE, 2006 [1980].

LEFEBRE, H. **The production of space**. Oxford: Blackwell, 1981.

LEITE, C. B. **O Século do Lazer**. São Paulo: LTR. 1995.

LEME, M. C. S. **Urbanismo no Brasil 1895-1965**. São Paulo: FUPAN, Studio Nobel, 1999.

LEMOS, C. A. L. **O que é Patrimônio Histórico?** São Paulo: Brasiliense, 1987.

LEMOS, P. S. de. **As águas thermaes de Poços de Caldas.** Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Geraes, 1904.

LEMOS, P. S. de. **Notas de viagem** – Na Alemanha, na Suíça e na França. São Paulo: Escola Typográfica Salesiana, 1903.

LINS, D. Memória, Esquecimento e Perdão. *In*: LEMOS, M. B.; MORAES, N. A. (org.) **Memória Social e Documento.** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

LOPARIC, Z. Além do inconsciente: sobre a desconstrução heideggeriana da psicanálise. *In*: **Natureza Humana**, v. 3, n. 1. São Paulo: EDUC, 2001.

LOPARIC, Z. **Ética e finitude.** São Paulo: EDUC, 1995.

LOPES, J. G. As especificidades de análise do espaço, lugar, paisagem e território na geográfica. **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 16, n. 2, maio/ ago. 2012.

LOWENTHAL, D. Geografia, experiência e imaginação: em Direção a uma Epistemologia Geográfica. *In*: CHRISTOFOLLETTI, A. (org.). **Perspectiva da geografia**, São Paulo, Difel, p.103-141, 1985 [1960].

LOWENTHAL, D. "Past Time, Present Place: Landscape and Memory". **Geographical Review**. 65(1). 1975, pp. 1-36.

LUCENA, L. M. F. **Paisagem Cultural e Espaço de Representação. Análise da Colônia de Água Branca, Município de São Mateus do SUL/ PR.2015**, 234 f. Tese (Doutorado em Geografia) Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

LUCHIARI, M. T. D. P. A (re)significação da paisagem no período contemporâneo. *In*: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (org.). **Paisagem, imaginário e espaço.** Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001. p. 9-27

LYNCH, K. **A imagem da cidade.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

LYNCH, K. **A imagem da cidade.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

MACEDO, S. S. de. **Quadro do Paisagismo no Brasil.** São Paulo: Coleção Quapá, 1999.

MACHADO, G. R.; FERREIRA, A. E. M. Zona sul de Poços de Caldas/MG: Crescimento Populacional, Expansão Urbana e Adensamento de Construções. **JORNADA CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA DO IFSULDE MINAS**, 9, Machado. **Anais...** Machado, 2016, p. 1-4.

MAFFESOLI, M. **A Sombra de Dionísio:** Uma contribuição à sociologia da orgia. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

- MAGALHÃES, A. V. T. Construir no construído, e a metamorfose da cultura urbana. **Revista Vitruvius**, ano 15, out/2014. Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/15.171/5318> . Acesso em: 20 out. 2019.
- MAIOCHI, D. Aeroporto Embaixador Walter Moreira Salles Pelos céus de Poços. **Jornal Mantiqueira**, Poços de Caldas, 16 jul. 2006. Geral. p. 4.
- MAIOCHI, D. O bairro que nasceu do sonho da casa própria. **Jornal Mantiqueira**, Poços de Caldas, 19 ago. 2007. Edição Especial COHAB. p. 7.
- MALDONATO, M. **A subversão do ser**: identidade, mundo, tempo, espaço fenomenológico de uma mutação. São Paulo: Ed. Peiropólis, 2001.
- MANGUEL, A. **Lendo Imagens**: uma história de amor e ódio. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MARCELLO, G. C. **Origens e conceitos básicos da Fenomenologia**. Rede Psi, 2009. Disponível em: <https://www.redepsi.com.br/2009/02/05/origem-e-conceitos-basicos-da-fenomenologia/> . Acesso em: 20 abr. 2020.
- MARIA, Y. L. **Paisagem**: entre o sensível e o factual. Uma abordagem a partir da geografia cultural. 2010, 133f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) Faculdade de Filosofia , Letras e Ciências Humanas. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010.
- MARQUES, E. Elementos conceituais da segregação, da pobreza urbana e da ação do Estado. *In*: MARQUES, E.; TORRES, H. (org.). **São Paulo**: Segregação, pobreza e desigualdades sociais. São Paulo: SENAC, 2004. p. 19-56.
- MARRAS, S. **A Propósito de Águas Virtuosas. Formação e ocorrências de uma estação balneária no Brasil**. Belo Horizonte: Humanitas e Editora UFMG, 2004.
- MARRICHI, J. M. O. **A cidade termal**: ciência das águas e sociabilidade moderna entre 1839 e 1931. São Paulo: Annablume, 2015.
- MATTHES, A. A. de. **Arquitetura e Permanências. O projeto urbano na constituição da esfera pública**. 2005. Dissertação (Mestrado em Urbanismo). Campinas: POS URB PUC Campinas, 2005.
- MEGALE, N. B. **Memórias Históricas de Poços de Caldas**. Poços de Caldas: GSC, 1990.
- MELLO, J. B. F. Geografia Humanística: A perspectiva da experiência vivida e uma crítica radical ao Positivismo. **IBGE**. Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, V. 52, n.4, p. 91-116, out/dez. 1990.

MELLO, J. B. F. Símbolos dos lugares, dos espaços e dos “deslugares”. **Revista Espaço e Cultura**, Edição Comemorativa 1993-2008. Rio de Janeiro: UERJ, 2008. p. 167-174.

MELLO, J. B. F. A humanística perspectiva do espaço e do lugar. **Revista ACTA geográfica**, Ano V, nº 9, jan/jun. de 2011, p 07-14.

MELO, E. C. de. **Identidade e Herança. Notas para palestra em Atelier Ziriguidum**. Poços de Caldas, maio/2015. (comunicação oral).

MELO, V. M. Paisagem e simbolismo. *In*: ROSENDAHL, Z; CORRÊA, R. L. (org.). **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

MENESES, U. T. B. de. A crise da Memória, História e Documento: reflexões para um tempo de transformações. *In*: SILVA, Z. L. (org.). **Arquivos, Patrimônio e Memória**. São Paulo: Ed. UNESP-FAPESP, 1999.

MENESES, U. T. B. de. A paisagem como fato cultural. *In*: YÁZIGI, E. (org.). **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002.

MICHALOS, A. C.; ZUMBO, B. D.; HUBLEY, A. **Health and the quality of life: social indicators research**. Social Indicators Research, Prince George, v. 51, n. 3, p. 245-86, 2000.

MIRANDA, M. P. S. *et al.* **Mestres e Conselheiros. Manual de Atuação dos agentes do patrimônio cultural**. Belo Horizonte: IEDS, 2009.

MONTAGNA, P. Subjetivação contemporânea na metrópole. *In*: TASSARA, E. T. O. **Panoramas interdisciplinares para uma Psicologia Ambiental do Urbano**. São Paulo: EDUC, 2001.

MONTAGNER, J. M. **Arquitetura e Crítica**. Barcelona: Gustavo Gili, 2007.

MONTAGNER, J. M. **Sistemas arquitetônicos contemporâneos**. Barcelona: Gustavo Gili, 2010.

MORAES, F. T. **Zoneamento geoambiental do Planalto de Poços de Caldas MG/SP a partir de análise fisiográfica e pedoestratigráfica**. 2007,173f. Tese (Doutorado em Geociências e Meio Ambiente) Curso de Pós-Graduação em Geociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2007.

MOTTA, L. A apropriação do patrimônio urbano: do estético – estilístico nacional ao consumo visual global. *In*: ARANTES, A. A. (org.). **O Espaço da Diferença**. São Paulo: Papirus, 2000.

MOURÃO, B. M. **A Água Mineral e as Termas**. Uma história milenar. São Paulo: Associação Brasileira das Indústrias de Água Mineral, 1997.

MOURÃO, B. M. **Medicina Hidrológica**. Moderna terapêutica das águas minerais e estâncias de cura. Poços de Caldas: Secretaria Municipal de Educação – Prefeitura de Poços de Caldas, 1992.

MOURÃO, B. M. **Quarteto construtor de Poços de Caldas e epopeia de Pedro Sanches**. Poços de Caldas: Gráfica Sulminas, 1998.

MUNFORD, L. **A cidade na História**. Rio de Janeiro: Itatiaia, 1965.

NABOZNY, A. Da paisagem como olhar do geógrafo à paisagem como olhar os olhares dos outros. **Revista Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 15, n.1. Santa Maria: UFSM, 2011, p. 29-42. Disponível em: <http://www.periodicosufsm.br/geografia/article/viewfile/7375/4414> . Acesso em: 28 mar. 2020.

NAME, L. **A natureza como o Outro de diferentes partes**: uma discussão sobre Ratzel e a alteridade. *Biblio 3W*, v. 15, n. 854, p. 177. Disponível em <http://www.ub.es/geocrit/b3w-854.htm> . Acesso em: 23 mar. 2017.

NAME, L. O conceito de paisagem na geografia e sua relação com o conceito de cultura. **Geotextos**, vol. 6, n. 2, dez 2010. p. 168-186. Disponível em: https://www.academia.edu/421645/2010_O_conceito_de_paisagem_na_geografia_e_sua_rela%C3%A7%C3%A3o_com_o_conceito_de_cultura . Acesso em: 10 fev. 2020.

NEVES, L. B. **Relatório do ano de 1912 do Conselho deliberativo**, Prefeitura Municipal de Poços de Caldas, 1922.

NOGUÉ, J. (ed.). **La construcción social del paisaje**. Madrid: Biblioteca Nueva, 2007.

OLIVEIRA, E. M. **Dinâmica locacional das indústrias e a produção do espaço urbano em Poços de Caldas (MG)**. 2012. 177f. Dissertação (Mestrado em Geografia) Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2012.

OLIVEIRA, E. M. Produção do espaço urbano em Poços de Caldas (MG). **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 15, n. 50, p. 100-113, 2014a.

OLIVEIRA, E. M. Dinâmica locacional intraurbana das indústrias em Poços de Caldas (MG). **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, v. 1, n. 36, p. 39-59, 2014b.

OTTONI, H. B. **Poços de Caldas. Síntese Histórico-Social**. São Paulo: Gráficas de Saraiva, 1952.

PALLAMIN, V. M. (org.). **Cidade e Cultura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

PEREIRA, M. A.; ICLE, G. Pedagogia performativa e seus não-lugares: reverberações da khôra a partir de Platão, Derrida e Agamben. *Performative*

pedagogy and its non-places: reverberations of khôra based on Plato, Derrida and Agamben. **Educar em Revista**, v. 34 n. 67. Curitiba: 2018, p. 121-137.

PEREIRA, É. F.; TEIXEIRA, C. S.; SANTOS, A. dos. Qualidade de vida: abordagens, conceitos e avaliação. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte** v. 26, n. 2. São Paulo, 2012, p. 241-50.

PLATÃO. **Timeu-Crítias**. (Tradução e introdução de Rodolfo Lopes). Coimbra: CECH, 2011.

POÇOS DE CALDAS, Prefeitura Municipal de. **Áreas relacionadas aos programas de habitação popular**. Poços de Caldas: Exatus, 2006. 1 mapa. Escala 1:100.000.

POÇOS DE CALDAS, Prefeitura Municipal de. **Portaria nº 1.344, de 13 out. 1970**. Portaria aprovando o arruamento e loteamento do bairro Jardim Kennedy. Disponível em: <http://pocosdecaldas.mg.gov.br/> . Acesso em: 10 fev. 2019.

POÇOS DE CALDAS, Prefeitura Municipal de. **Revisão do Plano Diretor do Município de Poços de Caldas–diagnóstico**. Poços de Caldas: Exatus, 2006.

POÇOS DE CALDAS, Prefeitura Municipal de. **Revisão Do Plano Diretor: “Uma visão do futuro”**. 3 mai. 2016. 37 slides.

PONTES, H. **Visitantes Ilustres: Poços de Caldas 1886-1986**. Poços de Caldas: Sulminas Digital, 2018.

POZZER, C. E. **Poços de Caldas: A construção da paisagem urbana**. 2001,197f. Dissertação (Mestrado em Urbanismo). Campinas: FAU PUCCAMP, 2001.

PROSHANSKY, H. M. The city and self-identity. *Environment and behavior*, 10, **Journal Enviroment and behavior**, SAGE Publications, 1978.

RANCIÈRE, J. **A partilha do sensível: estética e política**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2005.

REGO, C. S.; FERREIRA, W. R.; BAHIA, E. T. O Termalismo como Segmento Turístico. **Revista Reuna**, Belo Horizonte, v. 13, n. 3, p. 11-25, 2008.

REIS, A. L. S., **Dinâmicas e transformações ocorridas na área central de Poços de Caldas (1946-2016): turismo e patrimônio cultural**. 2017, 199f. Dissertação (Mestrado em Urbanismo). Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da PUC-Camp. Campinas, 2017.

REIS-ALVES, L. A. **O conceito de lugar (1)**. São Paulo: Vitruvius, 2007. Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.087/225> . Acesso em: 02 abr. 2020.

RELPH, Edward C. **Places and Placelessness**. London, Pion, 1976, 156p.

RHEINGANTZ, P. A.; PEDRO, R. M. L. R.; SZAPIRO, A. M. **Qualidade do Lugar e Cultura Contemporânea. Modos de ser e habitar as cidades.** Porto Alegre: Sulina, 2016.

RIBEIRO, J. S. Antropologia visual, práticas antigas e novas perspectivas de investigação. **Revista Antropologia**, São Paulo, vol. 48 n. 2, Jul/dez. 2005.

RIBEIRO, R. W. **Paisagem Cultural e Patrimônio.** Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007.

RIO, J. do. **A correspondência de uma estação de cura.** São Paulo: Poços de Caldas, Rio de Janeiro: Instituto Moreira Sales/ Casa Rui Barbosa, 1992.

ROMANO, M. **La città come opera d'arte.** Torino: Einaudi, 2008.

ROSSI, A. **A arquitetura da cidade.** Tradução de Eduardo Brandão. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ROSSI, A. **Autobiografia Científica.** Lisboa: Edições 70, 2013.

ROSSI, A. **La arquitectura de la ciudad.** Barcelona: Gustavo Gili, 1982.

ROVARON, C. E. **Ocupação da região Vulcânica de Poços de Caldas- MG (sec. XVIII-XX).** 2009, 240f. Dissertação (Mestrado em História Econômica). Universidade de São Paulo: USP, São Paulo, 2009.

RUSSEL, B. **O Elogio ao Ócio.** Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

SABATÉ BEL, J. Algunas pautas metodológicas em los proyectos em paisajes culturales. *In: La práctica del urbanismo.* Madrid: Editorial Síntesis, 2011.

SABATÉ BEL, J.; VALL, P. Colonias post industriales: crisis y revaloración. *In: GAZZANEO, L.M. (ed.). Patrimônio e paisagem em espaços lusófonos e hispânicos: preservação da paisagem construída e natural.* Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013. p.170-187.

SABATÉ BEL, J. (ed.). **Dinamizando los ejes fluviales del Bages. El Baix Cardener y el Llobregat.** Barcelona: Universitat Politècnica de Catalunya, 2016.

SABATÉ BEL, J.; VALL, P. La construcció del paisatge de les colònies: una aproximació morfològica. *In: VALL, P. Colònies industrials.* Barcelona: Angle Editorial, 2009. p.114-131.

SABATÉ BEL, J. Paisajes culturales: el patrimonio como recurso básico para um nuevo tipo de desarrollo. **Urban**, n. 9, p. 8-29, 2004.

SABATÉ BEL, J. Paisajes culturales em Catalunya: el eje patrimonial del río Llobregat. *In: El Paisaje y la gestión del territorio: criterios paisagísticos em la ordenación del territorio y el urbanismo* Consorcio Universidad Internacional Menéndez y Pelayo de Barcelona. Barcelona: Territori i Govern, Ed. Visiones, 2006. p.531-548.

SABATÉ BEI, J.; BENITO del POZO, P. Paisajes culturales y proyecto territorial: un balance de treinta años de experiencia. **Revista Identidades: Territorio, Cultura, Patrimonio**, n. 2, p. 2-21, 2010.

SABATÉ BEL, J.; SCHUSTER, J.M. (ed.). **Projectando el ejedel Llobregat: Paisaje sculturales y desarrollo regional: Designingthe Llobregat Corridor: Cultural Landscapeand Regional Development**. Barcelona: Universidad Politécnicade Cataluñay Massachusetts Instituteof Technology, 2010.

SALGUEIRO, T. B. Paisagem e geografia. **Finisterra–Revista Portuguesa de Geografia**, XXXVI, n.72, 2001, p. 37-53.

SALIS, V. D. **Ócio Criador, trabalho e saúde**. São Paulo: Claridade, 2004.

SANTOS, L. L. **Os movimentos desejanter da cidade: uma investigação sobre processos inconscientes na arquitetura da cidade**. Recife: Prefeitura da Cidade de Recife, Secretaria da Cultura, 1998.

SAUER, C. O. (A) Morfologia da Paisagem. *In*: CORREA, R. L.; ROSENDWAL, Z. (org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998 [1925], p. 12-74.

SAUER, C. O. Geografia Cultural. *In*: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2ed., 2007. p. 19-26.

SCHULZ, S. H. **Estéticas Urbanas: da polis grega à metrópole contemporânea**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

SECCHI, B. **Primeira Lição de Urbanismo**. São Paulo: Perspectiva, 2012, p. 15.

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO E COORDENAÇÃO. 1993. **Edital do Concurso Público para revitalização do centro de Poços de Caldas**. V. I, II. Poços de Caldas, Prefeitura Municipal.

SERRÃO, A. V. **Filosofia da paisagem. Uma antologia**. Lisboa, Portugal: Universitas, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011.

SILVA, E. A. **Segregação socioespacial em Poços de Caldas (MG)**. 2018. 70f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais, Poços de Caldas, 2018.

SILVA, E. A. da; ANDRADE, A. C. de. A formação da zona sul de Poços de Caldas, Minas Gerais. *In*: **Caderno de Geografia**, v. 29, Número especial 2, 2019.

SILVA, E. A. da; ANDRADE, A. C. de. A Segregação residencial na cidade média: o caso em Poços de Caldas (MG). *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA E GESTÃO TERRITORIAL, 1, 2018, Londrina. **Anais...** Londrina: UEL, 2019. p. 1742-1759.

SILVEIRA, R. W. D. da; VITTE, A. C. **A paisagem em Humboldt: da instrumentalização do olhar e a percepção do Cosmos.** Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Teoriaymetodo/Pensamientogeografico/27.pdf> . Acesso em: 16 mar. 2020.

SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental, 1903. *In*: VELHO, O. G. (org.) **O Fenômeno Urbano.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

SOLÀ-MORALES, I. **Territorios.** Barcelona: Gustavo Gili, 2003.

SOUZA, A. A. de; SABATÉ BEL, J. Evolução no tratamento das paisagens culturais na Espanha: um caso paradigmático: O Plano das colônias Têxteis do Rio Llobregat. *In*: **Óculum** ensaios, n. 14 (2), Campinas: PUC Campinas, Maio-agosto, 2017, p. 241-256.

SOUZA, M. L. Semântica urbana e segregação: disputa simbólica e embates políticos na cidade “empresarialista”. *In*: _____. (Org.). *A cidade contemporânea: segregação espacial.* São Paulo: Contexto, 2013. p. 127-146.

SOUZA, M. R. de. A "Serenidade" do "Sítio do Estrangeiro": possibilidades de diálogo entre Pierre Fédida e Martin Heidegger. **Revista Brasileira de Psicanálise.** v. 44, n. 1. São Paulo, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2010000100010 . Acesso em: 12 abr. 2020.

SPOSITO, M. E. B. Segregação socioespacial e centralidade urbana. *In*: SPOSITO, M. E. B. (org.). **A cidade contemporânea: segregação espacial.** São Paulo: Contexto, 2013. p. 61-93.

SPLETTSTOSER JUNIOR, J. **Alemães, suecos, dinamarqueses e austríacos em São João da Boa Vista.** São Paulo: J. Splettstoser Jr. 2003.

STARNINO, A. Sobre identidade e identificação em psicanálise: um estudo a partir do Seminário IX de Jacques Lacan. *In*: Dois Pontos, v. 13, n. 3. **Revista dos departamentos de Filosofia da Universidade Federal do Paraná e da Universidade Federal de São Carlos,** 2016, p. 231-249.

TSCHUMI, B. Arquitetura e Limites I. *In*: NESBIT, K. **Uma nova agenda para a arquitetura,** 1965-1995. São Paulo: Cosacnaify, 2006.

TUAN, Y-FU. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência.** São Paulo: DIFEL, 1983.

VILLAÇA, F. **Espaço intra-urbano no Brasil.** 1ed. São Paulo: Studio Nobel, 1998. 373p.

WINNICOTT, D. W. **Holding e Interpretação.** São Paulo: Martins Fontes, 1991

WINNICOTT, D. W. **Natureza Humana.** Rio de Janeiro, Imago, 1990.

WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação. Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

WINNICOTT, D. W. **Tudo começa em casa.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ZONNO, F. V. A poética de Bernard Tschumi como complexidade e a interpretação do contexto. **Revista Arq. Urb**, n. 18. São Paulo: USJT, abril de 2017.

ZUKIN, S. Paisagens Urbanas Pós-Modernas: mapeando cultura e poder. *In*: ARANTES, A. A. (org.). **O Espaço da Diferença.** Campinas, SP: Papyrus, 2000.

